

# OS CLÃS DAS SOMBRA



ANTÔNIO A. FONSECA JR.



BIZANTIUM



DES CLAS DAS  
SOMERAS

**Antônio Augusto Fonseca Júnior**

*A Trilogia das Lanças de Christos: Entre Anjos e Demônios*  
*Assassino de Almas*  
*Príncipe da Destruição*

*Busca por Sangue*  
*A Marcha dos Dez Mil: Sangue e Glória*  
*Lágrimas pela Fé*  
*Templários: A Batalha de Hattin*  
*O Mal e a Noite: contos de fadas e monstros para adultos*  
*Profecias da Noite: Benção do Inimigo*

# Parte 1

# Capítulo 1: Trovão Abençoado

A fragilidade da vida e as incertezas do futuro nunca ficaram tão claras quanto naqueles breves segundos em que seus olhos captaram o sangue vertendo do corpo do homem que o criara e o ensinara tudo o que sabia. Na penumbra da caverna, o garoto aprendeu que ninguém era invencível ao assistir setenta centímetros de aço romperem a pele do pai para alcançarem um coração acelerado pelos recentes esforços da luta. O homem dobrou os joelhos sobre a poça avermelhada e densa, provando que a derrota e a desgraça alcançavam tanto os fracos quanto os poderosos. Não havia como escapar. Naquelas sombras, cercado de corpos, o líder do clã ninja do Céu de Adagas olhou para o filho em desespero. Estendeu a mão. Debaixo da máscara, a boca se abriu para as últimas palavras, mas o coração não conseguiu suprir o corpo com nenhuma energia para a despedida.

O assassino retirou a lâmina assistindo o cadáver tombar diante de seus pés. Evitou as poças de sangue procurando somente uma pessoa. A irmã do garoto estava presa nas mãos dos servos daquele demônio. Desgraçado! Filho de uma raposa! O ninja de máscara diabólica caminhou até ela despreocupado com o final da batalha ao redor, em que outros guerreiros das sombras acabavam de se matar naquela que parecia ser a derrota final do clã do Céu de Adagas. O assassino entregou a katana ensanguentada para um dos ninjas servos. Enquanto a arma era limpa cuidadosamente, ele sacou uma kunai. A pequena adaga tomou rumo do pescoço da garota.

O garoto assistiu o desespero da irmã com os olhos marejados. Tantas vezes ouvira que os fortes não choram, mas as lições eram vãs e os conselhos castelos de areia quando a família calorosa que o criara tinha os corpos perfurados na caverna que fora um lar feliz. A irmã que o ensinara a arremessar uma kunai, o pai que estivera a seu lado durante cada treino com a katana.

O ninja diabólico apontou a adaga para o pescoço da mulher. Ali, depositada entre os músculos, rompendo veias e artérias, o metal fez vaziar sangue para as mãos do assassino. Os dedos avermelhados

seguiram até a máscara demoníaca. Coloriram a boca e o espaço em volta dos olhos.

- Não! – O garoto gritou, vendo o corpo dela ser solto para o chão como um mero objeto. Ela que fora sua parceira em cada confiança, que o ensinara técnicas que acabara de aprender e os pais ainda o achavam novo demais para usar. A irmã que o abraçara em cada fracasso e sorria com ele a cada vitória era outra vítima daquele ataque traiçoeiro.

A mãe tentou segurá-lo, mas o ímpeto com que se jogou na direção do assassino foi grande demais. Sem armas que não fossem suas kunai, invocou toda a força tenebrosa que lhe fora ensinada. As lâminas pequenas voaram contra o assassino. Dois ninjas se colocaram diante do mestre, um deles caindo morto com a kunai cravada no coração, o outro desviando o metal com a espada. A terceira lâmina atingiu o assassino no ombro.

- Você também vai experimentar aço, garoto – falou o homem da máscara demoníaca ao ignorar o sangue que escorria do novo ferimento. A mão teceu formas no ar, finalizando os desenhos com um gesto na direção do garoto. – Você vai sofrer e sentir a dor e o pavor dia após dia.

O menino queria gritar improperios contra o assassino do pai. As palavras estavam prontas para saírem até serem interrompidas com um impacto brusco na alma. A mente nublou. As pernas enfraqueceram. O que seriam ofensas se transformaram em gritos dolorosos. Berrava como se óleo quente estivesse escorrendo pela garganta. O corpo queimava a partir de dentro com agulhadas no coração.

A mãe do garoto o segurou e puxou de volta. Começaram a correr por suas vidas, deixando para trás cadáveres de quem amavam, um lar onde os sorrisos eram rotina. Juntos deles estavam crianças e outros combatentes tão jovens que ainda tremiam ao imaginar o número de parentes que perderam no dia. O garoto ainda urrava de dor. Lá atrás, dois ninjas inimigos os acompanhavam. Eram grandes guerreiros daquela família de assassinos. O garoto os ouvia falando

sobre morte. A voz da mãe pareceu abafada no meio de tantos gritos de dor quando pediu a dois dos últimos adultos do clã do Céu de Adagas para atrasarem os inimigos.

- Calma, Toha. A gente está quase lá. Quase – ela sussurrou para o filho durante a fuga. O garoto chorou ainda mais quando viu como as feições dela lutavam para deixar apenas uma máscara insensível, mas deixavam transparecer o sofrimento da perda do marido e da filha. Foi a primeira vez na vida em que ele viu uma lágrima descer pelo rosto da mulher que o mundo não dobrava a despeito de tanta desgraça que arremessava contra os mortais.

Passaram pela entrada da caverna. A neve caía em volta deles. Lá em cima, a lua assistia o vil destino dos mortais. Outro dia de felicidade dos kami ao verem mais um dos grandes de Ōkoku ser morto. Em volta, as crianças choravam assustadas. Um adolescente se separou do grupo para descer a montanha sozinho. Toha enxergou uma sombra avermelhada atravessar o ar frio da noite. Impotente, assistiu a kunai atravessar a nuca do jovem que tentava os abandonar. De lá de dentro, os dois ninjas inimigos vinham acompanhados do toque vermelho da morte.

- Vocês são nossa esperança – suplicou a mãe de Toha para os últimos guerreiros da elite do clã.

Aqueles dois er̄ito eram tudo o que tinham. Em volta, restavam somente garotos e garotas em formação, crianças ainda assustadas com as trevas. Toha os assistiu se posicionarem em frente à entrada da caverna contra a dupla que os perseguia. A mulher usava uma katana e o homem uma su yari. Espada e lança começaram os choques contra as armas dos ninjas do Céu de Adagas. A mãe de Toha reunia os jovens e crianças para a corrida desesperada pela trilha secreta. Ele foi arrastado sem deixar de assistir a luta. Aos poucos as armas dos inimigos começavam a se avermelhar. As sombras se condensavam sobre os er̄ito do Céu de Adagas. Quando cada lâmina se enfiou no coração deles, Toha sentiu o golpe na alma. As lágrimas escorreram agitadas pelo rosto.

- Eles morreram...



- A morte é consequência da vida, Toha. E nossa vida é procurar por ela, lutando para achar a morte dos outros e não a nossa. – A voz da mãe estava fria de novo.

Os últimos remanescentes do Céu de Adagas se acumulavam nos caminhos secretos de fuga. Sumiram nas pequenas cavernas logo abaixo na montanha como foram treinados tantas vezes para o caso de um ataque como aquele. Os ninjas inimigos discutiam logo atrás, longe das vistas deles. Toha ainda conseguia ouvi-los sem saber como. As sombras contavam o que diziam.

- Não! Aquilo não são crianças! Aqueles são futuros assassinos. Eles voltarão para nos matar. Temos que contrá-los.

Era inútil. Os dois nunca descobririam os caminhos mais secretos. Toha voltaria. Ele realmente voltaria. Toha poderia jurar que ouvia os kami rindo da história. Um clã de ninjas a menos no mundo.

Os anos seguintes foram de dor para Toha. A mãe os liderava como desgarrados naquele mundo opressor. Ela orava todos os dias para que os kami tivessem misericórdia. Devota de Izanami, pedia todas as noites para que ela fechasse as portas da Escuridão quando pensasse neles. Toha pouco queria saber daquela kami. Ela nada entendia de vingança. No dia em que recebeu seu nome de guerra, Ele gritou para o mundo: - Meu nome é Trovão Abençoado, filho de Vento Abençoado e Nuvem Cinzenta. Que Omokaime receba minha primeira morte e me ensine a Escuridão!

Assim ele atravessou a nuca daquele nobre idiota que foram contratados para matar. Sorriu pensando nos assassinos do pai ao ver a lâmina surgindo pela boca da vítima. Cada gota de sangue se tornou o verso de uma oração para Omokaime. O senhor dos mistérios revelaria o caminho certo para a vingança.

Finalmente recebera o nome. Era o primeiro entre os jovens que haviam escapado do massacre do clã do Céu de Adagas. Deixaram o corpo do nobre estendido junto às gueixas que se espremiavam pelos cantos. Trovão notou como encaravam assustadas seu olho avermelhado. Elas sabiam que ele era amaldiçoado. Cochichavam entre si para ficarem caladas, pois devia haver demônios seguindo o garoto.

Ter o cheiro dele, até ouvi-lo poderia ser fatal.

- Vamos, Trovão – chamou a mãe.

Ele assentiu e saltou junto dela pela noite. Pararam para descansar no alto de um pinheiro vermelho onde Nuvem Cinzenta retirou um pouco de arroz e cogumelos da pequena bolsa que carregava a tiracolo. Passou para o filho parte da comida enquanto observavam as chamas de acampamentos no horizonte.

- Sabe quem matamos hoje? – O rosto dela estava vincado, olhando para o sol que nascia. Agora tinha um hábito de parar no meio das conversas, hipnotizada pelo horizonte enquanto os pensamentos divagavam.

- Não, mãe. Para um desgarrado, importa a recompensa pela morte, não o alvo.

- Hoje matamos um dos servos da Casa de Miyoshi. Ele ajudaria a conseguir suprimentos para as tropas e organizar o restante dos homens.

Trovão devorava o arroz com muito mais interesse do que ouvia as palavras da mãe.

- A Casa de Miyoshi está em guerra contra a Casa de Amago – ela explicou.

- Por quê? – perguntou quando acabou o arroz e olhou desanimado para os cogumelos.

- Uma disputa entre Amago Okihisa, o novo daimyo de Doragonhōmu, e a filha de Miyoshi Hachiro, o daimyo de Kanashimi no Teien.

- Mas o que a gente tem com isso?

- Todo ninja pode lucrar com a guerra dos nobres. É só ter atenção.

- Mas eles não têm seus clãs?

Trovão se levantou para olhar o acampamento distante.

- Sim. Mas o clã da Dança das Garras, que serve aos Amago, foi quase eliminado. Eles usarão desgarrados. Ouvi boatos disso... Ou algum desgarrado vai aparecer para se aproveitar da guerra.

- O assassino do meu pai?

A mãe assentiu lentamente.

Agora ela tinha a atenção completa de Trovão. O olho avermelhado soltou uma pontada de dor ao se lembrar da cena. A memória de cada morte captada por ele era nítida demais. Ele não conseguia se esquecer de nenhum momento. Trovão sofria com os pesadelos das lembranças noite após noite. Acordava suado e com uma intenção única: arrancar o coração do homem que destruíra seu clã e o amaldiçoara.

## Capítulo 2: Shimazu Yoshihiro

O voo preciso da flecha só poderia terminar em morte. A seta implacável cruzava o ar para selar o destino de um homem. Assim a ponta de metal encontrou a pele e atravessou impiedosa. A resistência do crânio logo abaixo foi tão efêmera quanto o grito surpreso da vítima. Olhos apontaram para os céus sem compreensão da morte. O coração ainda bateu, recusando-se a acreditar que apenas bombeava para fora aquela imensidão vermelha que escorria pelo crânio. Já não havia resposta do corpo e então a vida cedeu. Assim morreu Miyoshi Tetsuo, filho do daimyo Miyoshi Hachiro, herdeiro de um dos feudos mais poderosos de Ōkoku.

O corpo caiu nos braços de seu protetor. Shimazu Yoshihiro, samurai jurado dos Miyoshi, segurou o cadáver ainda quente daquele por quem deveria ter dado a vida. O sangue escorreu pela armadura e inundou suas mãos. O vermelho se misturou ao ódio e a vontade de vingança perpetrou os planos mais negros em sua alma, tão obscuros que por um momento ele teve asco de si mesmo. De olhos fechados, viu as ondas de fúria avançarem em volta de si enquanto os ouvidos captavam os gritos da batalha que repercutia em volta.

- Abra esses malditos olhos! – gritou alguém.

A ordem foi repetida pelo menos três vezes antes que ele a cumprisse. Então as pálpebras se abriram para o mundo, revelando aquelas írises celestiais tão incomuns no povo de Ōkoku. A batalha ardia em volta. Mais sangue, mais gritos e cada vez menos dos homens de Miyoshi.

- Levem o corpo do nosso jovem senhor! – A mesma voz ordenou. Os homens aproximaram-se de Yoshihiro. Relutantes e respeitosos, desculparam-se antes de arrancar o cadáver de Miyoshi Tetsuo de seus braços. – Recomponha-se, irmão! Recomponha-se!

O jovem senhor estava morto. O feudo perdia o herdeiro e seus samurais haviam falhado em protegê-lo. Yoshihiro segurou firme a katana. Olhou para o sashimono preso na armadura. A garça e a serpente negras se abraçavam no tecido verde que tremulava hasteado

em suas costas. Respirou profundamente. Não estava acabado. O daimyo estava vivo e sua filha ainda poderia lhe oferecer herdeiros de respeito, bastando um casamento que não fosse com aquele cretino que liderava os Amago.

Olhou para trás para ver o corpo de Tetsuo sendo carregado. Esfregou os dedos na palma da mão esquerda sentindo o sangue ainda úmido. Levou-o à boca. Era o gosto da vida de seu mestre que sentia agora. Maldição. Virou-se para frente, vendo o irmão na armadura verde e negra abrindo caminho no mar de oponentes. Shimazu Tsubasa não era homem de se curvar perante nada. A máscara do demônio amarelo que ocultava seu rosto era um símbolo que os mais corajosos relutavam em encontrar no campo de batalha. Nada, nem a morte de seu mestre o pararia. Ele secaria o mar e cortaria a ira dos vulcões para vingar a queda do homem a quem jurara proteger.

Os passos duros de seu avanço encharcaram de sangue e lama as tabi e a hakama. As meias e a calça larga do samurai escureceram debaixo da armadura, sorvendo aquela sujeira enquanto ele prosseguia. Colocou-se ao lado do irmão e esperou pelos inimigos. Tsubasa o olhou de soslaio com aprovação no meio daquelas írises marrons como a terra fértil.

As katanas não brilhavam mais sob o sol. Estavam cobertas demais dos resíduos terríveis da guerra. Yoshihiro aparou o ataque de uma naginata. Um breve movimento de pulso jogou a arma para baixo. Outro mexer dos músculos fez a espada subir para arrebentar o pescoço do adversário. A lâmina passou logo abaixo do shikoro, a aba do capacete que deveria proteger o pescoço do samurai inimigo. Agora serviu apenas para evitar que o sangue espirrasse tão longe. O adversário tombou junto a outros cadáveres que Tsubasa já deixara em volta deles.

- Vamos avançar até encontrar Amago Okihisa! – gritou Yoshihiro.

Tsubasa não respondeu. Apenas segurou um soldado pelo colarinho e o puxou contra a ponta da katana. Arrancou a lâmina do coitado ainda aos berros e misturou o sangue dele com o de um

samurai idiota demais para enfrentar os irmãos Dragão. Dragão da Terra e Dragão do Céu estavam em batalha e aqueles imbecis insistiam em continuar lutando.

Uma flecha voou pelo campo e pousou no ventre de um dos samurais que tentavam acompanhar os irmãos. A ponta penetrou fundo na carne, passando pelo dô como se fosse palha. O homem caído estendeu a mão para um pedido de benção dos líderes antes da morte. Yoshihiro apenas lhe apontou indicador e dedo médio unidos em sinal de que estariam juntos dos kami um dia. Mas que demorasse. Hoje era dia de vingança.

O Dragão do Céu, com seus olhos anis, deu quatro passos e deixou dois moribundos chamando por suas mães e esposas no chão. Parou quando a espada bateu no sode que protegia os ombros do próximo samurai a enfrentar. O inimigo revidou com um golpe mirando as pernas de Yoshihiro. A espada passou de raspão pelo suneate que cobria as canelas. Os golpes se estenderam. Enquanto os soldados e oficiais de baixa patente lutavam em volta, os dois samurais centravam a atenção um no outro. Sangue, gritos, morte, desgraça, tudo se misturava ao redor deles.

Era dia de espalhar terror no campo de batalha. Yoshihiro não permitiria que aquele oponente o parasse. Ele era o terceiro Dragão. Nascera para proteger os Miyoshi. Foi desse juramento que ele retirou poder para que o próximo giro do corpo tivesse a força dos kami. A espada brilhou por um instante quando se chocou contra a arma do oponente. O metal do inimigo se despedaçou com os estilhaços voando juntamente com o sangue do samurai quando a espada de Yoshihiro afundou pelo dô e rasgou o tecido do hitatare logo abaixo da armadura. Armadura e roupão foram tomadas pelo vermelho enquanto a espada era retirada. Derrubou o corpo e adiantou-se mais uma vez.

- Pare! – gritou Tsubasa. Havia ainda mais sangue na armadura dele. Nenhuma gota era do Dragão da Terra. Há anos ninguém conseguia feri-lo.

Sons de guerra se espalhavam pelo campo. Mais à frente, os estandartes dos Miyoshi recuavam.

- Eles dividiram nossas tropas, irmão.

Ao lado deles, um garoto tremia e avisa que o general Gorou começava o recuo para a Fortaleza das Minas.

- Como fizeram isso? – perguntou Yoshihiro. Olhou em volta e viu os milhares de soldados dos Amago ainda de pé. Não importava o quanto os Dragões matassem, sempre apareciam mais. E mesmo que os irmãos permanecessem de pé, seus soldados e samurais caíam aos montes frente à onda amarela e vermelha que continuava a ser despejada contra as forças dos Miyoshi.

- Aquele maldito estandarte mágicos deles. Enquanto o tiverem, não perderão uma batalha. É a única coisa que salva aquele gordo desgraçado. Amago Okihisa tem a sorte de ter essa magia a seu lado, mas os kami não tolerarão essa falta de virtude na guerra.

Shimazu Tsubasa olhou em volta. Golpeou um soldado inimigo com a impaciência de quem afasta uma mosca. Chutou um moribundo que agarrava suas pernas e o executou com a ponta da espada. Respirou profundamente antes de levantar a mão.

- Soe as ordens para recuarmos. Vamos marchar de volta para o castelo. Nossa última defesa será lá.

Assim o exército recuou e Shimazu Yoshihiro, ainda repleto de raiva no coração, tentou imaginar como seria encarar o daimyo com a notícia de que fálhara em proteger seu filho. Não havia justiça no mundo que não fosse a espada do samurai e a promessa a seu senhor. Hoje a segunda parte não se fizera valer. A primeira seria essencial para que o equilíbrio se reestabelecesse.

## Capítulo 3: Trovão Abençoado

A derrota da Casa de Miyoshi impressionou Trovão. Mudo, o ninja assistira à batalha com atenção especial para a posição em que os irmãos Shimazu combatiam. Tsubasa e Yoshihiro eram verdadeiros dragões no campo de batalha, principalmente o primeiro. O Dragão da Terra nascera para matar. Relatos falavam de como ele venciam os desafios de quaisquer samurais que o desafiavam.

- Os Amago ainda venceram – falou para a mãe. O exército Miyoshi recuava à duras penas, com as tropas separadas pelo avanço determinado dos homens comandados pelo daimyo Okihisa e seu campeão, Yamanaka Yukimori.

- Venceram, meu filho. Okihisa tem recursos que valem mais do que a força do Dragão da Terra e do Dragão do Céu.

- Mas eles dizimaram muito das tropas da Casa de Amago.

- Isso valeu pouco em termos de estratégia. A gente tem que pensar no amplo quando fala de guerra, meu filho.

- Qual vai ser o nosso plano?

- Matar os mensageiros que querem unir os Miyoshi de novo e depois levar suas cabeças a Okihisa.

Trovão assentiu com um sorriso. Seria mais um teste para suas habilidades. A mãe falava com orgulho às outras crianças sobre como o filho melhorava a cada dia e que o Céu de Adagas ainda teria esperança de se tornar um clã de novo se todos treinassem com o mesmo afinho. Naquela noite, depois de avaliarem como as crianças estavam, os dois foram para a trilha mais provável por onde os mensageiros Miyoshi passariam. Montaram um esconderijo debaixo das árvores, escondidos por galhos e folhas. De costas um para o outro, esperaram durante boa parte da noite.

Nuvem Cinzenta permaneceu de olhos fechados, escutando as sombras. Ela havia envelhecido rapidamente nos últimos anos. A Escuridão chamava cada vez mais o espírito dela. Trovão às vezes via as rugas se formando quase que instantaneamente ao redor dos olhos e na testa. Os cabelos agora tinham longas mechas brancas e aqueles



olhos castanhos tão claros pareciam cada vez mais cansados. As pequenas cicatrizes na bochecha e perto do nariz só aumentavam austeridade na face. Quando fazia carinho nele ou nas crianças, abrindo um sorriso, parecia que estava fingindo. Ainda bem que a conhecia o suficiente para saber o quanto se preocupava com cada um deles.

- Eles estão vindo. – Ela abriu os olhos já levando a mão às kunai presas na cintura. – Está pronto?

- Sim.

Ele não sabia do que consistia o grupo de mensageiros, mas a mãe não o colocaria em uma missão suicida. O primeiro movimento foi dela. Saiu do esconderijo com um salto reto para a copa das árvores. No meio do caminho, liberou a nuvem de kunai que tomou conta da área onde os ninjas dos Miyoshi saltavam entre os galhos. O aço encontrou a carne diversas vezes. Choveu cadáveres, sangue e gritos de dor naquela noite. Trovão viu os homens caindo. Quem se levantava, recebia uma kunai na testa ou no pescoço. Assim, um a um, eles faleciam na noite. Dois defenderam-se dos arremessos de Trovão. Os olhos treinados encontraram o adversário facilmente nas sombras. Investiram silenciosamente para tentar cravar as ninja-tō no pirralho que os ameaçava.

Idiotas! Eram puramente idiotas! Trovão era jovem ainda, mas o pai, o mais habilidoso ninja que já conhecera, sempre dissera o quanto era promissor. A mãe ajudara a comprovar isso com o treinamento intenso dos últimos anos. Aqueles ali eram somente mensageiros, talvez assassinos ocasionais. Trovão era a morte em pessoa.

Deixou o primeiro tentar um ataque na diagonal e o segundo procurar seu coração com a ponta da espada. Dobrou o corpo para escapar dos dois ataques. A agilidade de falcão o levou a retomar a postura de combate com a espada caminhando para matar o primeiro inimigo. Afundou o metal na barriga de um e arrancou a arma saltando para trás para deixar passar o ataque do outro.

- Esse era meu irmão – falou o ninja. Ele retirou a máscara para mostrar o rosto de um garoto quase da idade de Trovão. – Veja o rosto

da vingança.

O olho esmeralda soltou uma das pontadas de dor que desceram pelo braço esquerdo até paralisar a mão. Soltou a kunai que estava a ponto de atirar para distrair o ninja. Foi um suplício defender-se dos ataques dele enquanto via a dor da morte do irmão em seu rosto. Ouvia as batidas do coração como um contar macabro dos últimos instantes de vida.

- Perdeu a coragem?

O adversário nem era tão bom. Trovão conseguia ver as falhas básicas nos movimentos. Atacava com ímpeto demais, deixando a arma pender ao final do golpe. O tempo precioso que perdia para se recompor poderia ter sido aproveitado se o olho vermelho não estivesse latejando tanto a ponto de o fazer perder parte dos movimentos. Os movimentos do ninja de Miyoshi começavam a se avermelhar. O ódio e a morte se aproximavam para causar destruição.

- Trovão – ouviu a mão gritando.

A katana aparou a ninja-tô do adversário quando estava quase no peito de Trovão. O inimigo o empurrou com força contra uma árvore com um chute. Afastados, ele teve tempo de respirar e se concentrar de novo. Viu de relance a mãe lutando contra o outro adversário. O olho esmeralda mostrou como o sangue se esvazia dela e a energia estava quase esgotada. A lâmina do ninja de Miyoshi já estava vermelha para os últimos golpes.

- Não... Minha mãe não!

- Adaga Oculta vai acabar com sua mãe, bosta de oni. Se quiser eu dou tempo para você ver. Acharam que iam encontrar só os sukoshi entregando a mensagem?

As risadas vingativas do adversário torturavam os ouvidos de Trovão. Perder a mãe seria um golpe duro demais. Ela era tudo o que tinha. Não restaria ninguém para treinar e cuidar das crianças. Ele era bom em matar, mas não tinha talento para ensinar.

O adversário avançou de novo com golpes para distraí-lo. Via o prazer no rosto dele, sempre se colocando entre Trovão e a mãe. Lá atrás, assistia Adaga Oculta encantar Nuvem Cinzenta cada vez mais.

Os ferimentos dela brilhavam no olho esquerdo de Trovão. Cada vez que era atingida, ele conseguia gravar na memória a dor.

A dificuldade de invocar as forças da Escuridão impedia ainda mais a reação. O adversário ria dele durante os círculos que fazia para mantê-lo sempre na mesma posição. Aquele merda era somente um sukoshi, um ninja menor. Ele não era nada diante de Trovão, um dos últimos do Céu de Adagas. Ele se julgava mais forte. Então que fosse mais forte.

Trovão deixou que o oponente atacasse. Os dois cortes no peito deram mais confiança ainda ao outro ninja.

- Está fraquejando? – perguntou, ao ver as pernas cambaleantes de Trovão.

Ele riu triunfante antes de partir para próximo ataque. Como sempre, era um golpe apenas para ferir. O olho vermelho avisava como era nítido o prazer dele diante do medo de Trovão de perder a mãe. Estocou na direção do abdome. Trovão esquivou-se bem de leve, o suficiente para deixar a lâmina raspar pelo quimono. Os pés o impulsionaram para frente, levando a espada com ímpeto para o fundo do coração do sukoshi.

- Desculpe pelo seu irmão, mas eu tenho um destino a cumprir. Vocês não – falou ao pé do ouvido do adversário. O sukoshi fraquejou aos poucos. Trovão permitiu que o corpo ainda vivo dele escorregasse pela lâmina para encontrar o chão onde daria os últimos suspiros.

Correu na direção da mãe. Ela o olhou com os olhos sérios. Saltou rumo à copa das árvores para mais uma vez liberar a nuvem de kunai. Adaga Oculta desapareceu nas sombras quando as lâminas começaram a se fincar no chão e nos troncos ao redor. Surgiu de novo atrás de Nuvem Cinzenta. Aquela estratégia Trovão conhecia. Há muito mãe e filho lutavam juntos. Desenvolver uma estratégia que os completasse não fora difícil. Aquela envolvia apenas um salto preciso de Trovão contra um adversário prestes a dar um golpe final.

Adaga Oculta conseguiu se esquivar o suficiente para que a espada do garoto fizesse um rasgo no ombro. O golpe mortal veio da própria Nuvem Cinzenta. Ainda caindo, ela chamou a nuvem de kunai

mais uma vez. O aço partiu a pele e desobrigou o sangue de continuar no corpo do adversário. Dois ninjas e um cadáver tocaram o solo em conjunto.

- Consequimos – sorriu Trovão.

A mãe mergulhou os dedos ensanguentados nos cabelos negros dele com um afãgado que atrapalhou o penteado já mal feito.

- Vamos ver qual é a mensagem – disse ela, procurando no quimono de Adaga Oculta. Leu com cuidado a pequena carta. – Amago Okihisa vai gostar disso. Vamos até ele. Arranque a cabeça desse aí.

Trovão olhou para o corpo. Sobreviver em Ōoku envolvia ações que enojavam a alma dele.

## Capítulo 4: Grilo Negro

Os pés do ninja, mais suaves que o caminhar de um gato, tocaram os galhos da árvore. Silencioso como a doença, ele se apoiou no tronco sem que uma folha sequer fosse balançada. Ao lado dele, os outros membros do clã começavam a se reunir. Grilo Negro sorriu debaixo da máscara, sentindo a segurança de ter a elite do Enxame de Máscaras junto dele. Aquela não era uma missão normal e ele nem de perto se sentia seguro como os outros.

- Quanta gente! – apontou Besouro Azul do lado dele. A máscara azul coberta por asas de insetos abafava uma gargalhada longa enquanto mostrava as tropas dos Amago cercando o castelo dos Miyoshi. – Os kami vão devorar hoje a alma de muita gente.

Grilo Negro ergueu uma sobancelha debaixo da máscara de madeira que recebera de presente do pai. Ele mesmo a pintara de verde com as manchas brancas em volta dos olhos. Através dos pequenos buracos, mal era possível ver as írises negras e as olheiras. Passou a mão pelos cabelos pretos espetados enquanto pensava quais seriam as próximas ordens. Nas árvores ao lado, outros erito do clã se preparavam. Sempre em duplas. Mariposa Negra e Vespa Sombria cochichavam sobre um pinheiro vermelho. O Enxame nunca estava sozinho. Exceto pelo Escorpião Negro. Ele não. Preferia ficar ali no meio das sombras, pronto a emitir as ordens, mas sempre quieto com o rosto oculto debaixo da máscara negra com listras amarelas.

- Nenhum kami tem passado fome ultimamente, meu amigo. Espero que não sejamos a sobremesa.

Mais uma gargalhada do Besouro.

- Calem-se, seus barulhentos – xingou Vespa com um de seus sussurros baixos que percorriam qualquer caminho até gelar a espinha dos homens.

- Esse sussurro dela brocha qualquer um. Vai morrer sem filhos – brincou Besouro.

- Cuidado ou ela te ferroa – falou de volta Grilo. Preferia não mexer com Vespa. Ela era nervosa demais e sua amizade com Mariposa

não ajudava em nada.

Um dos sukoshi apareceu junto a Escorpião Negro. Como todos os ninjas inferiores do clã, vestia-se apenas de preto com a máscara de madeira cinzenta ocultando completamente o rosto. Grilo Negro fora um deles por muito tempo e suspeitava que só não era mais um pela influência do pai junto à líder do clã. Às vezes temia ser rebaixado quando notava que suas habilidades estavam sempre aquém dos outros erito. Ainda mais devido aos acontecimentos dos últimos anos.

De repente, Escorpião estava a seu lado. Era uma versão melhorada de Grilo. Tinha os mesmos cabelos espetados e a face triangular, porém era bonito e com olhos dourados que apenas realçavam a aura de poder que emanava dele.

- Há algo de errado.

Besouro e Grilo olharam atentos para o líder da expedição. Mais atrás, Mariposa e Vespa se calaram para ouvir. Os sukoshi os cercavam nas árvores em volta e no chão com olhos atentos na penumbra.

- Há sinais de mais de um clã aqui. A Dança das Garras ainda não se mexeu e os Destinos Inexoráveis estão dentro do castelo. Com certeza ainda não deixaram seu esconderijo.

- Quem mais? – perguntou Grilo.

- Não sei. Espero que minhas suspeitas ou as de nosso pai não estejam corretas.

- Zangão Negro raramente erra – comentou Besouro Azul.

- Raramente – concluiu melancólico o ninja líder.

Viram o exército dos Amago começar a se mover. Ordens se espalharam pelo acampamento. Escadas foram preparadas. Soldados começaram a se posicionar. À frente de todos, um samurai com um sashimono amarelo e vermelho gritava para que os homens se movimentassem logo. Olhares respeitosos apontavam para o estandarte nas costas do guerreiro. Alguns homens corriam até ele e encostavam a mão no tecido respeitosamente, pedindo a benção antes de seguirem para o combate.

- Aquele é Yamanaka Yukimori? – perguntou Besouro Azul.

- Sim. Reconheceria aquele desgraçado mesmo que os tengü devorassem meus olhos – comentou Grilo Negro, quase tremendo de ódio. Seus dedos percorreram a máscara e uma lágrima sorrateira desceu pela bochecha. Secou sobre a pele alva, oculta pela máscara. Que ninguém visse aquela gota salgada pelo ódio, tristeza e vergonha.

Escorpião virava o rosto analisando o exército de Amago e as defesas do castelo de Miyoshi. Coçou o queixo pensativo e deu dois toques na máscara enquanto tomava as decisões antes de emitir as ordens. Algo o distraiu no meio do processo. Virou-se pelos lados e começou a contar quantos estavam consigo.

- Doze – comentou.

Grilo olhou assustado. Três dos sukoshi haviam desaparecido. Ninguém lhes dera nenhuma ordem. Nada. Escorpião assobiou anunciando que estavam sob ataque e naquele instante ouviram o leve farfalhar das folhas logo acima. Da noite negra, oculto pelas trevas, o primeiro deles apareceu. Saltou sobre os três que estavam parados no galho, com a espada cortando o ar e o bico quase a acertar a máscara de Grilo Negro. Coube a Escorpião deter a lâmina enquanto os outros dois se esquivavam, saltando para as árvores seguintes. Ainda no ar, Grilo foi surpreendido por mais um ataque. Curvou o corpo, deixando o oponente voar por suas costas, a lâmina zunindo junto ao crocitar o corvo.

Os olhos do ninja se arregalaram. Não, pensou ele em desespero. Eles não! Como poderiam estar ali? Por que estariam? O que acontecera? A mente se enchia de perguntas quando os pés tocaram um tronco. Dobrou os joelhos e tomou impulso para novo salto deixando que três shuriken se cravassem na árvore. Outro ataque durante o voo. Agora a ninja-tō saltou da bainha para interceptar mais dois shuriken. Ainda no ar, Grilo Negro olhou ao redor para ver os corpos de dois sukoshi sendo atravessados por lâminas amareladas. O sangue vazou proeminente, transformando-se em chuva vermelha que banhou os ninjas que se reuniam em círculo no chão.

- São eles... São eles – falava Besouro Azul, tão assustado

quanto excitado com o combate.

Grilo ficou calado. Despejaria no ar somente palavras trêmulas se abrisse a boca. Parou ombro a ombro com Vespa Sombria e notou como ela se afastou discretamente. Contendo a ofensa, olhou para Escorpião buscando confiança. O líder do grupo assobiou marcando as posições de cada ninja. Havia apenas oito sukoshi em volta deles.

- Quantos são, Mariposa? – perguntou Escorpião.

- Sete – comentou ela.

- Por que estão nos atacando, Escorpião? – A pergunta de Vespa tinha um tom de desafio de quem se irrita de ser mantida de fora de um segredo.

- Não sei – respondeu Escorpião.

E, de repente, havia algo entre eles, vindo dos céus como um raio negro, rodopiando a espada amaldiçoada. Estava coberto de negro, com trapos que se espalhavam pelo corpo, esvoaçando a cada movimento, confundindo o que era corpo, tecido e sombras. Mariposa saltou para trás, Vespa aparou a arma, Besouro pulou para cima, Grilo curvou-se para que a lâmina passasse sobre suas costas. A criatura crocitou chamando pelos aliados e mais deles vieram para eliminar o grupo distraído. Pegaram um dos sukoshi e derrubaram Besouro para então desaparecerem.

- Eles farão isso de novo – avisou Vespa, ajudando Besouro a se levantar. Ele segurava o abdome. Olhou para a mão coberta de sangue e negou mais ajuda.

- Foi só de raspão... – riu Besouro, levantando a espada. – Fiquei distraído demais com vocês duas se esfregando em mim.

Tensa, Vespa mal prestou atenção ao comentário estúpido. Quando os inimigos vieram de novo, saltaram em três no meio dos ninjas, como um furacão coordenado que espalhou outra chuva de sangue e folhas. O raspar do metal contra metal e o corte doloroso da pele eram os únicos sons fora um crocitar ou outro. Aquela definitivamente não era uma batalha de samurais com seus gritos de guerra infundáveis e juramentos descabidos. Eram ninjas lutando contra aqueles que estavam entre seus piores inimigos. As sombras cansaram-



se de seu giro de morte e saltaram. Agora foi a vez do Enxame de Máscaras reagir. Escorpião quem começou. A kusarigama já estava em mãos. Com a foice da arma, mais do que depressa golpeou a perna do inimigo que escapava. Puxou de volta para o chão, ouvindo um corvejar esganiçado. Nem deu atenção para a criatura que se movia espalhando folhas e terra. Mirou outro dos atacantes que saltava para as trevas acima.

Grilo Negro sabia o que fazer. Afundou a espada rumo ao chão. O primeiro golpe atingiu apenas a terra quando o adversário escapou, mas do lado dele, Mariposa tratou de penetrar a barriga do desgraçado, travando o corpo da criatura. Agora não havia como errar. O golpe final foi o descer da espada no bico aberto, atravessando o crânio. O movimento parou. Os trapos que o vestiam começaram a murchar e tudo o que a terra recebeu daquela morte foi um monte de vermes e raízes.

Olhando para cima, Grilo viu o outro ataque do irmão fazendo efeito. A corrente da kusarigama voou até se embaraçar na perna do adversário. A criatura olhou para baixo, pairando levemente no ar antes de ameaçar um voo de volta. Outra vez do ataque conjunto do Enxame de Máscaras reiniciou. Os sukoshi voaram sacando suas armas naquela dança precisa dos ninjas que só poderia terminar com o aço cravado no corpo do alvo. Outro corvejar de dor e a natureza pediu de volta do dom da vida. Os trapos caíram rapidamente enquanto plumas negras se espalharam um pequeno e passageiro tufão.

Dois. Faltavam cinco.

O pior era que agora tinham Besouro incapacitado. Mariposa também parecia muito ferida, apoiando-se em Vespa. E ainda faltavam cinco.

A kusarigama de Escorpião voou de novo para as trevas. Voltou trazendo mais uma vítima. O ninja girou o tronco e deixou o adversário passar, terminando o movimento com a foice penetrando na nuca. Mais plumas negras e um tufão.

Três. Faltavam quatro.

Os restantes vieram para levar a vida de mais três sukoshi.

Grilo escapou por pouco do ataque violento e sem amor próprio que veio contra o Enxame de Máscaras. Escorpião foi arremessado contra uma árvore, a máscara rachada e um shuriken enfiado no ombro.

- Grilo! – gritou Vespa.

Foi por pouco que uma espada não atravessou as costas do ninja. Saltou em arco e caindo atrás do oponente. A criatura girou e golpeou. Fitou-o com olhos negros e vazios como as noites de lua nova. O bico escuro apontou furioso quando notou que a lâmina fora aparada. Corvejou irritado ao avançar com aquelas mãos de ave movimentando a espada para cima e para baixo enquanto tudo o que Grilo podia fazer era se defender. Quando as costas tocaram uma árvore, a Mãe Morte pareceu uma parente mais próxima do que gostaria. O golpe final foi traçado contra a barriga. Grilo curvou-se para a esquerda para assistir a lâmina atravessar de leve a roupa.

Algo atingira aquela criatura desgraçada. A esfera pesada da kusarigama bateu na nunca jogando a cabeça para frente a ponto de quase enfiar o bico no peito de Grilo. Xingando, tratou de levantar a espada, atravessando o peito sem que uma gota de sangue se espalhasse. Vermes e terra tombaram aos montes enquanto o ninja saltava para as árvores.

Quatro. Faltavam três.

E aqueles três estavam pressionando os ninjas que restavam. Escorpião se colocou na frente de Mariposa, Vespa diante de Besouro. Estavam feridos, mas em melhor condição de luta que os outros dois. Suas armas afastaram os atacantes repetidamente antes que o líder assobiasse. Mariposa se levantou e uniu as mãos, invocando as forças proibidas para o mundo dos vivos. Seus três sussurros abriram três portais e então elas apareceram. Era centenas de mariposas com asas de metal perdidas em um voo ensandecido ao redor dos inimigos. Cortavam como adagas minúsculas, acasalando-se e crescendo cada vez mais em quantidade à medida que arrancavam vida. Dois dos inimigos escaparam feridos saltando para o alto. Grilo não os poupou. Pulou com todas as forças, batendo de ombro contra um deles enquanto os sukoshi avançavam como abelhas frenéticas contra o outro, partindo-o

com seus ferrões de aço.

Grilo tombou no chão junto do inimigo. Uma bicada dura o fez largar a espada. Rolou para evitar outra que arrancasse a máscara e os olhos. O desgraçado já estava de pé antes que o ninja pudesse raciocinar. Grilo precisou continuar rolando ciente de que a espada se fincava no chão cada vez mais próxima. Vespa quem acabou com aquilo fazendo os vermes e a terra caírem sobre o ninja desesperado que já começava a se preparar para encontrar os kami. Ali, vendo larvas, minhocas e lesmas andando pelo seu corpo, ele notou o olhar de asco da irmã de clã. Sem oferecer ajuda, ela deu as costas e foi ter com os outros.

Aquele não era dia de se perder em vergonha e autopiedade. Grilo espantou os vermes, pegou a espada no chão e se levantou resignado. Vespa sabia como ser uma vadia às vezes e, principalmente, como o fazer se sentir excluído do grupo. Andou até eles, vendo como até os sukoshi pareciam mais entrosados do que ele junto ao grupo que estava entre os jovens mais poderosos do Exame de Máscaras. Parou junto deles enquanto analisavam os ferimentos.

- Por que nos atacaram? – Vespa insistia com a pergunta.

Mariposa analisava o ferimento de Besouro enquanto Escorpião emitia ordens para que os cadáveres dos colegas fossem reunidos. Grilo se abaixou e mexeu nos trapos no chão. Encontrou um pequeno bico de corvo. Ali, no meio de seus dedos, não parecia ameaçador.

- Não sei, Vespa. – A resposta de Escorpião tinha um toque de impaciência que pareceu deixar a ninja ainda mais nervosa.

- Essa missão é proibida? Há algum augúrio ruim?

- Nenhum. Pare de ser uma gralha louca e deixe Escorpião raciocinar – intrometeu-se Besouro.

- Quanto temos de mel de cerejeira? – perguntou o líder do grupo quando todos passaram a ignorar os sussurros repletos de praga de Vespa.

- Posso curar todos nós, mas ficaremos sem nada para a volta.

Bateu duas vezes na máscara enquanto pensava. Avaliou a situação de cada um.

- Voltem para o Ninho e avise o que aconteceu. Não parem por nada – ordenou a dois dos suskoshi, um deles bastante ferido. – Vão em caminhos diferentes e não se importem um com o outro.

- Ouço e obedeço – disseram em uníssono.

Desapareceram nas sombras, um pela terra, outro pelas árvores.

- Eles não tinham um líder – comentou Grilo aproximando-se e entregando o bico negro para Escorpião.

- Líder? – Havia desprezo na voz de Vespa.

- Minha mãe sempre contou que eles atacam um líder, pelo menos um. E os bandos são maiores.

- É verdade. Só vi kotengu, nenhum daitengu.

- Poderíamos estar mortos se houvesse um daitengu. – Besouro olhava para os cadáveres reunidos. Abaixou-se para tocar a testa de um. Grilo sabia que um dos primos dele estava ali. Era um garoto feliz com um sorriso tão fácil. A felicidade parecia estar presente em excesso no sangue daquela família que já o acolhera tanto e o apoiara. Aquele primo de Besouro comemora junto com ele quando fora promovido a erito.

- Estaremos mortos cedo ou tarde. Ninguém escapa dos tengu – vaticinou Vespa Sombria.

O silêncio pairou enquanto digeriam as palavras. A pergunta continuava no ar. Qual o motivo de os tengu atacarem o Clã do Enxame de Máscaras?

- Não importa quando encontraremos os braços da Mãe Morte. Importa o que faremos de nossas vidas até lá. Atualmente, cumpriremos nossa missão. – Escorpião olhou para todos. – Vamos usar o mel de cerejeira em quantidade suficiente para enfrentarmos os perigos. Grilo Negro, você vai entrar e nos contar o que está acontecendo. Sem enfrentamentos. Apenas reconhecimento.

- Ouço e obedeço.

Preparou-se para seguir em frente quando Escorpião o parou. Deram alguns passos à frente.

- Nori, não procure enfrentar ninguém. Temos mais em risco aqui do que imaginávamos. Acho que a Família dos Bruxos está aqui.

Grilo arregalou os olhos.

- Os Bruxos...

- Sim, meu irmão. Entre, reconheça, avise. Você é um ninja, não é um herói.

- Ouço e obedeço.

Ele não era mesmo um herói. Nem de perto era um herói. Grilo era pouco mais que um ninja desesperado que temia não se firmar em um grupo de guerreiros sem medo.

- Tudo o que ele sabe fazer é pular e correr, Ryoichi. – E escutar. Vespa Sombria não sabia, mas Grilo saltava mais que uma pulga, corria mais do que uma barata e ouvia melhor que os kami. Talvez fosse por isso que as palavras doessem tanto nele. – E seu irmão mostrou que nem isso o fez impedir o que aconteceu com a senhorita Akane.

## Capítulo 5: Shimazu Yoshihiro

Não era o momento para cerimônias. Tsubasa avisara dezenas de vezes que não era, definitivamente, o momento para cerimônias. Mas como um pai não lamenta a perda de um filho? Como um samurai não chora por ter falhado ao defender seu senhor? Era sim um momento para que a família orasse pelo primogênito tombado em combate. Tetsuo morrera valentemente nos braços de Yoshihiro. A coragem de seu senhor até agora o impressionava e deixara os homens atônitos ao verem-no marchar junto deles, avançando para elevar o moral sem se importar com sua segurança.

- Era um jovem idiota. Diria até que era uma mente um tanto simplória.

- Não pode falar assim do nosso senhor, meu irmão – interrompera Yoshihiro durante a marcha de volta, enquanto o corpo de Miyoshi Tetsuo seguia em uma carroça velha e mal arrumada. Fora vergonhoso vê-lo ali de braços cruzados, ainda na armadura, no meio da palha.

- Um retardado corajoso. Burrice e coragem não são boas combinações – continuou Tsubasa. Olhou para o corpo na carroça. – A morte não deve ter mudado duas coisas nele, o tanto que o cérebro funcionava e a cara de retardado. – Virou de novo para frente, vendo o castelo se aproximando. – E meu senhor se chama Miyoshi Hachiro. Felizmente é alguém com um pouco mais de bom senso.

Não era assim alguém com tanto bom senso. Tsubasa olhava desanimado e impaciente para o irmão durante a cerimônia funerária, enquanto se ajoelhavam em frente ao corpo de Tetsuo e viam os principais samurais e os parentes mais próximos de Miyoshi se despedirem. O corpo, já lavado cuidadosamente pelo sacerdote, estava estendido sobre um tapete. Fora tão bem limpo e cuidado que parecia apenas dormindo enquanto esperava pelas despedidas. De joelhos em uma almofada verde, Miyoshi Hachiro tentava ocultar a tristeza na face ao ouvir cada palavra de adeus ou de amor daqueles que passavam.

O sacerdote cantava e espalhava incenso para facilitar a

passagem do espírito e pedir aos kami que não o devorassem, mas o deixassem reencarnar para uma nova chance de ascender. Tsubasa olhava impaciente para Yoshihiro, mas o Dragão do Céu fingia não dar atenção. Uma guerra rugia lá fora, seu senhor estava morto logo à frente e o que menos queria era enfrentar irmão nesse momento. Samurai ou não, os juramentos não impediam que Tsubasa criticassem seus senhores. Era impetuoso e disposto a demonstrar sua opinião mesmo que lhe custasse a vida.

- Isso vai custar mais que sua vida! Vai custar sua honra! – acusou Yoshihiro um dia.

- E qual a honra de morrer sob as ordens de um idiota? Antes ronin do que morto pelas ordens de um asno.

- Continue falando assim e os kami devorarão sua alma!

- Continue deixando os asnos conduzirem o caminho e acabará empacado em um campo de arroz e sua espada será apenas uma foice na colheita.

Eram as mesmas discussões dia após dia. Tsubasa era o mais velho, portanto Yoshihiro era obrigado a ouvi-lo. A proximidade entre os dois permitia entender a impaciência do irmão diante daquela cerimônia. Ouviam lá fora as tropas dos Amago em movimentação e os gritos dos soldados correndo pelos muros do castelo. Enquanto isso, os principais guerreiros e líderes estavam ali sentados diante do filho falecido do daimyo.

Era hora de parar de pensar em Tsubasa. Ele não mudaria seus conceitos. Seus pensamentos eram imóveis como as montanhas e, talvez, fosse um dos motivos de ser chamado de Dragão da Terra. Inflexível demais e, quando enfurecido, destruíam como poucas forças no mundo.

Yoshihiro olhou para Miyoshi Chiyo, a filha mais nova do daimyo. Era agora a única fonte de esperança para que a linhagem principal dos Miyoshi continuasse livremente. Assim como Yoshihiro, Chiyo tinha a rara marca dos céus nos olhos. As íris eram totalmente azuis com algumas marcas brancas como pequenas nuvens que nublavam seu olhar. Seus modos pareciam sempre tímidos diante do

pai e do irmão. Obediente, ela apenas se punha ajoelhada agora com a face alva apontada para o chão. O quimono negro tinha como única variação na cor o brasão com a serpente e a garça. Os longos cabelos negros, presos em um coque cuidadoso, brilhavam na luz das chamas.

O samurai gostaria de falar com ela. Queria ouvir as palavras de Chiyo e entender sua dor. Precisava se desculpar por não salvar o irmão de sua senhora, porém, parecia tão incapaz disso quanto de convencer Tsubasa de sua petulância ou de trazer Tetsuo de volta à vida. Não tivera chance de conversar com ninguém desde que entregaram o corpo. A partir de então, o daimyo se trancara com a filha e o cadáver de Tetsuo até que a cerimônia estivesse pronta e os Amago já houvessem cercado o castelo.

- Não deixe que Amago Okihisa me tenha – ela pedira antes que ele partisse para a luta. Então Yoshihiro prometera a si mesmo que aquele daimyo indolente morreria. Não passava de um desgraçado com sorte e com um poder que não deveria ter caído em suas mãos.

- Ele não a terá, Chiyo-dono – jurou ele respeitosamente naquele dia em que a guerra ainda parecia fácil.

O sacerdote aproximou-se do cadáver de Tetsuo. Passou os dedos pela testa dele desenhando os símbolos dos kami. Fez um pedido a cada um dos nove. Banhou o corpo com mais incenso e o cheio forte se espalhou pelo ambiente já tomado pela fumaça. Yoshihiro acompanhou a fumaça subindo rumo ao teto. O pensamento se dispersou vendo aquele pequeno filete cinzento serpenteando para escapar pelo telhado.

O teto estourou de repente em pedaços e um corpo caiu sobre Tetsuo. O homem tombado mexeu-se atropalhado e assustado. Colocou-se de pé com dificuldade com o sangue vazando por múltiplas feridas. Cambaleou um pouco e apontou a mão para o daimyo. Era um dos ninjas do Clã dos Destinos Inexoráveis, servos dos Miyoshi há séculos.

- Corram – gritou com o que restava de suas forças. Caiu de joelhos apoiado na espada.

Era tarde. Mais corpos caíram do telhado. Ao contrário do



primeiro, um dos erito do clã, esses eram ninjas menores. Ainda vivo, o shinobi de elite observou os sukoshi tombarem os montes. Seu fim veio tão dramático quanto a queda. Uma sombra desceu dos céus. Surgiu rápida como as trevas e cravou a espada através do ombro do ninja. Pouco depois, outra sombra e essa decapitou o homem sem piedade.

Yoshihiro ficou de pé imediatamente. Sorte Tsubasa ter insistido que mantivessem as armaduras para a cerimônia. Puxou Chiyo para trás de si enquanto via outras três sombras descenderem do telhado. Tengu! Pela sombra de Omokaime, o que os Destinos Inexoráveis haviam feito para serem mortos pelos tengu? Eram cinco deles, cinco daitengu. Cada um tinha na face de ave um olho completamente negro e o outro colorido. O vermelho sacou uma kunai. A pequena adaga voou sobre o corpo de Tetsuo até a ponta encontrar a testa de Miyoshi Hachiro. Rompeu pele, quebrou osso e repousou em meio a uma mente triste que, tamanho era o luto, mal compreendia a confusão em volta, muito menos o fato de agora ter dez centímetros de aço cravado no meio do cérebro.

Não fazia sentido algum. Tengu matando um daimyo? Como os kami poderia deixar que a ordem das coisas fosse subvertida assim? O corpo de Hachiro tombou no chão com as pernas ainda meio cruzadas. Tsubasa ficou de pé em um salto quando outros tengu apareceram. Esses eram apenas kotengu, mas espalharam morte pelo recinto com a mesma eficiência que suas versões de elite. De repente, quase todos os parentes mais próximos dos Miyoshi morriam aos montes e o sangue já molhava as sandálias de Yoshihiro.

- Não – gritou Chiyo, enquanto o samurai a segurava e apontava a katana para os inimigos.

Os malditos tengu os cercavam. Daitengu e kotengu queriam liberar o último sangue dos Miyoshi. A linhagem acabaria e as terras seriam dos Amago sem casamento ou qualquer acordo. A guerra estaria acabada. Um kotengu tentou avançar sobre os dois e foi duramente interrompido quando Tsubasa saltou sobre ele e arrancou-lhe a cabeça. Os trapos que o cobriam tombaram no chão de madeira misturados a

cupins e escorpiões.

- Depressa, para fora! – gritou o Dragão da Terra.

Começaram a escapada para longe da chacina. Ainda havia gente para matar, mas aos poucos os tengu começaram a se voltar apenas para eles. Tsubasa abriu caminho como um herói das lendas mais famosas. A katana partia os tengu sem esforço. Golpes cortavam o ar com o caminho inevitável para devolver a vida dos homens pássaros à terra.

- Acostumados demais com ninjas incompetentes. Passarinhos nunca deveriam se meter com dragões – falava Tsubasa.

O chão se cobria de insetos e tapos negros. Yoshihiro chutou um dos bicos de corvo no chão, amaldiçoando as criaturas. Empurrou Chiyo e girou o corpo para aparar o golpe de um tengu. Forçou o adversário para frente antes de finalizá-lo. Três deles voaram para cima da última Miyoshi. Yoshihiro não os perdoou. Invocou as forças dos céus e dos juramentos. Os golpes seguintes dos adversários passaram lentos em sua mente, mas os seus foram rápidos como a luz para os corpos fatiados dos tengu, um pego ainda no ar e os outros dois quando mal haviam tocado o chão.

- Eles querem nos cercar – comentou Chiyo, entre Yoshihiro e Tsubasa.

- Já nos cercaram, Chiyo-dono. Agora é matar até encontrar uma saída – falou Tsubasa, decepando o braço de um tengu e deixando que o irmão finalizasse a criatura enfando a espada no olho negro. Ele abriu o bico corvejando em dor antes de se transformar no enxame.

- Temos que chamar os Destinos Inexoráveis. Precisamos deles contra os tengu – ela disse, contendo lágrimas.

- Tengu são feitos para matar ninjas, Chiyo-dono. Eles só perecerão aos montes como já vimos aqui. Deixe o trabalho para os samurais. Vamos para fora. Nossos homens estarão lá nos esperando.

- Como vamos passar? – perguntou ela.

- A senhora está falando com o Segundo e o Terceiro Dragões.

Vai ver agora o significado disso.

Yoshihiro sorriu. Naquilo os dois eram excelentes! Segurou

firme a espada logo em frente ao nariz e manteve a palma da mão paralela à lâmina. A testa se enrugou com a concentração e os olhos fechados contiveram as chamas de fúria que revolviam na alma. Oposto a ele, Tsubasa fazia o mesmo. Então ambos liberaram o poder. As pálpebras se abriram para deixar a fúria escapar, procurando os inimigos enquanto os corpos giravam. Eram um furacão girando, duas bestas lendárias espalhando caos e destruição. Os tengu caíram aos montes, desaparecendo sob as katanas dos irmãos.

Mais e mais os três se aproximaram das portas. Até os daitengu foram obrigados a se afastar. Arremessavam suas kunai, mas as espadas dos samurais afastavam os ataques. Outros ninjas apareceram, agora de um clã que ninguém reconheceu. Esses sukoshi caíram tão rapidamente quanto os kotengu. Agora não havia mais apenas trapos, insetos e bicos sendo jogados no chão. Corpos e sangue espalhavam-se enquanto a fúria dos Dragões continuava até atravessarem a porta. Romperam para o jardim pisando no pequeno córrego que atravessava a grama verde.

Lá fora, a onda de golpes acabou. Tsubasa caiu de joelhos apoiado na espada. Os tengu haviam sumido. Em volta deles, na grama, havia algo pior. Cadáveres dos samurais estavam jogados em poças de sangue fresco.

- Pela espada de Hachiman. – Yoshihiro parou incrédulo. Quase todos os samurais da elite dos Miyoshi estavam mortos com apenas alguns cadáveres de sukoshi daquele clã misterioso. Como tantos deles poderiam ter sido vencidos por meros ninjas? Só poderia ser um ataque surpresa. Não haveria outra explicação.

Mais suskoshi apareceram. Kunai foram arremessadas como um enxame de marimbondos. Uma penetrou fundo no ombro de Tsubasa. As outras foram detidas pelas espadas ou armaduras ricocheteando pelo ar.

- Ninjas. Adoro matar ninjas – gargalhou Tsubasa.

Yoshihiro sempre esteve impressionado com o ressentimento do irmão com os shinobi. Na verdade, precisavam deles agora. Orou para Omokai para que os Destinos Inexoráveis aparecessem logo. Que

Tsubasa não soubesse para qual kami o irmão estava fazendo os pedidos. O único dos mekai no kami que ele respeitava era Izanami. Alguém ouviu suas preces. Mais dos sukoshi inimigos caíram quando os ninjas servos dos Miyoshi apareceram.

Veneno Inescapável e Punhal Silencioso surgiram junto deles. A primeira ninja colocou a mão debaixo dos braços e a esticou, dispersando a morte na forma de shuriken em formato de estrelas. As hira shuriken voaram aos montes, caçando os inimigos. Penetraram fundo na pele ou cortaram de leve aqueles que se desviaram aos poucos. Não importando se o destino final fosse a carne ou se o metal apenas houvesse passado para tocar os alvos, a morte os esperava. O toque de Veneno não passava despercebido. O resultado era sempre morte e lágrimas.

- Onde estão os outros? – perguntou Yoshihiro.

- Mortos – respondeu Veneno, sacando um par de sai.

- Todos?

- Ao menos os que estavam conosco vigiando. Precisamos chegar à Gruta – disse ela, referindo-se ao esconderijo secreto dos Destinos.

Ninguém, nem mesmo o daimyo sabia a entrada para a Gruta. Seria o local mais seguro para se refugiarem. Mas o que os Destinos fariam com eles depois que entrassem ali? Era uma das leis que o daimyo não poderia forçar seus servos a revelarem seus esconderijos.

Começaram a caminhada rumo ao norte do castelo, afastando-se dos muros. Yoshihiro fitou os homens distantes preparando as defesas contra os Amago. Ainda não estavam cientes de que seus principais líderes estavam mortos e seus dois campeões não estariam junto deles. Cairiam, com certeza cairiam.

Estavam se movimentando quando ele apareceu. Saltou na frente deles como um demônio, seguro de si como um kami. De braços cruzados, vestia um hitatare branco com os ombros avermelhados. As calças eram negras e bem amarradas para não atrapalhar o momento. Descruzou os braços lentamente e passou os dedos pela empunhadura da espada na cintura. Voltou o rosto para o

grupo em fuga. A máscara cobria completamente a cabeça. Os olhos eram marcas vermelhas no meio do metal negro debaixo de dois pequenos chifres dourados.

Veneno parou o grupo e recuou. A postura da ninja era de um medo claro. Desviava o olhar para a esquerda e a direita sem encontrar qualquer possibilidade de fuga. Os tengu haviam voltado.

- Quem é esse homem? – perguntou Tsubasa.

Ninguém respondeu. O samurai tomou a frente e apontou a espada para o intruso.

- Quem é você? – gritou.

O ninja caminhou dois passos e apontou um dedo para cada um do grupo. A máscara exibia um sorriso sarcástico e maldoso.

- Quem é você? – repetiu o Dragão da Terra.

Veneno quem respondeu, ainda assustada.

- Kasaioni o Amaldiçoado. Ele é o líder da Família dos Bruxos.

Desgraçados. Yoshihiro já ouvira falar deles. Aquilo fez até mesmo Tsubasa se colocar em posição de defesa. Kasaioni. Kasaioni. Quantos aquele desgraçado já havia matado, fosse ninja, samurai ou até daimyo? A Família de Bruxos não respeitava ninguém na ordem natural do mundo.

## Capítulo 6: Trovão Abençoado

- Okihisa consegue se manter mais protegido do que eu pensava – falou Nuvem Cinzenta, olhando para o exército de Amago se movendo para o ataque contra o castelo de Miyoshi. Estava há dias tentando contato com o daimyo. O insucesso deixara os dois exasperados, principalmente porque as tentativas os mantinham longe das crianças. Nuvem estava cada vez mais preocupada com elas e Trovão esquentava a cabeça para imaginar como poderia ajudar a mãe.

- Mãe, estou farto de ser um peso. Como posso ajudar a senhora?

- Toha, você já ajuda sendo um exemplo para os outros, meu filho.

Ela colocou as mãos na face dele. O beijo na testa o deixou envergonhado por fora, mas por dentro voltou a ser a criança sorridente. Hoje em dia esses momentos eram raros, mas antes ela repetia o gesto a cada momento de consternação dele. E o pai logo gritava que assim ela acabaria com as trevas dele e só sobraria um monte de arroz malcozido. Os três riam e a irmã se juntava à risada. Era um dos bons momentos entre os duros tempos de treino ou quando eles voltavam das missões.

- Mãe, vamos entrar diretamente.

- Somos desgarrados, meu filho – ela lamentou.

- Mas esse não é Amago Okihisa? A senhora fala tanto do quanto ela desafia o mundo e tudo sem se importar com a ordem das coisas.

- É arriscado. Entregar a mensagem foi bom. Isso dará confiança, mas... Se algo acontecer com a gente...

- Eu vou.

- Não...

- Eu vou.

E foi antes que ela o segurasse.

Galho após galho, passo após passo, ele seguiu caminho até as bordas do exército de Amago. Lá ele retirou a máscara e a guardou

sobre uma árvore junto da espada e boa parte das kunai. Caminhou bem visível e de mãos levantadas até as primeiras sentinelas. No início, tentaram agredi-lo e fizeram todo tipo de pergunta sobre sua origem. Ele mostrou a cabeça de Adaga Oculta, o ninja do clã que servia dos Miyoshi, os Destinos Inexoráveis.

- Eu preciso falar com o daimyo. Fui eu quem deixou a mensagem que permitiu que ele interceptasse as forças de apoio do general Gorou.

As sentinelas discutiram para enfim decidirem chamar por alguém superior. Apareceram dois homens de meia idade. O que parecia o líder portava uma katana bonita, com os ornamentos e marcas que só poderiam pertencer a um samurai. Ninguém que não fosse da nobreza teria permissão para caminhar com aquela arma, com tantos desenhos no cabo ou com o aço marcado pela forja do melhor ferreiro. A espada de Trovão era boa, só que com um cabo simples e negro. O metal era resistente, mas sem o brilho imponente.

O homem conversou com as sentinelas e embainhou a espada calmamente. Seus olhos esbranquiçados analisaram Trovão.

- Urso Soturno, parece que temos aqui nosso benfeitor.

- É um menino, Lobo Fiel – falou o outro, um homem grande como o nome que lhe fora dado. A barba densa pendia até tapar todo o pescoço. Portava um hitatare coberto por símbolos dos chikyū no kami, em especial de Inari. Trovão se pegou pensando no quanto esquecia de Inari em suas orações, justamente agora que precisava da natureza ao seu lado para ter a fertilidade para reconstruir o Céu de Adagas.

- Qual seu nome, menino? – perguntou Lobo Fiel. O sorriso paterno dele desarmou boa parte da certeza furiosa com que Trovão pretendia responder.

- Meu nome é Trovão do clã do Céu de Adagas que um dia serviu ao daimyo...

- Pode parar. O Céu de Adagas não existe mais e seu antigo daimyo está morto agora.

A morte do daimyo, um ano depois que os ninjas deixaram de

o proteger dos principais assassinos ou deixaram de ser rede de informações, foi um golpe para Nuvem. Ela ainda se sentia responsável pelo homem e agora temia que os tengu viessem atrás deles por causa do abandono.

- Urso, deixe o garoto falar.

- Senhor, eu preciso falar com Amago Okihisa.

- O daimyo está no início de um ataque, menino. Fale comigo que eu juro transmitir para ele o que pretende.

- Queremos ajudar e nos juntar ao daimyo na guerra.

- Ele já tem seus ninjas – cortou Urso, irritado.

- Amigo, por favor. – Lobo Fiel andou até Trovão. Segurou o menino pelo ombro com tanta simplicidade que ele não conseguiu resistir. Homem desgraçado! Como é que conseguia o conduzir assim? Os dois andaram na direção da floresta de onde o garoto viera. – Trovão Abençoado, o meu senhor saberá do seu empenho, mas você deve ir.

- Senhor, eu sou jovem, mas sou muito bom no que faço. Aceite meu serviço. Honrarei a memória do meu clã servindo um novo daimyo.

- O mundo não funciona assim, Trovão. Meu clã não pode acolhê-lo, principalmente agora.

- Mas minha mãe disse que vocês perderam muita gente.

- Nuvem ainda vive. Que bom.

Lobo Fiel parou cabisbaixo perto de uma árvore. Os olhos esbranquiçados quase se apagaram em tristeza. Trovão levou a mão à face quase imediatamente. O olho escarlata avisava sobre a tristeza do homem à frente com agulhadas que percorriam a face esquerda até passar pela orelha e alcançar a nuca.

- É, menino. Perdemos muito dos nossos. É um dos motivos que peço que vá. Afaste-se o mais rápido que puder.

- Mas por quê? – perguntou Trovão, com um tom de súplica do qual se arrependeria quando fosse tentar dormir à noite.

- Os Bruxos estão aqui e temo dizer que... talvez... talvez... estejam a serviço de meu senhor.



Trovão se soltou depressa. A cabeça de Adaga Oculta rolou e bateu no tronco da árvore. Um salto o colocou imediatamente para cima do galho onde estavam seus pertences. De posse da espada, notou que Lobo Fiel o encarava ainda taciturno.

- Menino, eu não sou seu inimigo até meu senhor dizer que sim. Apenas vá embora. Eles o matarão, não importando se estão servindo aos Amago ou não.

- Eu quero que eles venham. Vou matar Kasaioni.

- Se você o fizer, por favor me avise. Você fará um velho feliz. –  
Deu as costas sem medo das armas de Trovão.

A urgência em encontrar a mãe o impulsionou entre as árvores. Se eles tivessem a encontrado, ela estaria morta. Precisava vê-la. Sem ela o clã estaria acabado. O Céu de Adagas nunca renasceria. O coração quase parou quando a viu de pé no alto de um bordo. Caiu ao lado dela, afastando os galhos cobertos de folhas rosadas.

- Mãe, temos que fugir.

- Por quê?

- Parece que Okihisa está usando os Bruxos. Eles estão aqui para invadirem o castelo.

Ela olhou surpresa para o rumo dos homens se mexendo para entrarem em combate. Não pareceu assustada como ele.

- Quem conversou com você?

- Lobo Fiel.

Os lábios dela se expandiram com um sorriso alimentado por boas memórias.

- É um bom homem.

- Temos que ir, mãe. Eles podem descobrir as crianças.

A volta para o esconderijo foi longa na tentativa de evitar rastros. Chegaram cansados à clareira onde os garotos preparavam a comida. Para a raiva de Trovão, eles haviam desobedecido e acenderam o fogo para comerem algo quente. Alguns deles até haviam experimentado um pouco do saquê que Nuvem conseguira na última vila em que passaram.

- O que vocês estão fazendo? – ele berrou, chutando terra no

fôgo. – Vocês estão loucos. A gente tentando reconstruir o clã e vocês querendo se matar?

- Calma, Toha. A gente só queria comer. Vocês ficaram muito tempo longe – falou uma das meninas mais velhas.

- E o que isso tem a ver? Se a gente se afasta, vocês tentam suicídio?

Nuvem o puxou pelo ombro. O menear da cabeça indicava que não deveria continuar com os xingamentos. Restou-lhe cruzar os braços irritado e lançar o olhar vermelho que todos temiam. Pelo menos para aquilo a maldição lhe servia.

- Vocês nunca mais farão isso – falou Nuvem. – O próximo que fizer eu vou estripar com uma kunai.

Algumas crianças tremeram. Ela falava sério.

## Capítulo 7: Grilo Negro

A noite parecia amarga. Ao parar diante dos muros do castelo, Grilo Negro concluiu que aquele seria um dos dias azedos que o colocariam desanimado pelas semanas que viriam. As palavras de Vespa Sombria ainda ricocheteavam em seus ouvidos ecoando vários sinônimos de fracasso muito mais do que gostaria de admitir. Dia após dia era obrigado a conviver com isso. Eles falavam e falavam quando ele dava às costas. Vespa e Mariposa às vezes até soltavam ofensas precisas como adagas que cortavam os ouvidos de Grilo. Sorte contar com Besouro para o apoiar nesses momentos, talvez o único amigo dentro do clã que não fosse um sukoshi.

Parou em frente à muralha. O Castelo dos Doze Jardins era uma obra imensa junto à montanha. A encosta o protegia de ataques por boa parte do entorno. De difícil escalada, o local tornava o acesso complicado até mesmo para os ninjas. Aos samurais e soldados restava apenas parar em frente aos muros de mais de vinte metros de altura. Grilo parou próximo ao fosso, de joelhos e escondido sob arbustos. Mais à frente, um grupo de homens de Amago patrulhava em busca de fugitivos ou mensageiros. Passaram pelo ninja falando animadamente sobre como gastariam o dinheiro dos espólios com as melhores mulheres do Bairro das Flores Encantadas em Kakurega.

Mesmo um ninja como Grilo Negro poderia matar aqueles seis como se não fossem nada. Nem havia um samurai entre eles. Nada de guerreiros de elite, apenas homens do campo ou da cidade que se julgavam capazes da guerra. Havia gente que estava destinada apenas a morrer. Talvez fosse medo demais dos kami e sua fome insaciável que os levassem a participar da guerra. Qual era o papel fundamental deles além de serem trucidados pelos samurais no campo de batalha ou terem as gargantas cortadas pelos ninjas durante a noite? Talvez as guerras fossem mais fáceis se resolvidas em disputas menores e não com aqueles exércitos se movimentando e destruindo tudo.

- Está sendo simplista, Nori-san – diria Escorpião Negro. O irmão raramente concordava com ele sobre essas opiniões. Eram como

raposa e lebre quando se tratava de um debate. Não era preciso ser bom em metáforas para saber que Grilo era sempre a lebre.

Afastou os pensamentos das discussões eternas e olhou para o alto. Depois dos muros havia um mar de estrelas festejando nos céus de Ōkoku. Eram os olhos dos sora no kami ávidos para que as lutas começassem e os covardes e pecadores se mostrassem. Muitas almas seriam jogadas nos Vales dos Espíritos para a caçada.

Respirou profundamente e se concentrou. Vinte metros. Era uma escalada quase tranquila para um ninja bem preparado, mas enquanto subia por cordas ou se apoiando nas frestas, seria visto pelas patrulhas. Grilo sorria. Pular e correr... Chamou pelos poderes ensinados pelos mestres do Enxame de Máscaras. De repente, o corpo era tão leve quanto uma pulga, as pernas tão fortes quanto um dragão. Saltou rodopiando para cair sobre o muro. Tocou o chão com os pés e uma das mãos. Girou o rosto para os lados, vendo as sentinelas preocupadas demais com os gritos que vinham tanto de dentro quanto de fora.

“Sem matar”, pensou. Os Miyoshi não eram seus inimigos. Saltou de novo, rente às sombras da muralha para pisar na grama fofa de um dos doze jardins do castelo. O cheiro das tulipas e hortênsias inundou o nariz do ninja. Quem dera tivesse tempo para apreciar tudo aquilo. Passou a mão pelas pétalas macias das hortênsias. Akane teria gostado delas. Correria pelos jardins com aquele sorriso puro chamando por ele para acompanhá-la em mais uma aventura em seu mundo de fantasias.

Disparou uma corrida em meio às flores. Os pés apoiavam-se nas plantas frágeis sem que uma pétala sentisse a pressão do corpo do ninja. Era menos que uma abelha procurando por pólen. Era pouco mais que uma pulga saltando em busca de um novo alvo para parasitar. Agradeceu aos kami por não ter sido batizado com o nome de Pulga. Grilo já era inferior o suficiente dentro do Enxame de Máscaras.

Parou os pés subitamente. Shurikens ficaram-se em volta, despedaçando as hortênsias e fazendo o ar se colorir quando mais das lâminas voadoras giravam em sua direção. Dobrou o corpo para escapar

das primeiras e saltou para fugir das outras. Parou ainda no meio do jardim. Não havia defesa que fosse o leito raso de flores em que mal poderia se esconder. Atento, procurou pelos atacantes.

Nada. Nem uma sombra se movia. O ataque súbito de novos shurikens não o atingiu devido à concentração. Rodopiou em torno de si mesmo para escapar e deixou os próprios shurikens voarem. Algo pulou das sombras, uma silhueta sem dúvida feminina. Formosa, caiu a quase dez metros dele. Vestia um quimono totalmente negro, a não ser por pequenos brasões brancos. Grilo espremeu os olhos tentando entender como a mulher poderia ser tão ágil com as pernas presas na roupa. Percorreu as formas delicadas dela, vendo que os desenhos pálidos representavam espíritos falecidos das florestas, alguns deles de matas próximas às terras dos Miyoshi, todos destruídos recentemente sem que se soubesse o motivo.

- Você não é do Clã dos Destinos Inexoráveis – acusou, tentando perceber o que reconhecia no pouco da pele alva que não era ocultada pela máscara de pano. Os olhos esmeraldas dela eram hipnotizantes, tão belos quanto as mechas da mesma cor que se misturavam nos cabelos negros.

Obviamente ela não era do clã que servia aos Miyoshi. A mulher gargalhou diante da acusação idiota. Junto com o deboche, vieram outros shuriken. Grilo afastou-se deles com a mesma prontidão de antes, no entanto algo o acertou no ar. Sacou a ninja-to bem a tempo de deter parte da força do golpe. Pensou que a espada fosse se quebrar quando a longa lâmina da su yari se chocou. Percebendo a defesa, o atacante usou o cabo da lança para desequilibrar o salto de Grilo. Ainda no ar, atingiu uma joelhada dura contra a máscara do ninja do Enxame.

As costas do Grilo Negro bateram forte contra chão, esmagando as tulipas. Arqueou o corpo com a dor e rolou concentrando-se no combate e não nos pontos de impacto do ataque. Soltava o ar em golfadas profundas apontando a espada para os dois ninjas. Ambos estavam despreocupados.

- Enxame de Máscaras – comentou ela, com uma voz aguda que

não acompanhava a beleza dos olhos.

- Um imbecil. Dizem que lá só o Escorpião Negro vale a pena em combate.

- Enxame de Fracassados.

Riram com um deboche que não afetou Grilo tanto quanto as piadas e críticas de Mariposa e Vespa. A mulher sacou a katana. Deslizou o indicador pela lâmina apontando um sorriso meio escondido debaixo da máscara. Era estranho ver os lábios dela e apenas as íris esmeraldas no meio daquele tecido grudado na pele do rosto. De algum modo, as formas dela continuavam bonitas, mas era impossível identificá-la pelas feições.

A dupla estava esperando que algum ninja passasse por ali. Com certeza não imaginavam que seria Grilo. Talvez um bando inteiro ou Escorpião aparecendo para enfrentar qualquer criatura estranha à sua frente. Teriam que se contentar com um inseto sem ferrão.

Correram entre as tulipas e hortênsias sem apreço pela beleza do jardim. A espada da mulher arrancava as pétalas e as fazia voar. O cheiro se tornava cada vez mais inebriante. Distraiu Grilo por um segundo, tempo suficiente para que os pés rápidos como as trevas levassem a ninja de quimono até ele. O outro desaparecera. Grilo abaixou-se para escapar da katana da ninja. Contra-atacou sem sucesso pouco antes de rodopiar em torno de si mesmo já saltando para a esquerda. A su yari do outro adversário cortou a roupa de Grilo e a fina malha de metal logo abaixo, arrancando sangue de leve.

Mal os pés do ninja tocaram o chão, a katana veio para arrancar mais sangue. A su yari a acompanhava. Espada e lança avançando e atingindo lentamente, em pequenos golpes. E a força do ninja se esvaía.

- Esse é rápido – disse o homem quando finalmente o encantoaram na muralha.

- Então vamos matá-lo lentamente para ele aprender.

Riram juntos da piada como um casal apaixonado. Loucos. Ninguém deveria se unir para fazer piadas assim. E Grilo não morreria para idiotas com piadas tão ridículas. Até Mariposa sabia contar uma

piada melhor. Besouro era muito melhor do que aquilo.

A katana e a su yari começaram nova sequência de golpes até haver apenas muro e lâminas. Nada de escapada para Grilo. Sua chance aconteceu por milagre. O solo se agitou discretamente. O casal não percebeu, tão afofos estavam em transformar o alvo em um cadáver caído em uma poça de sangue. Foram pegos de surpresa quando raízes envolveram seus braços.

Grilo não era idiota. Nem bem viu a velocidade com que os dois já movimentavam as mãos para cortar as plantas que os prendiam, já saltou como pulga. No ar, bateu as pernas contra a muralha e praticamente voou pela escuridão da noite. Quando tocou o chão novamente, estava diante de um córrego. O ar saía cortante e a duros golpes do pulmão. Exausto e sem sentir ameaças em volta, retirou a máscara e enfiou as mãos no córrego para lavar o rosto e recuperar as energias.

- Juventude idiota – ouviu atrás dele.

## Capítulo 8: Shimazu Yoshihiro

A morte rondava a noite com uma frequência maior. O pior era que parecia dar uma especial atenção à Casa Miyoshi. Yoshihiro escorregou o pé pelo chão e travou as mãos na espada para firmar a base para o combate. À frente deles, Kasaioni o Amaldiçoado caçava com uma risada grossa e abafada pela máscara. Os braços cruzados não indicavam sinal de ataque. Até os daitengu pareciam mais ansiosos por combate do que ele.

- Amago Okihisa é um gordo desgraçado – falou Tsubasa. Apontou a ponta da katana para o ninja. – Contratou desgarrados para fazer seu trabalho sujo? Sobrou tão pouco assim do clã da Dança das Garras?

Kasaioni balançou a mão em sinal de deboche. Calado, avançou mais dois passos. Todo o bando recuou, exceto Tsubasa. Impassível, Shimazu Tsubasa não era homem de se deixar intimidar, muito menos por um ninja. Aqueles idiotas fantasiados não eram nada. Indignos de nomes e da luz, eles se resumiam a trevas a serem cortadas pelos Dragões.

- Vamos resolver essa situação, criatura do inferno.

Tsubasa começou o movimento com a espada e, então, o ninja já estava sobre ele. Parou rente ao corpo do samurai e os braços movimentaram-se para trás. Vieram para frente para baterem os punhos contra o estômago do adversário. O impacto gerou uma corrente de ar que cortou lâminas da grama e arremessou o samurai para trás. Yoshihiro mal conseguiu parar o corpo do irmão. Graças a um movimento rápido de Veneno, os dois não se chocaram com Chiyo.

- O desgraçado é forte mesmo – riu Tsubasa, afastando o irmão calmamente e rindo na direção de Kasaioni. – Mas isso de ficar empurrando as pessoas é coisa de menino do nariz catarrento. Samurais fátiam os outros.

Foi a vez dele. O vento parou por um segundo e a terra tremeu na direção do ninja. De repente, a espada de Tsubasa já atravessava o



ombro de Kasaioni. A máscara demoníaca apontava para o adversário e para a ferida, vendo o sorriso do samurai e o sangue transbordando calmo. Uma mão prendeu-se na katana do samurai e a outra o golpeou no peito de novo. Os pés de Tsubasa arrastaram-se para trás levantando pedaços de grama e terra. Parou com a espada pingando minúsculas gotas de sangue.

- O ninja sangra... Acha que é demônio, mas sangra como um camponês.

A ofensa não deveria afetar o líder de um bando de desgarrados. Kasaioni tocou a ferida e esfregou o sangue entre os dedos. Levou a mão à empunhadura da espada com a calma das montanhas. A lâmina deixou a bainha com a mesma paciência, deslizando lentamente com um assobio de morte. Os próximos movimentos foram como o vento veloz dos vales das sombras. A espada girou junto ao corpo do ninja. Quando o braço se estendeu, a lâmina já procurava o corpo de Tsubasa.

Yoshihiro viu o irmão se defender com o rosto tenso. De repente não havia mais a calma debochada do campeão, mas a testa enrugada e os olhos espremidos de quem se vê diante de um desafio. A tempestade de movimentos trocadas entre os dois acabou com samurai e ninja em lados opostos, de costas um para o outro. Kasaioni olhou para Yoshihiro e Chiyo. Riu e, no mesmo instante, uma das abas protetoras do elmo de Tsubasa caiu. Um leve esguicho de sangue a acompanhou mostrando o caminho para um corte raso no pescoço do samurai.

Os ninjas do Clã dos Destinos Inexoráveis saltaram imediatamente. Três sukoshi faleceram no mesmo instante quando Kasaioni moveu três vezes a katana, molhando-a com o sangue dos inimigos. Atrás dele, Tsubasa gritou em fúria e voltou a atacar, banhado pelo sangue dos sukoshi que ainda cambaleavam para se tornarem mais cadáveres gerados pela Família dos Bruxos. Kasaioni saltou para trás, passando por Tsubasa. Preparou um golpe fatal contra a nunca do samurai.

- Não! – gritou Yoshihiro, colocando em ação suas energias para interceptar o ataque. A katana do Dragão do Céu interrompeu o destino

da arma do ninja. Junto dele, Veneno e Punhal atacaram. Seus shuriken voaram implacáveis, um bateu na máscara e se desviou. Os outros fincaram-se no corpo do ninja.

Assim Yoshihiro, Veneno e Punhal pararam. Kasaioni ainda caiu de pé entre eles, cravejado com os shuriken dos Destinos Inexoráveis, ele ofegava.

- Não vai resistir ao envenenamento – sussurrou Veneno Inescapável. – O grande Kasaioni morto. Nunca pensei que eu teria o prazer de testemunhar isso. E ainda por minhas mãos.

Tsubasa apareceu entre eles, empurrando os ninjas. Chiyo vinha um pouco atrás cercada pelos sukoshi. Em volta deles, daitengu e kotengu fixavam famintos olhos de aves. Seus pés esfregavam-se ansiosos na grama.

- Não deveriam ter interferido, ninjas. Cabe a mim vingar a morte de meu senhor.

- Precisamos fugir, irmão. Chiyo ainda está viva e precisa ser salva – interferiu Yoshihiro.

- Não conseguiremos fugir. Estamos cercados, irmão – salientou o Dragão da Terra, mostrando os tengu em volta. – Ninjas, deixem de ser imprestáveis e me respondam. Por que os tengu estão caçando aqui no Castelo dos Doze Jardins? E por que esse ninja demoníaco está com eles?

O silêncio permeou a área de combate. Só de longe ouviam os gritos, depois dos muros, dos homens que enfrentavam as tropas dos Amago. Kasaioni levantou a espada com dificuldade usando apenas a mão direita. Com a esquerda, desenhou sinais no ar que colocaram os servos da Casa Miyoshi em guarda.

- Havia rumores sobre a Família dos Bruxos – começou Veneno. – Nunca pensei que fossem verdadeiros.

- Pare de murmurar besteiras e fale logo – exigiu Tsubasa.

A risada abafada de Kasaioni travou a conversa do samurai e da ninja. O líder dos Bruxos endireitou a coluna. O peito já não se movimentava mais tão pesado para puxar o ar. Apesar de a fraqueza ainda ser nítida nos movimentos, era claro que o veneno não lhe tolhia

as energias.

- Os tengu são meus. É meu direito agora ditar as leis entre os ninjas e eu digo que todos aqueles que não me servem estão fadados à morte. – A voz era firme como a de um pai autoritário com notas graves encantadas com o sussurro das trevas.

Os pelos dos braços de Yoshihiro se eriçaram. A nuca se arrepiou lentamente com as palavras do ninja adversário. Ao lado dele, Veneno e Punhal recuaram um passo. Seus olhares passavam pelos tengu, vendo as criaturas empoleiradas nas árvores mais próximas ou agachadas na grama, apenas esperando o bote.

- Nós não vamos sobreviver – comentou um dos sukoshi.

- Odeio ninjas – disse Tsubasa. – Imprestáveis se não estão fugindo ou assassinando nas trevas. Isso acaba agora. Saia daqui com a senhorita Chiyo, irmão.

- Tsubasa... – gaguejou Yoshihiro, pousando a mão sobre o ombro do outro samurai.

- Vá embora com ela. Vou matar esses corvos das trevas e depois levo a cabeça desse bruxo para você.

Mexeu de leve o ombro, livrando-se do irmão. Girou a espada logo à frente e a fincou na grama, chamando todas as forças das terras que por tanto tempo sua família ajudara a proteger como servos da Casa Miyoshi.

- Meu nome é Shimazu Tsubasa, sexta geração dos Shimazu jurados aos Miyoshi. Não será hoje que minha família falhará em sua promessa. Tengu, ninja, Amago, sejam vocês quem forem, minha katana cortará sua carne, meu golpe fatiará seu espírito, minha força destruirá sua audácia em tentar nos vencer.

A terra tremeu. Pés tentaram se firmar. Tengu se agarraram às árvores ou saltaram para encontrar menor ameaça no vento. Esses últimos foram os primeiros a morrer. Os joelhos dobrados de Tsubasa explodiram em ação. No alto, a espada girou cortando os corvos envoltos em trapos. Vespas, abelhas e mariposas se espalhavam no caos do ataque. Espadas se partiam e cada vez mais dos tengu desapareciam deixando apenas os vermes que os compunham.

Quando Tsubasa tocou o chão, haviam quase nada daquelas criaturas demoníacas. Restavam apenas agora aqueles cinco de olhos diferentes. Eles cercaram o samurai, percebendo qual era a verdadeira ameaça e quem deveriam derrotar caso quisessem realmente ter a última dos Miyoshi.

- Vamos – chamou Veneno Inescapável, puxando Yoshihiro.

- Meu irmão...

- Aqueles são os Cinco Olhos da Morte. Se alguém pode derrotá-los, é Shimazu Tsubasa. Pra gente, resta correr – comentou ela.

Houve um traço de raiva no rosto de Yoshihiro. A hesitação passou quando Chiyo grudou-se em seu braço em lágrimas. Ela já perdera demais aquele dia. Era hora de partir. Assim eles se foram, correndo pela grama rumo a Gruta, onde encontrariam o restante dos ninjas do clã dos Destinos Inexoráveis.

## Capítulo 9: Verso Triste

- O que eu sempre digo sobre idiotas?

A voz da Velha carregava a rouquidão da velhice. O desgaste do tempo era óbvio no tom sem perder a força que rebatia nos ouvidos com a autoridade de anos de experiência. O ninja próximo ao córrego recolocou a máscara depressa e enfiou a mão entre as roupas a procura de shuriken.

- Que são os primeiros a morrer e se não são é porque foram poupados por alguém que consegue ser idiota e piedoso ao mesmo tempo – murmurou Verso Triste, incerta do que a resposta significava para o ninja.

Ele era bonito, apesar do olhar tímido e assustado. Algo nele a atraiu naquele momento. Seria uma pena matar aquele coitado.

- Péssima mistura. Se será um idiota, ao menos não seja piedoso.

A Velha estendeu a espada para o pescoço do ninja e o fez levantar-se lentamente. Os olhos dele giravam debaixo da máscara sem encontrar um caminho de fuga. Estava claro que uma mera esquiva não impediria que o sangue esguichasse farto do pescoço com um mero movimento da mulher idosa que o ameaça. Verso Triste não o julgou tão idiota assim. Muitos olhavam para a Velha e se perdiam no meio daquelas rugas de preocupação que inundavam seu rosco. Os longos cabelos brancos trançados com tanto cuidado não ajudavam em nada a criar uma aura de intimidação, mas apenas aumentavam a percepção de fragilidade daquele corpo franzino.

Se havia alguma ameaça estava nos olhos dela, repletos de sabedoria implacável. O ninja do Enxame de Máscaras deve ter percebido isso. Parou resignado, com certeza pensando em seus últimos minutos de vida.

- Qual seu nome, idiota?

- Grilo Negro – ele respondeu com a naturalidade de quem está acostumado com o insulto.

- Enxame de Máscaras?

- Sim.

- Aconselho a sumirem daqui o quanto antes. Esse não é lugar para vocês. Quem está os liderando?

Silêncio.

A Velha fungou irritada.

Verso Triste olhou em volta, procurando por ameaças. Havia tengu por ali e eram apenas as duas para se protegerem contra clãs de ninjas, grupos de samurais e tengu, todos procurando por morte.

- Escute aqui. Se você é Grilo Negro, é filho de Zangão Negro. Ele veio ou enviou seu irmão? Fale, se não abro sua cabeça e sugo todo o conhecimento do seu cérebro e ainda espalho para o mundo sobre todos os pensamentos idiotas que já teve sobre qualquer vagina ou pênis.

A Velha realmente sabia ameaçar.

- Meu irmão veio.

- Família de idiotas. Sumam daqui enquanto é tempo e avise seu pai para manter o Enxame de Máscaras no Ninho. Não saiam. Há algo mais acontecendo além de uma guerra entre Amago e Miyoshi. Avise que Kasaioni tem o poder dos tengu e os Bruxos não pouparão ninguém. Não é à toa que outros clãs estão silenciosos. Eles já tiveram seus encontros.

O ninja meneou a cabeça concordando timidamente. Havia hesitação nele, principalmente ao ver como a Velha o encarava com a testa franzida, pronta para matar.

- Agora suma, Barata Fedida.

E ele sumiu.

Verso Triste observara calada a conversa. Os olhos púrpuros meio escondidos debaixo do véu tentaram ler o rosto da mestra. Nada além de um olhar incomodado para o ambiente.

- Prenda melhor esses cabelos.

Assim ela obedeceu, mesmo que já estivessem bem presos. Os longos fios negros com pequenas mexas roxas nunca estavam soltos. Eram sempre uma trança finamente presa na roupa para não balançar durante os combates.

Sem mais, a Velha disparou pelos jardins. Acostumada com os modos bruscos da mestra, Verso Triste seguiu. Pararam no Jardim das Glicínias, misturando-se em meio à relva. Um grupo de ninjas discutia agachado, traçando um mapa no chão. A maior parte era composta de sukoshi. Pela postura, apenas dois deles eram ereto, uma mulher e um homem. Ela não usava máscara, somente tatuagens em forma de flor. Ele estava coberto por uma malha de anéis de aço meticulosamente trançados. Discutiram por um segundo antes que o ninja se afastasse com metade dos sukoshi.

- Saque sua adaga. Uma morte rápida.

Verso Triste assentiu. A Velha trançou os dedos e desenhou no ar. O vento aumentou levemente e pequenos brilhos alertaram sobre o que ela pretendia. Um dos sukoshi percebeu ao notar aquelas pequenas estrelas na escuridão do jardim. A líder do grupo começou a se virar, mas então as espadas tomaram forma, girando em torno de si mesmas. A distância entre as lâminas e os pescoços dos sukoshi foi o mesmo que nada. Se em um momento havia um tufo de aço místico em volta da Velha, no outro havia cabeças a menos sobre os ombros dos ninjas dos Destinos Inexoráveis. Só a líder escapou com um salto para afundar os pés na lama ensanguentada que se formou entre os cadáveres.

Verso Triste já estava lá. Emergiu do mar de sangue passando um braço pelo pescoço da mulher. O outro cravou a adaga nos músculos duros, procurando pelas veias. Ao romper os vasos, deixou-a sangrar surpresa. Quando a resistência cessou, largou o corpo com um pouco de pesar que não a incomodou como aconteceria antes do treinamento com a mestra.

A Velha se aproximou paciente, pisando sobre cadáveres e sangue sem se impressionar. Ajoelhou-se diante do corpo da mulher. O sangue subiu pelas roupas, sujando-a de vermelho intenso. Impávida, retirou uma adaga da cintura e iniciou murmúrios profanos que fizeram um calafrio tamborilar pela coluna de Verso Triste.

As palavras diabólicas continuaram enquanto ela cortava o peito da falecida. Afastou a pele delicadamente com os dedos e enfiou a mão

no tórax. Lá ela ficou por um tempo enquanto os murmúrios aprofundavam-se. Calou-se só quando retirou o coração. O órgão pulsava vivo e brilhante sem se importar com a ausência do restante do corpo. Batia em busca de vida expelindo gotas de sangue. A Velha o embrulhou em um saco de seda e o guardou em uma bolsa.

De pé, sem se importar com o sangue na roupa, ela olhou em volta.

- Acabamos no momento certo – disse ela, desaparecendo.

Mulher maldita com seus sumiços repentinos! Verso Triste quase não conseguiu se desviar do corpo coberto por penas que voou pelo jardim, trombando com uma árvore. Pouco depois, mais dois deles vieram, arremessados com tanta força que deslizaram arrancando a relva. Uma dupla fugiu, parando junto aos que estavam no chão para então observar o caminhar decidido de um samurai. Vinha com a armadura repleta de shurikens, sangrando fosse das lâminas enfiadas no corpo ou de cortes no rosto.

Naquela hora, Verso já estava escondida junto da Velha. Pararam para observar o combate. As rugas no rosto da mestra dobraram em intensidade. Os olhos felinos avançaram atentos sobre a cena.

- São os Cinco Olhos da Morte – sussurrou ela.

- Esse samurai nunca vencerá cinco daitengu... ainda mais esses... – completou Verso Triste. A Velha falara daquelas criaturas várias vezes. Houve momentos em sua vida em que Verso acordara em prantos ao sonhar com aqueles seres, principal com o Vermelho e o Azul, os mais perversos e poderosos deles. Agora o samurai os enfrentava como se estivesse diante de cinco sukoshi mal treinados e assustados.

- Esse é o Segundo Dragão, Shimazu Tsubasa, o Dragão da Terra. Assista, menina parva.

Ela assistiu o vento ser partido, a terra tremer de medo e o fogo se apagar acuado. O samurai era um dragão devorando montanhas e rompendo os céus. A morte não era um limite enquanto girava a espada. Se kotengu apareciam para ajudar seus mestres, eram



estraçalhados. Um deles saltou diante do daitengu com um olho amarelado para impedir que o guerreiro o partisse ao meio. O tengu pulou para longe vendo o outro ter o tórax decepado com um golpe só. O daitengu de olho vermelho tentou um novo ataque. Voou em um turbilhão, girando corpo e duas katanas. Era uma mancha negra envolta pelo metal brilhante sob o luar.

- Desvie – sussurrou Verso Triste. Sabia que deveria torcer para o samurai, pois havia pouca coisa no mundo que odiava mais do que um tengu. E qual ninja não odiava aquela raça maldita, que talvez enojasse até os kami?

Tsubasa recebeu o ataque. Os samurais não lutavam se desviando como os ninjas. Aparavam, escapavam, mas suas técnicas especiais estavam focadas em receber os ataques com força bruta. O muro de um castelo não se desviava para proteger seu senhor, ele suportava os golpes e jurava nunca cair.

O choque entre daitengu e samurai acabou mal para a criatura. Tengu Vermelho foi arremessado pela grama. As espadas voaram em direções opostas. Quando se levantou, havia um grande corte em seu olho vermelho. Não sangrava. Apenas estava fechado com a ferida exibindo a carne estranha. O olho bom, negro, apontava para o samurai.

Tsubasa deteve o ataque da Tengu Rosa. Essa última era uma fêmea. Tinha formas femininas misturadas às de ave. Veio de cima com a nagamaki apontada para a cabeça do samurai. Tsubasa deu dois passos para a esquerda e a deixou fincar a enorme lâmina da espada de duas mãos se fincar na terra. Acertou uma cotovelada violenta no bico da criatura abrindo espaço para estocar. Graças à velocidade assustadora, a Tengu Rosa impediu que a lâmina do Dragão da Terra encontrasse seu coração, deixando que atravessasse o ombro e saísse partindo ossos, carne e penas.

Tengu Azul salvou a colega da destruição ao emergir da terra com a duas kama mirando os joelhos do adversário. Tsubasa girou as mãos e fez um arco com a lâmina para baixo, aparando as duas foices antes que encontrassem seus destinos. Chutou o bico do tengu,

fazendo-o voar na direção oposta. Outra fêmea quis se aproveitar da distração. A Tengu Verde foi igualmente incompetente ao tentar acertar o samurai com suas sai. As armas eram compostas por três lâminas paralelas, sendo as duas externas bem menores, mas suficientes para usar em golpes de desarme ou para perfurar. Verso viu quando a tengu tentou travar um sai na katana de Tsubasa e usar o outro para alcançar o coração.

O samurai viu claramente a estratégia. Naquela noite de armas que voavam insanas e espíritos assassinos que eram surrados por um único samurai, Verso Triste não pode se surpreender quando Tsubasa moveu a katana de modo a travar a arma junto às duas armas da tengu. Girou os pulsos e de repente ela estava de mãos vazias. Um chute a jogou no chão. A katana brilhou na noite ao descer impiedosa. Tengu Verde esquivou-se depressa, mas a velocidade não impediu que a mão fosse decepada.

Assim os Cinco Olhos da Morte falharam na principal tentativa de matar Shimazu Tsubasa. Em volta deles, vermes de todos os tipos remexiam-se em meio aos trapos, todos restos de kotengu já tombados. Muitos nadavam no sangue dos sukoshi que a Velha decapitara. O samurai andava entre os cadáveres dos ninjas, observando os mortos sem tirar a atenção dos inimigos ainda de pé.

- Vocês são apenas isso? Ninjas são patéticos. Como podem temer vocês?

Os cinco Tengu saltaram juntos. Suas mãos enfiaram-se nos trapos escuros e soltaram um enxame de shurikens. O vento se encheu de lâminas. Muitos foram afastadas pela katana, outras se detiveram na armadura. As que atravessaram afundaram tanto na pele que fizeram o samurai se ajoelhar. Assim que tocaram o chão, os tengu pegaram as armas de novo. A vitória estava nítida em suas posturas quando prepararam o avanço. Ledo engano. Mais uma vez, foram afastados das piores maneiras possíveis. No fim, estavam de novo distantes e relutantes em um círculo, apenas salvos por ajudarem uns aos outros.

- Se o Dragão do Céu estivesse aqui, eles estariam perdidos – comentou Verso Triste.

- Não...

O murmúrio da Velha foi acompanhado de outra chuva de shuriken. O barulho de lâminas sendo afastadas, ricocheteando ou penetrando na pele era nítido nos ouvidos sensíveis de Verso, mas o que a chocou foi o som de dor que saiu da boca do samurai. Ela mal notou o que ocorreu, mas, de repente, pequenos cometas voaram para atingirem o samurai. Bateram contra as defesas de Tsubasa e explodiram, envolvendo-o em chamas fantasmagóricas. De joelhos, o homem fincou a espada na terra. O rosto estava coberto de tensão quando gritou extravasando o ki. A energia percorreu o corpo, passou pelos braços e escapou pela espada para a terra.

- Desgraçado. Apareça! – O samurai arfava. Procurou por inimigos em volta. Os olhos se fecharam por um momento. Ouvia o mundo. Sentia a terra. Riu desafiador. – Venha. Vamos acabar com isso.

Não houve tempo para deliberações ou dor. Mais sombras se movendo. Tsubasa levantou-se para aparar o golpe. Espadas se chocaram em meio a um brilho avermelhado surgido da sombra contra energias amareladas vindas do Dragão da Terra. O jardim se iluminou por segundos expondo os cadáveres e os vermes que se refestelavam no sangue.

A escuridão voltou. Sob o luar, Tsubasa riu mais uma vez. Baixou a espada e olhou para a lâmina se separar lentamente com a ponta ficando no chão. O corpo balançou de leve.

- Os Três Cortes do Demônio Vermelho – explicou a Velha mais impressionada do que era de sua natureza.

Nem bem a última palavra saiu dos lábios da ninja idosa, o sangue vasou primeiro do ombro do samurai. Partiu em um jato como se estar naquele corpo fosse motivo de desespero e escapar sua maior vitória. O segundo corte surgiu na barriga, agora mais calmo, mas trazendo consigo vísceras que passaram devagar pela abertura. Por fim, o elmo se abriu e um pedaço da face se separou tão lentamente que parecia lamentar a ida. O corpo continuou de pé por mais um segundo, sem perceber que a morte já estava sobre ele. Quando caiu, os tengu já

estavam sobre o samurai, com os bicos afundando na carne e engolindo pedaços grandes do cadáver fresco.

Mais distante, um ninja com máscara de demônio embainhava a katana. Manteve a postura rígida até finalmente ceder à fraqueza e cair de joelhos. Pouco depois, surgiram dois outros. Era os mesmos que haviam atacado Grilo Negro.

- Vamos embora. Depressa.

Escaparam em silêncio. Só quando estavam nos muros olharam para trás, os rostos mascarados brilhando sob o luar.

- Quem era aquele, senhora?

- Kasaioni o Amaldiçoado.

- Como a senhora sabe o nome dele? – questionou surpresa.

Quantos ninja tinham seu nome público assim?

- Hoje em dia, qualquer um que saiba o que realmente significa medo sabe o nome de Kasaioni o Bruxo.

## Capítulo 10: Escorpião Negro

Menos um sukoshi da Dança das Garras. Escorpião evitou pisar no cadáver ao tempo em que caminhava pelo campo de batalha. A kusarigama girava na mão aguardando os olhos encontrarem o próximo alvo. Lutar contra aqueles ninjas era mais fácil do que o sofrimento de encontrar com tengu.

A emboscada funcionara bem contra aquele grupo da Dança das Garras. Vespa Sombria os encontrara vigiando as redondezas para evitar fugas. Seis sukoshi e um erito tentaram se proteger como feras acuadas, mas foram tombando como gatinhos diante de um arqueiro. Besouro e Mariposa agora tentavam lutar contra o único ninja que sobrara. Esse era habilidoso. A naginata parecia mais leve que uma adaga nas mãos dele. Um giro levou o cabo contra o peito de Mariposa a ponto de jogá-la rodopiando pelo chão. Solto uma mão da arma para segurar Besouro Azul pelos cabelos. Prensou a cabeça do ninja contra a árvore com um movimento súbito que quase rachou a máscara.

A mão levantada de Escorpião Negro impediu Vespa Sombria de se intrometer na luta. A partir de agora, ele resolveria. Observou Urso Soturno bater a cabeça de Besouro mais duas vezes contra a árvore. Aquilo era suficiente para manter o imbecil calado por algumas horas. As piadas saturaram boa parte da paciência de Escorpião. Sem Grilo Negro perto para distrair Besouro, ele perdia tempo demais tentando ser divertido com os outros, principalmente com as mulheres. Arremessou a bola de aço da kusarigama contra o braço de Urso. A força do impacto liberou Besouro Azul para cair desacordado no chão.

- Urso Soturno, não é?

- Sim... Escorpião Negro?

- Sim.

Ficou satisfeito por ter o nome reconhecido por um guerreiro competente como Urso Soturno. Não era lá uma satisfação que um ninja deveria ter. O bom assassino não tinha fama! O problema era como não ter seu nome espalhado pela rede de espionagem que percorria Ōkoku. Os clãs conversavam entre si com frequência. A

informação era moeda mais preciosa do que o ouro para os shinobi. As histórias sobre os guerreiros mais poderosos acabavam circulando e dando origens a grandes boatos ou a desafios em torno de campeões das sombras.

Escorpião Negro preferia enfrentar Lobo Fiel, um dos melhores espadachins entre os ninjas. Seria a oportunidade de sacar a katana e mandar a arma de volta para o samurai Yamanaka Yukimori dentro do corpo de um de seus melhores amigos. Os Amago precisavam experimentar um pouco do sabor amargo da derrota. Havia se acostumado demais com as vitórias recentes do daimyo.

- Vamos começar? – perguntou Urso.

- Depois de hoje, quem sobra do seu clã? Tigre Sensato, Rato Furioso e Lobo Fiel?

- Arrogante.

Não era arrogância. Escorpião aprendera a lutar com os melhores mestres. Seu esforço desde pequeno fora maior do que qualquer ninja em treinamento. Era mérito dele estar ali anunciando a morte precoce de Urso Sensato. Os kami entenderiam isso. Os três meikai no kami compreendiam que, para se tornar um campeão no meio da Escuridão, era preciso autoconfiança.

Urso superou a distância entre os dois a passos longos terminados com um golpe horizontal da naginata. O movimento tinha uma violência bela, mas era previsível. Escorpião deixou a lâmina passar a centímetros do abdome. Suspeitava do próximo ataque e deixou que viesse. Urso jogou-se sobre ele mirando o cabo da arma no peito do adversário. O ímpeto o levou para frente sem acertar nada. Escorpião já havia ascendido sobre ele girando a kusarigama. A bola de aço arrebitou-se no crânio do ninja. Os pés do homem vacilaram à medida que o sangue escorria do osso partido.

- Seu clã deixará de existir. A Escuridão tem anunciado sua desgraça, Urso.

Ele ainda tentou se virar. Mais uma vez, Escorpião girou a kusarigama, agora na horizontal sobre a cabeça. Liberou a corrente aos poucos com o objetivo explícito. A foice acompanhou o giro destinada

a se enterrar no pescoço do inimigo. Grogue pelo último ferimento, Urso viu tarde demais a aproximação. O enfiar da lâmina na carne calou suas últimas palavras. O corpo pendeu para o solo junto com a corrente.

- Ele era um bom guerreiro – comentou Vespa Sombria, embainhando a espada junto do líder do grupo.

- Muito previsível.

Escorpião aprendera a lutar contra guerreiros grandes, principalmente contra samurais. Estripara alguns dos campeões de alguns daimyo desde que iniciara a carreira como erito. Cada experiência o ensinava um pouco sobre as estratégias de ataque de homens que confiavam mais na força do que na velocidade.

- Acha que seu irmão conseguiu?

Esperava que sim. Grilo precisava executar a missão para conseguir mais confiança em si mesmo. Queria que ele se tornasse um dos grandes do clã com um renome precioso como o de Mariposa. Só faltavam esperanças de que ele um dia pudesse almejar uma posição como a do pai. Escorpião imaginava que um dia ele e a irmã alcançariam esse nível, mas não tinha ideia se poderia fazer o caçula galgar os mesmos degraus. Ele precisava de confiança.

- Ele vai conseguir.

Cabia a Escorpião cuidar da família. O pai quase não saía mais para trabalhos em campo. Agora sua vida era treinar os mais novos ou auxiliar a líder do clã em suas decisões. Escorpião acolhera a nova tarefa com orgulho. Gostava da responsabilidade de proteger os outros com o poder que vinha adquirindo ao longo do tempo. Ao fim do dia, sorria ao saber que ajudara alguém ou ensinara uma nova técnica.

- Você confia demais nele, Ryoichi – acusou Mariposa.

- Também acho – concordou Vespa. Ela estava com um mal humor ainda pior do que o normal desde que partiram para a missão. Raramente descontava algo em Escorpião, portanto sobrava para Grilo Negro ser o criticado e para Besouro ser xingado.

- Vocês duas são duas gralhas velhas! – interrompeu Besouro Azul. Retirou a máscara, expondo o rosto cortado. Marcas arroxeadas

começavam a deformar a face. – Grilo vai voltar para calar esses dois bicos velhos. Vão casar nunca vivendo só de reclamar e criticar.

Ele já estava falando. Mexia no maxilar machucado e continuava a tagarelar sem perspectiva de término. Escorpião levantou a mão pedindo silêncio.

- Precisamos nos concentrar na batalha que virá. Temos tengu, temos outros clãs e ainda nem sabemos como ficará nossa relação com os Destinos Inexoráveis.

Trocou olhares com Vespa Sombria. Era impossível decifrar as emoções dela debaixo da máscara. Podia imaginar aqueles olhos negros com pequenos veios roxos pedindo explicações sobre como as coisas seriam dali para frente. Ela o chamara para conversar antes de partirem, mas a urgência de alcançarem os Destinos Inexoráveis antes do ataque da Casa de Amago os impediu de esclarecerem tudo.

Foi uma pena. Tanta correria para saber que sem o suporte de Gorou, os Miyoshi recuaram ainda mais até ficarem encurralados no próprio castelo.



## Capítulo 11: Shimazu Yoshihiro

A pior noite de Shimazu Yoshihiro ainda insistia em continuar quando alcançaram o Jardim das Cerejeiras. Uma nuvem negra ocultava a lua, escurecendo o caminho. Mal conseguia enxergar onde colocava seus pés.

Agora eram apenas ele e Chiyo. Veneno e Punhal, juntamente com os sukoshi, haviam ficado para trás para deter os tengus e os ninjas da Família dos Bruxos. Restavam somente os dois quando seus pés tocaram a terra fofa do jardim e viram as flores de cerejeira. O ar estava perfumado e pacífico. Nem os sons de batalhas os alcançavam tão no interior do castelo, naquela ilha de paz onde tanto Yoshihiro quanto Chiyo brincaram durante boa parte da infância. Ali ela aprendera a meditar e a ouvir o mundo, enquanto ele empunhara uma katana de verdade pela primeira vez.

- Temos que ir para a Gruta agora – alertou ela.
- Não sabemos aonde é. Vamos esperar Veneno.
- Veneno vai morrer, Yoshihiro-san.

Ela o puxava para o meio das cerejeiras, na direção do Lago Plácido. O samurai se deixou levar. Pareceu a ele que andavam sem rumo, mas permitiu-se ser puxado pela mulher. Sem o irmão, sem Veneno, tudo o que lhe restava era Miyoshi Chiyo. Sem ela, seria um ronin, jogado às traças pelo mundo com uma espada sem motivo para ser erguida. Já vira alguns desses. Bêbados ou criminosos que caminhavam entre as vilas praticamente mendigando e vendendo suas lâminas por qualquer migalha.

Chiyo parou por um segundo. Os olhos azuis dela perscrutaram o ambiente. Uma mão segurava o braço do samurai e a outra se apoiava em uma cerejeira, procurando marcas pela árvore.

- É por aqui.

Começou a puxá-lo mais uma vez.

Uma gota de sangue caiu sobre a mão dela. Mais uma no braço. Depois disso, muitas outras desceram das cerejeiras. As flores começaram a cair quando os galhos balançaram. Logo acima, sombras

trocavam golpes de espadas entre as árvores. Foi então que a nuvem sumiu e o luar revelou o desastre. Dezenas de corpos estavam nas árvores, alguns presos aos galhos pelas próprias espadas e lanças, outros repletos de shurikens rompendo a pele. Sangravam, tingindo de vermelho macabro os recém-chegados. Aquele chuvisco leve e vermelho fez Chiyo arregalar os olhos. Com as mãos na boca, encolheu-se nos braços do samurai.

As árvores balançavam cada vez mais. Sombras saltavam e, a cada movimento, mais do sangue vazava para o solo. Uma das figuras tombou no meio das árvores. Ensanguentada, retirou a máscara ninja para tentar recuperar o fôlego.

- Aquele é... – começou Chiyo.

- O líder dos Destinos Inexoráveis.

O homem lançou um olhar desesperado para os dois. Apontou uma mão ensanguentada.

- Corra, Chiyo-dono. Ele vai nos matar. Ele... – começou o homem com um olhar assustado.

Outra figura pulou sobre o ninja ferido. Quando parou, estava com a katana atravessada no pescoço do adversário. Arrancou a arma devagar voltado para os dois recém-chegados. O corpo estava coberto por trajes completamente negros. O hitatare e a hakama estavam encharcados com o que só poderia ser sangue. Nem a calça nem a blusa resistiram a todas as mortes aquele dia. O rosto era coberto por uma máscara metálica pintada com chamas vermelhas, amarelas, brancas e negras. Não havia abertura para os olhos.

- Inferno – disse Chiyo. – Não faça isso...

O ninja começou a andar na direção deles.

Chiyo agarrou-se ao samurai. As mãos macias dela passaram pelo pescoço dele e a cabeça se afundou no peito.

- Yoshihiro-san, jure-se a mim agora. Ele vai nos matar.

A caminhada tranquila do ninja continuava.

- Não faça isso, Shimazu Yoshihiro. Apenas selará desgraça e morte. Vá embora e viva.

Viver. Qual vida o samurai tinha sem um mestre? Era um

fantasma que perambulava por Ōkoku. As lágrimas de Chiyo escorreram em seu pescoço. Apertou o abraço e depois se separou, deixando apenas as mãos lisas sobre a face dele.

- Proteja-me, Yoshihiro-san.

- Sim. Eu juro seguir o caminho de minha família. Defenderei a honra de seu pai ao servi-la. – Afastou-a e levantou a espada. Os dedos se ajeitaram na empunhadura. – A senhora é a honra de Miyoshi Hachiro e, por ele, juro que morrerei antes que nossos inimigos a desonrem.

Assim seria. Sentiu que, atrás dele, Chiyo respirava aliviada. Novas forças brotaram em seu ser ao renovar a promessa. Não falharia como ocorrera com Tetsuo. Estava ali para matar enquanto estivesse sob sua responsabilidade manter Chiyo viva. Só os kami o parariam agora.

- Você erra, samurai – falou o ninja, com a voz grossa abafada sob a máscara. Agora estava parado sob uma cerejeira. Acima dele, três cadáveres gotejavam sangue. Uma gota vermelha caiu na máscara e desceu lentamente pelos desenhos de chamas.

- Erro? Isso é erro! – gritou Chiyo, apontando para os corpos. – Cale esse homem, Yoshihiro-san... Cale-o para sempre.

Por um leve momento, os ombros do ninja caíram. Balançou a cabeça cansado.

- Vamos lutar então – concluiu.

Yoshihiro chamou pelas energias mais poderosas que podia captar. Lembrou dos ensinamentos do pai e do irmão, quando era sistematicamente surrado por ambos para aprender a ser um samurai de verdade. Nem os cuidados da mãe durante a noite saravam as feridas das duras lições do dia. Ainda assim, depois de muito choro, ele aprendera a se levantar cedo em todas as manhãs para os novos treinos.

Nada lhe dava mais forças do que ver Chiyo aparecendo com uma flor de cerejeira para colocar em seu quimono. Era para dar sorte, ela dizia. Quando chorava, mais tarde, ele às vezes esmagava as pétalas com raiva, pois nunca funcionavam para vencer Tsubasa. Um dia, quando parou de derramar lágrimas com pena de si mesmo, aprendeu

que não estava ali para que uma flor o protegesse. Jurou que não deixaria que aquela flor dentro de suas roupas perdesse uma pétala sequer. Foi mais uma vez surrado como um filhote de pombo diante de um falcão, só que à noite, a flor ainda estava inteira. E ele não chorou. Somente riu ao devolvê-la para Chiyo e a ver corada de felicidade, com os estranhos olhos azuis fixando-se nele como diante de um herói.

Shimazu Yoshihiro aprendia dia após dia o que significava ser irmão, samurai, guerreiro. Diante daquele inimigo que já vira tantas vezes no castelo, sobre o qual ouvira tantas palavras de admiração até do pai de Chiyo, ele teria uma nova lição.

As espadas se chocaram. Katana contra katana. A arma do ninja tinha uma empunhadura completamente negra terminada em a cabeça chifrada e maligna de um oni. Esquivar, aparar, contra-atacar... voar contra uma árvore com o peitoral dilacerado e o elmo destruído. Ao sentir as costas se arrebatando contra o tronco da cerejeira, Shimazu Yoshihiro aprendeu o quanto era difícil manter uma promessa.

## Capítulo 12: Grilo Negro

Seus ouvidos sensíveis captavam bem os gemidos de morte. Percebiam até como as lâminas cortavam finamente a pele, penetrando até liberar o sangue ou exaurir a vida. Aquilo lhe enchia de calafrios e o mantinha agora escondido entre os galhos de um pinheiro vermelho. Tentava decidir o que fazer de modo que o clã não o culpasse mais uma vez por hesitar ou destruir o pouco de respeito que um ninja poderia acumular na vida. Queria apenas o melhor para todos enquanto captava os piores sinais de luta por toda parte.

- Vou mandar uma mensagem – sussurrou para ninguém em especial, apesar de sempre imaginar Akane quando falava sozinho. Pensou no que ela diria e a Akane imaginária aconselhou a avisar logo os outros e seguir seu caminho, pois sua presença era necessária ali bem próxima.

Retirou um grupo de grilos ressecados das roupas, depois um pequeno cantil preto. Recitou palavras mágicas ao furar o dedo com uma mordida. Sentindo a dor e imaginando como o irmão conseguia fazer aquilo sem se preocupar com o ferimento, misturou o sangue no cantil. Derramou o líquido sobre os insetos mortos e observou. Aos poucos começaram a inchar. Faltavam pernas em alguns, olhos em outros, mas remexeram-se desengonçados e encorpados pela magia. Grilo Negro sussurrou a mensagem para eles e os mandou saltar pela noite. Assim eles foram encontrar o clã, enquanto o ninja seguiria para mais desafios.

Os passos entre as sombras o levaram pelos jardins até um córrego longo que descia pelas montanhas e atravessava boa parte do castelo. Fazia a separação entre diferentes plantas escolhidas para popular as paisagens bonitas que vinha atravessando. Todas o faziam pensar em Akane. Inútil, dizia o irmão mais velho. Coisa de idiota, dizia a irmã mais nova. Grilo Negro concordava com os dois, mas lhe fazia bem lembrar dela.

Mais à frente, em uma ponte sobre o córrego, um combate violento prosseguia. Os kotengu massacravam os Destinos

Inexoráveis. Boa parte dos sukoshi jazia no gramado ou era arrastada pelas águas vagarosamente. Era hora de fazer uma escolha. Olhou para trás procurando pelo Enxame de Máscaras. Nada. Mesmo que não encontrassem nenhum inimigo, ainda demorariam um pouco para chegar. Eram bem mais lentos do que Grilo Negro.

Mordeu os lábios nervoso quando enfiou a mão entre as roupas e retirou as shurikens. Levantou-se aos poucos, com as pernas pouco certas do que deveriam fazer. Raramente tinham uma certeza muito grande do ataque, tão acostumadas estavam em correr ou se esquivar. A mente ribombava de sermões da família e de uma risada ocasional de outros membros do clã. Tímido demais, Grilo ficava calado mesmo quando sua própria imaginação e as lembranças que criavam todo aquele falatório sobre seus fracassos. Sugou o ar com força e avançou passo a passo, ganhando mais certeza cada vez que os pés tocavam a grama.

Saltou em meio ao combate, uma surpresa naquele jogo de lâminas. Errou três das shurikens, mas duas se enfiaram nos olhos de dois tengu. Sem olhar para as criaturas se desfazendo, sacou a ninja-to e a enfiou no pescoço de um adversário que encantoava uma das ninjas dos Destinos Inexoráveis contra o guarda-corpo da ponte. Ela não perdeu tempo. Notando o novo aliado, levantou o par de sai e continuou os combates. A chegada surpresa de Grilo Negro desorganizou os kotengu o suficiente para que os ninjas reagissem. O combate cessou com o grupo de oito sobreviventes ofegante sobre a ponte e cercados de trapos e insetos, olhando desconfiados para Grilo Negro.

- Eu vim para ajudar – alertou, levantando a mão esquerda em sinal de paz e baixando a mão direita com a espada.

- Enxame de Máscaras? Quem os chamou aqui? – perguntou um ninja com uma malha de metal.

Grilo Negro espionara os Destinos Inexoráveis durante um bom tempo e até participara de alguns combates contra eles. Reconheceu Aço Inescapável o observando por baixo daquele véu de metal. Tinha sobranceiras finas e um longo cabelo negro que deixava solto sobre o

corpo.

- Viemos em paz. Sabemos das dificuldades de vocês e que há alguma coisa a mais acontecendo. Estou cumprindo ordens.

- Quem disse que não estão aliados aos Amago?

Grilo Negro queria dizer que pela surra que estavam tomando dos tengus, não era necessário mais ninguém para humilhar nenhum Destino Inexorável. Somente olhou em volta e coçou a cabeça procurando uma resposta mais diplomática.

- Não temos interesse em ajudar os Amago. Os Uesugi nunca foram aliados dos Amago e vocês sabem muito bem que não existe motivo para se tornarem amigos agora.

A mulher, que Grilo conhecia por Veneno Inescapável, olhou desconfiada para os outros dois ninjas de elite. Aço balançou a cabeça enojado, enquanto o outro, Punhal Silencioso, simplesmente deu de ombros. A decisão caberia a ela, por isso Grilo embainhou a espada e levantou a mão em sinal de paz.

- Também fomos atacados por tengus quando chegamos aqui e nosso clã não cometeu nenhum crime. Precisamos nos unir ou seremos todos destruídos.

Aquela sim era uma boa argumentação.

- Fracos. O Exame de Máscaras é constituído por fracos. Desde a Festa das Gueixas Azuis, não vejo razão para respeitar vocês – acusou Aço Inescapável.

Grilo ainda se lembrava das gueixas mortas aos montes, todas cianóticas. Junto delas estavam várias ninjas espiãs do Enxame. Os eventos desencadeados pela festa favoreceram apenas aos Miosyhi e criaram meses de guerra com tanto sofrimento para Grilo Negro que ele preferia não se lembrar de todos os detalhes.

Cruzou os braços irritados. Lançou um olhar de morte para Veneno Inescapável, mas as írises douradas dela não revelaram nada. Maldita, pensou consigo mesmo. Não queria odiar ninguém. O ódio apenas o fazia mal, corria mais do que hálito de dragão das trevas. Puxou o ar três vezes com a mente contando cada vez que deixava escapar na expiração a raiva que as lembranças lhe traziam.

- Qual a decisão de vocês? Preciso contar ao meu clã.

- Só nossos líderes podem decidir.

Veneno falou justamente quando Aço parecia pronto para se intrometer de novo. Deu as costas para Grilo demonstrando confiança nele ou simplesmente considerando que os colegas saberiam o que fazer caso tentasse qualquer coisa.

A velocidade com que cruzaram os jardins não impressionou. Grilo Negro estava acostumado a ser muito mais rápido. Aos poucos, os sons de batalha aumentaram ao entrarem em uma área tomada por cerejeiras enfileiradas próximas a um lado. O reflexo da lua na água era mágico. A cena em volta dele era um pesadelo.

Os ninjas pararam debaixo das árvores. No meio delas, Miyoshi Chiyo segurava Shimazu Yoshihiro, ajudando-o a se levantar enquanto um ninja com máscara de pintura flamejante os observava. Estavam com as roupas farras de sangue que, obviamente, não era de nenhum dos três. Só poderia ser das dezenas de cadáveres pendurados nas árvores, boa parte de olhos arregalados ou o cenho ainda franzido pela dor ou raiva por morrer durante um combate feroz.

Veneno tombou de joelhos na terra vermelha. Um dos sukoshi retirou a máscara para vomitar. Punhal encostou-se a uma árvore. Grilo não teve reação além de observar atônito ao que seria chamado apenas de Inferno das Cerejeiras Ensanguentadas. E pensou que nunca mais ninguém dos Destinos Inexoráveis falaria da Festa das Gueixas Azuis depois de algo tão terrível. Estava enganado, mas não era difícil se enganar sobre as pessoas.

- Inferno! – gritou Aço.

- Não! – gritou Veneno, olhando na direção de um cadáver mais ao centro do campo de batalha. Era o líder dos Destinos Inexoráveis tombado próximo a seu assassino. E aquele ainda de pé, com a espada na mão, era Inferno. Simplesmente Inferno, apesar de alguns o chamarem de Inferno Eterno. Poucos vivos haviam o visto. Sua presença se fazia notar pelo número assassinatos sem testemunha e pelo olhar de terror em suas vítimas.

- Traidor – acusou Aço, mostrando a katana e chamando para o



combate.

- Não. Esse traidor será meu – interrompeu Shimazu Yoshihiro, desvencilhando-se de Miyoshi Chiyo e caminhando cambaleante até estar entre Inferno e os ninjas. – Traição será paga com morte.

O samurai não parecia nada preparado para cumprir suas palavras. Caminhava mancando levemente, embora estufasse o peito e segurasse firmemente a espada. Sangue escorria pelo braço, passando lentamente pela mão. O vermelho atravessava a empunhada e percorria a lâmina até pingar delicadamente no solo. Aquele era dia de felicidade para os kami, com tantas almas morrendo violentamente. Não faltariam espíritos para serem devorados e orações desesperadas em ação.

- Acho que haverá um samurai a menos no mundo hoje.

Grilo Negro soltou o comentário sem perceber que estava falando alto. Ao lado, Veneno Inescapável lançou um olhar de fúria.

- Esse é o Terceiro Dragão, o Dragão do Céu. Nunca duvide dos Shimazu.

- Não é que eu duvide dos Shimazu, mas eu acredito muito mais no Inferno do que neles.

A falta de resposta dela só o fez crer que estava certo. Aquele seria o dia em que o último dos samurais dos Shimazu morreria. Quem diria que a linhagem tão famosa por produzir os maiores guerreiros de Ōoku tombaria para os ninjas. A ordem das coisas realmente estava alterada. Os kami estariam irritados, muito irritados e só muita morte, sofrimento e espíritos quebrados os aplacariam.

- Shimazu Tsubasa está morto – anunciou Grilo Negro.

Os ninjas do clã dos Destinos Inexoráveis voltaram-se para ele como um só, olhos arregalados e expressões de terror parcialmente cobertas sob as máscaras. O medo não foi nada furtivo no olhar de muitos deles. Veneno se apoiou em uma árvore, enquanto Aço Inescapável olhou para trás. Punhal Silencioso sussurrou algo junto aos sukoshi.

Miyoshi Chiyo aproximou-se dos ninjas enquanto Shimazu Yoshihiro e Inferno andavam em círculos, medindo-se calmamente antes que a luta reiniciasse. Ela parou junto de Aço e arrancou uma

wakizashi da cintura do ninja. Parou em posição perfeita para luta.

- Esse traidor não pode nos vencer. Atacaremos todos de uma vez.

- Mas Shimazu disse...

- Esqueça o que Yoshihiro disse. Meu pai morreu e seu clã segue a mim, não ao samurai que me serve. Vai me obedecer e todos atacarão em conjunto.

Assim atacaram e foram estripados um a um pelo Inferno.

## Capítulo 13: Verso Triste

Era uma pena ver jardins tão bonitos manchados de sangue e fêdendo a cadáveres. Os corvos se refestelariam em breve. Verso Triste retirou amêndoas do bolso e se dispôs a comer calmamente enquanto esperava por novas emoções. Sentada no galho de uma árvore, tentava ignorar os corpos cortados ao chão, alguns que ela mesma executara. A maioria fora trabalho da Velha que agora passeava entre eles com seus resmungos de ancião enlouquecida.

Seguia aquela mulher há muitos anos. Não tinha nem ideia dos objetivos da Velha além de fazê-la sofrer. Os treinamentos eram exaustivos e ultrapassavam muito a linha tênue entre o mestre rígido e o desgraçado sádico. A Velha realmente não se importava com lágrimas. Verso Triste chorando não despertava nem raiva nem compaixão nela, muito menos prazer. Ignorava choro, elogios, atos de carinho. Uma vez Verso quisera lhe presentear com um origami de dragão com tantas dobras que era difícil acreditar que viera de apenas uma olha de papel. A mestra o pegou, desdobrou lentamente e agradeceu por ter algo para limpar a bunda mais tarde.

Desde então, Verso Triste aprendera que a Velha não era sua mãe, sua avó ou qualquer parente. Era a Velha, uma sombra que não dava a mínima atenção para a palavra respeito, entretanto tinha um apreço especial pelo medo. E era temida. Quantas vezes não vira ninjas e samurais experientes tremerem ao encará-la ou ao ouvirem que estavam sendo caçados por aquela mulher de corpo frágil e cabelos longos e esbranquiçados.

- Está vendo algo que preste aí em cima, menina?

- Não, senhora. Os Amago ainda estão tentando derrubar os portões.

- Então desça logo e procure nesses cadáveres.

Verso mordeu os lábios. Hesitou por dois segundos e pulou. Caminhar entre os corpos dos falecidos não era nada bom. Trazia tantas memórias ruins. O clã dos Poemas Sem Esperança não existia mais. Verso era a última estrofe daquela poesia cujas rimas eram

sempre feitas com morte, sangue e assassinato. O fim não poderia ter sido outro, como ela esperava que seria com todos os clãs que serviam aos daimyo. Eram apenas servos da guerra e da morte, resolvendo disputas nas sombras quando a guerra aberta não era apropriada.

- O que estamos procurando, sensei? – perguntou ao se agachar junto a uma ninja da Dança das Garras. A máscara de couro da mulher estava rasgada, revelando um rosto bonito e pintado. Ela ainda ficava impressionada quando via algumas ninjas se pintando mesmo que a beleza ficasse ocultada ou, quando ao menos os olhos apareciam, servisse para identificá-las melhor. Era uma vaidade que gostaria de ter, mas a Velha não deixava. Aquilo era para ninjas decrépitas. A habilidade da sedução passava depressa, portanto uma mulher deveria se concentrar em aprender a golpear rápida e profundamente. Se fosse se aproveitar de algo que fosse de sua aparente fragilidade, nada mais.

Verso ainda se lembrava da mãe se maquiando. Às vezes ela a pintava também e falava o quanto as duas eram bonitas, as mais belas de todo o clã. Lembrando disso, sorriu bastante quando achou um pequeno estojo de maquiagem. Guardou com cuidado enquanto a Velha chutava o cadáver de um ninja grande que a ofendera durante o confronto.

- O que estamos procurando, sensei?

- Apenas procure. Esses idiotas mandaram apenas sukoshi aqui para dentro. Fico pensando onde estão Lobo Fiel ou Tigre Sensato.

Os nomes estavam frescos na memória. Eram todos ninjas de elite do Clã da Dança das Garras. Todos. Realmente todos. Corria o boato que não sobrara mais nenhum deles. Apenas uns poucos sukoshi ainda trabalhavam para os Amago. Menos ainda depois de terem encontrado a Velha.

- Os Bruxos estão com os Amago, sensei?

A Velha cruzou os braços. Desistira da procura. Soltou o ar furiosamente e aproximou-se de Verso Triste.

- Não sei. Difícil saber quais os planos de Kasaioni. Tenho minhas desconfianças, mas elas não são para sua cabecinha avoadada. Vamos aguardar você ter um pouco de juízo.

Juízo. Para os pais, Verso sempre fora detentora de muito juízo. Para a Velha, ela era praticamente uma avoadá e devassa que andava nua catando borboletas num campo de flores enquanto a guerra explodia ao redor. O clã dos Poemas Sem Esperança era muito mais tranquilo. Ela passava os dias dividida entre treinamentos e semeando bons laços com a família. Escreviam canções e poemas, trocavam boas palavras, comiam juntos. Talvez estivessem felizes demais. Os kami raramente gostavam de seres humanos muito felizes. Sempre os preferiam tristes ou contemplativos. As teorias sobre isso variavam. Alguns diziam que era inveja, outros comentavam que almas de pessoas contentes eram muito mais saborosas e enchiam as bocas dos kami de uma saliva nodosa, cheia de vontade de devorar aqueles espíritos o mais rapidamente possível.

- Por que os kami nada fazem contra Kasaioni?

Ela perguntou pensando na injustiça de ter sua família dizimada enquanto seguiam a ordem natural das coisas e tudo o que poderiam ter feito de errado eram ser felizes. A Velha não gostou da pergunta. Deu aquela fungada nada discreta que usava quando queria repreender Verso.

- Sempre faz perguntas que a cabeça não está preparada para ouvir. Kasaioni é Kasaioni. Quantas vezes já ouviu falar de um ninja que todos conhecem o nome verdadeiro e ainda temem?

Verdade. Nunca ouvira falar daquilo. Qual ninja deixava que os outros soubessem seu nome verdadeiro? Era arriscado demais. Quanto poder uma criatura não precisava ter para entregar assim seu nome e ainda conseguir permanecer em contato com as trevas do mundo sem que o espírito fosse caçado, partido, torturado ou simplesmente enviado para o esquecimento! Tremeu ao pensar no líder dos bruxos e ao se lembrar como ele matara o Dragão da Terra, um samurai que estava prestes a vencer os Cinco Olhos da Morte sozinho.

## Capítulo 14: Shimazu Yoshihiro

O gosto de terra e sangue ficou comum demais para Yoshihiro. Outra vez estava no chão, sangrando não sabia nem mais por onde, experimentando na boca aquele líquido vermelho que poderia ser seu ou dos ninjas que morriam fatiados em volta. Pouco restava da armadura do samurai e também dos ninjas que deveriam servir à Casa Miyoshi. Seus cadáveres acumulavam-se no Jardim das Cerejeiras mais rapidamente do que a neve no inverno.

Enxergou somente sete ninjas de pé. Um deles Yoshihiro nunca vira. Pelo que usava para ocultar o rosto, era do Enxame de Máscaras. Viera preparado para lutar, mas também para demonstrar a qual clã pertencia. Aço Inescapável tentava se apoiar sobre pernas cambaleantes e ajeitar a armadura cortada. Punhal Silencioso tinha somente um pequeno corte na bochecha que partira a máscara e deixara a face esquerda exposta. Veneno Inescapável era a única íntegra depois daquele combate intenso. Os outros eram sukoshi que estavam lutando apenas como distração.

Ficou de pé apoiando-se na espada. Tinha um corte profundo na barriga só suportável pela força que seus juramentos lhe davam. Esfregou o rosto tentando despertar daquele pesadelo. Chiyo o observava horrorizada. Estava armada e incólume, sem ter participado do combate a não ser ao emitir ordens para que Inferno fosse morto logo.

- Eu avisei que morreriam. Shimazu Yoshihiro, foi uma pena ter feito esse juramento. Deveria ter me deixado continuar com meus intentos e se jurar talvez a Gorou. – Ele se referia ao general dos Miyoshi que recuara para as montanhas quando o exército fora dividido durante o combate com os Amago. Seria ele um traidor?

- Calem a boca desse traidor! Calem a boca dele... para sempre! – exigiu Chiyo.

Yoshihiro bem que tentou. O problema foi o ataque patético facilmente desviado por Inferno. A espada do ninja quase rasgou a garganta do samurai pouco depois. Punhal Silencioso o salvou com

um movimento que interpôs a espada entre metal e carne. Salvou apenas Yoshihiro. Inferno girou o corpo fazendo a katana baixar a arma do outro ninja. A mão livre foi usada para sacar outra katana que afundou no peito do adversário. O corpo de Punhal amoleceu, largou as armas e foi para o chão se juntar às vítimas da chacina.

Os passos para trás não foram para desviar de ataque algum. Yoshihiro afastou-se enjoadado com a proliferação da morte. Agora Inferno tinha as duas espadas sacadas. Condenação e Julgamento não eram lâminas comuns. Aquele não era um ninja comum. E eles estariam todos mortos dentro de poucos minutos.

Chiyo não parecia ter consciência disso e Yoshihiro se envergonhava ao perceber que não era páreo para um ninja. Tsubasa arrancaria os membros daquele desgraçado com um simples movimento, mas o Dragão do Céu sangrava e cambaleava, salvo pelo sacrifício de um daqueles seres que eram alvo do desprezo do irmão.

- Chiyo-dono... – tentou falar, porém as palavras não deixavam seus lábios. Como ele mesmo poderia pedir para recuar vendo a determinação nos olhos de sua senhora. O dever de um samurai era morrer por quem servia. Pena que ela também pereceria no processo.

- A morte é plácida depois que o corpo se cansa da dor – filosofou Inferno, vendo que os ninjas restantes tentavam cercá-lo.

- Como pode? Você matou meu pai!

- Veneno... Não posso compactuar com os planos de vocês. Eu sei o que estou fazendo, vocês não. Os kami vão devorá-los.

Shurikens partiram dos sobreviventes. Metade deles acertou os próprios atacantes. Veneno caiu de joelhos com uma kunai enfiada na coxa. Aço retirou uma que se prendera entre os elos da armadura. Yoshihiro não compreendeu o ocorrido. Como os shurikens haviam passado por Inferno? Ele continuava imóvel. Seria uma ilusão? Não. Ilusões não estripavam pessoas. As espadas dele giraram mais uma vez e dois sukoshi tombaram. Outra vez e Veneno quase perdeu a cabeça. Ela rolou pelo chão para ficar de pé com um corte largo no pescoço.

- Hachiman, dá força a minha espada. Prometo meu sangue e os espíritos que ela despedaçar.

A promessa ao kami da guerra não chegou a ser completada. Uma corrente surgiu tão veloz de entre as árvores que Yoshihiro só a viu atingir a máscara de Inferno. O ninja desviou-se e permitiu que a lâmina da kusarigama quebrasse apenas uma parte da placa que ocultava a face. Logo abaixo, um rosto pálido, de olhos fechados, girou de um lado para outro tentando prever o próximo ataque.

Quando a primeira mariposa surgiu, Yoshihiro ficou tão impressionado e seduzido pela leveza dos insetos que se esqueceu da batalha. Estendeu os dedos e eles se cortaram nas asas dos insetos. Eram lâminas vivas que preparavam a dança mortal. Eles voaram devagar até se transformarem em um tufo em volta de Inferno.

Quatro ninjas caíram em volta deles. O primeiro arremessou a corrente no meio do tufo de metal e asas. A arma prendeu-se a algo no interior daquele caos. Os braços do ninja permaneceram tensos enquanto tentavam segurar o que quer que havia pego lá dentro. Se Inferno estivesse imobilizado no meio daquele ataque, seria impossível que sobrevivesse.

- Escorpião – falou o ninja do Exame de Máscaras que estivera com eles desde o início.

A corrente se afrouxou e foi para o chão. As mariposas de metal começaram a desaparecer. Yoshihiro sabia que tudo estava dando errado. Aqueles ninjas se somariam ao número de vítimas de Inferno.

- Precisamos sair daqui – avisou Escorpião.

- Agora! – concordou Grilo Negro.

- Miyoshi Chiyo, a senhora deve escolher. Morra aqui pela espada desse traidor ou fuja conosco. – As palavras de Escorpião não tocaram a coragem de Chiyo. O olhar decidido dela continuava na direção de Inferno.

- Não. Ele deve pagar.

- Ele deve pagar, mas não será hoje. Minhas ordens são para voltar vivo e isso não vai acontecer se eu continuar aqui. Vamos, alguns dos nossos estão distraindo os tengu. – Dirigiu-se aos ninjas do próprio clã. – Retirada, agora.

Saltaram um a um para a escuridão no meio das árvores.



Somente Escorpião continuou para esperar a decisão final do clã Miyoshi. Quando Chiyo finalmente baixou a espada e meneou a cabeça, Yoshihiro suspirou. Segurou-a pela mão e correu junto dos ninjas seguido por Veneno e Aço. Atrás estavam os corpos de tantos que lutaram para manter a senhora viva e um traidor que provavelmente ainda os caçaria.

## Capítulo 15: Grilo Negro

A fuga continuava. Grilo esperava que os outros estivessem tão desesperados quanto ele. Depois do que vira Inferno fazer, não era para menos. Aquele não era um ninja. Era um monstro criado pelos kami e colocado no ventre de uma humana. Corriam boatos de que ele fora um dos aprendizes do Dragão da Escuridão sob o Mundo. Só alguém assim para ter tanto poder e ser capaz de massacrar o próprio clã. Pelo que vira da luta, não apenas sukoshi, mas erito também haviam caído aos montes. Tudo o que restava da elite dos Destinos Inexoráveis deveria estar ali. Veneno e Aço eram ninjas poderosos e aqueles sukoshi seriam os melhores, mas aquilo não era suficiente para reerguer um clã. A história recente como do Céu de Adagas ou da Dança das Garras demonstrava o que significava perder tantos ninjas de uma vez só.

- Eles são tudo o que sobrou do clã deles – comentou com Besouro Azul quando haviam acabado de passar por uma passagem secreta pelos fundos do castelo. Pararam para descansar debaixo de uma gruta. Miyoshi Chiyo olhava de braços cruzados para o que restava das principais forças do exército do pai sem demonstrar abatimento. – São os mais poderosos do clã.

- Ou os mais covardes – brincou Besouro.

Grilo pensou que o amigo tinha razão. Nem sempre os sobreviventes são os mais poderosos e sim aqueles que foram mais espertos ou que correram primeiro. Ninguém era tão veloz tanto quanto ele o que lhe garantiria a vida dezenas de vezes.

- Nunca vão se reerguer.

- Nunca, Nori-san. E a história deles será apagada do mundo da luz. Só nós nos lembraremos deles daqui um tempo. A vida dos ninjas é assim. A morte é nosso destino.

Havia algumas verdades no mundo que realmente incomodavam Grilo Negro. A sina dos ninjas era uma. Outras pessoas tinham direito a amar, trabalhar, guerrear. A eles cabia apenas servir nas sombras,

casando-se quando era permitido ou simplesmente se atendo a breves casos de amor dentro do clã ou com pessoas de castas inferiores, caso estas tivessem um dom para a escuridão.

Calado, Grilo tentava pensar em como poderiam escapar. As ideias não era as melhores. Difícil pensar quando um bando de espíritos vingativos, aliados a ninjas bruxos e um exército fechavam o cerco. Esperava que Escorpião Negro tivesse alguma ideia. Nesse momento, ele conversava de braços cruzados com Veneno Inescapável observado de perto por Mariposa Negra e Vespa Sombria. As duas intrometidas não deixavam nada escapar. Parecia que não confiavam que Escorpião fosse capaz de tomar a melhor decisão. A história provava que geralmente estavam erradas. Talvez o único erro do irmão mais velho de Grilo Negro tenha sido confiar demais nele no caso de Akane.

- Aquelas duas parecem baratas procurando por restos de comida. Ficam ali rondando Escorpião esperando uma chance de pegar informações – comentou Besouro.

- Elas querem participar das decisões.

- Você também não quer? Vai lá?

- Eu não. – Grilo não era lá muito bom em tomar grandes decisões. A história mostrava que errava mais do que acertava. Além do mais, preferia deixar os outros viverem e seguirem o caminho como quisessem. Esse peso de convencer as pessoas a seguirem seus pensamentos não lhe parecia nada agradável. Era um gasto de energia que o incomodava.

- Vai ficar assim a vida toda? Agora que conseguiu subir na hierarquia, não pode parar ou o mundo te engole, Nori-san.

Ele sabia que sim e deixaria que a onda de trevas o engolfasse se isso fizesse com que Mariposa e Vespa o esquecessem e que o restante o clã não se dividisse tanto sobre suas considerações em relação a ele. E pensar que muitos sukoshi o admiravam.

- Que a hierarquia caia na Escuridão sob o Mundo. Não me importo. A Onda das Trevas leva a todos um dia.

- Se é assim para você. Quando eu liderar meu bando, pode ter

certeza que levo você comigo, Nori-san. Você será de grande valia e eu protejo você dessas ideias ridículas da sua cabeça oca. Parece que Izanagi já devorou seu cérebro.

- Devorou nada, idiota! Pare de blasfemar ou os kami vão ouvir e mandar mais tengu para acabar com a gente.

- Já decidimos – anunciou Escorpião Negro.

Miyoshi Chiyo, que até agora cuidava dos ferimentos do samurai, levantou-se para dar atenção aos ninjas. Os outros pararam em círculo esperando para partir.

- Vamos seguir pela gruta e tentar a passagem sob a água. Veneno nos diz que Chiyo-dono consegue prender o ar durante a passagem. – Olhou para o samurai encostado na parede da gruta. – Resta saber..

- Estou pronto – Shimazu Yoshihiro levantou tão bem quanto o orgulho permitia. Grilo suspeitou que o samurai se afogaria se tentasse nadar com tantos ferimentos.

Desceram pelas cavernas úmidas com Veneno e Aço seguindo na frente. Mais atrás, os sukoshi dos dois clãs se dividiam para vigiar a retaguarda. O rio subterrâneo que passava sob os castelos ficou evidente depois de um bom tempo de descida. Emitia um som agradável enquanto corria no meio da escuridão.

- Como saberemos como seguir? – perguntou Mariposa.

- Eu irei na frente com as cordas. Sei como me deslocar aqui desde pequena. Vocês apenas devem seguir a corda. Não se percam ou ficarão presos em uma das pequenas cavernas. Há coisas estranhas vivendo por lá.

- Nunca tentaram retirar essas coisas estranhas? – Besouro olhou curioso pensando na insanidade de deixar criaturas vivendo no meio de uma das melhores rotas de fuga que tinham.

- Tentamos. Falhamos. Se encontrar algum esqueleto, é porque está indo para o lugar errado.

A água gelada arrepiou todos os pelos de Grilo Negro. Gemeu de frio e sentiu todas as cicatrizes se apertarem na pele. Cada ferimento veio à memória enquanto começava a nadar na escuridão. Aproveitou

para esvaziar a bexiga enquanto captava fôlego.

## Capítulo 16: Shimazu Yoshihiro

A água parecia um pouco quente quando Yoshihiro entrou, mas o efeito passou logo. Fora apenas uma impressão muito passageira antes que o frio cortante o arrepiasse e os ferimentos abertos o relembassem das recentes derrotas. A essa altura, não havia mais como se enganar. Seus senhores estavam mortos e Tsubasa tombara diante dos tengus. Apenas ele deveria proteger Chiyo, já que só um punhado de ninjas sobrara do clã dos Destinos Inexoráveis. Precisava levá-la até o general Gorou, o único modo de manter os Miyoshi vivos.

Tomou fôlego e mergulhou. O frio quase roubou toda energia durante o percurso. Tudo era escuridão e o caminho era levado apenas pela corda. Nada a vista, apesar de que jurava sentir que algo a mais nadava junto dele na escuridão. As histórias mais antigas contavam que os Miyoshi um dia abrigaram Omokaime nas cavernas debaixo da montanha. Ali o kami, ferido e enfraquecido, fora visitado pelas filhas de um dos ancestrais Miyoshi. Duas delas engravidaram e as criaturas que nasceram foram tão horrendas e causaram tanta vergonha que foram lacradas juntamente com as mães. Morreram ali debaixo, abandonadas por Omokaime que deixara as trevas para voltar a lutar contra Amaterasu e tentar matar o sol de vez.

Desde pequeno, aquele era o único lugar que Tsubasa se recusava a ir, tanto que aprendera a nadar apenas depois de velho quando vira Yoshihiro exibindo-se para Chiyo e contando vantagem sobre suas habilidades na água. Orou para Susanoo na esperança que o kami afastasse quaisquer ameaças originárias dos pecados antigos dos Miyoshi.

As mãos do samurai se estenderam e se prenderam em algo. Puxou de volta e trouxe consigo um crânio de sorriso mórbido ainda parcialmente envolto em carne. O susto o fez soltar o que restava do fôlego. Procurou pela corda. Nada. Nada. Só escuridão e o esqueleto com pedaços de carne presos em sua mão. Debateu-se até se soltar e tentar achar a corda. O insucesso o desesperava. Os pulmões começaram a arder. Era um fogo que dilapidava sua força física e a

vontade.

Mãos firmes e pequenas o seguraram por trás. Debateu-se ainda mais para se soltar da nova ameaça. A mente começava a nublur pedindo por ar. Foi puxado para cima com tanta força que bateu a cabeça no teto.

- Respire – alguma coisa falou.

Continuou se debatendo.

- Respire – O comando veio acompanhado de um tapa.

Abriu os olhos. A escuridão continuava. Puxou o ar com força.

- Estamos em uma das cavernas em que dá para respirar.

Era a voz de Veneno. Ela segurou sua mão e passou pelo rosto sem máscara para acalmá-lo. Salvo por uma ninja e sendo acalmado como um bebê. Não, aquilo estava muito errado. Respirou fundo. O toque dela era bom. Tinha saudades do rosto daquela mulher. Os olhos e cabelos brilhantes como ouro o faziam sorrir com frequência.

- Obrigado – agradeceu. Tsubasa nunca agradeceria a um ninja.

Nem permitiria que uma mulher daquela classe o tocasse.

- Assim é, Yoshihiro-dono.

- Meu irmão está morto – disse ele.

Sentiu a expressão dela entre seus dedos. Havia tristeza, mas um leve movimento nos lábios indicou um sorriso brando. A morte trazia sentimentos confusos nas pessoas.

- Era um ótimo guerreiro.

- O melhor.

- Não. Temos o senhor. Tem fôlego para seguir?

- Sim – disse quando, na verdade, queria mentir que não. Mas aquele era um momento de decisão. Era hora de parar de ser dependente. Era um samurai entretanto os ninjas lideravam o grupo de salvamento de sua senhora. Tinha uma missão a cumprir. O juramento o impulsionava. Era hora de sair das sombras. Haveria tempo na vida para ver aqueles olhos dourados.

Seguiu-a pelas trevas até deixarem o rio próximos à floresta. A lua desaparecia no céu, sinal de que Izanagi já ia para sua morada confabular com a irmã. Céu e a Escuridão Sob o Mundo se

encontravam agora.

Caminharam calados entre as árvores. Os sukoshi se dispersaram como batedores e vigias da retaguarda. Yoshihiro olhava para a forma sinuosa e molhada de Veneno Inescapável. Sabia que ela era prometida, mas e agora? Como ficavam já que o clã fora todo destruído e restava apenas ela para tomar as decisões.

Alcançaram a pequena vila escondida na floresta quase uma hora depois. As pequenas casas encrustadas no meio das árvores escondiam aldeões arredios acostumados a pagarem os impostos a seu senhor em forma de caça ou ao agirem como mensageiros ou centro de refúgio para alguns hóspedes inoportunos ou encontros secretos que desonrariam o castelo com sua presença. Foram recebidos pelo líder, um homem baixo e careca que um dia pertencera aos Destinos Inexoráveis. A ausência da mão direita e o andar manco denunciavam o motivo de estar ali e não entre os massacrados dentro do castelo.

Ele os levou até a casa que recebia os senhores quando precisavam usar a vila. Os ninjas desapareceram, proibidos de colocarem os pés no recinto. Apenas os serviçais entraram para entregar a comida a Yoshihiro e Chiyo. O samurai olhou de soslaio para Veneno Inescapável antes que ela sumisse nas trevas. Suspirou enquanto remexia o arroz na pequena tigela.

Comeram calados. Ela às vezes parava para olhar para fora. Os olhos azuis pensativos contemplavam o início do amanhecer. Amaterasu começava a se erguer no céu com seu mundo de fogo e luz para contemplar a terra e afastar aqueles que vinham da Escuridão sob o Mundo para festejar nas noites de Ōkoku.

Yoshihiro começou a abrir a boca para perguntar o que ela estava pensando. Um vislumbre de Veneno conversando com o líder da vila nas sombras o manteve inerte. Despertou do transe ao sentir o toque de Chiyo em sua mão. Ela o fez baixar a tigela com o arroz.

- Yoshihiro-san, tem que me prometer que continuará comigo. Minha linhagem depende de você. Por favor, esqueça tudo mais e siga comigo. Tenho inimigos demais e amigos de menos agora.

Tentou enxergar Veneno mais uma vez. Nada agora. Suspirou



antes de se virar para aqueles olhos azuis que deveria proteger com tanto cuidado. Por Hachiman, como era difícil manter uma promessa. Para Tsubasa, tudo parecia fácil. Respirou fundo. Não. Tsubasa não. Precisava parar com as malditas comparações.

- Já fiz minha promessa. Graças ao poder dela sobrevivi a Inferno. A senhora sabe o motivo da traição dele?

Chiyo baixou a cabeça e a balançou firmemente. Lágrimas desceram e caíram no tapete sobre o qual estava ajoelhada.

- Ele matou todos. Todos! Que monstro era aquele?

Era o monstro que haviam criado para serem temidos durante a noite. Mas quem controla monstros tão poderosos? Yoshihiro sempre duvidava do poder que as promessas tinham sobre os ninjas. O que os mantinha na linha eram os tengu e outras ameaças que os kami haviam colocado em Ōkoku. A Escuridão sob Mundo cobrava um preço alto a quem a tocava.

- Não foi boa a ideia de criar um monstro que ninguém conseguiria vencer, nem mesmo nós. Ele nos seguirá e devemos estar preparados, Chiyo-dono. Vamos procurar os Uesugi e com eles conseguiremos ajuda para alcançarmos o general Gorou...

- Vamos procurar outras alternativas, mas até lá vamos seguir seu conselho, Yoshihiro-sama.

Ela apertou firme a mão dele. Soltou depressa quando os ninjas do Enxame de Máscara apareceram.

- Essa casa é proibida para ninjas – avisou Yoshihiro, levantando-se com a espada ainda embainhada.

Escorpião Negro e Grilo Negro pararam na entrada. O primeiro cruzou os braços e o outro baixou a cabeça timidamente.

- Gostaríamos de algumas informações – falou o líder do bando do Enxame de Máscaras.

- Ninjas não têm direito de exigir nada de nós. Apenas vão nos levar a seu senhor.

Yoshihiro não deixou que Chiyo se manifestasse. Era a hora dele. O ninja inclinou-se respeitosamente e se preparou para sair.

- Meu irmão viu a Velha lá. É mais um enigma na história

desastrosa da noite de ontem.

Yoshihiro e Chiyo se olharam aturdidos. Ela balançou a cabeça e levou a mão à boca. Ambos fizeram um sinal para que os ninjas ficassem.

- Foi ela quem causou tudo isso. Foi feitiçaria dela – acusou Chiyo.

- A Velha nunca estaria do lado dos Amago, muito menos dos Bruxos – interrompeu Escorpião Negro. – Ela salvou meu irmão dos Bruxos. Podem ter certeza de que deve voltar. A Velha nunca age sem um plano sob outro.

- Temos ainda menos informações do que vocês. Sabemos o motivo de estarmos em guerra com os Amago. Amago Okihisa nunca terá sua semente no ventre de uma Miyoshi se assim ele pensa. Essa é uma promessa feita a meu senhor e eu mesmo decepto a cabeça de minha senhora antes que tocada pelas mãos daquele gordo miserável. – Olhou para Chiyo para confirmar sua promessa e ela assentiu com um sorriso de alívio. – Não sabemos como ele conseguiu colocar a Família dos Bruxos em seu poder e o que podem ter feito para que Inferno se voltasse contra nós. Discutiremos isso com seu senhor. A sabedoria do Uesugi pode nos ajudar.

Escorpião Negro e Grilo Negro desapareceram logo depois. Em silêncio, Yoshihiro e Chiyo voltaram a comer. Os pensamentos do samurai caminharam perturbados procurando por um caminho fora daquele pesadelo. Sentia-se cada vez mais encantado. Somente horas de meditação e muitas orações o permitiriam encontrar alguma passagem fora desse inferno.

## Capítulo 17: Escorpião Negro

Escorpião Negro retirou a máscara de madeira. Revelou o rosto pela primeira vez a Veneno Inescapável enquanto conversavam junto ao rio que ela fora inspecionar. Miyoshi Chiyo insistia em se banhar em águas limpas e naturais para se livrar de quaisquer maldições da noite anterior. Os camponeses também diziam que se lavar nos rios mais limpos e ocultos de Ōoku evitavam os olhares invejosos dos kami por algum tempo. Era uma boa ideia para a herdeira de uma casa quase destruída, perseguida por um exército e envolvida com ninjas como os Bruxos.

- Você é até bonito – comentou Veneno Inescapável.

O quase elogio não o afetou. Abaixou-se para passar a mão pela água gelada. Era quase como neve recém derretida. O frio dava pequenos choques nos dedos. Esperou até que a mão ficasse anestesiada. Curioso com a sensação voltando aos poucos, levantou-se mexendo os dedos e tentando evitar um sorriso infantil.

- Você é muito bonita – elogiou de volta depois de um tempo que não deveria ter sido nada apropriado para a conversa.

Ela sorriu sem graça. O brilho nos olhos dourados era realmente lindo. Aqueles cabelos lisos brilhavam como uma joia.

- Você luta bem. Um filho seu estará sobre a Escuridão, nunca engolfado nela.

O novo elogio atraiu um olhar curioso dela. Veneno Inescapável era uma mulher interessante. Mexeu levemente nos cabelos e se aproximou dele com aquele sorriso talhado a atrair o desejo dos homens. Pousou a mão sobre o ombro de Escorpião.

- Precisamos manter nossa aliança.

A proximidade dela não era meramente formal. Havia uma abertura para que se encarassem. Seus olhos o chamavam para que os corpos ficassem ainda mais juntos um do outro. Escorpião sentiu o calor dentro de si. Ele a queria de algum modo. O desejo que ela gerava era meramente de tocar a pele alva e a colocar sob si, exercer o poder sobre aquele corpo sinuoso com beijos indelicados.

- Apenas os anciões decidirão sobre o futuro de nossa aliança, mas eu gostaria de lhe dizer que a liberto de qualquer obrigação se a decisão couber a mim.

Afastou-se dela. Sabia da capacidade que a mulher tinha para encontrar a fraqueza dos homens, deixá-los perdidos em sua ilusão de poder sobre ela e assim os prender naquela malha de sentimentos e relações carnavais.

Veneno Inescapável baixou a cabeça levemente. Dava para notar de leve o tom de alívio no rosto dela. Havia algo a mais dentro da mulher. Ela sofria demais com a missão que deveria cumprir. Ninjas eram assim, forçados a passar por tantos sentimentos para servirem o clã e a senhores que muitas vezes os viam como meros pedaços de carne a serem dispensados.

- A aliança teria gerado frutos bons para nossos clãs – comentou Veneno.

- Teria sim. Seus filhos serão fortes.

- Os seus também, Escorpião Negro.

Ele também estava aliviado por libertá-la daquela promessa. Conversaria com o pai e a líder do Enxame de Máscaras. Tanto Zangão Negro quanto Aranha Sombria eram pessoas sensatas. Eles não permitiriam que se unisse a uma mulher de um clã destruído em uma aliança que geraria um peso para a Casa de Uesugi e para o Enxame de Máscaras.

- Você tem ideia do motivo da traição de Inferno?

- Não. – Escorreu uma lágrima do olho dela. Secou o rosto e pressionou as pálpebras para evitar que mais da água salgada descesse pela face. Ver a família inteira massacrada era demais para qualquer um, por mais forte que fosse. Escorpião ainda se lembrava da raiva sem sentido quando soube da morte da mãe. Ao menos pudera se vingar. Veneno nunca conseguiria cobrar aquelas vidas perdidas nas mãos de Inferno. – Ele andava instável há alguns meses. Desaparecia por semanas e, quando voltava, sempre vinha seguido de notícias de chacinas. Ele massacrrou pelo menos dois clãs inteiros.

- Foi ele quem matou o senhor da Casa de Fukui?

- Não, foi o próprio clã que deveria o servir. Mas suspeitamos que ele ajudou e impediu que o clã das Preces Não Atendidas fosse caçado pelos tengu.

- Ele enlouqueceu?

- Ele sempre foi louco, mas as obsessões dele eram direcionadas ao interesse do meu pai.

Era poder demais para ser controlado. Escorpião sonhava em alcançar o nível de Inferno, entretanto duvidava de si mesmo quanto à capacidade de controlar tanta Escuridão interior, sem contar o fogo que o homem também carregava.

- Eu pretendo vingar meu pai, Escorpião.

- É um sonho pouco provável, Veneno.

O rosto dela virou-se para ele vincado com marcas de amargura.

- Você não pode dizer o que não posso fazer.

- Mas posso muito bem a aconselhar sobre o que vai matá-la.

A conversa acabou com a ninja saltando para as copas das árvores. Escorpião permaneceu na companhia do silêncio contemplando as possibilidades. Enfrentar Inferno era suicídio, mas a meta de um dia vencê-lo o tornaria ainda mais poderoso. Precisaria conversar com o pai sobre esse caminho. Aquele ninja desgarrado era um perigo para qualquer clã.

Alguém se aproximou lentamente pelas costas. O perfume ténue o alertou para a presença de Vespa Sombria. Ela estava com a máscara arroxeadada com listras negras. Desamarrou as tiras de couro já ao lado de Escorpião, revelando o rosto singelo.

- O que conversaram?

- Sobre a aliança e nosso casamento.

Vespa cruzou os braços e os lábios ensaiaram um bico mal-humorado.

- Eu a libertei disso, ao menos da minha parte, Saki-san.

A expressão enciumada perdeu um pouco da força.

- Você não pode fazer nada se os anciões o forçaem a se casar.

- A aliança com um clã derrotado não nos vale mais nada.

Agora eles precisam de nós. Meu casamento será melhor aproveitado

de outra maneira.

- Eu espero que seja aproveitado da melhor maneira para nós.

Escorpião a puxou para perto de si.

- Ryoichi-san... – Ela começou.

- Nossos corpos e nossas vontades não são realmente nossos, Saki... Até decidirem por nós, acho que podemos aproveitar essa paz.

Os lábios procuraram por um beijo saudoso. Dentre os dias de treinamentos, missões e afazeres no Ninho, raramente podiam tomar aquela liberdade. Escorpião a abraçou com a esperança de um dia ter força suficiente para que ninguém os separasse.

## Capítulo 18: Verso Triste

Os primeiros raios amarelados de Amaterasu despontavam no céu quando as duas saíram do castelo dos Miyoshi. Assim que os portões se abriram e as tropas de Amago entraram pelas muralhas, mataram uma dupla de soldados que se dispersaram do grupo e fugiram com suas roupas fingindo-se feridas. A Velha estava cansada depois de uma noite repleta de combates e por chamar tantas vezes pela Escuridão para nutrir os poderes. A conexão com as trevas sob o mundo cobrara seu preço. Agora o rosto vincado exibía uma palidez mórbida e olheiras profundas. Ela ofegava ao caminhar pelo acampamento. Quando tropeçou e um soldado veio ajudar, coube a Verso Triste assassiná-lo calmamente sem chamar atenção. A partir daí a Velha aceitou ajuda na caminhada.

Ela indicou o caminho até uma caverna distante do acampamento e perdida no meio da floresta. Verso temeu encontrar mais tengu ali. Quando o cheiro fétido abordou suas narinas intransigentemente, seus passos ficaram mais lentos. Só a insistência da mestra a fez continuar. Houve um momento em que Verso não conseguiu mais caminhar. Encostou a Velha em uma magnólia. Parou para admirar as flores brancas fúteis. Apanhou uma e a observou pensativa enquanto a ninja idosa ainda ofegava.

- Não foi uma noite fácil – comentou a Velha, em um raro momento em que admitia fraqueza.

- Nem um pouco. Concluímos o que queríamos?

- Nem de perto, por isso temos que continuar. Estamos quase chegando.

Ela olhou na direção de onde o odor vinha mais forte. Não queria saber o que havia lá. Nesses anos de caminhada com a Velha, aprendera muito bem a não ficar ansiosa para alcançar certos objetivos que ela traçava. Abstrair para da vida usufruir. Era esse seu lema quando a Velha a colocava em uma daquelas jornadas a um local misterioso.

- Você precisa treinar mais. As noites serão assim a partir de

agora. Precisa se preparar.

Verso assentiu e apoiou a mestra de novo, reiniciando a caminhada. Andaram por um grupo de fâias bonitas que se retorciam no meio dos parques raios de luz do início da manhã. O momento seria lindo, todavia era corrompido pelo fedor de morte que só aumentava. Aos poucos, viu os corpos no meio das fâias. Outra daquelas cenas absurdas. “Não preciso disso”, dizia para si mesma. Caminhava somente porque a oportunidade de sobreviver ou até de vingar a família dependeria disso.

O objetivo final delas estava em uma gruta. As mãos se apoiaram na parede úmida quando tropeçou em um corpo. Os cadáveres formavam uma trilha mais adentro, até acabarem em uma câmara larga onde pelo menos oito ninjas estavam pendurados e ainda sangrando. A cena lembrou a queda do clã dos Poemas Sem Esperança. Tantos mortos transbordando a essência de suas vidas. Os corpos fatiados e as roupas ensopadas de vermelho. Bem no centro, no meio de tudo, estava um homem vestido completamente de negro. O hitatare e a hakama estavam bem sujos, mas, ainda sim, era uma figura imponente. Bateu a mão para limpar um pouco a camisa e a calça de modo que, sendo negros, nem transpareceram mais tanto a sujeira. Só mais próxima, Verso Triste notou o quanto havia de sangue neles.

O homem voltou o rosto para as duas. Embainhou duas espadas na cintura enquanto as encarava a partir de uma máscara com desenho de chamas, mas sem qualquer abertura para os olhos. Verso suspirou de alívio quando as lâminas entraram suavemente na bainha. Um dos ninjas suspensos gemeu. Nem a Velha nem o homem de negro se importaram.

- Sabe por que os Bruxos estavam no castelo? – perguntou a Velha, apontando um banco caído no canto da câmara. Verso foi até lá pegar, evitando poças vermelhas e vendo um pé de um dos corpos pendurados se mexer em um espasmo violento.

- Estão à procura do Dragão da Ecuridão sob o Mundo – respondeu o estranho com uma voz baixa e cautelosa.

- O que eles possuem?



- Até onde eu sei, o básico para ter o poder do Dragão. Duvido que estejam com os Amago, apesar de Shimazu Tsubasa ter recebido a informação de que Amago Okihisa havia prometido a Kasaioni um prêmio caso conseguisse eliminar o clã dos Destinos Inexoráveis.

- Então os Bruxos estão servindo os Amago? – perguntou a Velha, incrédula, sentando-se no banquinho.

- Duvido. Mas os Destinos Inexoráveis praticamente não existem mais e o motivo nunca esteve alinhado com o objetivo dos Amago.

- Mas a Família dos Bruxos conseguiu massacrar todos os Destinos Inexoráveis? – perguntou Verso Triste. A Velha acertou-lhe um tapa no ombro exigindo respeito. Era raro ela respeitar alguém.

- Não, fui eu – revelou o estranho, sem qualquer dose de culpa ou emoção nas palavras. Foi uma confissão mais simples do que comentar sobre o clima em uma conversa que não rende.

Verso Triste tremeu. Quem era aquele? O que era aquilo? Quem teria poder para massacrar tantas pessoas? Seria ele algo como o Primeiro Dragão?

- Mas não teme os tengu? Eles virão atrás de você!

Olhou para as sombras procurando pelos homens-corvo. Poderiam vir de qualquer lugar e, com a Velha naquele estado, seriam mortas com facilidade. Basta um daitengu estar ali e não teriam tempo nem de se defenderem. Então a Velha gargalhou. Riu tanto que precisou se apoiar em verso para não cair do banco.

- Ninjas têm pesadelos com tengu, tengu têm pesadelos com Inferno.

Um ninja que destruíra o próprio clã e não temia os tengu. Ele seria um Dragão, só poderia ser um deles. A profecia falava de três e ela vira claramente o poder de Shimazu Tsubasa, o Dragão da Terra e segundo deles, enfrentar cinco daitengu, mais precisamente os Cinco Olhos da Morte e ainda ficar frente a frente com Kasaioni. Sabia o que significava aquele poder. Inferno deveria ser o terceiro e último. Chamavam Shimazu Yoshihiro de Dragão do Céu, mas o que ele demonstrara frente a todo poder que o irmão exibira naquela noite? Ele

seria uma vítima durante os próximos eventos, uma da qual ninguém mais se lembraria na história sangrenta de Ōkoku.

- Inferno caçou os tengu. Ele caçou os tengu, menina. Quando os corvos vieram para destruir os Destinos Inexoráveis, ele acabou com todos um a um e depois os perseguiu até os fazer fugir e sentir o medo. Alguns contam que são os tengu amedrontados que aceitaram seguir Kasaioni. – A Velha respirou fundo para recarregar as energias. – Então acha que Kasaioni ainda não vai parar?

- De modo algum. A trilha de destruição continua. Isso é claro em minhas visões. Preparem para ver morte como nunca viram antes.

Verso Triste pensou nas imagens em volta e estremeceu. Mais morte ainda? Teria que se preparar mais, intensificar o treinamento. Não pretendia morrer no meio daquele furacão de sangue.

- Podem descansar aqui. Esse local está seguro. Só deixem que os pendurados morram naturalmente. Não se incomodem com os gemidos.

Inferno caminhou calmamente para fora da caverna. Ali as duas ficaram para dormirem nas próximas noites. Agora os pesadelos com os tengu e com o Dragão pararam. Ele sonhava somente com Inferno e sua gruta de sangue.

## Capítulo 19: Tigre Sensato

O castelo dos Miyoshi caíra, portões abertos para as tropas vestidas de amarelo e vermelho dos Amago. Os homens atravessavam os jardins com os pés movendo-se ávidos pelo saque e despreocupados com as flores e plantas ornamentais. Destruíam passo a passo, sem espantarem-se quando encontravam um cadáver ou outro. Pararam apenas quando chegaram ao Jardim das Cerejeiras. O massacre ali fez os soldados se afastarem chamando por todos os kami que podiam se lembrar. Alguns se arrependeram da guerra e procuraram os portões jurando nunca mais pisar em território dos Miyoshi. Um homem escorregou na poça de sangue e viu corpos azulados e mutilados caindo sobre sua pessoa. Gritou insano e atacou aqueles que tentaram o ajudar. Só parou quando foi esfaqueado pelos colegas igualmente assustados e se juntou à pilha de mortos. Ninguém mais ousou pisar no jardim. Aquele lhes pareceu um pedaço da Escuridão sob o Mundo que aflorara em Ōkoku.

- Tanta beleza sendo destroçada por párias – lamentou Lobo Fiel. Ele tocava um galho manchado de sangue de uma cerejeira. Retirara a máscara para que os olhos esbranquiçados pudessem observar melhor a destruição do dia. O nariz pontudo era quase uma pirâmide no rosto triangular. Os cabelos brancos estavam um pouco manchados de sangue que chovia placidamente das cerejeiras.

Tigre Sensato olhou para o velho com suas ridículas observações sobre preservar a beleza do mundo. Quanta ingenuidade. Os kami não enxergavam beleza que não fosse espíritos e sangue convergindo para suas garras e bocas. Jardins e maquiagens serviam apenas como distração para os humanos. Tigre há muito abandonara toda vaidade, sabendo que de nada adiantaria quando os kami chamassem por ela. Ainda mais uma ninja. Seu destino era a morte e a escuridão e tais frivolidades eram atrasos em uma vida já difícil.

- Temos que encontrar o senhor Amago. Onde está Rato Furioso? – perguntou Lobo Fiel procurando em volta.

Tigre Sensato também retirou a máscara. Os olhos pequenos e estreitos, negros como a noite, se fixaram no velho. Mais jovem que ele, tendo conhecido apenas a pior parte da história do clã, ela não conseguia entender a calma do Lobo. Quase aos quarenta, ela era uma das ninjas mais maduras da Dança das Garras, mas não aprendera nada sobre os modos plácidos com que o colega aceitava o destino que os massacrara tão implacavelmente.

- Assobie e ele nos encontrará lá. Sabe como ele é.

Assim ela fez e correram para seu mestre. Seguiu na frente sem se importar se Lobo Fiel conseguiria alcançá-la. Parou apenas quando os pés finalmente pisaram no salão onde Miyoshi Hachiro e Miyoshi Tetsuo estavam caídos. Um fora morto ali mesmo e o outro tivera seus ritos funerários interrompidos. Com certeza a alma de ambos vagaria até ser se deparar com um kami e ser devorada. Nada de chance de reencarnar. Aqueles dois veriam o Final Irrevogável. A batalha em volta do salão não fora fácil. Os tapetes indicavam que muitos tengu tombaram ao enfrentar os ninjas e os samurai ou, talvez, o samurai. Shimazu Tsubasa era uma ameaça até para os corvos malditos.

Ajoelharam-se diante de Amago Okihisa e Yamanaka Yukimori. O primeiro era o último dos Amago, senhor de Doragonhōmu. Sua forma rechonchuda era até engraçada. Era difícil levar a sério aquele homem baixo fanático por doces que tentava esconder suas formas arredondadas em meio a roupas largas. As bochechas inchadas estavam avermelhadas pelo esforço de caminhar pelos jardins. Nem parecia ser o daimyo tão temido pelas principais casas de Ōkoku.

Perto dele estava uma figura mais imponente, Yamanaka Yukimori. O samurai ficava de braços cruzados ao lado do senhor, atento a quaisquer inimigos. Portava uma nagamaki temível e usava um sashimono com o símbolo dos Amago pintado com o sangue do Dragão da Escuridão sob o Mundo. Toda a figura do samurai era impecável. Mesmo depois de um dia de batalhas, sua armadura não parecia ter sido tocada pelo inimigo e o coque continuava imóvel na cabeça. Tigre Sensato o vira matando quando os portões caíram. Yukimori não lutara pouco e ainda sim estava ali, com aquela postura

de que nunca seria tocado pelos kami. Outro ingênuo.

Amago Okihisa continuou conversando como se os dois ninjas ajoelhados diante dele não existissem. Recebeu alguns de seus principais subordinados, apontou para o local onde observaria as cabeças dos derrotados e deu ordens para que os corpos dos Miyoshi fossem preparados para a viagem de volta a Doragonhōmu.

- Não quero os dois enterrados aqui. Vão ser humilhados em morte como eu fui humilhado em vida – disse com uma voz potente que destoava do corpo aparvalhado.

Quando os servos mais baixos que tinham começaram a cuidar dos cadáveres, Okihisa finalmente se virou para os ninjas ajoelhados. Tigre Sensato aguardava ansiosa por alguma ordem. Havia feito pouco além de patrulhar e procurar por fúgitivos naquela noite. E, durante os eventos, perderam Urso. Ela lamentava, mas o coração estava treinado demais a não expelir as lágrimas e soluções de dor. A vida continuava. Que os kami o recebessem bem por tanto esforço.

- O que encontraram de interessante? – perguntou o senhor Okihisa. Um servo acabara de trazer uma bandeja com doces. Pegou um tentando disfarçar um sorriso.

- Os Destinos Inexoráveis foram massacrados, senhor. Imaginamos que, pelo estrago, Inferno ou o próprio Kasaioni fizeram o serviço. Parece haver uma trilha para fora do castelo e imaginamos que foi usada por Miyoshi Chiyo para escapar. Nossos sukoshi estão seguindo os rastros.

Ninguém conseguia esconder rastros de Lobo Fiel do clã da Dança das Garras. Os outros membros do clã eram bem treinados em rastrear, apesar de nunca terem alcançado a experiência do ancião.

- Muito bem. Sigam-nos e tentem trazer Chiyo de volta. Se não conseguirem, ao menos matem o máximo de ninjas deles que conseguirem. Eles são tudo o que ela tem para tentar alcançar o general Gorou. Precisamos mantê-los separados.

Tigre pensou em protestar. Um olhar de Okihisa suportado por Yukimori a manteve calada. Saltou juntamente com Lobo Fiel. Nas sombras, caminharam pela trilha ouvindo os pequenos sons que os

sukoshi emitiam para chamá-los. Encontraram a gruta com os ninjas da Dança das Garras reunidos. Rato Furioso, pequeno e com seus modos ansiosos, pulou ao lado deles.

- Por que não foi com a gente receber as ordens? – perguntou Tigre Sensato.

- Se fosse só para ouvir o gordo, melhor eu ficar aqui pra vocês me contarem depois.

Lobo Fiel parou entre os dois. Ainda não recolocara a máscara. Os olhos esbranquiçados voltaram-se de um para o outro.

- Sem brigas. Temos muito mais com o que nos preocupar. – Agachou-se e colocou a mão na terra. Levou um pouco ao nariz e farejou. – Miyoshi Chiyo não escapou sem ajuda. O Dragão do Céu está com ela e acredito que ninjas de outros clãs também.

- E a Família de Bruxos está por aí – lembrou Rato Furioso.

- Sim. Os Bruxos por aí e nosso senhor manda todo clã atrás de Miyoshi Chiyo – comentou amargamente Tigre Sensato.

Rato Furioso deu de ombros e Lobo Fiel a ignorou. O clã fora reduzido a ela e dois patéticos ninjas que sabiam pouco sobre como lidar com a escuridão dentro de si. Lobo Fiel sabia apenas ouvir as ordens, mesmo aquelas com menos bom senso. Quem ouvia comandos sem tentar turvá-los em meio à Onda das Trevas eram os samurais. Os ninjas reconheciam o que havia de obscuro e lidavam com esse turbilhão negro como uma noiva enlouquecida que ama e mata por ciúmes. Rato Furioso... Esse era apenas um idiota que gostava de explodir as coisas.

Era difícil ser parte de um clã fracassado. Eram os únicos eñto que restavam e mesmo os sukoshi não pareciam enxergá-los como os melhores exemplos do que já fora da Dança das Garras. Eram três fracassados que não estavam no lugar errado quando o clã fora arduamente massacrado. Só isso. Mesmo Urso, recém tombado, era outro conhecido pela força e pelo poder, mas sem uma mente que pudesse guiar o clã.

- Nosso senhor não confia mais no clã que jurou protegê-lo. Que desgraça é essa que se abate sobre nós?

- Desgraça nenhuma. Ele é o último da linhagem dele. Que morra então como quiser. A gente não vai ter falhado, só cumprido ordens. E, ainda, a gente vai estar livre do juramento a essa família. Nenhum tengu vai caçar a gente.

- As coisas não funcionam bem assim, Hayate-san – interrompeu Lobo Fiel. – Uma pena que você seja jovem demais para compreender tudo. E tem pouca paciência para que os mais velhos o ensinem mais.

- Ensina a gente sobre liberdade, velho. Sobre liberdade – exigiu Rato Furioso.

Tigre Sensato não precisava de ensinamentos sobre liberdade ou fidelidade. Ela sabia qual era a missão de um ninja. E não era nenhuma adolescente. Foram décadas árduas desde a infância servindo mestres que a olhavam como se fosse nada.

- Acho que os Bruxos estão trabalhando para o senhor Amago – soltou Rato Furioso.

Os olhos arregalados de Tigre Sensato não esconderam nem um pouco sua surpresa. Rato riu dela, zombando da ingenuidade. Ele adorava aquele jogo. Maldito fosse! Que se afogasse nas Trevas. Deu um passo para socá-lo. A mão de Lobo Fiel a parou.

- Não duvido disso, Hayate-san, mas não cabe a nenhum de nós julgar. Temos ordens a cumprir e gente a matar. – Encarou Tigre Sensato. – Izumi-san, temos que entender que o clã está mesmo fraco. Demoraremos anos para voltarmos a nossa glória. Até lá, será normal que nosso senhor conte com ajuda externa...

- Não acredito que ele dispensou a gente assim.

- Pode ser que sim, pode ser que não. Enquanto não temos certeza, vamos fazer o que sabemos de melhor, meus amigos. Vamos honrar o nome do clã.

## Capítulo 20: Trovão Abençoado

- Não sobrou muita coisa para ver, mãe – contou Trovão, largando no chão algumas joias e pedras que pegara de soldados que encontrara mortos nos jardins dos Miyoshi ou que matara no meio do caminho. Nuvem Cinzenta avaliou os itens com preocupação estampada nos olhos. Precisavam de dinheiro para comprar comida, mas matar e roubar poderia chamar atenção.

Atrás dela, as crianças se espremiavam caladas. Aguardavam para saber seu destino no meio daquelas fugas constantes e trocar de esconderijo. Algumas tinham olhares tão assustados que Trovão pensava seriamente em lhes doar a alguma família. De nada somariam ao sangue do clã que precisavam reconstruir. Já bastava o medo que sentia dentro de si. Lidar com o pavor tingindo de branco e de lágrimas os rostos dos outros não era o melhor para ele.

- Vamos procurar por comida, filho. As crianças precisam encher a barriga logo. A Irmã Morte já ouve o barulho dos estômagos deles.

Caminharam para fora da caverna onde estavam escondidos há dias. Já estava quase na hora de trocarem de esconderijo. A relutância de Nuvem em partir era causada pela presença dos Bruxos. Ela sabia que eles estavam rondando. Vira um sukoshi deles por perto cheirando a terra e a jogando ao vento para procurar pelos desafetos da família. Kasaioni ainda os queria. Ele precisava ver o fim do clã que o desafiara.

- Mãe, por que Kasaioni odeia tanto a gente?

- Seu pai já foi amigo dele e das maiores amizades surgem ódios perpétuos quando o poder separa as almas.

- Eu vou vingar o pai, mãe.

- Um dia vai, meu filho. Seu destino está marcado no sangue. Dentro de mim você já estava marcado para a vida de luta, sofrimento e vitória. Seu destino são sangue, suor e lágrimas.

Durante anos, a vida de Trovão parecia apenas desejos, divertimento e risos. Agora o sofrimento permeava cada fôlego que tomava. Em suas costas estava o destino do clã, a necessidade de



selecionar aqueles que se tornariam novos ninjas. Precisava sobreviver e vingar o pai da morte por um dos grandes ninjas de Ōkoku, o líder de uma família conhecida por compactuar com as trevas. Kasaioni, aquele que era temido pelos clãs, aquele que estivera tão próximo do Dragão.

- Há uma vila aqui perto. Amago Okihisa não deixou que o exército incomodasse os camponeses e até pagou pela comida que tirou deles.

- E eles vão comer dinheiro?

- Tirou o que precisava sem que eles passassem fome. Devem ter ainda o suficiente para alimentar mais algumas bocas em troca de dinheiro.

- E se não quiserem? – perguntou Trovão, o olho vermelho latejando.

- Vamos matar e conseguir o que precisamos. Temos um clã para trazer de volta. Camponeses brotam da terra como o arroz. Ninjas precisam ser talhados a partir do ar e das trevas.

Talhar o ar e a Escuridão. O pai falava muito disso. Uma vez Trovão passou metade da tarde tentando moldar as correntes de ar que passavam pela negritude da caverna. Ouvia os sons, sentia o vento frio passando entre os dedos. Tudo era em vão.

- Mãe, eu não quero matar nenhum camponês. – A certeza na voz dele gerou vincos na testa da mãe. O olhar dela não foi nada aprovador, mas Trovão a encarou de volta sem ceder.

- Então torça para que eles sejam sensatos, filho. E, quando não forem... – Bateu com o indicador duas vezes na cabeça dele. - ... avalie bem aqui dentro se prefere correr de onde os filhos deles choram sobre os corpos ou para onde nossos parentes morrem famintos.

Ele precisaria saber na hora. A mãe sabia. O pai saberia. Qualquer ninja da elite do clã saberia o que fazer. Um ninja era ar e trevas. O ar não parava diante de lágrimas. As trevas continuavam escuras, não importando se essas lágrimas escorressem de olhos abertos ou fechados.

A mente de Trovão travava batalhas para imaginar como

conseguiria criar um bando de crianças choronas. Ele precisaria se tornar como a mãe e o pai logo. Se não fosse um modelo, levaria todos ao fracasso. Nuvem Cinzenta já estava velha e cansada. Antes do ataque dos Bruxos, ela mal saía em missões da caverna. Ouvira alguém dizer uma vez que desde que retirara os filhos das trevas de seu ventre, ela nunca mais fora a mesma. Uma vez alguém dissera que Trovão era um parasita e roubara para si o que restara da luz da mãe, o pouco que ainda existia depois que a irmã nascera.

- Mãe, a irmã...

- Está morta.

Estava. Ele queria apenas perguntar por que Kasaioni a matara de maneira tão especial. Os outros ninjas do clã ele deixara para servos assassinares, reservando a espada apenas para as pessoas que Trovão amava. Parecia uma desavença especial contra ele.

Nuvem o jogou contra a árvore. Trovão ainda estava se lembrando da morte do pai quando a viu cobrir o rosto com a máscara de pano. Os olhos preocupados o avisavam para ficar calado. O olho vermelho latejou. As pálpebras tremiam forçando a abertura. O mundo se coloriu com tons escarlates. Só ao canto ele notou as trevas se mexendo no meio da vermelhidão. Em cima de uma pedra, um tengu bicava os últimos pedaços de carne de um fêmur. Distraído, o espírito emitia sons satisfeitos a cada físgada no tecido mole. Aquilo soava como risadas demoníacas na alma de Trovão.

Os dois poderiam ser páreos para um kotengu. Se o pegassem de surpresa, venceriam o combate sem muitos ferimentos. Trovão fazia questão de levar o bico da criatura para casa. Sonhava em ter um colar feito apenas deles. Usaria esse mesmo colar para enforcar Kasaioni.

A mãe gesticulou rapidamente. Os dedos indicaram para saírem calados dali. O kotengu ainda não os percebera. Era normal que as criaturas se perdessem na fome e esquecessem do mundo ao redor. Começaram a sair devagar. O monstro continuava comendo.

Filho e mãe se afastavam, mas o olho vermelho não descansava. Continuava a doer à espera da morte. Trovão queria fazer algo. O desejo de lutar contra aquele aviso transbordava do coração.

Infelizmente, as ameaças do mundo passavam mais rapidamente do que o corpo reagia aos avisos do olho. Ele era só um espectador.

- A fome sempre leva a presa à armadilha – sussurrou o ninja que surgiu atrás deles.

Nuvem tentou se virar com uma kunai mirando o pescoço do homem. Ele segurou o braço dela e torceu até forçar a lâmina contra a barriga da mulher. O corpo da ninja cedeu.

- Espere aí, garoto. Sua vez vai chegar.

- Corra, filho. Corra... Você tem uma missão.

De novo. Ele precisava correr de novo. O sangue escorria do ventre da mãe. O ninja, servo de Kasaioni, sussurrou algo no ouvido de Nuvem. Os gemidos dela cortaram os ouvidos de Trovão. Cada passo para trás doía como agulhas no coração do garoto.

- Corra, filho...

- Shhhh... Quieta... Quieta – falou Raio do Submundo. Retirou carinhosamente a kunai da barriga ensanguentada dela. Desenhou um corte delicado no pescoço dela, só o suficiente para o sangue vazar da pele enquanto ela enxergava o filho correndo.

Trovão gritava ao correr pela floresta. O olho o forçava a voltar-se para trás para ver os últimos suspiros da mãe. Sukoshi tentaram pará-lo no meio da ira. A espada do jovem cortou quem passou pela frente. Os relâmpagos iluminaram a mata em voltas chamaram a atenção de viajantes e soldados. Ele apenas avançava com a espada rompendo as barreiras de carne que tentavam pará-lo.

A consciência voltou quando o olho parou de latejar. Ele estava sobre o tengu que vira comendo. A espada atravessada no pescoço da criatura cravara o chão. O crocitar cessou quando a carne foi substituída por vermes e mosquitos. Trovão se levantou vendo corpos em volta. As roupas eram puro sangue. Dentro dele ardia um ódio sem fim contra o mundo.

## Capítulo 21: Shimazu Yoshihiro

O dia de descanso revitalizara as forças de Yoshihiro. Graças à ajuda dos aldeões, seus ferimentos foram tratados e a força de seus juramentos ajudou a cicatrizar boa parte dos cortes ainda abertos. Ao contrário dos ninjas, que ainda se cuidavam e andavam silenciosamente tentando esconder os danos sofridos, ele já estava praticamente curado. Suportaria nova luta tão logo os inimigos se apresentassem.

A aldeia era um local secreto de onde poucos habitantes saíam com vida e, se o faziam, era sob autorização direta do daimyo. Estavam ali para ajudar em caso das maiores desgraças ocorrerem na Casa Miyoshi e não poderiam vazar nenhuma informação para fora da floresta. A presença do clã do Enxame de Máscara só era tolerada devido à situação adversa.

Caminhou pelas casas simples enquanto os aldeões seguiam a rotina de lavar as roupas, preparar os alimentos, limpar as casas. Algumas crianças brincavam sem saber que nunca poderiam conhecer outro lugar que não fosse aquele, fadadas a fazerem seus jogos sempre na mesma floresta para aprenderem como ninguém sobre o lugar e então servirem ao daimyo. Pediu para que uma delas o guiasse até a cachoeira aonde Chiyo fora sob a proteção de Veneno e algumas sukoshi. Assobiaram antes de chegar para avisarem que homens se aproximavam e nenhum deles pretendia macular a honra da herdeira Miyoshi ao presenciar sua nudez. O menino foi logo embora enquanto Yoshihiro se aproximou da pequena cachoeira onde borboletas dançavam como pequenos pedaços do vento materializados só para agradar as mulheres que ali estavam.

- Senhora... – Interrompeu-se quando viu que Chiyo ainda nadava nua sob a observação dos ninjas. Ruborizado, virou-se dando de cara com Veneno. Ela o observou sem julgamento. Havia ali um olhar curioso com a reação dele.

Viu pelo canto do olho que Chiyo saía devagar da água. Uma sukoshi ajudou-a a se secar e a vestir o quimono. Yoshihiro só então

olhou, percebendo que estava mais envergonhado por ver Chiyo nua na presença de Veneno do que com a pura nudez de sua senhora. Já a vira tantas vezes assim na infância e no início da adolescência. Aquilo não seria surpresa.

- Alguma novidade, Yoshihiro-san? – perguntou ela, enquanto a sukoshi ainda prendia seus cabelos.

- Um informante confirmou as mortes de Tsubasa e quase todos os samurais. Os sobreviventes estão sendo crucificados por não terem se rendido nas duas oportunidades que Amago lhes deu.

- Nenhuma surpresa até aí. Okihisa nunca lidou bem quando seus favores são negados. Ele também pretende me crucificar.

A guerra toda por Chiyo. Não, aquilo não parecia certo. Seria apenas Chiyo? Haveria alguma ligação com o fato de os Bruxos quererem a força do antigo Dragão da Escuridão sob o Mundo? Okihisa era um gordo idiota, entretanto um bom estrategista. Mesmo que o estandarte com parte da força do dragão ainda fornecesse alguns poderes ao exército, ainda tinha seu mérito em todos as conquistas recentes.

- Precisamos nos aliar aos Uesugi, mas também precisamos saber o que eles pedirão em troca. Nossas relações nunca foram pautadas pela melhor das cortesias – alertou Yoshihiro, sob olhar atento de Veneno.

- Temos um inimigo em comum, alguém que eles odeiam mais que tudo. Eles não arriscarão que Amago Okihisa tome outro território tão perto do deles. Terão que se mover para a guerra. Antes disso, cobraremos uma aliança e eles me ajudarão a alcançar o general Gorou.

Esse era o plano desde o início. Repetiam a ideia, mas ainda parecia inconsistente nos ouvidos de Yoshihiro. Dependiam demais da boa-fé dos Uesugi e ainda de fatores como os avanços incontestáveis dos Bruxos, ter Inferno à solta e a presença da Velha. Tudo isso com suas forças resumidas a um bando de ninjas e um general que não se moveria para os ajudar. Teria que ser forte para manter a estrutura do pequeno grupo que agora formava o cerne da casa Miyoshi.

- Tem mais informações sobre o clã? – perguntou a Veneno.

- Pelo que sabemos, todos mortos. Talvez um ou outro erito em missão ainda estejam vivos. Talvez Vulto Fatal ou Adaga Oculta. Alguns sukoshi os acompanhavam.

- Algum aprendiz de Inferno?

- Se ele destruiu o clã, eles foram os primeiros ou, então, pode apostar que o seguirão piamente até a Onda das Trevas os afogar. – O ódio respingou na fala dela.

- E se falharmos? Yoshihiro, não quero cair nas mãos de Okihisa. Aqueles dedos gordos não vão tocar minha pele de novo.

O nojo na fala de Chiyo era ainda mais nítido do que o ressentimento nas palavras de Veneno Inescapável. O tempo em que estivera na casa de Amago não fora dos melhores.

- Preciso de uma alternativa, Yoshihiro. Não quero morrer nas mãos dos nossos inimigos. Se você não estiver lá para me matar, como farei?

Falhar não era uma hipótese. O samurai não pretendia mais lamentar e pensar naquela possibilidade. Era hora de agir e ser forte. Não permitiria que Chiyo morresse de modo que não fosse sob sua espada se chegassem a esse ponto.

- Senhora, eu prometo agora e diante de toda a honra como último dos Shimazu que se a honra dos Miyoshi estiver sob minha espada, eu a sangrarei de modo a nunca redimir o renome de sua casa. Aceite meu juramento.

Ela calou-se e o julgou com aqueles olhos tão azuis. Bufou descontente com o juramento.

- Quero uma alternativa.

Yoshihiro preferiu não tomar a exigência como ofensa.

- Veneno Inescapável, dê-lhe um frasco de suas poções, uma que ela mal precise beber, que o mero resvalar na pele a mate.

A ninja sacou um frasco da roupa. Mostrou o líquido incolor e então retirou a tampa de cortiça. Cuspiu lá dentro e misturou rapidamente. Ao estender o braço para Chiyo, alertou: - Cuidado dom o frasco. No momento de quebrá-lo, aperte em um dos cantos do fundo e ele se partirá com facilidade. Já na sua pele, o veneno matará.

Pegou mais um frasco dentro das roupas e repetiu o ritual.

- Esse é o antídoto caso ocorra algum acidente. É tudo o que eu tenho e foi dado pelo pai. Não vou conseguir produzir mais desse caso.

- Não acho que vou precisar do antídoto. Caso cheguemos a isso, pretendo morrer como uma Miyoshi, não como um brinquedo dos Amago.

- Não chegaremos a isso – falou com firmeza Yoshihiro. – Vamos voltar logo. Ainda há coisas ocultas nessas matas.

Olharam sobre os ombros cientes do quanto era verdade. Os Miyoshi deixavam que espíritos e criaturas esquecidas ou vindas do divertimento sádico e dos pesadelos dos kami vagassem pela mata. Era diferente do que havia nas cavernas abaixo do castelo. Era melhor que as lendas proliferassem para que sempre houvesse um risco para os intrusos alcançarem a aldeia.

A caminhada de volta foi embalada por uma canção tímida de Chiyo sobre os antepassados da família. O primeiro Miyoshi estivera ali fugindo quando o shogun vencera o exército do imperador pela primeira vez, tornando-se o governante supremo naquela época. A música falava sobre como encontrara os mekai no kami confabulando junto às cavernas. Jurara aos Senhores sob o Mundo que não permitiria que ninguém perturbasse sua reunião. Parou o recuo e colocou seus homens para lutarem contra os soldados e samurais do shogun. Surpresos com a volta súbita, mesmo que em maior número, foram derrotados. O primeiro Miyoshi perdeu muito mais da metade de seus homens, mas quando voltou à gruta, havia uma placa que dava o terreno a ele, algo que apenas o imperador poderia um dia retirar. O shogun não voltou a atacar naqueles tempos, reconhecendo a nova casa que seria criada.

A canção era bonita. Ao final dela, o primeiro dos Shimazu se levantava do campo de batalha e cambaleava até encontrar seu senhor carregando as cabeças de trinta samurais do shogun. Era um dragão, os homens diziam ao vê-lo lutar. Yoshihiro ria da história. Custava a confessar o orgulho que sentia ao ouvir nas baladas as histórias sobre como seus antepassados batalhavam como monstros lendários e

morriam a serviço dos Miyoshi. Quase sempre fora assim e ele poderia ser o último a fazê-lo se não se mantivesse alerta.

Foi isso o que o salvou quando a chuva de shurikens caiu sobre ele. Alguns explodiram violentamente, jogando o samurai contra as árvores. Os braços estavam queimados e o rosco coberto de fuligem quando se encostou no tronco procurando por Chiyo. Viu-a no meio dos ninjas. Algo pulara entre eles, uma sombra escura dançava entre os shinobi distribuindo lâminas e tomando sangue em troca. Yoshihiro invocou as forças dos juramentos e disparou para junto de Chiyo.

Mais shurikens explosivos cercaram o samurai, mas agora ele estava em missão para proteger uma Miyoshi. Nada o parou. A pele queimada e os pedaços quebrados da armadura não eram nada diante da determinação pétrea no rosto de Shimazu Yoshihiro. A espada cortou violentamente, batendo contra a lâmina da sombra e a partindo no meio. A katana do samurai continuou o caminho abrindo o tecido e libertando o sangue preso sob a pele do ninja.

Veneno e as sukoshi que a seguiam voaram para cima do atacante que rolava pelo solo da floresta. Ninjas de outro clã os interceptaram e a dança de espadas começou novamente. Não queriam esconder o que eram. Os ataques violentos, a selvageria misturada à leveza, tornavam claro que a Dança das Garra havia os achado.

- Sumam daqui, desgraçados. Vocês são um clã perdido – gritou Veneno Inescapável.

Uma ninja, formas femininas claras sob os trajes negros cobertos de símbolos dos kami, saltou sobre ela. Os sai da Destino Inexorável defenderam a katana a tempo de impedir que o braço direito fosse decepado.

- Vocês se tornaram o quê, Veneno? Você se tornou o quê? Está prometida a quê? – disse a ninja enquanto disputavam forças.

- Tigre Sensato. Está viva então – sussurrou Veneno. O óbvio escapou de seus lábios tamanha a surpresa em se deparar com a rival.

- Que os kami devorem você por dentro, vadia.

Separaram-se e tomaram distância para se medirem. Veneno parou junto de Yoshihiro.



- Serão apenas esses aqui. Não restam mais do que isso deles – comentou a ninja.

- Somos poucos também e eles conseguem usar a floresta a seu favor. Não vamos subestimá-los.

A ninja assentiu.

- Assim será.

O primeiro atacante, ainda sangrando, ficou de pé e caminhou arrastando a espada pela terra.

- Miyoshi Chiyo... Venha conosco e abandone seu orgulho. Já é hora de as mortes pararem.

Olhos vermelhos brilharam nas trevas. Lobos uivaram. Criaturas das profundezas rosnaram. A Dança das Garras despertava a floresta a seu favor e o grupo estava cercado.

- Minha resposta é a mesma. Não vai me comover falando sobre mortes. Cada um cumpre seu papel em Ōkoku. É isso ou deixar que a Onda das Trevas o leve.

Os ataques recomeçaram. Ninjas voaram como animais sobre ovelhas. Arrancaram sangue a base de lâminas que dilaceravam como garras e presas. Ao fim da ofensiva, a armadura de Yoshihiro estava coberta de perfurações, porém dois corpos ensanguentados jaziam sob seus pés. Algo parecido ocorrera com Veneno, entretanto ela tinha corpos de aliados junto de si. Perdera duas das sukoshi que os acompanhavam.

Yoshihiro precisava retirá-los dali. Aquele não era o ambiente correto para lutarem. A Dança das Garras era reconhecida por suas emboscadas nas matas do território dos Amago. Era tão mortal que conseguiu capturar grandes senhores de terra que ousavam passar por aquele que já fora um feudo pequeno de uma família menor.

- Avançarei contra eles, Veneno. Enquanto isso, corra com Chiyo.

Brandiu a espada e gritou o nome dos Shimazu. A katana brilhou sob a luz do dia e obrigou os ninjas da Dança das Garra a recuarem. O samurai abateu-se sobre eles girando a lâmina como um furacão. Os inimigos saltaram das árvores para caírem mais uma vez

sobre o Shimazu. Era para ser o golpe final, entretanto o Dragão do Céu não se acabaria assim. Rodou a espada de olhos fechados, deixando a força dos juramentos captarem a necessidade de sobreviver para continuar sua missão. Lâmina por lâmina ele defendeu e disparou novos ataques que criaram outro recuo dos ninjas.

Notou que Veneno já se distanciava com Chiyo. Elas aproveitaram bem a chance. O problema era que ali eles eram presa e o mundo explodiu em chamas mais uma vez, queimando a floresta e jogando a ninja e a senhora pelo chão. Perto delas, caiu das árvores um ninja baixo de trajes cinzentos. Parou junto de Chiyo, acariciando seus cabelos e então ergueu uma ninja-to repleta de dentes. Solto uma risada fina e histérica antes de golpear.

A lâmina foi travada antes de alcançar o pescoço de Chiyo. O ninja de cinza saltou para trás arremessando suas shurikens. Todas explodiram diante da figura que protegera a senhora Miyoshi. Era Besouro Azul do Exame de Máscaras. A defesa especial do ninja repeliu com facilidade as explosões. Atrás dele, Grilo Negro ajudava Chiyo a se levantar.

Yoshihiro ouviu espadas cantando em volta. Escorpião Negro duelava com os ninjas da Dança das Garras. Era eficiente nas esquivas e defesas e encontrou um adversário sério quando o ninja ferido por Yoshihiro iniciou um duelo de espadas.

- Defenda sua senhora – falou o Escorpião.

Assim ele o fez. Correu até Chiyo, tomando o lugar de Grilo Negro e fazendo sinal para o ninja participar da luta.

- A gente precisa sair daqui agora – comentou Besouro Azul. – Aquele é Rato Furioso. Ele vai queimar essa floresta toda para acabar com a senhora Chiyo.

- Consegue nos defender enquanto recuamos até a aldeia?

- Sim.

- Então venha comigo e mantenha a defesa.

- Eu ouço e executo!

Abriam caminho pela mata sob as explosões de Rato Furioso.

- Pegue-o logo, Grilo – gritou Besouro.

O outro ninja saltava entre as árvores para encontrar o inimigo. Por mais rápido que fosse, o outro conseguia escapar no meio de cortinas de fumaça ou ocultando-se entre as árvores.

- Ele é rápido demais, Besouro.

- Então seja mais rápido do que ele. Essas pernas finas de bambu servem pra quê?

- Você vai ver o que vou fazer com esse bambu.

Yoshihiro bufou ao os assistir se divertindo. Eles riam no meio do desespero. Não era o último herdeiro dos Uesugi que protegiam. Aquela era uma aliança que pouco devia valer para o Enxame de Máscaras. Yoshihiro precisava ter isso em mente.

- Não se preocupem. Grilo é competente. Ele vai parar esse safado – comentou Besouro. Havia um sorriso claro nos olhos dele quando parou para defender outro shuriken explosivo.

- Como ele causa essas explosões? Está usando o pó proibido? – perguntou Chiyo.

- Aposto que sim. Depois do expurgo da Dança de Garras, acho que não sobrou ninguém que proibisse os experimentos dele – explicou Besouro.

Seguiam rumo à aldeia, porém os desvios os atrasavam. Rato Furioso tentava ganhar tempo até o restante do clã conseguir alcançá-los. Foram obrigados a parar em uma clareira. Yoshihiro sabiam que dali ainda faltava uma boa caminhada para retornarem. Estavam apenas ele, Veneno, Chiyo e Besouro Azul.

- Onde estão os outros?

- Na aldeia. Escorpião exigiu uma ronda e estávamos com ele quando vimos o ataque. Não houve tempo de enviar ninguém para chamar os outros.

Grilo Negro saltou junto deles.

- Ele é muito rápido, quase tanto quanto eu...

- E ainda tem a vantagem da floresta. Fosse na cidade ou entre muros, estaria perdido. Você teria massacrado o desgraçado, meu amigo.

Os dois bateram as mãos concordando. Pareciam quase como

irmãos, em uma relação que lembrava o que Yoshihiro sempre quis ter com Tsubasa. Uma pena que raramente passavam perto daquela camaradagem.

Yoshihiro observou as defesas perfeitas de Besouro. Era raro ver um ninja tão bom em absorver ataques. Eles eram melhores em se esquivarem do dano. As explosões pararam, dando tempo para que descansassem. Mais adiante, o barulho de espadas continuava.

- Escorpião está sozinho – comentou Grilo.

- Ele sabe se cuidar. Estou mais preocupado com a gente, magrelo. Pode ficar preparado. Rato Furioso está planejando outro tipo de ataque.

O suor escorreu pela testa franzida de Yoshihiro. Dispersava a dor das queimaduras e olhava em volta sem encontrar qualquer sombra do inimigo. Chiyo tentava esconder a própria preocupação ao apontar para a mata uma adaga emprestada de Veneno. Já a ninja estava de olhos fechados. Ouvia o mundo à procura de sinais que apenas as trevas a permitiriam perceber.

- Por cima – Veneno avisou.

De fato, Rato Furioso saltou da copa das árvores, pairando sobre eles e arremessando os shuriken. O grupo se dispersou enquanto Besouro saltava para impedir que as bombas atingissem os aliados. A fumaça tomou a clareira quando ninja e projéteis se encontraram. Yoshihiro ouviu um baque violento. Chiyo tossiu e segurou-se em seu ombro. Perto dele, alguém que parecia ser Veneno se mexeu. Demorou um pouco para que a visão clareasse.

- Não! – gritou Grilo Negro.

No meio da clareira, a morte alcançara o grupo mais uma vez. Tigre Sensato da Dança das Garras estava sobre o corpo de Besouro, atravessando a espada com tanta força em suas costas que a lâmina devia ter alcançado a terra logo abaixo. Ela levantou-se e avançou sobre Chiyo em uma corrida enlouquecida com os olhos negros e estreitos fixos na vítima. A própria Chiyo conseguiu defender o ataque. Yoshihiro aproveitou o momento para chutar a adversária para longe enquanto Veneno arremessava shuriken envenenados.

- Você a acertou? – perguntou o samurai.

A ninja desaparecera no meio da parte ainda densa da fumaça.

- Acho que não. Tigre Sensato não morrerá tão facilmente.

Grilo Negro estava sobre o corpo do amigo certificando-se da morte.

- Pare de lamentar-se, Grilo Negro. Temos uma missão.

O ninja passou o braço pelo rosto como se limpasse lágrimas.

Aproximou-se deles calado e esperou por ordens.

- Não temos mais defesa. Resta agora apenas correr.

E correram vendo que os inimigos já preparavam nova emboscada. Parte da floresta queimava diante deles com chamas longas buscando o céu. O calor os cobria de suor quando o novo ataque se iniciou. Mais explosões seguidas do ataque preciso de Tigre Sensato. A espada de Yoshihiro defendeu a arma da ninja e rechaçou cada nova investida até ter oportunidade de socá-la violentamente no nariz. Ela caiu e rolou para se afastar. Levantou-se com o rosto repleto de sangue e sumiu entre as copas das árvores.

Os ataques pararam logo depois. Escorpião Negro caiu entre eles com a espada ensanguentada e cortes pela roupa. Limpou a arma com calma e a embainhou.

- Vamos nos concentrar apenas em correr. Eles não vão nos atacar mais. Não podem se dar ao luxo de perder os últimos erito que possuem.

Voltaram para a vila ainda atentos e com pressa. Yoshihiro observou a determinação de Escorpião Negro e o modo tímido como Grilo Negro o seguia. Mais uma vez, lembrou-se de Tsubasa, só que agora tinha certeza de que não seria mais o estereótipo do tímido irmão mais novo. Ele era o Dragão do Céu e, a despeito das dificuldades, tanto ele quanto sua senhora ainda estavam vivos.

## Capítulo 22: Verso Triste

A floresta queimava soltando fumaça e um calor que ensopava de suor a Velha e Verso Triste. As duas estavam imóveis entre as sombras observando a batalha que a Dança das Garras travava contra os protetores de Miyoshi Chiyo. A vida da mulher era prezada demais aos olhos de Verso. A tal ordem das coisas exigia demais dos servos que morriam aos montes para tentar proteger uma mulher que poderia ser facilmente substituída por outro governante. Clãs inteiros de ninja eram obliterados por causa das vontades desmedidas de seus senhores e ninguém questionava. Sempre quis perguntar à Velha como tudo aquilo começara. Já teria questionado não fosse o temor da resposta bruta que viria que, com certeza, não sanaria suas dúvidas e a cobriria de humilhação e de dores no corpo.

- Vamos ajudar um dos lados? – perguntou apenas para quebrar o silêncio.

A Velha sabia que Verso não ficaria calada por muito tempo. Perdia a paciência tentando entender como a mestra tomava as decisões, principalmente na rede complicada que se tornava aquela missão cujo cerne parecia ser Miyoshi Chiyo.

- Se seu clã soubesse ficar mais calado, talvez você ainda tivesse uma família, menina. Pena que eram um bando de cretinos fãlastrões.

Primeira ofensa do dia e ela ainda não fizera o desjejum. A Velha não parecia ter fome. Os olhos dela se alimentavam da batalha adiante. Estava tão atenta que nem se preocupava em limpar o suor que gotejava do rosto.

- Grilo Negro me pareceu uma boa pessoa. Poderíamos ajudá-lo. Já fizemos isso uma vez.

A Velha não se importou em responder nem em soltar a segunda ofensa do dia. Coçou o queixo pensativa e retirou um cabelo grudado no suor da testa.

Escorpião Negro, um dos ninjas identificados pela Velha, surgiu em meio à floresta circundado por ninjas. Girava a kusarigama

espalhando sangue com a foice ou gritos com a bola de aço na outra ponta. A corrente se movia como serpente, levando cada uma das armas contra um dos ninjas da Dança das Garras. Quando espalhou todos, guardou a arma e parou sobre uma árvore. Sacou uma katana e ali esperou até reiniciar os avanços. Agora deparou-se com um ninja também armado com espada. O duelo entre os dois foi bonito de se ver por algum tempo. Os dois dançavam selvagememente entre os galhos e folhas da mata, respingando suor e sangue. Foi uma pena quando o novo inimigo estava claramente ferido e precisou se afastar. Assim Escorpião Negro se viu sozinho no meio da floresta sem que a Dança das Garras tomasse qualquer ofensiva.

Não demorou a se movimentar de novo, agora na direção dos companheiros. Dali, Verso notou que um dos ninjas do Enxame de Máscaras tombara em combate. Menos um dos homens de elite para as batalhas que tomavam tons cada vez mais sangrentos. Malditos kami que tanto estavam rindo das desgraças que os mortais produziam entre si. Viu Chiyo, a mulher dos olhos azuis, escondida no meio de seus protetores. Se a matasse ali, será que tudo estaria resolvido? Provavelmente não. Havia mais em jogo. Havia sussurros demais sobre o Dragão sob a Escuridão do Mundo.

- Pegue o que conseguir do sangue dos ninjas caídos. Talvez alguma coisa seja útil depois – ordenou a Velha antes de saltar pelas árvores.

Verso Triste desceu calmamente da árvore e caminhou pela floresta ciente de que mais ninguém a atacaria. O teatro de tragédias que os kami tanto adoravam acabara naquela manhã. Sacou pequenos frascos de vidro da rouba e pegou o pouco de sangue que podia. Uma gota de saliva de morcego-raposa impediria a coagulação. Encontrou um sukoshi da Dança das Garras ainda gemendo entre os mortos. Virou-o para coletar um pouco mais do sangue fresco.

- Maldição. Por que eu sempre tenho que encontrar um vivo? – perguntou a si mesma.

Sacou a adaga para matá-lo. O homem retirou a máscara com dificuldade e tossiu um pouco de sangue.

- Qual seu clã? – perguntou.

- Nenhum – ela respondeu, ajoelhando-se cerimonialmente ao lado dele. O clã dos Poemas Sem Esperança não existia mais. O mundo agora eram ela e a Velha.

- Uma desgarrada vai me matar? Por favor, deixe-me morrer pelas mãos do Escorpião Negro. Terei uma história melhor para contar depois que atravessar as Águas Negras.

- Verdade. – Estava aliviada. Uma coisa era matar em combate e outra tirar a vida de uma pessoa já vencida. – Ninguém quer ser morto por um desgarrado. A ordem das coisas deve ser seguida.

- A ordem do mundo deve ser garantida – completou ele.

Mas o mundo era caos. A ordem que os kami exigiam tanto que seguissem gerava apenas caos.

- Você viu o massacre da Dança das Garras? – Ela fez a pergunta com um olhar choroso quando as memórias dos pais e irmãos eclodiram.

- Sim. Perdi meu pai e duas irmãs naquele dia. Fui um dos que fugiu.

- Não fica envergonhado de ter fugido?

- Não. São os samurais que não fogem. Ninjas fogem para lutarem mais um dia. E a morte nos encontra de qualquer maneira para cobrar por qualquer covardia.

- Você filosofa muito para um sukoshi da Dança das Garras.

- Lobo Fiel me ensinou.

- Ah.

Tossiu algumas vezes e o sangue escorreu pela boca. Verso coletou a amostra fresca e o assistiu dar os últimos suspiros. Levantou-se e caminhou até encontrar a Velha na clareira. Outro ninja estava junto dela. A face triangular estava coberta pelos vestígios de uma barba esbranquiçada e malfeita. Os olhos leitosos olhavam para o corpo do ninja do Enxame de Máscaras. Verso parou ao lado da Velha e observou o homem repleta de curiosidade.

- Lobo Fiel? – perguntou.

A Velha meneou a cabeça confirmando com uma expressão



carrancuda.

- Vai continuar perseguindo Miyoshi Chiyo? – perguntou ela.
- Sim. É nossa missão.
- A missão vai destruir o que resta do seu clã.
- Vai mesmo – ele concordou com uma calma que irritou Verso

Triste.

- Escorpião Negro está entre eles. Eu assisti como ele lutou contra você. Na próxima um dos dois vai morrer e será você. – A Velha limpou o suor da testa, irritada com o cabelo que grudava perto dos olhos. – Se eles alcançarem a terra dos Uesugi, vocês não terão mais chances.

- Verdade. Mas o que são chances se não as oportunidades que criamos no meio dos planos dos kami?

- Filosofia de bosta. Diga-me, Escorpião Negro é mesmo o que dizem?

Lobo Fiel agachou-se para verificar o corpo do ninja morto. Depois de satisfeito, ficou de pé de novo para responder.

- É sim.

- Então preciso falar com ele. Caso o encontre antes de mim, avise que precisamos conversar antes que ele o mate.

- Talvez eu o mate. A velhice não foi tão maligna comigo. Dentre os kami, acho que Tenjin é o que mais tem afeição a mim.

Tenjin estava ocupado demais vendo as almas atravessarem as Águas Negras ou tomando o sangue de velhos que haviam vivido demais. Verso duvidava que houvesse tempo para que ele se lembrasse de um ninja quase cego como Lobo Fiel.

- Responda-me: Amago Okihisa tem mesmo parte do poder do dragão em um de seus estandartes?

- Sim, ele tem – respondeu Lobo Fiel. – Nunca o vencerão em campo de batalha.

Foram suas últimas palavras antes de partir. Verso Triste e a Velha ainda continuaram na clareira por mais algum tempo. Quando as chamas se aproximaram demais, partiram rumo ao próximo destino.

## Capítulo 23: Shimazu Yoshihiro

A caminhada até o castelo do Uesugi foi árdua. Os passos duros por florestas e montanhas, seguindo as trilhas mais escondidas, cobraram um preço alto. O suor era tão farto que caía ardente nos olhos de Yoshihiro. As pernas pediam clemência depois de dias abrindo caminho em meio a estradas ruins ou trilhas improvisadas.

As terras governadas pelos Uesugi não tinham as grandes florestas mantidas pelos Miyoshi. Parte do terreno era árido, principalmente depois de passarem pelo Vale das Viúvas. O castelo ficava junto a um rio que cruzava aquele longo terreno tão seco que parecia até um deserto. Seguiram o caminho normal por ali. Poucos ousavam atravessar a Planície do Cíume de Amaterasu a não ser pelo rio onde havia vários postos de vigilância dos Uesugi. Cada um era liderado por um samurai que exigia identificação completa e confirmava que os ninjas estavam ali a serviço de seu senhor. Os soldados olhavam agressivos e suados sob o sol furioso enquanto seus capitães trocavam senhas com Escorpião Negro. Yoshihiro sabia que deveria haver uma alternativa para chegarem ao castelo, um modo muito mais discreto e talvez mais fácil, porém o Enxame de Máscaras odiaria permitir que outros ninjas conhecessem a rota que permitisse entrar secretamente em um dos castelos mais difíceis de se alcançar em Ōkoku.

Caminharam por dois dias sob o sol. Não havia perdão naqueles raios de luz. Nem as mais longas orações a Amaterasu abrandavam o castigo. Yoshihiro observava Chiyo com a face molhada de suor mesmo debaixo da sombra do largo chapéu cônico. Ela vinha caminhando calada. Interrompia o silêncio às vezes para conversar com Aço Inescapável. O samurai mal entendia o que diziam no meio daqueles sussurros. Não devia ser da sua conta. Ela era sua senhora e estava dando ordens ou trocando informações com outro subordinado. Era uma pena que não respeitasse a hierarquia e caísse tanto falando diretamente com os ninjas ao invés de passar as instruções por aquele que era o único guerreiro de honra que ela tinha disponível no

momento.

Irritado, Yoshihiro apertou o passo. Andou paralelo a Veneno Inescapável. O silêncio os acompanhava como cão fiel enquanto prosseguiram. À frente e atrás deles, os ninjas do Enxame de Máscaras seguiam calados, falando em sussurros quando era necessário.

- Precisamos de uma estratégia ao chegarmos lá. Você deve conseguir alguma informação de como poderemos deixar o castelo sem passarmos por todos esses postos de vigília.

- Assim será – concordou ela com a face inexpugnável.

Ele a tocou de leve e a fez caminhar para perto do rio quando encontraram o último posto de vigília. Ao fundo, já enxergavam o castelo em meio às pedras. Lá na frente, a visão da vegetação fazia parecer que havia esperança de escapar da punição do sol. Os outros pararam em pequenos grupos para conversar enquanto Escorpião Negro resolvia as senhas com os guardiões.

Veneno agachou-se perto do rio e molhou o rosto. Yoshihiro gostava da face dela. Aquele queixo quase triangular não era dos mais queridos em Ōkoku. Os homens costumavam preferir mulheres de rostos arredondados. Ele não. Tinha apreço por Veneno com aqueles olhos e cabelos dourados. Era bonito ver como ela se molhava e se refrescava nas águas límpidas do Rio Solitário.

- Estive pensando. Deve haver algum ninja com o general Gorou. Lembro-me de Tsubasa dispensar alguns antes da batalha.

- Seu irmão realmente não gostava de nenhum de nós por perto – ela disse, jogando água no rosto mais uma vez.

- Verdade. Não sigo a mesma linha de pensamento dele. Ninjas são necessários em qualquer batalha. Nem tudo se resolve no enfrentamento direto.

Aprendera isso a duras penas nesses dias. Os ninjas fizeram a diferença na invasão do castelo dos Miyoshi. Nunca teriam caído se os Bruxos não houvessem invadido, mesmo com as decisões mais estranhas, ou imbecis segundo Tsubasa, tomadas pelo daimyo.

- Confiar nos ninjas do Enxame?

- Eles seguem ordens assim como nós. A melhor pergunta seria

se você confia no daimyo deles.

Yoshihiro coçou o queixo pensativo. Também se abaixou e lavou o rosto observando de soslaio Escorpião Negro conversar.

- Não. Preciso que você mantenha atenção. Chiyo e Aço estão distraídos demais com outros planos. Você precisa descobrir do que falam e me dizer.

- Ela não te conta?

- Não e não é meu dever questionar minha senhora diretamente assim. Cabe a você como ninja descobrir para trabalharmos juntos em prol da nossa casa.

- Assim será.

Ela disse mais uma vez séria. Yoshihiro ensaiou um sorriso e jogou um pouco de água no rosto dela. Veneno franziu o cenho depois olhou espantada quando viu o samurai rindo.

- Sorria um pouco. Seus olhos ficam brilhantes.

Assim ela o fez brevemente e o dia dele pareceu menos punitivo. Quando as primeiras sombras das árvores vieram na pequena estrada que dava entrada ao castelo, Yoshihiro sorria tanto que Chiyo se aproximou.

- Está feliz?

- Sim.

- Por quê? – insistiu a jovem.

- Finalmente chegamos. Não suportava mais o sol nem os postos de vigília. Parecíamos criminosos.

Ela lançou um olhar desconfiado. Parou um pouco e se voltou para Veneno Inescapável, depois voltou a caminhar carrancuda.

- Andou dando quais ordens aos ninjas?

- Preciso que eles fiquem atentos. Não confio nos Uesugi. Nossa desavença com eles é antiga.

- Desavença e não inimizade. Concentre-se nisso e tudo dará certo.

Os enormes portões brancos tinham dragões e losangos esculpidos. Abriram-se para dar visão a um jardim simples com poucas árvores pequenas e retorcidas. Quase tudo era areia cortada por

pequenos córregos e pedras. Algumas pessoas desenhavam pacificamente no solo arenoso, parando apenas para observar os recém-chegados.

Dois homens caminharam até eles, os líderes atuais da casa Uesugi. Um deles era o mais velho com a barba e os cabelos curtos brancos transparecendo a idade ainda mais do que as rugas de preocupação que enfeitavam o rosto. Tinha um sorriso natural quando se aproximou e os cumprimentou. Yoshihiro se dobrou diante dele, mas Chiyo curvou-se só muito levemente. O samurai temeu que o daimyo considerasse aquela falta de cortesia uma ofensa, mas ele apenas sorriu. O sorriso vinha muito fácil no rosto de Uesugi Daiki.

Ao lado dele, seu irmão, Uesugi Hayate vestia armadura completa de samurai. Era um dos grandes combatentes de Ōoku e usava o coque samurai e o cabelo raspado que vinha se tornando moda entre alguns membros da classe. Yoshihiro realmente esperava nunca ter que usar aquela careca horrível que mais parecia um modo de tornar universal a calvície que assolava alguns guerreiros. Hayate tinha sobancelhas grossas no rosto quadrado. Junto daquele queixo firme que travava os lábios e vestindo uma armadura totalmente negra, era uma figura sem a paz e a felicidade do irmão mais velho.

- Sejam bem-vindos. É um prazer colaborar com os Miyoshi – sorriu Uesugi Daiki. – A senhorita Chiyo me lembra muito minha filha. Que seja forte e decidida como ela.

Yoshihiro e Chiyo se olharam. Que fosse forte, mas que não acabasse como Uesugi Akane. A Miyoshi sabia o lugar dela no mundo.

- Sei que não vai me dar as mesmas rugas de preocupação que ela – disse Daiki. Agora o sorriso dele parecia mais triste. Com um aceno, dispensou os ninjas, inclusive os Destinos Inexoráveis que desapareceram seguindo os anfitriões.

Começaram a caminhar rumo ao castelo. Chiyo negou a oferta de descansarem antes e pediu por uma audiência imediata. Uesugi Hayate não gostou, porém respeitou o sorriso e a paciência do irmão diante dos modos insolentes da Miyoshi. Assim eles se sentaram e

tomaram chá diante de um jardim de pedra e areia. Duas pessoas se juntaram a eles. Tinham modos educados, mas estava claro pelas vestimentas que não eram nobres. A mulher usava um tapa-olho do lado esquerdo. O único olho bom era manchado de vermelho e fitava os visitantes com uma íris negra como a noite. Os cabelos dela eram escuros e negros, bem curtos. A seu lado, um pouco afastado, ajoelhou-se um homem com máscara negra com olhos de inseto.

- Ninjas vão participar da reunião? – perguntou Chiyo.

- Deixe seus modos petulantes. Meu irmão tolera sua falta de educação então tolere calada nossos costumes. Quem vem como pedinte é você – cortou Hayate.

O daimyo Uesugi Daiki fez sinal de paz. Com um aceno, pediu que o irmão se acalmasse e apontou para que Yoshihiro não tomasse ofensa.

- Vamos ter calma, meus amigos. Temos aqui a herdeira dos Miyoshi e o Dragão do Céu. É motivo de felicidade e não de guerra estarmos juntos.

- É motivo de guerra. Minha casa precisa ser vingada – interferiu Chiyo com um tom que Yoshihiro considerou desnecessário para a situação em que estavam.

- Não é obrigação nossa vingar ninguém, menina – comentou Daiki, calmo demais diante da petulância da herdeira de Miyoshi. – Vamos recebê-la aqui e lutar não por vingança, mas para trazer justiça diante da petulância dos Amago. Eu me pergunto como ele conseguiu atrair vocês para batalha, entrar em um castelo e dominar um dos melhores exércitos de Ōkoku.

- Magia! Ele tem uma parte do Dragão da Escuridão sob o Mundo com ele. Meus ninjas dizem que está no estandarte de guerra dele.

Daiki e Hayate olharam para ninja idosa de tapa-olho e ela confirmou com um mero aceno.

- Okihisa o Gordo tem a magia do Primeiro Dragão então. Isso não é boa notícia para ninguém. – Daiki balançou a cabeça e passou os dedos pela barba branca.

- É preciso tomar uma atitude. Precisamos enfrentá-lo.

- Com esse poder, eu temo que precisamos agir com mais cautela, menina.

- Muito mais – salientou Hayate.

- Meu plano seria reunirmos com o exército dos Miyoshi que está sob o comando do general Gorou. Com ele, podemos cercar os Amago. Ele não poderá usar o estandarte contra dois grupos o atacando ao mesmo tempo. Só precisamos alcançar Gorou e fazê-lo se movimentar para cairmos sobre Okihisa como martelo sobre a bigorna.

- Suponho que os Uesugi serão a bigorna, aguentando tudo enquanto vocês se preparam – comentou Hayate.

- Sim, mas por que vocês possuem um exército maior.

- Por que sairíamos da nossa segurança? – questionou Daiki.

- Porque Amago Okihisa virá até vocês, eu estando ou não aqui. Ele quer tudo e não pode avançar se os Uesugi estiverem no caminho. Amaterasu não protegerá vocês quando ele vier, principalmente se estiver reunindo os pedaços do dragão – retorquiu Yoshihiro.

Os Uesugi se encararam e cochicharam um no ouvido do outro. Yoshihiro notou que os ninjas trocaram leves movimentos de mão.

- Acreditam que ele está coletando os pedaços do dragão? – perguntou Daiki.

- Sim. Seja para ele ou para os Bruxos que nos atacaram. De algum modo, o poder do Dragão será usado.

- Fale, Aranha Sombria – ordenou Daiki.

Yoshihiro reconheceu o nome dos relatos que recebiam dos Destinos Inexoráveis. Aquela era a líder do Enxame de Máscara, a ninja que estivera na luta contra o Primeiro Dragão. Teria perdido o olho nessa batalha? Ao lado dela, só poderia ser Zangão Negro, o pai de Escorpião Negro.

- Lutaremos em duas frentes se assim for, senhor. Meus contatos recentes não indicam que os Bruxos estejam sob comando direto de Amago Okihisa. Precisamos impedir que Kasaioni reúna o restante das partes do dragão. Os Amago não serão prioridade se os Bruxos

concluírem seus planos.

- O que a faz pensar que eles são superiores?
- Eles massacraram o Céu de Adagas recentemente.

O Céu de Adagas! Pela fúria de Raijin! Aquele clã destruído?

- Estamos tentando contato com os últimos do clã para sabermos mais sobre o ocorrido, porém não conseguimos encontrá-los.
- Que seja, mas isso parece mais uma preocupação para uma guerra entre ninjas. Se se perpetuar, os tengu encerrarão a guerra.
- Não com Kasaioni a iniciando. Ele tem tengu sob seu comando, Chiyo-dono. Meus ninjas experimentaram a fúria deles no castelo dos Miyoshi – explicou Aranha Sombria.

Daiki bebeu um pouco de chá. Observava a conversa curioso sem se preocupar com o fato de que uma ninja falava por ele em uma reunião importante para definir o futuro da guerra. Encarou Yoshihiro quando pousou a xícara. Parecia que faria uma pergunta. Então sorriu e se dirigiu a Chiyo.

- Qual sua sugestão, menina? – perguntou com olhar paterno.

- Vamos reunir as partes que sabemos existir do Dragão, as partes ainda soltas, e tomar para nós. Com o poder delas, nem Kasaioni nem Okihisa poderão nos vencer.

Aranha Sombria e Zangão Negro voltaram-se desesperados para Daiki. Ele deu permissão para que a velha falasse. Ela se atirou ao chão, estendendo os braços e suplicando.

- Senhor, não aceite esse plano. O poder do Dragão não deve ser reunido de novo. Por favor, ouça minhas palavras.

Daiki travou o olhar sobre a ninja. As rugas tornaram-se ainda mais evidentes enquanto pensava.

- Por que devo ouvir a você e não a ninja que vem me aconselhando tão bem há anos? – questionou o daimyo para Chiyo. – E não me venham falando da ordem das coisas. Ainda estou na ordem das coisas por saber ouvir os conselhos de Aranha e Zangão.

A face de Chiyo se deformou em fúria por alguns segundos. Yoshihiro segurou a mão dela e a fez se acalmar. Era hora de ser polida. Daiki não ouviria a próxima resposta como quem enxerga a filha



brincando de desafiar a figura paterna.

- O poder está na mão dos ninjas. Graças a eles, o castelo de meu pai tombou. Graças a eles, esse castelo poderá tombar. E assim será se não tomarmos as rédeas dessa guerra e fizermos a vantagem pender para nosso lado. Seus ninjas podem ser bons conselheiros, mas aconselham pensando nas Guerras Sombrias entre seus clãs. A Escuridão está neles. – Colocou a mão sobre o ombro de Yoshihiro. – Nossos samurais estão caindo aos montes. Até os tengu ajudaram a matar o Dragão da Terra. Vamos permitir isso ou tomar nossa posição na ordem das coisas? Ninjas manipulam e nos servem para isso e não deveriam nos manipular que que possamos servi-los.

Daiki não tinha sorriso no rosto. Bebeu mais do chá e aumentou as rugas na testa e nos cantos dos olhos. Aranha Sombria continuava prostrada diante dele.

- Eu a ouvirei. Ajudarei a conseguir as partes do Dragão, mas apenas para que não caia em mãos erradas. Não as usaremos. Precisamos pensar em como teremos acesso a elas. Ninguém sabe onde estão todas. – Fez sinal para que Aranha se recompusesse. Ela se afastou ainda prostrada para se levantar só atrás do daimyo. – O Enxame de Máscaras e o que resta dos Destinos Inexoráveis ajudará nesse processo. Parte do Dragão está com Kasaioni e vamos tentar reaver o que pudermos.

## Capítulo 24: Grilo Negro

Não houve tempo para lamentar a morte de Besouro Azul. Tudo foram dias de caminhadas com algumas conversas com os sukoshi que sobreviveram e algumas trocas ríspidas de palavras com Mariposa e Vespa. Escorpião pouco falou com Grilo, atendo-se a fazer planos com a senhora Miyoshi e seus servos. Grilo Negro sabia que a viagem seria mais animada na presença do amigo. Ele divertia todos e agora a Escuridão o tinha para sempre. Ao menos tombara forte em combate e não fora levado por doença ou acidente do destino. Era o futuro de um ninja cair pela lâmina.

Foi estranho levar os Destinos Inexoráveis para dentro do Ninho. Normalmente, um ninja só entrava no esconderijo de outro clã para o massacre final ou para sofrer muito antes de ser morto. A ocasião os levava a tomar atitudes diferentes. Eram tengu atacando quem não cometera crimes contra a ordem do mundo. E os kami deveria estar satisfeitos com a quantidade de sangue que fora derramada e as almas que foram despejadas no Além para atravessar as águas geladas do rio Sanzu.

Retirou a máscara, deixando transparecer a face calma e tímida. Os cabelos de Grilo eram curtos, arrepiados e feitos da negritude da noite sem lua. Observou o Ninho em volta com os olhos igualmente escuros. Ninjas do clã pararam tudo o que faziam para vigiar a entrada dos Destinos Inexoráveis. Bastaria um movimento para que os visitantes fossem massacrados.

- Estamos em paz. Acalmem seus ferrões, irmãos – ordenou Escorpião Negro. Olhou para todos os que chegaram. – Vamos nos lavar e nos alimentar. Sentaremos para conversar sobre nosso futuro.

Grilo acompanhou Veneno Inescapável e Aço Inescapável até a gruta onde poderiam se lavar. Ela retirou as roupas sem pudor e saltou no pequeno lago de águas geladas. Grilo até tentou evitar olhar para aquelas curvas precisas e os seios pequenos porém os olhos muitas vezes são criaturas escusas de vida própria que não poupam a forma

feminina a despeito da vergonha que o coração dele sentiu no momento. Havia uma longa tatuagem no lado esquerdo dela. As imagens contavam a história dos kami, descendo da orelha esquerda com Izanagi e Izanami emergindo da Escuridão para encontrarem Amaterasu e seguindo com as lutas entre Tenjin e Inari. Na cintura, havia uma grande imagem de Hachiman com milhares de armas. Na coxa, Raijin olhava para baixo para discutir com uma imagem de Susanoo na panturrilha. Só no pé estava Omokaime, confabulando consigo mesmo. Era difícil definir qual o melhor artista, o espírito que esculpira o corpo dela ou o tatuador.

- Pare de olhar, cretino! – gritou Aço, empurrando. Estava já nu da cintura para cima.

Uns dois passos para trás afastaram Grilo dos irmãos. Ele retirou parte das roupas ao menos para lavar o dorso. Passou os dedos com ódio pela cicatriz que descia pela orelha direita até o pescoço. Os dentes rilharam ao lembrar do momento em que ganhara aquele presente da espada de um samurai. Os pensamentos tristes rondavam a mente de Grilo quando recolocou as roupas ainda molhado e seguiu Veneno e Aço de volta para a câmara principal onde se encontrariam de novo com os outros.

Aquela área do Ninho tinha uma grande abertura no teto de onde podia ver o céu ainda claro. Arroz e legumes foram distribuídos para os erito. Havia muitos outros do Enxame de Máscaras ali, todos calados. Ninguém participara do combate e Escorpião não os convidara para a conversa. Grilo conhecia bem o irmão e sabia que esperaria a opinião do pai e da líder do clã antes de ouvir qualquer outro membro da elite que não houvesse participado da missão.

- Temos muitas perguntas a responder – começou Escorpião. O rosto dele era magro com traços quase retangulares. As mulheres o achavam bonito dada a firmeza da face e os olhos dourados que emitiam confiança que Grilo invejava dia e noite. A única coisa parecida entre os dois eram os cabelos curtos e arrepiados tocados pelas trevas. – Os antigos tratados e promessas estão suspensos, assim como as juras de vingança. Seremos aliados agora.

- Assim será – responderam juntos Veneno e Aço.
- Eu ouço e executo – concordaram os ninjas do Enxame.
- Primeiro, os tengu. Quero suas opiniões.
- Estão sendo controlados por Kasaioni. Não existe outra opção.

Eles nunca se aliarão a um ninja, muito menos um desgarrado – afirmou Aço.

O grupo todo concordou. Grilo não.

- Eles podem estar querendo se vingar. Quem não sabe o que Inferno fez com eles em nome dos Destinos Inexoráveis?

Aço e Veneno não receberam bem a hipótese. Ele esfregou o punho esquerdo ao soltar olhar de adagas para Grilo.

- Se assim fosse, eles teriam vindo diretamente contra nós e não contra os senhores Miyoshi. Eles servem a Kasaioni e não importa mais a ordem das coisas ou como os kami querem o mundo. Eles matarão quem os Bruxos quiserem. É a magia mais vil possível. A alma deles já se afogou nas Trevas – argumentou Aço.

- Concordo com Aço – comentou Mariposa Negra. – Os tengu agem como servos e não como aliados. Ao tentarem matar os Miyoshi, com certeza ajudaram os Amago. Acho que a chave é saber se Kasaioni está do lado dos Amago ou não.

- O ataque foi muito bem sincronizado para que não houvesse alguma concordância entre eles. E apenas com um grupo de ninjas adequado os Amago conseguiriam invadir o Castelo dos Doze Jardins. É bem sabido que a Dança das Guerras, em seu atual estado, nunca conseguiria contrapor os Destinos Inexoráveis. – Vespa Sombria estava ao lado de Escorpião Negro. Os olhos de tom arroxado desafiaram Grilo a desacreditá-la. Ele preferiu continuar em seu silêncio pacífico.

- Tudo isso são conjecturas. Precisamos de certeza e apenas Kasaioni ou Inferno podem nos dar. Precisamos encontrá-los.

Uma risada insana quase escapou de Grilo. Ela vinha da parte mais profunda da alma dele, aquele fragmento tocado pelas trevas de modo irreversível como ocorria com todo ninja. A gargalhada contida foi acompanhada de um sorriso que dizia para que ele fosse procurar Inferno. Que se matasse de uma vez na espada daquele desgraçado.

- Procurar Inferno? – perguntou um dos erito do Enxame que estivera calado até o momento.

Grilo olhou em volta curioso para saber como a proposta afetaria cada um. Até Aço tinha o medo estampado no rosto.

- Cedo ou tarde estaremos diante dele – profetizou Escorpião.

- Prefiro que seja tarde. Vamos atrás de Kasaioni – riu Vespa.

- É quase a mesma coisa agora que ele tem os tengu. Lembrem-se que ele tem os Cinco Olhos da Morte com ele – alertou Mariposa ao cruzar os braços.

- Vamos atrás de Kasaioni. Ele está reunindo as partes do Dragão da Escuridão. – A voz de Aranha Sombria soou cheia de decisão. A ninja entrou caminhando calmamente com Zangão Negro a acompanhando.

- Assim será – concordaram os Destinos.

- Como entraremos no Pântano? Sabemos muito bem onde é, mas entrar naquele lugar não é tarefa fácil.

O questionamento de Vespa era relevante. Há anos ninjas de vários clãs tentavam invadir o Pântano pelos motivos mais variados. Alguns clãs tinham sede de vingança contra os crimes que os Bruxos cometeram ao longo do tempo, principalmente durante o caos das lutas contra o Dragão. Depois surgiram aqueles tentando pagar por seus erros ao entregar aos tengu um dos criminosos mais famosos por eludirem as regras ditas pelos kami. Ninguém obteve sucesso.

- Eu tenho um plano baseado nos relatos que recebemos recentemente. Será difícil e exigirá muito de nossos clãs, porém acredito ser possível. – Aranha Sombria se sentou ao lado de Vespa e acariciou os cabelos da neta. Zangão Negro continuou atrás da líder do clã.

- Não vai funcionar. Vamos precisar de ajuda. Eu sei quem conseguirá passar pelas principais defesas do Pântano – falou Aço Inescapável.

- Quem você sugere? – Grilo percebeu o leve franzir de testa de Aranha Sombria. A voz do ninja dos Destinos Inexoráveis parecia petulante demais para alguém que defendia uma casa destruída com os

restos de um clã.

- Trovão, Morcego ou Sombra.

Zangão e Aranha trocaram olhares.

- Tentamos contatar Trovão sem sucesso. Morcego está preso no momento e arriscaríamos outra guerra para soltá-lo. Não sei quem é esse Sombra.

- Sombra é nossa melhor opção nesse caso. Ajudem-nos a libertá-lo e conseguiremos vencer Kasaioni.

- Quem é esse desgarrado? – A pergunta de Aranha tinha um tom impaciente.

- Ele presenciou a fúria do Dragão e sobreviveu. Fugiu da ira dele, mas agora está preso. Basta libertá-lo.

- Não seria sensato. Vamos tentar com nossas próprias forças. O plano deve funcionar.

- Não vai funcionar.

- Antes falharmos do que arriscarmos trazer outro daimyo para a guerra ou lidarmos com um desgarrado misterioso com uma relação tão peculiar com o Primeiro Dragão.

Estava decidido. Os ninjas tentariam atacar o Pântano dos Bruxos. Grilo estaria na força de invasão. Agora era contar com que os kami preferirem-se as almas dos desgarrados do que as deles.

## Parte 2

## Capítulo 25: Shimazu Yoshihiro

Yoshihiro acordou grogue. Era a primeira vez desde o início da guerra em que finalmente dormira com tranquilidade, sabendo que os Uesugi nunca ousariam matar Chiyo e que, naquele castelo, ela estaria segura. Mesmo que os Bruxos conseguissem invadir o local, todo o Enxame de Máscaras estaria pronto para defender tanto seus senhores quanto a herdeira dos Miyoshi. Ela era preciosa demais viva. E se Inferno quisesse matá-la... já teria feito.

Ficou de pé sentindo os pés no chão de madeira e olhando a penumbra ao redor. Ao longe havia duas pessoas conversando. Logo atrás do painel de papel de arroz, o servo que vinha o acompanhando nas últimas duas semanas no castelo esperava para levá-lo até Chiyo. Lavou o rosto depressa em uma tigela trazida somente para isso. Pensava nos motivos de ser acordado tão tarde, mas sem urgência. Esfregava os olhos ao tentar imaginar o que se passava na cabeça de Chiyo.

A noite no castelo dos Uesugi era acompanhada por um vento morno que impedia que o samurai se esquecesse da aridez em volta, a despeito da paisagem arborizada dentro das muralhas tão bem protegidas nas rochas. Ali, nas nascentes do Solitário, havia água farta para os Uesugi. Fora dos muros, apenas aridez na terra diariamente castigada por Amaterasu.

Haviam duas servas diante dos aposentos de Chiyo. Ambas eram sukoshi sobreviventes dos Destinos Inexoráveis. Sua função era morrer antes da senhora caso houvesse invasão, dando oportunidade para que fugisse. Ninguém esperava que sobrevivessem caso um dos Bruxos ou Inferno atacassem. Uma delas abriu a fusumá para que Yoshihiro passasse. A porta de madeira decorada com papel se moveu silenciosa. Lá dentro, Chiyo o esperava ajoelhada em um zabuton. Nem foi preciso um sinal ou muita cerimônia para que Yoshihiro também se colocasse de joelhos em outra almofada.

- A senhora chamou por mim.

- Tomei uma decisão, Yoshihiro-san. Amanhã partiremos para



encontrar o Imperador.

A surpresa transpareceu no rosto de Yoshihiro a ponto de Chiyo se calar e travar o queixo irritada.

- Vai me questionar?

Parou para pensar sobre criticar ou não aquela decisão. Mesmo sabendo da distância que criaria entre os dois, resolveu responder de modo que mais satisfizesse às suas recentes convicções.

- Sim, Chiyo-dono – falou calmamente, cuidando para que a luta interior não se manifestasse na voz. – É uma decisão súbita que nos levará por caminhos perigosos. Tão logo os Amago saibam, assassinos nos perseguirão às dúzias. Sou seu único samurai no momento e não teremos ninjas suficientes para protegê-la.

- Tenho certeza de que o senhor Uesugi Daiki pode nos ceder alguns dos seus guerreiros.

- Alguns, mas não os melhores.

- Não importa. Tenho o Dragão do Céu comigo.

O elogio desceu adocicado por seus ouvidos e derreteu parte do gelo que havia colocado no coração. Sabia que aquela não seria a melhor das decisões. Acontecia que não estava preparado para ter ações ainda tão petulantes contra sua senhora como Tsubasa costumava fazer ao contradizer Miyoshi Hachiro. Abriu a boca para dizer que estava preocupado com ela quando notou algo nas sombras. Era um movimento tênue nas costas dela. Quando os olhos da senhora e do samurai se encontraram novamente, ela sorriu.

- Pode sair, Jiro.

Aço Inescapável parou sobre um dos joelhos e de cabeça baixa ao lado dela. O nome dele era Jiro e assim Chiyo o chamava. Talvez fosse o primeiro dos Destinos Inexoráveis que ele conhecesse pelo nome. Havia confiança na relação dos dois. Yoshihiro não havia ordenado a presença dele ali.

- Assim faremos, Chiyo-dono – concordou o samurai, pedindo licença e deixando o recinto.

O fusumá se fechou arrastando madeira sobre madeira. Lá dentro, Chiyo sussurrou algo impossível de entender a ouvidos pouco

treinados. Yoshihiro ignorou e voltou para o que restaria de sua noite de sono. Quando acordou, sua armadura estava pronta diante de seus aposentos. Passou os dedos pelas placas completamente consertadas. Fez o jejum simples enquanto observava as armas e as vestimentas. Já caminhou para encontrar os Uesugi totalmente prontos para a guerra. Lá fora, doze samurais e quinze soldados aguardavam. Chiyo conversava com Uesugi Daiki acompanhada por Aço Inescapável e alguns sukoshi.

- Aguardávamos apenas você, Yoshihiro-sama – disse Chiyo.

O quimono dela não tinha nada de cerimonial no dia. Ela estava vestida para viajar e lutar se fosse preciso. Tinha uma pequena espada na cintura e dava para notar a adaga presa na panturrilha.

- A viagem será perigosa, mas daremos uma chance aos senhores. Serão levados por uma das passagens secretas que Amaterasu nos deu antes de castigar o mundo ao nosso redor. Para isso, só peço que tomem as poções que lhes darei e durmam.

A hesitação de Yoshihiro diante da possibilidade de estar inofensivo para os Uesugi durou pouco. Chiyo logo pegou as poções quando o servo apareceu com os potes na bandeira. Logo já dormia calmamente sobre um catre. Aço e os sukoshi repetiram o gesto. Quando tomou sua decisão, Yoshihiro sentiu um gosto acre na boca antes que a poção anuviasse seus pensamentos.

A noite estrelada e a umidade da floresta acompanhadas por uma dor de cabeça pungente foram as primeiras lembranças do samurai quando acordou no acampamento. Havia uma fogueira pequena para aquecê-los. A música baixa dos soldados e a conversa tímida dos samurais ajudaram a acalmá-lo enquanto andava até Chiyo e Aço.

- Conseguiram saber como chegamos aqui?

Chiyo balançou a cabeça.

- Veneno Inescapável até tentou preparar um antídoto para a poção deles, mas ela é mais eficiente em desacordar ou matar.

- Pensei que ela viesse conosco.

- Não. Dei ordens para que seguisse com o Enxame de Máscaras em sua missão. Vão nos encontrar depois que o ataque aos Bruxos

fálar.

- O que a senhora pretende fálar com o Imperador?

- Quero pedir que ele interceda junto a Amago Okihisa para entregar o corpo de meu pai e meu irmão. Quero levá-los ao Templo do Esquecimento da Dor. Apenas lá eles conseguirão descansar em paz. Depois disso, teremos tranquilidade para continuar com os planos de vencer os Bruxos e os Amago.

Havia verdade nos olhos dela. Os planos de Chiyo indicavam certeza absoluta de que aquele seria o evento derradeiro para que conseguissem finalmente tomar uma atitude. Melhor seria ouvi-la e segui-la por enquanto. Seus juramentos o impulsionavam para isso.

## Capítulo 26: Trovão Abençoado

- Parem de chorar ou vou deixar vocês aqui e ir embora – gritou

Trovão.

Uma das meninas se encolheu junto a uma árvore. O irmão dela, só uns dois anos mais velho, a abraçou com sussurros carinhosos. Os dois dispararam olhares amargurados que atravessaram a máscara de raiva de Trovão e tocaram a alma atormentada. Os dias estavam cada vez mais difíceis. Era uma tortura constante conviver com quase dez crianças que precisavam ser alimentadas e treinadas. Algumas choravam o tempo todo e perguntavam pelos pais e por Nuvem Cinzenta como se a resposta fosse mudar tão logo Amaterasu se escondesse em sua casa e o mundo fosse encoberto pelas sombras.

Trovão queria demais que a resposta fosse outra. Cada vez que era questionado, o coração se encolhia ao pensar no pai estendendo a mão em sua direção, na irmã sendo degolada por Kasaioni, na mãe com o pescoço cortado pela própria kunai. Infelizmente, só podia responder uma coisa: - Estão todos mortos.

Mais gente morreria se ele não se tornasse mais competente. O pai de Trovão fora um líder nato. Ascendera à posição dentro do clã quando tinha menos de trinta anos durante as batalhas contra o Dragão da Escuridão sob o Mundo. Ele raramente falava daqueles tempos. Se questionado, passava a mão sobre as cicatrizes de queimadura que haviam tomado boa parte do pescoço e da face esquerda e consumido uma orelha. Ficava pensativo, suspirava. Depois de um longo silêncio, atrapalhava os cabelos do filho e acabava dizendo: - O tempo é implacável, filho. A gente tem que esperar ele se decidir se vai curar ou destruir, mas pode ter certeza que algo ele vai mudar. Estou esperando essa decisão para que a gente possa conversar mais sobre essa época.

Acabava assim. Falava desse jeito para Trovão e para a irmã. Os dois se olhavam indecisos e até tentavam insistir, mas o pai só gargalhava antes de desviar o assunto com tanta habilidade que eles percebiam só depois que haviam sido ludibriados.

Nuvem Cinzenta às vezes conversava com eles sobre a época do

Dragão. Ela o conhecera e fora uma de suas servas diretas quando começaram as lutas. Houve uma noite em que contou sobre as guerras contra os tengu. O terror nos olhos dela só fez Trovão imaginar o quanto as disputas de poder deviam ter sido impressionantes. Ele se sentiu pequeno diante da história de um homem crescendo tanto em poder a ponto de ameaçar seres criados especialmente para caçá-lo, seres que mantinham e eram sustentados pela ordem natural do mundo.

- Toha, acha que a gente estar vivo altera a ordem das coisas? – perguntou uma das crianças.

- Não. A ordem é a gente viver. O clã precisa voltar ou nosso daimyo vai cair. Nenhum daimyo vive sem ninjas.

- Mas tinha até tengu lutando contra a gente – comentou o menino abraçado à irmã.

- Esses tengu são loucos. Eles não seguem os kami. Eles estão fora da ordem natural.

- O mundo está louco. O que a gente faz em um mundo louco?

- A gente sobrevive. Não tem muito mais o que fazer. Só os kami poderiam curar um mundo louco, mas eles também são loucos – falou Trovão.

Os meninos se encolheram diante da ofensa. Eles ainda não haviam entendido o quanto os kami apreciavam o sofrimento humano. Oravam dia após dia pedindo ajuda que nunca chegaria. Um dos meninos sempre se ajoelhava na escuridão e tentava ouvir os sussurros de Omokaime, afirmando que ele era o patrono dos ninjas e daria uma resposta adequada.

- Parem de chorar agora. Eu vou tentar conseguir comida pra gente. Chorar não enche barriga. Só o suor, as mãos calejadas ou a mente afiada colocam o arroz na boca das pessoas.

A frase era do pai. A mãe também gostava de usar, mas ele ouvira primeiro do pai. A irmã gostava de brincar com a lição de moral. Dizia que preferia ter a mente afiada, para que os outros suassem e calejassem a mão para conseguirem o arroz para ela.

- Todo mundo está com fome, Toha.

- Eu sei. Também estou e nem por isso estou chorando.

- Mas você que é o nosso líder.

“Não que eu tivesse escolha”, pensou com bom senso suficiente para não deixar as palavras amargas escaparem pela boca. Ser líder daquele bando de pirralhos chorões não era nenhum privilégio. O pai coordenava um clã de guerreiros competentes que espalhava terror entre os inimigos. Tudo o que ele poderia esperar de seus oponentes agora era pena, algo muito raro no mundo dos ninjas.

- Você sair para conseguir alguma comida.

- Você volta? – perguntou um dos garotos mais velhos. A princípio, Trovão pensou que a pergunta pudesse ser motivada pelo medo. Os olhos do garoto revelaram o desafio por trás das palavras. Ele sabia que havia um desejo grande dentro do ninja de simplesmente partir e abandonar aquela responsabilidade.

- Você sair para conseguir comida para todos nós.

Sumiu diante das vistas deles. A alma agradecia cada vez que se afastava das crianças. Elas eram um peso grande demais para alguém da sua idade. Nuvem Cinzenta, tão experiente e forte, já tinha dificuldade para lidar com o problema de alimentar tantas bocas e ainda cuidar do que seria a próxima geração do clã do Céu de Adagas.

O novo esconderijo estava distante demais das vilas. Tomado pelo medo, Trovão levou os garotos para o meio da floresta. Tudo o que havia a menos de meio dia de caminhada era o pequeno córrego onde pegavam água. Os mais novos tinham medo da floresta. Juravam que kitsune e oni caminhavam entre as árvores fãejando carne humana para devorarem lentamente. Um deles contava insistentemente a história de que o pai deixara o clã depois de ser encantado por uma kitsune que o levava para as sombras no meio da mata. Desde então ninguém o vira.

Trovão conhecia aquela história. Tempestade Noturna fora um guerreiro surpreendente. O pai o elogiava com frequência. Quando começou a demorar demais nas missões e a percorrer caminhos alternativos nas florestas, os anciões desconfiaram de traição. Ninguém nunca conseguiu uma prova. O pai tentou pressioná-lo a dizer o que

estava acontecendo e Tempestade negou. Dias depois, ele simplesmente desapareceu, deixando dois filhos e uma esposa que nunca se tornara um ninja no clã. O pai de Trovão às vezes comentava à noite em casa que os anciões haviam o desobedecido e enviado assassinos para matar Tempestade. Os velhos sabiam que ele mesmo demoraria a tomar uma atitude contra o amigo que salvara a ele e à esposa tantas vezes na luta contra o Dragão da Escuridão sob o Mundo.

Ninguém sabia como a história da kitsune havia começado. Alguns contavam que ninjas de outro clã viram Tempestade ser salvo pela raposa durante uma perseguição. Trovão sabia que esse povo do espírito existia. Não concordava era com o hábito das pessoas de sempre culparem esses seres para livrarem-se da verdade ou da responsabilidade que elas mesmas ou seus amados tinham sobre certas ações.

Naquela mesma noite, encontrou algumas famílias viajando. Ouviu-as conversando durante algumas horas, desde os sussurros às brincadeiras despreocupadas das crianças. Nas poucas horas em que os seguiu, aprendeu sobre a felicidade de um dos casais que carregava um menino de pouco mais de cinco anos no colo e outro na barriga da mulher. Viu que uma das mulheres era amante do líder do grupo e que a esposa dele até sabia, mas fingia não perceber. Uma adolescente trocara um beijo com um garoto e contava envergonhada para a amiga. Era tudo muito óbvio. Felicidade e infelicidade brotando e morrendo em conjunto a medida que os pequenos círculos sociais dentre os grupos giravam e trocavam palavras.

O estômago avisava para roubar a comida que precisava deles. Era fácil. Os vigias que deixaram eram homens aparvalhados que mal conseguiam manter os olhos abertos durante a noite. Trovão chegou a entrar no acampamento e pegar um pouco do arroz. Um pouco do pouco que tinham. Tantas pessoas e tão pouca comida. Largou o arroz ali. A Escuridão sussurrava sobre sobrevivência. Ele não ligava. As lembranças da mãe o avisando sobre tudo o que um ninja deveria fazer na vida e sobre a responsabilidade para com o clã não o fizeram roubar

de quem tinha tão pouco.

Aquela noite o levou a se decidir que roubaria dos nobres. Levaria as crianças para um local onde poderia ter acesso mais rápido aos ricos e poderosos. A cabeça rodava pensando na vergonha de voltar para o esconderijo de mãos vazias. Ele até suara para encontrar as vítimas do roubo, mas faltavam a mente afiada e as mãos calejadas. Pena que a alma não fora suficientemente calejada para que não se importasse com a fome dos outros.

O cheiro de comida alcançou as narinas do ninja durante os saltos entre as árvores. Era um ensopado delicioso. Imaginou todas as iguarias usadas no preparo. O cheiro era tão bom quanto os que a esposa de Tempestade preparava para eles em dia de visitas. O estômago se esqueceu que estava no corpo de um ninja e fez um barulho que poderia ter chamado a atenção até de um oni surdo. Desconfiado, ele andou devagar até uma clareira, onde duas mulheres se sentavam caladas diante de uma panela. A essa altura, a boca já salivava com o cheiro do tempero. A mais velha, de longos cabelos brancos, dava ordens para a mais nova mexer bastante o ensopado.

- Pode parar. Ele chegou – disse ela com uma voz pouco amigável. – Venha, Toha. Venha comer.

A desconfiança brotou farta no coração do ninja. Nada mais em volta indicava uma armadilha. Aliás, a fome o deixara desatento a ponto de mal perceber que poderia ter sido atacado enquanto os olhos hipnotizados tentavam adivinhar o quão gostoso estava o ensopado.

- Toha, eu conheci sua mãe, Nuvem Cinzenta. Eu conheci você ainda pequeno e, naquela época, já me chamavam de Velha.

Era ela mesma. A mulher estivera mesmo com ele algumas vezes. Era até de estranhar como ela entrava no esconderijo do Céu de Adagas quase que livremente. O pai contara uma vez que a Velha o treinara durante um bom tempo e ela ajudara a convencer a mãe a sair da tutela do Dragão.

- Você é a Velha.

- Eles me chamam assim. Sente-se e venha comer.

A fome moveu as pernas dele. A cabeça não teve nenhuma



palavra na decisão. Quando se sentou diante dela, retirou a máscara de pano, deixando o cheiro delicioso penetrar nas narinas como o perfume dos kami. A boca estava inundada de saliva. O estômago exigia a comida.

- Essa é Verso Triste.
- Eu sou Trovão Abençoado.
- Não sabia que já tinha conquistado seu nome.
- Conquistei.

Os dias foram difíceis, mas ele era um ninja formado. Até agora, aguentara sobre seus ombros o peso da morte do clã, do assassinato da mãe e, agora, de alimentar as crianças. A Velha ofereceu a comida. Ele pensou em recusar. Os outros ainda estariam com fome e ele saciado. Seria uma vergonha. O estômago protestou severamente contra aquele pensamento. “Eu preciso me manter forte”, pensou. Poderia estar apenas racionalizando, mas havia uma dose de verdade. O corpo já respondia menos e começara a perder peso rapidamente naqueles dias de fome. Boa parte dos reflexos era alimentada pela Escuridão que começava a consumi-lo.

- O que vocês querem comigo? – perguntou depois de acabar com a primeira tigela.

- Precisamos de você para acabar com essa guerra de vez. Há uma ameaça no ar, Trovão. Você pode nos ajudar.

- Eu tenho outras tarefas.

- Nenhuma delas terá valor se acontecer o que eu temo. – A Velha parecia preocupada no meio de tantas rugas que se formavam na testa. A voz soou um pouco cansada sem perder a força de quando a ouvia tantos anos atrás. – O mundo está girando e os kami estão gargalhando.

- Os kami vão ver que meu clã ainda fará a diferença.

- Eles estão rindo de você, Trovão. Os kami se divertem. Deixe as preces e oferendas para os camponeses, para os surdos, para os cegos. Nós que nascemos na Escuridão sabemos que não há nada para nos salvar dela.

- Os kami estão rindo da sua fome – comentou Verso Triste.

Ela não tinha a mesma certeza na voz que a Velha. Suas palavras vinham acompanhadas de um sofrimento que Trovão reconhecia. – Eu sou do clã dos Poemas Sem Esperança e os kami riram de mim até a Velha me achar.

- Ser feliz pisando na dignidade dos outros diz muito sobre o que você é – falou Toha, pensando numa frase que o pai sempre usava sobre as pessoas que discursavam para ele sobre a necessidade de serem felizes para justificarem seus erros. Traições conjugais, mentiras, atos irresponsáveis. Tanto era feito em busca de uma felicidade que quase sempre era conquistada em cima do sofrimento ou do respeito aos outros.

- Lembro do seu pai falando isso. Seu pai era inteligente. Sua mãe nem tanto. Ambiciosa demais. Nunca conseguiu se livrar totalmente da vontade de ter o poder do Dragão.

- Não fale assim da minha mãe.

Ficou de pé abandonando a tigela com o ensopado. O estômago queria mais, mas, pela primeira vez, a dignidade falou antes da fome. A Velha não tinha o direito de falar nada sobre Nuvem Cinzenta, a mulher que o salvara e o mantivera vivo até ali.

- Calma, Trovão. Às vezes a mestra não sabe o que fala, mas ela quer seu bem. – Verso Triste ficou de pé junto dele. A mão carinhosa pousou sobre o ombro dele. – Coma conosco.

- Não. Tenho que alimentar outras bocas e ainda não fiz isso. O jantar de vocês já me deu forças para continuar a procurar por mais comida. Obrigado.

- Trovão, o que precisamos fazer para você se juntar a nós?

- Eu e as crianças?

- Só você, Trovão – decretou a Velha. – Já carregamos um peso grande demais. Podemos deixar as crianças em algum lugar.

A chance era boa. A responsabilidade seria da Velha de conseguir um local seguro para todos. Ele poderia seguir a vida e voltar depois para garantir que todos vivessem. Dentro de si, balançou para longe aqueles pensamentos que voavam em volta dele como borboletas engrandecendo uma paisagem destruída.

- Não. Eu tenho uma responsabilidade.

- Eles vão morrer, garoto. Se nós achamos você, os Bruxos acharão ainda mais facilmente. – Ela pegou um pouco do ensopado e soprou para esfriar. – Tem quanto tempo que você deixou as crianças sozinho?

Trovão deu as costas para as duas imediatamente. O desespero moveu seus saltos. Atrás dele, Verso Sombria seguia com o mesmo ímpeto. Eles se observaram enquanto corriam para alcançar as crianças. Trovão viu no brilho dos olhos dela uma declaração de que daria a vida para que mais um clã não se encerrasse naquela noite.

## Capítulo 27: Grilo Negro

O plano parecia simples quando se reuniram no Ninho. Dez sukoshi seguiriam para averiguar as armadilhas. Logo atrás, uma elite bem estruturada iria mais lentamente, pronta para ajudar caso os tengu aparecessem. O último grupo era composto praticamente por ninjas do Enxame, todos com suas máscaras protegendo os rostos e ocultando as emoções. Grilo estava nervoso, com a testa franzida enquanto olhava pelo pântano ao redor. Era quase tudo lama com alguns poços tão fundos que sugariam um indivíduo descuidado. Em um deles, encontraram apenas a mão imóvel de um dos sukoshi para fora. Tentaram retirá-lo, mas apenas metade do corpo saiu. Pararam de mexer temendo despertar a criatura que dormia com a fome saciada lá no fundo da água salobra.

O grupo estava coeso. Até o momento, somente um combate. Zangão Negro os liderava, seguido fielmente por Escorpião Negro, Mariposa Negra e Vespa Sombria. Mais atrás Grilo e Veneno andavam mais devagar. Os dois conversaram pouco durante o trajeto. Ele até tentou ser simpático e se surpreendeu quando viu aqueles olhos dourados sorrirem quando soltou uma piada meio que sem querer. E, de fato, fora sem intenção. Não estava com o melhor dos espíritos naquele dia. O fato de não ser o principal batedor apenas indicava para Grilo o quão pouco o pai confiava nele.

As árvores em voltam refletiam o humor geral do jovem ninja. Todas enegrecidas com copas lamentosas, galhos depressivos e folhas chorosas. Os musgos escuros que as cobriam eram grudentos e escorregadios tornando mais difícil saltarem de uma planta para outra.

- Acho que esse ataque não é uma boa ideia – falou Veneno, logo quando Grilo havia acabado de soltar outra piada. Ele aparentemente ficava engraçado quando estava nervoso e potencialmente se cagando de medo. O Pântano o irritava. Criaturas assassinas, tengu e Bruxos. Haveria combinação pior?

- Má ideia... Não sabia o que era má ideia até alguém sugerir isso. Fico pensando se não era melhor termos enfrentado Inferno.

- Você estava lá conosco quando enfrentamos Inferno. Acha que seria melhor mesmo?

Parou para pensar. Pelo menos parecia uma morte mais rápida e direta.

- Era menos assustador. Lá eu sabia de onde vinha a lâmina.

- Inferno era assustador até como aliado. Como inimigo, ele me faz ter pesadelos.

Grilo reconhecia que o homem lutava bem. Dava um medo sim dele, mas também não fora todo esse terror. Tudo bem que ele às vezes acordava pensando nos cadáveres despencando em pedaços dos galhos e no sangue pingando das flores de cerejeiras, mas, no momento, sua preocupação maior era com tengu e monstros, sem contar com ninjas magos com pactos com as Trevas.

Saltaram juntos para um galho retorcido do que teria sido uma cerejeira. Mariposa Negra se juntou a eles pouco depois.

- Meu pai está perguntando se vocês dois podem verificar algo à frente. Parece uma criatura distraída. Grilo verifica e depois Veneno a mata com suas técnicas.

- Assim será.

- Eu ouço e executo.

Veneno saltou para a próxima árvore. Grilo dobrou os joelhos para segui-la, mas Mariposa o segurou.

- Irmão... Nori-san... Tome cuidado.

O Pântano realmente afetava as pessoas. Quantas vezes já não ouvira Mariposa o criticando e, principalmente, exigindo que ele não fosse elevado de sukoshi para erito. Agora ela pedia cuidado.

- Irmã...Eu não sou tão incompetente assim. Se está pensando em Akane...

- Esqueça Akane. Estou falando de você.

Ele assentiu e saltou. Passou por Zangão, Escorpião e Vespa. O irmão acenou de leve, depois cruzou os braços.

Grilo encontrou Veneno já parada, olhando para a escuridão. Silenciosa, ela apontou para uma sombra que se movia devagar entre as árvores. A coisa caminhou cambaleante até parar perto da água. Ali

se abaixou. Tinha aparência levemente humana. Jogou água na pele ressecada de réptil e tentou beber um pouco. Insatisfeita, a criatura praguejou em uma língua que Grilo desconhecia.

- É um kappa – comentou Veneno.

Se havia um, com certeza outros passeavam pelo Pântano. Tão logo houvesse combate, o sinal se espalharia. Sorte que havia sido visto primeiro e nenhum dos sukoshi entraram em combate com ele.

- Vou acertá-lo. Depois disso, você o envenena. Ela vai se regenerar depressa.

Sacou a ninja-to lentamente. Dobrou os joelhos para o salto. Bastou que o kappa se colocasse de pé com os olhos fêdidos perscrutando o ambiente para que o ninja voasse com a lâmina em direção à garganta do monstro. O aço rompeu a pele dura para vazar um sangue azulado. O kappa gorgolejou tentando emitir algum som. Veneno caiu logo atrás dele e cravou uma adaga envenenada nas costas. Os pés do monstro vacilaram de um lado para o outro antes que a cor da pele começasse a mudar e ele caísse vomitando pedaços de pessoas e ainda mais sangue, dessa vez vermelho, proveniente de suas vítimas.

- Foi fácil – Veneno comentou.

Grilo a olhou sorridente debaixo da máscara. Não tão fácil. A verdade era que ele quase errara a garganta do kappa. Por mais veloz que fosse, tinha uma dificuldade imensa para unir a velocidade com a precisão nos golpes.

- Ele está nesse território há muito tempo. É velho. Com certeza sentiria tantas ameaças passando por aqui, por mais silenciosos que fôssemos – disse Grilo antes de imitar uma coruja para chamar pelo restante dos ninjas.

Os outros passaram por eles silenciosamente. Mariposa o olhou de relance e Vespa Sombria mirou o cadáver do kappa. Bem que Grilo quis saber quais seriam as expressões debaixo daquelas máscaras. Estava farto dos olhares de repreensão das duas e, desde a morte de Besouro Azul, sentia que estava preparado para revidar.

- Sabe se sobreviveu mais alguém do seu clã?

- Não sei. Também estou curiosa sobre isso. Imagino que sim.

Os Destinos Inexoráveis não acabarão dessa maneira.

- Será que Inferno não vai encontrá-los?

A pergunta a fez baixar a cabeça levemente. Pensativa, Veneno pousou sobre os galhos de uma árvore seca coberta por poucos musgos.

- Se for assim, eles já estarão mortos. Nossa esperança seria conseguir as partes do Dragão para termos forças para um combate real contra ele.

Mais à frente, o grupo parou. O motivo foram os quatro sukoshi presos a uma árvore. Os corpos estavam atravessados por galhos. Um deles ainda parecia vivo, gemendo em seus últimos momentos. Vespa tomou a iniciativa de salvá-lo. Saltou e cortou um dos galhos que o prendiam. O sangue esguichou da árvore como se um braço fosse separado do corpo.

- Jubokko! – Grilo gritou a tempo de Vespa conseguir escapar de um galho que tentou capturá-la. Saltou três vezes sem conseguir se afastar.

- Ela vai ser pega! – A preocupação na voz de Mariposa colocou os outros em ação, circulando a árvore e tentando uma abertura antes que Vespa fosse finalmente capturada.

- Distraiam os galhos – ordenou Escorpião Negro.

Enquanto os outros circulavam a árvore vampírica, Escorpião arremessou a corrente e a prendeu no galho mais alto. Saltou segurando a foice da kusarigama em uma mão e sua katana especial em outra. Um dos membros retorcidos da planta tentou capturá-lo e foi cortado pela espada. Mais sangue tomou o ar e a árvore emitiu um som débil de dor através das bocas dos cadáveres que acumulara até o momento. Escorpião pisou no tronco e os pés se colaram para permitir que corresse sem se preocupar com a gravidade. Andou entre os galhos, cortando os mais afoitos e passando a corrente entre os outros. Ao fim do trabalho, cravou a foice no tronco mais uma vez. Boa parte dos galhos do jubokko estavam presos na corrente. Quando se movimentava para tentar capturar os outros ninjas ou Vespa Sombria, cortava a si mesmo, puxando a foice fincada profundamente.

Reuniram-se debaixo da árvore enquanto ela se debatia, sangrando aos poucos. Zangão Negro e Mariposa trataram de cortar as gargantas dos sukoshi mortos para que os sons de dor parassem.

- Perdemos nosso elemento surpresa – disse Zangão Negro com a irritação abafada pela máscara preta com olhos de inseto.

- Não havia muita esperança mesmo em pegar os tengu de surpresa – completou Veneno.

- O plano era achar a caverna de Kasaioni e matá-lo ou simplesmente trazer de volta as partes do Dragão que ele tem. Evitaríamos os tengu – explicou Zangão.

- A gente continua? – perguntou Vespa, imunda com o sangue da árvore.

O lugar era mais perigoso do que pensavam. Havia perdido sukoshi e, por pouco, o jubokko não teria levado Vespa Sombria. Era triste perder aqueles amigos. Alguns deles estiveram nos principais grupos de combate que Grilo frequentara. Ser um sukoshi não era tarefa fácil. Sem o poder real dos erito e sua conexão profunda com a Escuridão, tinham missões muitas vezes semelhantes, principalmente as de reconhecimento para dar espaço para que a elite do clã agisse com maior precisão. Ninguém queria perder os ninjas mais bem treinados e capazes, portanto não era raro os sukoshi perecerem aos montes para abrirem caminho para o ataque de seus superiores. Ainda sim, eles raramente eram o alvo principal de outros clãs, dos tengu ou outras ameaças sobrenaturais. Fora das missões tradicionais, eram os erito que sofriam as piores ameaças.

- Precisamos continuar – declarou Zangão, firme nas ordens que recebera de Aranha Sombria.

- Eu ouço e executo – concordaram os ninjas do Enxame.

A corrida pelo Pântano não durou muito tempo. Uma chuva de shuriken abateu-se sobre o grupo. Grilo desviou-se das lâminas e viu uma delas atravessar a perna de Vespa Sombria. Outra afundou no ombro de Zangão Negro. Pararam em círculo com as armas sacadas. Olhos vermelhos brilharam nas sombras. Havia sukoshi dos Bruxos com suas máscaras de demônios. Kotengu, apontando seus bicos



ameaçadores, juntaram-se a eles.

- Darei uma chance para que sumam daqui – falou Kasaioni, com a máscara de chifres dourados. Apoiava as mãos sobre as empunhaduras das espadas que levava na cintura. Parecia despreocupado com a presença dos ninjas em seu território.

- Kasaioni, é hora de pagar – gritou Zangão Negro, lançando a corrente com ferrão contra o líder dos Bruxos. O arremesso fora mal feito, dado o ferimento no ombro. Kasaioni simplesmente segurou a corrente e puxou, arrancando-a das mãos do atacante.

- Ingenuidade. Talvez esse seja o maior defeito de vocês. Não deveriam estar me procurando, muito menos invadindo meu território.

Um sinal de suas mãos jogou os sukoshi dos Bruxos e os kotengu contra o grupo. A confusão de ataques desorganizou a defesa do Enxame. O círculo de combate foi quebrado com os kotengu saltando para o meio deles. Por mais que as armas e ataques especiais os detivessem, cada vez mais deles acompanhavam em novas ofensivas a ponto de que em pouco tempo havia um daitengu surgindo da terra no centro do círculo. As espadas do corvo foram detidas por Escorpião Negro.

- Eu cuido dele. Preocupem-se com as ofensivas dos outros.

Os sukoshi dos Destinos e do Enxame se preocupavam com os ninjas de baixo escalão dos Bruxos. Os kotengu queriam os erito. Crocitavam em meio aos ataques sempre rebatidos pelas armas. Veneno lançava shuriken aos montes, envenenando tengu ou sukoshi. Aos poucos os atingidos perdiam forças e eram eliminados. Vermes, bicos e penas se espalhavam no ar à medida que os tengu eram destruídos.

- Eles parecem mais fracos – comentou Mariposa, quando colou suas costas nas de Grilo.

- Kasaioni não parece muito preocupado com isso.

Fracos. Será que eram fracos? Na verdade, eles pulavam avidamente contra os ninjas sem se preocuparem com sua existência. Queriam matar sem a necessidade de sobreviverem ao processo. Por mais que pudessem ser tomados pela fome de sangue ninja, o

comportamento dos tengu não costumava ser tão frenético. Nem quando os viu em ação no castelo dos Miyoshi eles estavam assim. Olhando para Kasaioni observando calmamente de cima de uma árvore, imaginava se aquilo não era apenas um experimento.

As mariposas invocadas por Mariposa Negra brilharam no pântano. Suas asas cortantes começaram a fatar os inimigos, criando uma área de proteção entre os ninjas e os servos de Kasaioni.

- A gente precisa de um plano – gritou Veneno, logo antes de acertar um shuriken no pescoço de um sukoshi.

- Mariposa, estenda a área das Mil Mariposas de Aço – gritou Zangão. – Vespa, mire Kasaioni. Grilo, prepare-se para pegá-lo.

Os insetos de asas cortantes abriram mais espaço, afastando os inimigos. Os olhos arroxeados de Vespa miraram Kasaioni. Entre seus dedos surgiram agulhas que não tardaram a voar contra o Bruxo. Ele saltou para outra árvore, assistindo as armas afiadas afundarem no galho em que estava. No meio do caminho, Grilo o interceptou com a espada. A estratégia básica de ataque do Enxame fez Kasaioni se defender da ninja-to. Pouco depois, as Mil Mariposas de Aço voaram contra o Bruxo. As asas cortaram as roupas e a máscara. Quando acabaram de passar, deram meia volta rumo a um ninja ensanguentado e com a máscara parcialmente partida.

A técnica de Mariposa era poderosa demais até para Kasaioni. Grilo caiu ao lado da irmã para protegê-la dos ataques que se reiniciaram agora que não havia mais a redoma de insetos para proteger o círculo. Kasaioni saltou desesperadamente para evitar outra revoada das mariposas. As asas arrebutaram o tronco de uma árvore enquanto davam outra volta para alcançar o verdadeiro alvo.

Grilo atravessou o peito de um tengu com a ninja-to. A cabeça girava de preocupação. Por mais que matassem, havia outros. Quantos desgarrados estavam sob o comando de Kasaioni? Quantos tengu? Os ninjas do Enxame e dos Destinos começaram a exaurir suas forças. A esperança era eliminar o líder dos Bruxos logo.

Mais adiante, Escorpião enfrentava o daitengu de igual para igual. Era katana contra um par de sai. O corvo era esperto. Os golpes

eram compostos de fintas seguidas de defesas que tentavam desarmar o adversário. A espada do ninja finalmente ficou presa no sai. Arrancada de suas mãos, voou para se fincar na lama. Escorpião saltou para trás. O corvo avançou para o golpe final. O impulso e a sede de morte eram tão nítidos que bastou ao ninja usá-los para passar entre as lâminas, segurar o daitengu e jogá-lo contra uma árvore.

- Eles estão aqui para matar ou morrer. Esses tengu não têm escolha – comentou Escorpião, pegando de volta a espada. O braço estava levemente cortado e uma parte da máscara fora arrancada, expondo as sobrancelhas grossas e um dos olhos dourados. – Aproveitem a oportunidade para eliminá-los. Esperem pelo ataque final.

Grilo ouviu bem ao irmão. Quando Zangão Negro se juntou a ele e Mariposa, usaram uma estratégia comum. Expunham a ninja, deixando que os tengu saltassem na direção dela. Era a esperança deles de matar a inimiga que se distraía flagelando Kasaioni. Os tengu caíram na armadilha com facilidade. Estavam desesperados e deixaram seus trapos e bicos diante dos ninjas enquanto se desfaziam em formas de sapos, rãs e besouros.

- Eles nunca vencerão a gente assim. O que esperam? – perguntou Vespa Sombria, ainda ao lado deles acompanhada de Veneno Inescapável e dos sukoshi. O círculo estava formado de novo.

- Estão nos cansando. E note como os sukoshi apenas aguardam – alertou Zangão Negro. Sacou uma kunai. A adaga em forma de losango apontava para baixo quando ele se concentrou e se transformou sombra. Pouco depois, já estava junto dos sukoshi inimigos. A lâmina penetrou no pescoço de uma vítima e no olho de mais um que tentou revidar. O terceiro morto havia percebido a presença de Zangão e sentiu a kunai se enfiar entre as costelas. Um pouco mais de concentração e Zangão estava de volta no círculo. – As Trevas são fortes aqui. Cuidado ao se movimentarem por elas.

Trevas. Escuridão. Ela deveria estar sob o mundo nesse momento. Infelizmente o Pântano era um lugar em Ōkoku onde ela deveria ser permanente. O pouco do céu que viam através das copas

negras das árvores estava nublado.

- Vamos nos concentrar em Kasaioni. Mariposa, use sua técnica para encontrá-lo. Vespa, ataque novamente, enquanto Grilo e eu faremos nosso papel. Veneno, proteja Mariposa dos tengu.

Kasaioni voava apoiando-se nos troncos para saltar e escapar dos ataques. As agulhas de Vespa o atingiram ainda no ar. Ele tombou na lama encharcando o quimono branco. As trevas foram aliadas dos ninjas. Zangão viajou por elas, aparecendo atrás de Kasaioni e enviando uma kunai no ombro do Bruxo. Ele se moveu respingando sangue, evitando um segundo ataque, mas agora a ninja-to de Grilo atravessou seu estômago.

- Está morto, Kasaioni.

O Bruxo socou com força o atacante a ponto de rachar a máscara. Grilo rolou pela lâmina até cair na água salobra. Uma cotovelada para trás arremessou Zangão para o mesmo destino. O Bruxo pulou na direção de Mariposa. Ferido, sangrando, ele mal viu quando o enxame de insetos cortantes voou mortalmente em sua direção. Foi totalmente envolvido. Aquela revoada de asas de aço o fez desaparecer. Sangue caiu acompanhado de uma das katanas.

- Vencemos! – gritou Vespa.

Não. A sombra saiu do meio de das mariposas. O voo era de um homem meio nu, quase mutilado por tantos cortes que gotejavam vermelhos. Passou através de Mariposa Negra. Através. Quando tocou o chão, chutou Veneno no estômago e atravessou o ombro de Vespa com a espada. Parou para olhar o campo de batalha com metade da máscara de demônio destruída. As sombras do Pântano permitiram ver cabelos raspados e uma tatuagem na têmpora próxima ao olho esquerdo. Esse olho escarlate fitou Grilo e Zangão.

- Eu avisei para sumirem daqui. Não deveriam estar atrás de mim. Amago, Inferno, Miyoshi, procurem por eles. Eu sou mais que isso.

Escorpião Negro decapitou o daitengu e saltou para perto de Vespa e Veneno. Olhou para Kasaioni. O ninja vestia praticamente trapos. Sangue e lama cobriam o corpo cortado. O olho escarlate ainda

estava fixo nos inimigos.

- Tenho mais aqui para vocês. Quantas mortes serão necessárias para convencê-los?

Os sukoshi dos Bruxos os cercaram. Então uma ninja saltou junto de Kasaioni. Fogo Amaldiçoado, filha de Kasaioni. A luta seria contra dois Bruxos.

Escorpião Negro olhou para os aliados. Grilo havia caminhado com dificuldade para perto dele. Zangão Negro cambaleara para junto dos restos mortais de Mariposa. Vespa estava com o braço inutilizado e a perna ferida. Apenas ele e Veneno estavam em condições de enfrentar os Bruxos.

- Haverá outro momento, Bruxo.

Kasaioni fez que sim e os ninjas do Enxame e dos Destinos partiram pelo pântano. No meio da retirada de lágrimas e sofrimento, um dos sukoshi foi sugado pela escuridão da copa das árvores. Os corpos cansados e vencidos fizeram no máximo estender uma mão entristecida para a figura que desaparecia. Quando finalmente alcançaram as bordas do lugar, caíram de joelhos ou se encostaram nas árvores para olhar o céu claro ao redor. As palavras de Miyoshi Chiyo soaram duras na memória. Precisariam de ajuda para entrar no Pântano sem serem percebidos e atacarem Kasaioni diretamente.

## Capítulo 28: Trovão Abençoado

A primeira criança que Trovão avistou corria chorando entre as árvores. Tropeçou no córrego de águas geladas onde vinham se banhando nas últimas semanas. As lágrimas se misturaram na pequena correnteza. O choro se espalhou. Atrás dele, outros viam tão desesperados quanto. Uma sombra os seguia com saltos excitados. Batia os pés de árvore em árvore e crocitava ensandecida pelo cheiro de sangue daqueles seres que tinham tão pouco da alma tocada pela Escuridão.

- Os tengu nos acharam – xingou Trovão.

- É só um kotengu. Deve ter vindo farejando na frente. Nós podemos com ele. – Verso Triste o seguira de perto. Algumas vezes tivera dificuldade em acompanhar o ritmo forte do último ninja do Céu de Adagas. Sem reclamar, ela se esforçara. – Kasaioni está controlando esses tengu. Minha mestra falou que assim eles não são tão poderosos quanto quando estão soltos.

Podia ser verdade. Trovão acabara com um em momento de fúria e nem sabia como. Aquele ali então vinha cheio de loucura. A sede pelo sangue das crianças era forte demais. Trovão conteve lágrimas quando contou e viu que faltavam duas delas. Quis que estivessem escondidas, mas o sangue no bico e nos trapos do tengu era uma mensagem clara demais sobre o destino dos meninos. O olho latejou, mostrando rostos desesperados das crianças na sombra do tengu que saltava. Viu cada um dos desaparecidos em seus últimos momentos.

- Não! – gritou, sem um mínimo de intenção de conter a fúria. Aqueles desgraçados saídos da bunda de um oni sofreriam as consequências!

O olho vermelho ardeu durante um brilho maligno que arrasou com o que restava da razão do ninja. Invocou a Escuridão dentro de si sem saber que da mesma luz escarlate já disparavam pequenos raios que arrepiavam seus cabelos. Uma parte ainda consciente, assistiu Verso Triste tomar uma distância preventiva. Não havia medo no rosto

dela.

- Acabe com ele – ela falou, com a certeza vingativa dos injustiçados.

Trovão rompeu o vento. À frente havia um mundo vermelho repleto de choro, gritos e morte. O crocitar louco do kotengu aumentou quando o viu. Encontraram-se no ar, elemento da criatura. O espírito não conseguiu se aproveitar da vantagem. A espada do ninja passou pelo rosto dele, arrancando o olho direito e jogando o espírito vivo em rodopios pelo córrego. Os pés de Trovão bateram em um tronco. Em questão de instantes já mirava de novo o tengu e percorria o ar com a katana procurando por morte.

A água do córrego se enchia do sangue espiritual da criatura. Ela mal conseguiu se esquivar do voo de Trovão. Sentiu a espada atravessar a barriga. O reflexo assassino conseguiu abrir um corte no braço esquerdo do garoto. Nada que conseguisse parar a ira. O olho vermelho brilhava cada vez mais. O ninja travou os pés no chão com as duas mãos mostrando o aço da katana.

- Você vai morrer.

O corvo crocitou de volta. Era um chamado. Ele não queria mais o sangue das crianças apenas para si. Voltara ao bom senso de sempre chamar os parceiros para a matança. Mas ele ainda era só um. Trovão poderia dar conta dele. Já matara um corvo desses.

As crianças começaram a se esconder nas árvores atrás dele. O que deveria tranquilizá-lo só aumentou a dor do olho. A distração serviu às intenções do tengu. Trovão se defendeu com dificuldade, tentando manter o oponente afastado de si e das crianças enquanto a mente se esforçava para não ser tomada pela derrota que o olho mostrava.

Corvo e ninja espalhavam a água do córrego. A pequena correnteza, que alcançava até os joelhos, começava a passar do límpido para o marrom do barro que os pés de ambos misturavam no leito. Trovão contra-atacou. Fez força contra tudo o que o olho lhe causava. Teve ainda mais vantagem quando pequenos pedaços de papel avançaram contra o tengu. Enfiados em meio às penas, aqueles

fragmentos passaram aos poucos do branco para o negro, sugando as energias espirituais da criatura. Era Verso Triste! O tengu tentou usar suas forças de caçador para espantar a técnica ninja. Aquele breve momento para invocar energias já tão combalidas foi aproveitado por Trovão. A ponta da katana do último ninja do Céu de Adagas atravessou o pescoço do oponente até romper pelo crânio.

O tengu tomou a forma de pequenos sapos e sanguessugas, sumindo na água agora barrenta do córrego. Trovão pegou o bicho negro antes que caísse na água.

- Conseguimos. Trabalhar em conjunto é muito bom. – Verso Triste caiu ao lado dele, já procurando pelas crianças. Aos poucos elas saíam de trás das árvores para verem seus salvadores.

- Você matou o tengu! – falou um menino que secava as lágrimas. Eles o cercaram como se fosse um herói. Dentro de si, uma parte chorava pela morte dos outros. Um fragmento orgulhoso procurava esperanças. Poderia proteger aqueles garotos. Andou para abraçar o menino, entretanto um shuriken foi mais rápido do que ele. A estrela de metal adentrou a testa da criança sem excesso de sangue, sem causar gritos de pânico. Trovão segurou o pobre coitado antes que caísse no córrego.

- Não!

- Criança estúpida. Matar esse tengu doente não é nada! – Raio do Submundo falava do alto de uma árvore. Nos galhos em volta dele, sukoshi dos Bruxos, todos com máscaras de oni ou de corvos, preparavam as armas para massacrar os últimos integrantes de dois clãs. – Quem é você? – perguntava para Verso Triste. Ela respondeu apontando a lâmina de volta para o Bruxo. Raio não se importou. Retirou um bico de corvo do quimono. Cantarolou versos mágicos mirando a companheira de Trovão. – Poemas Sem Esperança. Que sorte grande. Encerrar dois clãs. Sua Escuridão será minha.

Um sinal do Bruxo fez os sukoshi dispararem uma chuva de shuriken. As espadas de Verso e Trovão foram suficientemente rápidas para salvar quase todas as crianças, mas pelo menos uma pereceu e outras duas caíram gravemente feridas. Lá de cima, Raio ainda ria ao



ver seus sukoshi voarem para terminar a matança. O primeiro deles seguiu direto para cima de Trovão. Parou quando um som foi emitido do escuro.

- *Shi!*

O sukoshi caiu com os ossos partidos. Não havia ferimentos externos, só membros retorcidos se molhando no córrego. O sangue escapava pela boca e pelas orelhas. Olhos assustados miravam o vazio. Dedos trêmulos moviam-se em espasmos. Trovão buscou em volta a causa daquela cena horripilante. Do meio das árvores, um homem começou a caminhar calmamente para o meio da batalha. Os olhos estavam fechados e despreocupados. Os cabelos negros desalinhados tinham o brilho da lua refletido. O sorriso que carregava na face desafiava todos os ninjas no campo de batalha.

- Quem é você? – perguntou Raio do Submundo.

- Seu assassino se não sair daqui agora – falou o homem com confiança. Soltou as tiras de couro que sustentavam uma caixa de metal que carregava às costas, derrubando tudo com um estrondo. A despreocupação com que massageou os ombros alarmou Trovão. Era um excesso de confiança que nunca parecia um bom sinal em Ōkoku.

- Você não é um ninja, nem samurai. É um dos monges de armas? – Verso Triste perguntou. Os pés dela se moviam discretamente para trás com a mão empurrando as crianças sobreviventes. Trovão os seguiu calado.

- Não, senhorita. Eu nunca uso armas. – Ele estalou os dedos. Os olhos fechados apontaram para os ninjas. – Desçam daí, se não os derrubo.

- Seijin – sussurrou Verso.

- O que é isso? – Trovão nunca ouvira a palavra.

- Acho que para nós hoje é uma boa coisa, mas nunca se sabe.

Raio do Submundo fez os sukoshi cercarem o estranho. A aproximação cautelosa causou um sorriso largo no rosto de Trovão. Aos poucos o olho escarlate brilhou para apontar que o pior dessa vez estava na direção dos inimigos.

- Comecem! – gritou Raio do Submundo.

O ataque dos ninjas se iniciou com gritos de guerra e invocações da escuridão.

- *Shi no miryoku!*

O ataque dos ninjas terminou com gritos de dor e som de ossos partidos.

Dois sukoshi e Raio do Submundo ainda estavam de pé. O ninja de elite cambateou até conseguir apoio em uma árvore. Ficou ereto por alguns segundos, então veio a dor. O corpo arqueou e a boca se abriu debaixo da máscara, vomitando sangue que se prendeu no tecido. Virado para o tronco da árvore, ele retirou o disfarce o suficiente para acabar de liberar o líquido viscoso que saía da boca.

- Eu avisei – falou o estranho, começando a andar na direção deles.

Um dos sukoshi tentou um golpe patético. A morte foi rápida. Raio do Submundo chamou pelo outro e os dois desapareceram na noite.

- Quem é você? – perguntou Trovão, sem medo do homem, apenas impressionado com o poder.

- Hoku Ken e vim para ensinar algumas coisas para você, menino.

## Capítulo 29: Shimazu Yoshihiro

O cadáver tombou no chão com os músculos do pescoço partidos em meio a uma corrente de sangue. Shimazu Yoshihiro deu um passo discreto para a direita para não se sujar com o vermelho que inundava o solo. Caminhou entre os cadáveres dos mais recentes assassinos que tentavam capturar Miyoshi Chiyo. Mais uma vez, todos falharam. Ela mesma dera cabo de um. Boa parte do restante falecera sob a espada de Yoshihiro. Eram apenas um bando de criminosos que ouvira falar da recompensa que os Amago haviam oferecido. Saltaram com um trapo que devia ter sido o estandarte do ronin que os liderava. Esse arremedo de samurai pereceu no meio de gritos de batalha desafinados quando Yoshihiro abriu caminho entre seus homens e cravou-lhe a espada no peito. Depois tratou do restante com calma, sempre com a ajuda dos homens dos Uesugi e com Aço Inescapável cuidado do bem-estar de Chiyo.

- Acho que esses foram os últimos. Ninguém mais nos desafiará até alcançarmos o castelo.

Agora entrariam em território do imperador. Aquelas eram terras em que até o pólen vindo das terras do shogun se desviava para desabrochar longe do homem que descendia de deuses e poderia amaldiçoar até as árvores que brotavam no solo que era seu.

As pessoas contavam que houve uma época em que o imperador controlava até mesmo as estações dentro de seu território que já fora todo Ōoku. Felizmente não era mais assim, um único homem tendo em seu poder uma vontade como a dos kami e a executando de maneira ainda mais próxima e vil do que os Nove Senhores. Claro que aquilo poderiam ser apenas boatos, pois muito se falava do poder do shogun que se rebelara e retirara a força maior do imperador, isolando-o naquela parte de Ōoku fadada a sempre guerrear e a viver no limiar das trevas. Sempre havia histórias de como o primeiro shogun fora poderoso e, mesmo sem as forças sobrenaturais, conseguira derrotar e encantar o descendente dos kami. E cada um que subia ao trono de shogun tentava aumentar ainda mais seu renome.

A viagem começou no meio das estradas belas que davam acesso ao Castelo do Trono do Céu de Mil Cores. Era um caminho tranquilo e sem buracos, com árvores que davam sombra plácida ao viajante. Bastava seguir em linha reta e nunca deixar a estrada para que o coração do viajante sempre estivesse seguro. O imperador era seu rumo e nada além dele acalmaria os maiores terrores que o mundo lançava sobre as pessoas.

O castelo parecia ter sido construído sobre um trono de pedra. Como era normal em Ōkoku, os nobres adoravam erguer suas moradas sobre as enormes pedras deixadas pelos kami, a maior proteção contra os terremotos que agitavam a terra quando as bestas da Escuridão sob o Mundo remexiam-se em seus sonhos mais vis. Os muros eram dourados e com telhados prateados. Samurais e soldados vestidos com as mesmas cores vigiavam nas ameias.

- Quem procura a morada sagrada do imperador? – perguntou um homem de bigode fino quando os viajantes se aproximaram.

- Miyoshi Chiyo, última herdeira da Casa de Miyoshi, suplica a atenção sagrada do nosso imperador.

Todos se ajoelharam diante dos muros e esperaram pela resposta. As dobradiças rangeram e o movimento lento dos portões permitiu a visão de um jardim repleto de cerejeiras de todas as cores. O pátio do castelo estava coberto de samurais e soldados. Para Yoshihiro, boa parte deles parecia de homens afetados que mais se interessavam por usar línguas afiadas do que espadas cortantes. A vida na corte podia afetar as pessoas. Tsubasa comentara sobre isso depois de suas viagens ao lado do senhor Miyoshi Hachiro e sempre afirmava que a vida longe do shogun e do imperador era a melhor de todas.

O homem do bigode fino vestia um quimono decorado com desenhos de flores, árvores e aves. Não era uma roupa prática fosse para lutar, se divertir ou descansar. Era apenas uma daquelas idiotices da corte que ninguém entendia o motivo de usar, mas que todo mundo criticava quem não usava. Quanta asneira.

Seguiu fielmente os passos de Chiyo depois dos cumprimentos costumeiros e uma cerimônia quase sem fim. Obviamente, manteve a

face sempre impassível. Longe dele demonstrar o tédio daqueles momentos e desonrar a sua senhora e a si mesmo.

- Nosso imperador, mais sagrado de todas as criações dos kami, aguarda a senhora para essa noite. Em sua generosidade, ela reservou um horário em seus dias atribulados governando o bem-estar espiritual de Ōkoku. Basta que a senhora saiba como agradecer bem a esse momento de graça que lhe será entregue – falou o homem de bigode enquanto andavam pelos corredores rumo aos aposentos. O nome dele parecia ser Daisuke.

Chiyo retirou da sacola que trazia a tiracolo um saco de moedas. O metal tilintou quando foi passado para o homem. Os olhos dele brilharam por um segundo, mas logo a ganância foi substituída por uma surpresa que parecia legítima.

- Oh, não. Senhorita Miyoshi Chiyo, como pode passar isso para mim? Não, não. Até me ofende isso. Tudo que é feito aqui é pela graça de Ōkoku.

Daisuke se afastou com olhares ofendidos. Havia espanto, tanto que ele virou o rosto para não desonrar ainda mais a posição de Chiyo. Ela logo se prostrou diante dele. Os joelhos dela tocaram rapidamente o chão, as costas dobraram-se e os braços e as mãos foram estendidos no chão de madeira.

- Por favor, perdoe-me, senhor Daisuke. Peço perdão. É o desespero que me faz tomar essas atitudes.

Ele a olhou por um tempo. Voltou-se para Yoshihiro, o único acompanhante agora que Aço desaparecera e os guerreiros de Uesugi foram conduzidos para outros locais. O samurai logo se prostrou, vendo o prazer com que Daisuke os observava.

- Ah, juvenzinhos perdidos. Eu sei o que é o desespero. Aceitarei essas moedas para que não sintam tanta vergonha e não se desonrem mais. Levante-se, por favor.

- Obrigada, senhor Daisuke. Obrigada. Sua gentileza e a generosidade do imperador nunca serão esquecidas.

Ainda prostrado, Yoshihiro se odiava por não poder fazer nada. Aquilo era grande parte da reserva de dinheiro que havia levado da vila

escondida na floresta durante a fuga. Os recursos de Chiyo estariam cada vez mais dependentes de Uesugi depois desse suborno.

- Eu sei, pequena flor. Eu sei – disse Daisuke, com um sorriso afetuoso.

A corte realmente era como Tsubasa descrevia. Passaram boa parte daquela hora em rituais que Yoshihiro não era capaz de entender. Percebia que sua mente era a do nobre do interior e não se sentia mal com isso. Estava honrado por servir sua senhora da melhor maneira sem se preocupar com tantas roupas espalhafatosas. O que importava era a espada que fâtiara tantos assassinos que tentaram capturar Chiyo durante a viagem.

Mesmo com o tédio transbordando na alma, ele caminhou com toda aquela roupa cerimonial para a primeira visita ao imperador. As calças eram pesadas e dificultavam o movimento das pernas. Cada passo precisava ser calculado.

- Impossível lutar usando isso – comentou para Chiyo ao notar o quanto sentia falta da espada na cintura. – Não poderei protegê-la de maneira eficiente.

- Acredito que essas roupas são tão espalhafatosas justamente para dificultar a luta. Talvez um ninja conseguisse usá-las, mas um samurai não.

Pareceu mais uma provocação que ele suportou calado. Chiyo andava amarga. Yoshihiro fazia o possível para não a culpar. Estava ali para servir e sua senhora perdera toda a família recentemente. Agora tudo o que lhe restava era um apelo ao imperador para ter os cadáveres de volta e rezar para que os espíritos ainda não estivessem vagando enlouquecidos pela dor ou que os kami não houvessem os encontrado e devorado.

Daisuke reapareceu de novo quando estavam para entrar no grande salão do trono. Os bigodes finos banhados a óleo brilhavam sobre o sorriso.

- A senhorita Chiyo está mais graciosa que o voo da fênix. Como são bonitos esses olhos. Seu azul é a inveja de Amaterasu quando se põe no Oeste.

De fato, ela estava bonita. Fora maquiada cuidadosamente de modo a parecer ainda mais elegante. Havia sobriedade e beleza no rosto dela. Os olhos firmes tinham a certeza de uma adulta a despeito da juventude.

- Seus elogios são mais belos que os poemas de Izanagi em seus dias de solidão.

Daisuke sorriu mais uma vez. As enormes portas douradas do salão do trono se abriram quando ele se virou e começou a caminhar diante de Chiyo.

Yoshihiro esperava um aposento cheio de nobres afetados, desacostumados com a dureza do dia a dia e o custo que as vontades dos kami impunham às pessoas. Na verdade, sua primeira impressão foi quase essa. Foram os grandes samurais portanto nagamaki e com espadas com as empunhaduras mais bem trabalhadas que já vira que o surpreenderam. Eram homens da mais alta estirpe com peitos estufados e olhares sérios guardando o caminho para o trono. Atrás deles, via a corte em silêncio, interrompendo suas fôfocas imbecis para assistir à chegada da mais nova suplicante.

A caminhada atrás de Chiyo foi das mais difíceis. O esforço para não envergonhar sua senhora devia ser aparente na face de Yoshihiro. Ela conseguia se movimentar com leveza, perdendo apenas para os passos elegantes de Daisuke. O samurai suava debaixo das roupas quentes e o nervosismo não ajudava em nada. Era melhor se matar do que envergonhar a herdeira Miyoshi diante do imperador.

O trono estava atrás de um grande painel de papel de arroz. Tochas volumosas logo atrás criavam uma sombra enorme do homem sentado. Chiyo e Daisuke pararam diante de duas almofadas vermelhadas.

- Venho ao mais sagrado de todos os seres vivos e não-vivos de Ōkoku para pedir uma audiência para Miyoshi Chiyo, última da casa Miyoshi, vilipendiada por seus inimigos e agora suplicante aos pés do imperador.

A figura sombria atrás do painel se mexeu no trono. Acenou de leve consentindo com a audiência.

- Agradeço a Vossa Majestade por aceitar minha indigna presença. Que todos os kami sorrissem para o destino do imperador de Ōkoku – falou Chiyo, prostrando-se até que a testa tocassem o chão.

A conversa girou em uma série de rodeios confusos na mente de Yoshihiro. Ainda bem que sua função era apenas permanecer calado. Não era hora de resolver nada na espada. O tempo passou com uma lentidão maligna e sonífera. As pernas do samurai doíam e os pensamentos voavam longe quando finalmente surgiu a pergunta objetiva.

- O que deseja, Miyoshi Chiyo? – perguntou o imperador quando pareceu ter se enchido de toda a conversa inútil.

- Os Amago avançam sobre nosso território. Cometeram o crime de guerrear conosco sem motivo.

Os sussurros percorreram a corte. Cabeças se inclinaram para aproximar bocas agitadas de ouvidos ansiosos. Era a pura graça dos homens e mulheres que circulavam o poder comentar sobre a desgraça dos outros. Nada lhes dava a maior sensação de estar tão acima daqueles que se ajoelhavam em súplica.

- Não foi o que ouvi falar. Que entre o representante dos Amago.

Chiyo e Daisuke trocaram olhares. Ele demonstrou surpresa quando outro cortesão entrou acompanhado de Yamanaka Yukimori, um dos grandes samurais de Ōkoku e homem de confiança de Amago Okihisa. Ele usava o coque típico dos samurais da corte com o alto da cabeça raspado. Duas almofadas foram colocadas para que ele e o cortesão que o acompanhava pudessem ficar também diante do imperador. Mais uma vez os rodeios se iniciaram. Dessa vez Yoshihiro não teve aquela vontade de dormir de tédio. O sangue fervia. Já estava atento quando a conversa de seda acabou para iniciarem as palavras afiadas.

- Miyoshi Chiyo deveria ter se casado com meu senhor, Amago Okihisa. Ela o negou e fugiu de volta para a terra dos Miyoshi. Uma vez que não pretendia sair de Kanashimi no Teien, foi necessário invadir a província.

O imperador dava liberdade para as fúrias de cada um levantando



a mão esquerda ou a direita. Era preciso ficar atento para o protocolo.

- Amago Okihisa não era meu noivo por direito. Fiz uma visita de cortesia e ele insistiu no casamento. Avisei a meu amado pai que não queria e voltei para casa. Aquele homem vil me seguiu com um exército.

- Visitou com intenções determinadas. Depois deixou nossa capital, Kakurega, em vergonha, disfarçada como uma gueixa ao invés de simplesmente se despedir. Atravessou toda Doragonhōmu espalhando boatos que desonraram nosso senhor.

- Nenhum boato foi espalhado.

- Nossos ninjas os ouviram e relataram. Posso trazer testemunhas caso Vossa Majestade permita.

- A testemunha que deveria estar aqui seria Okihisa. Onde está seu senhor?

- Meu senhor jurou pisar nesse castelo somente quando tiver de volta a honra. Não pretende macular os olhos do nosso sagrado imperador deixando que o observem despido de honra.

Mão esquerda e direita subia e desciam. Yoshihiro enxergava os movimentos mais como uma diversão da sombra atrás do painel. O imperador finalmente falou com a voz que trovejou através do papel de arroz.

- Não posso impedir que a guerra continue. Uma noiva que foge de seu senhor deve pagar com sangue por desonrá-lo. Seus parentes já pagaram por não a devolver.

Chiyo baixou a cabeça concordando.

- Miyoshi Chiyo. A guerra continuará. Sei que parte de seu exército ainda persiste. Pode usar todos os meios das províncias que cercam minhas terras. Que nada disso chegue ao shogun. Mas esteja certa que se for vencida, seu destino será o que Amago Okihisa decidir.

Ao menos tinham uma chance. Yoshihiro temeu que o imperador entregasse Chiyo aos Amago ali mesmo diante de toda a corte. Ainda poderiam lutar. Isso Shimazu Yoshihiro conhecia bem. Ao menos, a aliança com os Uesugi ainda valeria. As coisas não eram tão ruins assim.

- Vossa Majestade permite mais um pedido então?

- Peça.

- Que os Amago devolvam os cadáveres de meu pai e meu irmão para que eu possa levá-los ao Templo do Esquecimento da Dor para que seus espíritos tenham alguma chance de paz.

A corte cochichou. O imperador se calou. O próximo barulho foi um rugido poderoso atrás do painel e o silêncio imperou.

- O templo fica a Leste.

- Sim, meu senhor. Mas o templo é a salvação dos espíritos de quem mais amo. Peço sua piedade para quem foi morto por ninjas desgarrados enviados pelos Amago.

A corte recebeu a notícia com escândalo. Nem novo rugido do imperador os calou.

- Desgarrados? Pois que esses nobres tenham essa oportunidade. Os Amago deverão entregar os cadáveres em até uma lua na Pedra dos Encontros.

Yamanaka Yukimori corou. O queixo travado e os dentes serrilhando eram transparentes na face agora enrubescida pela vergonha. A mão do imperador não se levantou para qualquer defesa. Daisuke então deu sinal para que saíssem. A audiência acabara.

A conversa na corte foi retomada juntamente com uma música leve. O fechar das portas às costas de Yoshihiro causou alívio quase tão grande quanto o fim de um combate. O corpo relaxou perdendo tensão até mesmo quando Yamanaka Yukimori parou ao lado.

- A senhorita Chiyo poderia se entregar e acabar com o mar de sangue que tem se formado – sugeriu o samurai.

- Minha senhora não tem que se entregar. Os crimes foram cometidos pelos Amago. Vocês deveriam desistir e recuar.

- Nunca desistiremos.

Claro que não. Nunca. Chiyo viva significava que descendentes dela sempre se uniriam a qualquer causa contra os Amago. Era uma inimizade para gerações infundáveis. Aquela guerra só se resolveria quando um dos lados se afogasse no mar de sangue... no mar do próprio sangue.

- As mentiras dos Miyoshi serão punidas. Mesmo que o Templo liberte as almas de seu pai e seu irmão, saiba que nós lembraremos sempre de todas as mentiras e faremos com que essa casa maldita pague. Kanashimi no Teien é praticamente toda nossa. Pouco de sua província ainda resiste. O general Gorou pode ser bom e persistente, mas nunca conseguirá vencer Amago Okihisa em campo de batalha.

- A magia desse gordo não durará para sempre.

Yukimori riu das palavras de Yoshihiro. Deu as costas sem qualquer cumprimento e seguiu juntamente com seu cortesão. Daisuke fez cara de enfiado e começou a caminhada para os aposentos.

- Serão combates excepcionais – comentou Daisuke.

- Como assim?

- Os Uesugi estão do lado dos Miyoshi, não estão?

- Sim.

- Shimazu Yoshihiro, Yamanaka Yukimori, Uesugi Hayate.

Acho que nosso sagrado imperador está muito entediado e quer ver esses magníficos combatentes. Essa é a solução para o enigma de não termos nenhuma resposta direta depois de todos os meus esforços para que a senhorita Chiyo fosse poupada.

- Três dos grandes samurais do sul. Poucas famílias têm o luxo de terem guerreiros dessa qualidade. Essa será uma guerra para ser registrada na história – completou Chiyo.

O peso daquelas palavras não assustou Yoshihiro. Talvez houvesse sentido medo ou uma responsabilidade demasiada semanas antes. A violência dos combates e a dureza das viagens longas foram marteladas que forjaram aos poucos uma lâmina mais afiada a partir da alma do samurai. O caminho até o castelo do imperador, com tantos combates e tanto sangue o enchera de confiança. Ninguém tocara Chiyo. Ele mal se ferira durante as batalhas e agora os homens dos Uesugi cochichavam sobre o Dragão do Céu.

Sentou-se na almofada diante de Chiyo quando Daisuke os deixou nos aposentos. Era um quarto com um futon para que a senhorita dormisse e um painel simples com desenhos de dragões. Um

biombo no canto permitia que se trocasse.

- Precisamos encontrar com os Amago para recebermos os corpos. Tenho certeza de que os homens de Uesugi nos acompanharão. Temo apenas por uma armadilha – avisou Yoshihiro.

- Sim. Não duvido, Yoshihiro-sama. Acredito que estaremos seguros. Se eles nos enfrentarem em território como a Pedra dos Encontros, com certeza atrairão a fúria de outras casas.

- A Pedra dos Encontros é sagrada, no entanto nada os impede de nos atacarem no caminho de ida ou na volta. Podem enviar os Bruxos dessa vez.

- Não acho. Precisamos dos corpos do meu pai e do meu irmão. Não abrirei mão disso, Yoshihiro-sama. Coloco sob sua responsabilidade a missão de evitar que eu não me junte a eles na travessia do Rio Sanzu.

- Inferno pode aparecer. Aço conseguiu alguma informação sobre onde ele pode estar?

A face de Chiyo foi tomada pela palidez. Prendeu as mãos nervosa sobre as coxas.

- Então teremos a provação final do Dragão do Céu.

## Capítulo 30: Verso Triste

Os contatos da Velha eram maiores do que Verso Triste poderia imaginar. Alguém da corte do imperador avisara que os Amago deveriam entregar os cadáveres dos Miyoshi a Chiyo na Pedra dos Encontros. Perguntou-se se por acaso os informantes da Velha não pertenciam ao lendário clã de ninjas que protegia o imperador, um grupo altamente secreto, nunca visto, que impedira todas as tentativas de assassinato do shogun e que matara todos que ousaram desafiar o filho sagrado de Ōkoku. Cumpriram bem sua missão, até um dia desaparecerem. E esse sumiço foi um dos fatores que definiu as disputas entre o shogun e o imperador.

Seguiram os servos dos Amago durante quinze dias. Toda vez que algum bando de assaltantes aparecia ou um grupo não identificado tentava atacar os viajantes, a dupla de ninjas agia matando e impedindo qualquer perturbação.

A Velha mal conversou, deixando até os xingamentos de lado. Durante as poucas horas de treinamento, ela simplesmente emitia ordens e resmungava quando encontrava algum erro nos movimentos de Verso Triste. Já a aprendiz pensava muito em Trovão Abençoado, preocupada com o estado das crianças e do jovem ninja. Ele tinha futuro, mas precisava do mestre correto para ajudar a abrandar o sofrimento que a maldição causava. Verso relutou em o deixar na companhia de Hoku Ken. As histórias dos seijin eram sempre confusas com alguns deles sendo verdadeiras imagens de heróis, mas outros tão loucos quanto os kami.

- A senhora sabe o que aconteceu com o clã ninja que defendia o imperador? – perguntou naquela noite nublada e sem lua, quando tentava tirar a cabeça das preocupações com Trovão e as crianças do Céu de Adagas. Havia se acomodado em cima de um bordo enorme de folhas quase amareladas. O outono se aproximava, uma estação triste para Verso. Ela preferia mais a primavera, mesmo que seu espírito estivesse mais em sintonia com a queda amarelada das folhas.

- Sei.

- O que foi?
- Qual o motivo da curiosidade?
- Sei pouco da história de Ōkoku. A senhora parece saber muito.

- Por que sou velha e caquética?

- Não! – negou Verso erguendo as mãos assustada. Em parte era verdade. As rugas da mestra davam a impressão de que vivera eternamente em Ōkoku e sabia de tudo o que acontecia. – A senhora tem muitos informantes.

- Tenho muitos informantes e tudo o que aprendi com eles me permitiram ficar velha e caquética.

- Se a senhora diz.

- Você não tem que concordar só porque eu digo. Pode fazer um elogio.

Quanta dificuldade conversar.

- A senhora não é velha.

- Então sou caquética?

- Nem velha nem caquética.

- Podia parecer mais sincera. Muito mentiroso seu elogio. Está pior que seus arremessos de shuriken.

- A senhora disse que estava melhorando nos arremessos.

- Acho que consegui parecer mais sincera do que você. Aprenda isso. Você é péssima tanto em arremessar quanto em elogiar.

Muito difícil falar com aquela mulher. A conversa apenas complicava. O jeito era observar o acampamento dos Amago. Os soldados carregavam dois caixões com os cadáveres e os mantinham bem vigiados durante a noite. Verso tentava imaginar se sua missão seria roubar os cadáveres ou proteger os Amago. Seria difícil passar por tanta vigilância e arrastar os caixões para fora do acampamento. Fora que deveria haver ninjas ali. Ainda não haviam visto ninguém dos Bruxos e muito menos da Dança das Garras, mas deveria haver um shinobi disfarçado.

- Vamos atacar essa noite.

- Como?

- Atacando.

O plano foi apenas se aproximar sem serem vistas. A Velha seguiu na frente. O único soldado de vigília que as notou acabou com uma adaga enfiada na garganta. Caiu mudo enquanto ambas seguiam ocultas pelas sombras.

Verso tomou posição próxima aos caixões. Os restos da fogueira ainda ardiam e os soldados roncavam em suas barracas. Um samurai e quatro guerreiros vigiavam os caixões, porém os dias de viagem sem ataques deixaram o grupo complacente. Homens que andavam armados dia após dia agora não tinham mais os rostos tensos do início do percurso. Estavam cansados depois de seguirem rotas em ziguezague para escapar de possíveis perseguidores e ainda darem voltas para evitarem territórios de outros daimyo que não pretendiam fazer parte da guerra.

Elas deveriam atacar cada uma de um lado. Escondidas nas sombras, uma mal sabia onde a outra estava. Os anos de experiência lutando e matando juntas davam certeza na sincronia. Nesses momentos, Verso sabia o quanto a Velha confiava nela e tinha certeza que eram mestra e aluna com um laço que não parecia aparente nos momentos de conversa, mas inabalável na hora de matar. Era um dos poucos instantes em que a última ninja dos Poemas sem Esperança se sentia próxima da shinobi idosa.

Verso Triste avançou a passos largos. O braço se estendeu sem remorso até conectar a kunai com o pescoço do primeiro vigia. Um shuriken rápido partiu da mão esquerda, penetrando na garganta de outro homem. Nisso a Velha já matava com eficiência ainda maior. Quando Verso Triste teve tempo de observá-la, já estava segurando um soldado e o deixando sangrar enquanto escorregava até o chão. Foram mortes silenciosas acompanhadas no máximo por um gorgolejar sangrento.

O restante do acampamento dormia alheio à matança em volta dos caixões. A Velha verificou se alguém as vira e buscou dois cavalos. Foi com dificuldade que elas carregaram os ataúdes para o meio da mata. Ao final da caminhada, Verso Triste estava suada e o corpo doía.

Esconderam os dois com muito cuidado dentro de um buraco que a Velha já deixara preparado.

- Idiotas – comentou a mestra quando o acampamento acordou sobressaltado. Um dos ninjas da Dança das Garras encontrou o caminho falso que a dupla deixara. Assim eles seguiram por muito tempo, sem encontrar nada. Ao final do dia, outro grupo de viajantes chegou liderado por um samurai. – Yamanaka Yukimori.

- O campeão dos Amago?

- Ele mesmo.

- Vai ser interessante quando ele se encontrar com Shimazu Yoshihiro e explicar que perdeu os corpos dos senhores dele. Estaremos lá para ver?

- Claro que sim, menina idiota. Se nem o imperador quer perder essas batalhas, imagina que eu perderia?

- Nem um pouco.

Não era do feitio de Verso Triste torcer por batalhas e por sangue derramado. O que ela queria era ver uma luta para entrar para a lenda de Ōkoku. Os relatos recebidos pela Velha indicavam que Shimazu Yoshihiro crescia em poder e confiança a cada dia. Verso estava curiosa para saber se toda aquela dúvida que vira no rosto dele enquanto batalhava no castelo dos Miyoshi ainda existia. As informações indicavam que não, o que tornaria o poder do Dragão do Céu ainda maior.

- Vamos. Ainda temos trabalho a fazer.

Elas voltaram até os caixões e os retiraram dos esconderijos. Abriam-nos sem se preocupar. Ao contrário de tantas pessoas em Ōkoku, boa parte dos ninjas não se preocupava em tocar em cadáveres, um trabalho geralmente reservado aqueles que quase não eram considerados pessoas na ordem das coisas.

Prepararam uma pira para cada um e observaram as chamas devorarem a carne morta durante boa parte do dia. Sabiam que a fumaça alertaria alguém, porém já haviam esperado os Amago se afastarem o suficiente para demorarem a voltar. Mantiveram a vigilância e assim esperaram pacientemente.



- Vamos fazer o quê com eles?
- Jogar as cinzas no mar.
- Mas os espíritos deles vão ficar vagando para sempre!
- Vão sim. Eles merecem. Um por ser um parvo. O outro por se

recusar a me ouvir.

Quando acabou, moeram os ossos e colocaram todo o pó em uma sacola para cada morto. Verso Triste prendeu a de Miyoshi Tetsuo nas costas, pensando nas histórias que a Velha contava do quanto o garoto era idiota. Mais de uma vez ele se precipitara em combate, sobrevivendo graças à habilidade desesperada dos irmãos Shimazu. Contava-se que o pai de Yoshihiro morrera tentando proteger Tetsuo depois que provocara uma luta contra o filho de um daimyo vizinho. Verso desejou que o garoto fosse idiota o suficiente para não achar o caminho até as próprias cinzas até que elas alcançassem o mar.

- E se os fantasmas deles nos seguirem?

A Velha parou. Olhou para Verso e depois para a floresta em volta.

- Esqueça os fantasmas e se preocupe com os vivos. As espadas dos mortos raramente cortam como a dos vivos.

Ela saltou depressa enquanto iniciava uma série de movimentos com os dedos, preparando uma de suas técnicas secretas. Verso olhou para trás. Havia alguma coisa na floresta.

## Capítulo 31: Trovão Abençoado

As crianças vinham rindo bastante nos últimos dias. A ansiedade no início da caminhada junto de Hoku Ken se dissipou aos poucos tendo um fim quando um bando de ninjas de um clã desconhecido tentou os atacar por trespassarem suas terras. O seijin pediu que Trovão fizesse as honras no início do combate. As técnicas recém aprendidas, principalmente no controle do olho escarlate, ajudaram muito a evitar múltiplos golpes. O foco da morte mudou do desespero quando ocorria o prenúncio vermelho da perda dos companheiros para enxergar como poderia matar mais eficientemente.

Aquele fora um bom combate. Trovão derrubara pelo menos quatro dos ninjas sem se deixar tomar pela fúria desesperada que o olho gerava. Hoku Ken participou quando, segundo ele, os inimigos começavam a se tornar inconvenientes. Trovão percebeu que ele tinha o hábito de soltar lentamente as tiras de couro que mantinham a caixa de metal presa às costas. Batia palmas para chamar atenção com os olhos fechados para o mundo. A luta começava, a luta acabava.

Ninjas de elite seriam páreo para Hoku Ken. Aqueles meros sukoshi eram nada. O seijin caminhava entre eles distribuindo golpes que rachavam os ossos. Se necessário, invocava aqueles poderes estranhos, tão diferentes do que os ninjas costumavam usar.

- Para onde estamos indo? – perguntou Trovão durante um dos almoços que o seijin providenciara. Era fácil para ele conseguir comida. Bastava bater na casa de um nobre. Se o reconheciam, tratavam de preparar baquetes em sua honra. Hoku Ken não se aproveitava muito disso. Pedia alimento para as crianças e evitava entrar naquelas casas e castelos suntuosos.

- Vamos deixar as crianças com alguns conhecidos meus que as treinarão para se tornarem ninjas. Quando você estiver pronto, vai poder voltar para levá-las.

A despedida aconteceu em uma noite fria. Um casal acolheu as crianças juntamente com um saco que tilintava. Nem bem entraram para a morada dos dois estranhos, já tinham tarefas para o restante da

noite. Hoku Ken sorriu e agradeceu ao casal. Eles pouco disseram além de prometerem fazer o que precisava ser feito. O seijin se despediu deles com um sorriso amplo para Trovão. As crianças, finalmente seguras, abraçaram seus antigos protetores, algumas com sinais de choro.

- Eu vou voltar pra vocês.

- Ele vai voltar, catarrentos.

A casa era convidativa. Trovão queria dormir com as crianças ali, finalmente acordar bem depois de tanto tempo de sofrimento. O seijin não permitiu. Deixou muito claro que o lugar dos dois era na estrada e que a filha do casal era bonita demais. Seria arriscado dois homens bonitos como eles ficarem ali e acabarem contraindo a vil doença do casamento.

- Eu quero me casar – retrucou o ninja quando tomavam chá no dia seguinte.

- Nenhuma felicidade é eterna, mas o homem que precipita espontaneamente a sua deve ser chamado de tolo.

- Eu quero ter filhos.

- Eu tenho alguns por aí e, felizmente, nunca precisei disso. Entenda, Trovão. O mundo é vasto e precisa ser explorado. Falando em mulheres, nosso destino tem como função fazer uma mulher chorar por você.

- Como assim? – Trovão olhou apavorado para o seijin.

- Calma, senhor ninja. Calma! Hoku Ken já fez muitas mulheres chorarem por motivos variados que não interessam agora, mas acredito que essa derramará algumas lágrimas por nós por livre e espontânea vontade.

As caminhadas junto de Hoku Ken eram divertidas. O homem tinha histórias sobre Ōkoku que iam desde a Criação até as aventuras iniciais dos kami, quando, apesar de poderosos, ainda não tinham o poder espiritual para terem seus próprios lares em volta do reino. Era bom saber que mesmo aqueles seres loucos que Ōkoku venerava um dia pisaram na mesma lama que ele, sofrendo quando os oni os perseguiram.

- Não pense que isso nos aproxima deles. Os kami não são como nós. Se um dia foram, como alguns sábios gostavam de filosofar, eles já se esqueceram disso e fazem questão de se mostrarem diferentes.

- É muito orgulho.

- Deve ser difícil não ser orgulhoso quando se é venerado e se tem o destino de tantos em suas mãos. – Parou de caminhar em frente a uma gigantesca pedra com os dizeres “Não siga em frente. A partir daqui quem entra não deve mais sair”. – Chegamos.

Trovão olhou curioso para as estradas perdidas depois da grande pedra. Eram todas malcuidadas com as árvores e o mato aos poucos clamando o espaço que o homem modificara.

- Onde estamos?

- Em um lugar onde não devemos entrar. – Sentou-se e começou a preparar o material para o chá.

Trovão estava faminto. A boca ocupou-se mais com a comida do que com novas perguntas. Ficaram ali por quatro dias, só assistindo o tempo passar. Tudo o que mudou foi o amarelar das folhas durante o outono. As tentativas de descobrir o motivo de estarem naquele lugar esquecido pelos homens quase sempre terminavam com um treinamento intenso. Hoku Ken explicava que a arte de luta dele era muito diferente da dos ninjas. Os seijin focavam no uso do corpo e das forças do espírito, não na Escuridão. As lições eram baseadas em esquivas e ganho de velocidade. Quando se concentravam no olho, Trovão até conseguia invocar a onda vermelha sem que houvesse morte por perto.

- Sempre há morte no mundo. O mundo perece a cada instante, seu bostinha. Há morte dentro de você agora mesmo. Partes do seu corpo estão definhando lentamente. – O seijin pegou um biscoito de arroz, o qual saboreou devagar. – As pessoas começam a morrer tão logo nascem. E morrem ainda mais depressa quando desafiam Hoku Ken.

Morriam mesmo. Trovão vinha acompanhando os golpes destrutivos do seijin. Derrotá-lo em combate individual parecia ser

quase impossível. Talvez o Dragão da Escuridão sob o Mundo tivesse sido assim ou ainda mais poderoso para ter gerado tantas lendas e temor entre os ninjas.

- Algum seijin enfrentou o Dragão?

Hoku Ken parou de mastigar outro biscoito. A mandíbula começou um movimento lento e pensativo. O olhar se perdeu à frente avaliando o horizonte já com a alma perdida em histórias que deixavam Trovão muito curioso.

- Um de nós o enfrentou. Era poderoso. Era orgulhoso. E morreu humildemente nas mãos daquele ninja. – Bateu as mãos nas pernas para espanar os restos do biscoito. – Já houve seijin que derrotaram grandes espíritos, reis dos oni e até kami. E quando precisamos tomar uma atitude contra o Dragão, cometemos o erro de enviar a pessoa errada. Essa pessoa morreu e isso apenas deu mais poder ao Dragão. Ele matou alguns de nós em fila. Ele vivia no auge, garoto. Era espírito, carne e Escuridão em comunhão.

- Você lutou contra ele.

- Não. Meu mestre não permitiu. No fim, tudo foi resolvido de outra maneira.

- Como?

A curiosidade de Trovão transbordava. Os mais velhos odiavam falar da história do Dragão para evitar que os mais novos tivessem ideias mirabolantes. Refêriam-se a ele apenas como um grande monstro que quase destruía a ordem natural do mundo. Pena que aquele não seria o momento de mais histórias.

- Quem chamou por mim? – perguntou uma figura a uns quinze metros da grande pedra com o aviso.

Hoku Ken e Trovão se levantaram para avistar uma mulher vestida em um quimono sujo que um dia já fora bonito. Deveria ter sido uma nobre de grande importância ou uma ladra que conseguira as roupas e nunca mais tivera oportunidade de comprar algo daquele valor de novo. O rosto estava todo coberto por panos, deixando apenas os olhos à vista. E que olhos eram aqueles! A meiguice e a tragédia andavam juntos naquele brilho de bondade.

- Senhorita, eu sou Hoku Ken, seijin caminhante, treinado pela força do caminho das estrelas e iluminado pela própria alma. Esse é Toha Trovão Abençoado, último ninja do clã do Céu de Adagas.

O olhar dela percorreu os dois sem timidez. O cenho se franziu levemente quando encarou o olho avermelhado de Trovão.

- O menino sofre.

Ele não era menino, mas realmente sofria. Achou melhor ficar calado porque o fato de ser menino ele resolveria crescendo, mas a maldição era só com a mulher.

- Ele sofre. A maldição vem de Kasaioni o Amaldiçoado da Família dos Bruxos.

- Uma pena.

- Uma razão para chorar, senhorita.

- Mais uma nesse mundo insano.

Ela chorou de fato. Colheu as lágrimas em uma cuia na qual cuspiu sem cerimônia.

- Venha apenas você e pegue. Não deixe o menino vir.

- Não deixarei, senhorita.

Ela deu as costas e sumiu apenas ouvindo os agradecimentos dos dois. Hoku Ken a olhava piedosamente.

- Lá se vai uma mulher que nunca tocarei. – Suspirou profundamente ao se voltar para Trovão. – Agora somos nós. Beba dessas lágrimas.

Trovão pegou a cuia cuidadosamente. Aquilo era magia? Era algum poder especial?

- Quem era aquela?

- Uesugi Akane, seu bostinha. Você vai tomar as lágrimas de Uesugi Akane, aquela que realmente chora pelo sofrimento desse mundo. Agora deixe de ser um jovem repugnante e beba logo. Que idade horrível essa em que o garoto está. Nem adulto nem criança. Essa indecisão me deixa nervoso.

Ele bebeu. Nunca vira Hoku Ken nervoso. Nem pretendia. Havia corajosos e imbecis no mundo. Os corajosos ousariam enfrentar Hoku Ken quando já estivesse furioso por algum motivo significativo.

Os imbecis seriam aqueles que provocariam essa fúria.

As lágrimas de Uesugi Akane eram doces como o mel. Elas desceram massageando a garganta. Deslizaram na suavidade dos mais habilidosos dançarinos. O corpo perdeu calor, todo o sofrimento do mundo sumiu por segundos. De repente, ele estava em um estado de graça e o mundo a sua volta era somente uma mágoa distante. O olho enxergava muito de longe a morte do mundo. Viu como o universo se expandia e as forças vitais de Ōoku pereciam no meio da ira que se revoltava ao redor. Aí tudo acabou e ele era apenas Toha de novo, perdido naquele caos.

Hoku Ken estava de braços cruzados diante dele. Estendeu um braço e o segurou pelo queixo para analisar despreziosamente.

- Por fora continua com a mesma cara redonda e estúpida. O olho está um pouco menos vermelho.

Trovão colocou a mão sobre o olho. Sentiu as pálpebras e os cílios, debaixo deles o globo ocular latejava levemente tentando liberar a maldição. A força agora era mais tênue.

- Melhorou.

- Bom, garoto. Vai ser difícil se livrar disso, mas vai abrandar e vai permitir você lutar melhor. Temos mais o que fazer. Vamos seguir viagem.

## Capítulo 32: Tigre Sensato

Lobo Fiel estava à frente com seu fôro infalível. Uma pena que não estivesse entre eles quando os cadáveres sumiram. Aparecera só depois quando Yamanaka Yukimori os encontrara na volta do castelo do imperador. O samurai, por sinal, despejou sua ira sobre todos. Tigre pensou que ele mataria alguém. Nunca o vira tão transtornado em toda sua vida.

- Vocês têm ideia do que pode acontecer? São ordens do imperador. Ele pode simplesmente negar nosso direito de continuar em guerra, algo que o shogun já não aprecia e apenas não se manifestou devido à atual situação de Ōoku. Como puderam deixar isso acontecer?

Olhava especialmente para Tigre Sensato e Rato Furioso. Apesar de haver um oficial de confiança chefiando a caravana que levava os corpos, cabia aos dois realmente cuidar para que tudo corresse bem. A missão parecia um presente dos kami. Os poucos inimigos que encontraram foram trucidados em alguns ataques que anteciparam emboscadas. Um grupo desprezível fora explodido por Rato Furioso no próprio esconderijo quando o ninja seguira um de seus batedores que voltava para avisar que havia possíveis vítimas para um assalto. Acontecia que nenhum presente dos kami trazia felicidade por muito tempo. Ao menos não quando o presenteado se orgulhava demais disso. Logo vinha a desgraça acompanhada da dádiva mal aproveitada. Os cadáveres foram roubados bem debaixo do nariz de Tigre e Rato.

Yukimori já se acalmara um pouco. Agora acompanhava os ninjas enquanto seguiam o rastro dos ladrões. Era a Velha. Lobo Fiel tinha certeza que era ela.

- Sabe o que ela quer ao roubar os cadáveres? – perguntou Tigre ao ninja mais velho.

- Ela não os quer descansando em paz. A Velha nunca teve boa relação com Miyoshi Hachiro. Os dois se odiavam. Quando se aliaram uma única vez nos tempos do Dragão foi pela falta de alternativas. E a Velha foi pressionada a aceitar os termos dele.



- Quais termos? – Tigre ainda era jovem na época do Dragão.

Passara os dias lutando e vendo mortes, mas pouca sabia da política que corria em volta. As longas discussões dos mais velhos pareciam muito distantes para uma adolescente que mal conseguia entender o motivo de tanto sangue descendo para a terra.

- Hachiro pretendia esconder uma das partes do Dragão em suas terras. Ele tinha esse direito, afinal ele mesmo cuidou para que os recursos de sua casa fossem dispendidos na luta. Não poupou esforços. A Velha nunca concordou com as ideias dele.

- Ele era tão estúpido quanto o filho?

- Estúpido não. Só cego demais quanto ao que ocorreria dentro de casa.

Pensar em Inferno foi inevitável. Os Miyoshi pareciam ter uma disposição para criar grandes guerreiros que depois explodiam em massacres. A história da casa estava recheada de boatos sobre pessoas loucas que lutavam como demônios da noite. Talvez fosse a benção nefasta dos mekai no kami. Era preciso ter respeito por uma casa que tinha seu terreno cedido pelos deuses do submundo. Não se rejeitava um presente desses, mesmo sabendo que ele viria acompanhado de um pouco de loucura ou do toque da Escuridão sob o Mundo.

- Acha que ela está fazendo isso apenas para se vingar de Miyoshi Hachiro? – perguntou Tigre Sensato. Eles ainda andavam a passos rápidos e Rato Furioso seguia com alguns sukoshi na frente.

- Não. De jeito nenhum. A Velha nunca trabalha pensando só em sentimentos. A cabeça dela é maior do que a minha e a sua. E os planos dela sobreviverão a sua morte.

- E quais seriam?

- Ela não vai deixar que tenhamos mais nenhuma parte do Dragão. A perda desses corpos colocará os Amago em dívida com o imperador e em uma inimizade eterna e irreversível com a Casa Miyoshi e todos os seus aliados.

- Miyoshi Chiyo também será afetada por isso. Ela será assombrada para sempre.

- Vai sim. O pai e o irmão assombrarão sua vida assim que a

encontrarem. Então será uma praga seguida de outra.

- Vocês dois, parem de sussurrar aí na frente. Digam-me onde estão os larápios! – exigiu Yamanaka Yukimori.

Lobo Fiel pediu que Tigre continuasse ao indicar o caminho com o braço e voltou para conversar com o samurai. A ninja resolveu subir entre as árvores na tentativa de visualizar alguma coisa a mais. Pulou entre os galhos avançando sempre à frente do restante do grupo. Lá atrás, Lobo Fiel ainda conversava com Yamanaka Yukimori. O samurai andava apressado vestido na armadura completa. Mais atrás, soldados de Amago e mercenários também seguiam portando todo o equipamento de guerra. Tigre Sensato considerava aquilo um desperdício de energia. A estratégia que propusera era que os ninjas cercassem as ladras aos poucos e as levassem até os samurais e os soldados. Ali, sem escapatória, pegariam de volta os corpos ou as fariam dizer onde estavam escondidos.

Yamanaka Yukimori negou a proposta. Irritado com a incompetência do clã, falou que cuidaria pessoalmente do assunto. Por isso marchava com armadura, esperando encontrar os inimigos a qualquer momento. Os outros samurais e soldados já começavam a se cansar. Yukimori não. Não havia uma gota de suor que fosse na testa dele. Ele era a rocha dos Amago.

A morte do pai de Amago Okihisa deixara a liderança vaga na casa. Ninguém confiava naquele garoto gordo que deveria ocupar o lugar de um dos grandes líderes de Ōkoku. Graças a Yukimori, os samurai e soldados não debandaram. Ele era a face que protegia Okihisa de qualquer crítica. E aos poucos o senhor dos Amago começou a demonstrar que não precisaria mais do samurai. Todas as batalhas vencidas, os territórios conquistados, só traziam mais apoiadores.

Um sukoshi desesperado saltou entre os galhos, voltando pela trilha até quase trombar com Tigre Sensato.

- Calma – ela ordenou. – Quer envergonhar a gente? Calma!

Ele fechou os olhos e inspirou procurando controlar a mente e o corpo.

- Ele está parado mais à frente, só esperando.

Nessa mesma hora, os samurais os alcançaram.

- Desçam daí – ordenou Yukimori. Tigre Sensato e o sukoshi caíram diante do samurai. – O que está acontecendo?

- Ele está nos esperando.

- Ele quem?

O sukoshi respirou fundo. Olhou para os ninjas mais graduados do clã. O nervosismo transparecia nas mãos agitadas.

- Inferno.

A tensão se espalhou entre samurais, ninjas e soldados mais rapidamente do que que praga de uma grávida assassinada. Os mercenários deram passos para trás e conversaram entre si. Um dos soldados soltou as armas e correu pelo mato.

- Vergonha. É hora de distinguirem a vergonha da vitória. Até agora estivemos acostumados demais em vencer. Hora de vermos de que serve esse tal Inferno. Vamos seguir. Os covardes que fiquem. Estão liberados do serviço aos Amago. Procurem outro mestre.

Quase todos seguiram Yamanaka Yukimori até a clareira onde Inferno os esperava. O ninja escolhera um local apropriado para ser cercado por todos os inimigos. Ele estava simplesmente de pé com as duas espadas empunhadas. A máscara com a pintura de chamas impedia que soubessem para onde estava olhando. Estava somente com a cabeça baixa, com as pontas de Condenação e Julgamento ameaçando o solo.

- Nós vamos passar – gritou Yukimori.

- Não vão passar – respondeu Inferno. – A vontade dos homens é a grande desgraça desse mundo em que a liberdade de desejar não condiz com o poder de executar.

- Além de assassino e traidor, você é filósofo?

Yukimori estendeu a mão para que lhe entregassem sua nagamaki. A lâmina extensa ligada ao bastão era quase como uma espada desproporcional. Poucos conseguiam se adaptar ao estilo de luta de uma arma tão grande. Cabia à rocha dos Amago usar a difícil arma para massacrar os inimigos em combate.

- Eu não filósofo nem teço poemas. Eu penso. Não tenho culpa se na mente de alguns homens o simples pensamento soa como difícil filosofia.

O samurai bateu o cabo da nagamaki no chão. Fez sinal para que os homens cercassem Inferno. Quando o círculo se fechou, caminhou mais para frente.

- Eu gostaria de conversar mais com você. Não o farei porque você é um traidor. Você é um mero assassino. Seu tipo merece ser massacrado nos cascos de um cavalo ou morrer afundado em uma fossa coberta de excrementos. Na falta disso, eu serei misericordioso e deixarei que morra na minha lâmina.

- Essa é sua oportunidade, mas ainda está confundindo a liberdade de desejar com o poder de executar.

A confiança de Inferno era extrema. O ninja não se mexia mesmo cercado. Ele aguardou que Yukimori se movesse para o centro do círculo. O ataque do samurai foi evitado só com um desvio para a direita. A lâmina passou rente às roupas do ninja. Yukimori girou a nagamaki e acertou o estômago de Inferno com o cabo da arma. O ninja não contava com a velocidade do ataque. Ainda dobrado, precisou escapar de outros dois golpes. Um deles carregou uma parte do quimono do ninja.

- Executando meus desejos – sorriu Yukimori.

A postura de Inferno mudou. Aprumou-se e arrastou o pé direito pela terra. A base de combate não era mais uma defesa quase desleixada. Agora era ataque. Os olhares tensos dos soldados e ninjas de Amago aguardaram pela continuação da luta. Tigre Sensato tentava imaginar o que se passava por trás do rosto agora fechado de Yukimori. Ela firmou a mão na empunhadura da espada, tentando se lembrar das histórias que o pai contava quando Inferno, ainda jovem, despedaçava ninjas e tengu causando terror em qualquer clã que entrava em conflito com os Miyoshi. Ela crescera ouvindo histórias sobre ele e contara para a filha sobre aquele ninja que pecava ao lutar contra as forças criadas pelos kami para dar ordem ao mundo.

Os sons da luta recomeçando não condiziam com a cena. Eram

choques violentos e gritos de batalha, principalmente por parte de Yukimori, mas os movimentos eram leves. As espadas de Inferno cortavam o ar como o voo de um falcão. A nagamaki do samurai contra-atacava como o bote de uma serpente. Não havia um movimento que, a despeito da violência, não fosse belo e admirável. As katanas de Inferno disparavam em ataques duplos. Uma fintava, a outra tentava perfurar o inimigo. Yukimori aparava ou se esquivava. Por vezes, as lâminas roçavam a armadura. Um golpe rápido arrancou sangue da face do samurai e foi correspondido por um contra-ataque que rasgou o quimono do ninja, expondo o peito com um filete de sangue.

- Hoje o temido Inferno cai – comentou Tigre Sensato, sorrindo ao ver que o samurai tomara a iniciativa do combate mais uma vez. Seus ataques avançaram até abrirem a possibilidade de atingir o joelho de Inferno com o cabo da nagamaki. Houve gritos de vitória quando o ninja rolou no chão para escapar da lâmina do oponente. Yukimori avançou contra ele, mas Inferno era rápido demais. A nagamaki se fincou no chão e o ninja voou para trás arremessando uma das katanas. A lâmina atravessou o ombro do samurai.

- Parece que não – falou Rato Furioso.

O braço esquerdo de Yukimori pendeu fraco e pingando sangue. Ele segurou com dificuldade a arma com o membro ainda forte.

- Você é um homem cheio de recursos, Inferno. Eu conheci seu pai, sabia? Ele era uma pessoa sábia – falou Yukimori. Inferno saiu da base de combate e parou ereto e firme com a katana para baixo. A máscara apontou para o samurai. – Acho que ele ficaria surpreso ao saber que eu matarei o filho dele, mas essa foi uma promessa que fiz há muitos anos. Eu jurei que o mataria, Inferno. Não pelo o que você já fez. É o que você é e o que você representa.

Inferno deu de ombros. Passou a mão pelo sangramento no peito e levou os dedos molhados à máscara. Pintou ali uma simples palavra: tempo.

- Meu pai está perdido na história de Ōkoku, Yukimori-dono. E a história é feita de julgamentos daqueles que sobrevivem. Eu pergunto

ao senhor. Conhece algum sobrevivente em Ōkoku que não tenha sido traumatizado por nossas guerras ou pelo sadismo dos kami? E qual viés não há na história contada através de traumas e preconceitos?

- Você filosofa tanto que merece um poema bem feito à base dessas palavras bonitas.

O combate ainda não acabara. Yukimori segurou a empunhadura da katana de Inferno e a retirou do ombro enquanto recitava seus juramentos aos Amago. Jogou a lâmina ensanguentada no chão e segurou novamente a nagamaki. O grito de guerra do samurai ecoou pela mata, inspirando os soldados em volta. Até Tigre Sensato sentiu uma força súbita dominá-la com a vontade de voar sobre Inferno.

- Acho que agora fica interessante mesmo – falou Rato Furioso. Ele esfregava as mãos também tomado pela inspiração de Yukimori.

Katana e nagamaki chocaram-se para o infortúnio do ninja. Os novos golpes do samurai eram furiosos demais. Continuavam belos, entretanto com uma nova força que fazia os braços de Inferno vibrarem a cada ataque aparado e as pernas se esforçarem para retirar o corpo de avanços precisos e poderosos. O ninja recuou até se deparar com uma árvore. Yukimori atacou com um arco para o golpe final. A esquiva de Inferno foi precisa. Escapou da lâmina que partiu o tronco da árvore ao meio. Sobrou então o cabo da arma de Yukimori para atingir o estômago do ninja e levá-lo até o chão onde o prendeu. Três golpes precisos quebraram as costelas do homem caído. As mãos do samurai giraram e levaram a nagamaki para o golpe final.

A terra se partiu quando foi atingida pela lâmina de Yamanaka Yukimori. Inferno não estava mais lá. O ninja agora era o vento da noite de inverno, assassino e cortante, rodopiando em volta do inimigo. Ele estava cortando o samurai, despedaçando a armadura aos poucos e terminando com a espada penetrando o estômago do oponente. Yukimori não se curvou com o ataque. Socou a máscara do ninja e o afastou. A espada seguiu junto com o dono, arrastando sangue e pequenos pedaços de vísceras, seguindo para formar um arco vermelho rumo à cabeça do samurai. A rocha dos Amago defendeu esse primeiro golpe. Conseguiu até esquivar-se de um segundo. O terceiro

não o entregou aos braços da morte graças a Tigre Sensato. A ninja interrompeu o ataque e empurrou o samurai para os braços de um soldado.

- Ataquem! – gritou ela para os mercenários e ninjas ainda inspirados pelo grito de Yukimori.

Eles voaram para cima de Inferno. Nenhuma lâmina o encontrou. Tigre Sensato não conseguiu entender como o ninja se moveu entre tantos atacantes, arrancando suas vidas e fazendo chover sangue na clareira. A eficiência em matar transparecia nos movimentos quase invisíveis de Inferno. Ninguém enxergava o algoz. Tudo o que notavam eram os ferimentos mortais se abrindo e, no máximo, a próxima vítima horrorizada pela surpresa de um golpe vindo de lugar nenhum. O terror se espalhava e a inspiração criada por Yukimori desvanecia.

- Fugam – ordenou Tigre Sensato, vendo que Inferno se concentrava nos mercenários.

Os soldados ajudaram a carregar Yukimori. Nada como o medo para fazer um homem correr e retirar forças de onde nunca imaginara ter. Assim eles recuaram daquela batalha derrota humilhante.

## Capítulo 33: Grilo Negro

O desânimo após a saída do pântano aprofundou-se nos corações dos ninjas, não importando os anos de luta e experiência em vitórias e derrotas. A oportunidade de derrotar Kasaioni fora clara e não aproveitaram. Perderam alguns sukoshi e, ainda, uma das ninjas mais poderosas do Exame de Máscaras. Mariposa Negra era nova ainda, entretanto suas habilidades eram uma ameaça até para os daitengu. Grilo Negro a via treinando e sentia a inveja subir pela garganta, dando um gosto amargo quando ainda era um sukoshi destinado apenas a abrir caminho para a elite do clã. Os anciãos viviam a elogiar como ela dominara a arte das Mil Mariposas de Aço e como isso mudara boa parte das estratégias do clã ao enfrentar ninjas e samurais muito poderosos. Até alguns espíritos e demônios tinham medo do furacão de asas cortantes.

Agora ela estava morta. Era mais uma entregue à Escuridão, destinada a percorrer um caminho sob o mundo para achar o Rio Sanzu sozinha. Era certo que a relação entre Grilo Negro e a irmã se azedara profundamente depois da morte da mãe e, principalmente, depois da fuga de Uesugi Akane. Não era por isso agora ele deixava de se sentir tão mal por tê-la perdido. Escorpião e Zangão pareciam incólumes. Suas palavras indicavam que o abatimento estava mais relacionado com a derrota do que com a perda de Mariposa. Ninjas eram ninjas e a morte era sua segunda mãe, aquela que os acompanhava passo a passo e esperava o retorno. Uma mãe gerava a carne e outra a devorava. Era o ciclo de Ōkoku, a ordem natural do mundo.

- Ainda precisamos saber o que aconteceu lá. O comportamento dos tengu foi totalmente atípico.

Escorpião Negro falava enquanto se os outros se aqueciam em volta da fogueira e comiam um pouco de arroz preparado por Grilo. Ele gostava de cozinhar, algo que aprendera com a mãe e desenvolvera nas campanhas entre os sukoshi.

- Nunca vi os tengu atacando com aquela vontade suicida. Kasaioni não tinha poder pleno sobre eles – sugeriu Veneno



Inescapável.

- Ou tinha e os fez pular sobre nossas espadas para se livrar deles. – Zangão Negro comentou segurando a comida e olhando para o horizonte. Lá na frente o deserto os aguardava para voltarem ao território dos Uesugi.

- Os tengu no castelo dos Miyoshi não agiam assim. Eles se comportavam como sempre fazem normalmente, com estratégia para gastarmos nossas energias e nos dividirem – alertou Vespa Negra. Ela parecia a mais abatida com a morte de Mariposa. As duas eram amigas de longa data e treinavam juntas todos os dias. – Eles obedeciam plenamente sem perderem a iniciativa.

- Talvez Kasaioni não tenha dominado esses completamente e quisesse se livrar deles.

- Não, Veneno. Duvido que ele usaria os tengu e nos atacaria sozinho sem Raio e Fogo. Fogo Amaldiçoado apareceu apenas depois, quando os kami passaram a sorrir para o nosso lado – argumentou Zangão.

Uma série de hipóteses foi levantada depois. Até os sukoshi participaram. Grilo Negro manteve-se calado. Tinha suas opiniões, obviamente. Grilo sempre tinha uma opinião bem guardada que dividia com Akane, uma Akane imaginária dentro de sua cabeça com quem simulava todo tipo de conversas. Depois de cozinhar e lavar tudo, ele parou para comer e debater com Akane silenciosamente, sonhando acordado com os trejeitos dela enquanto discutiam todos os assuntos da vida. Sorria imaginando como Akane conversaria sobre a morte de Mariposa e como o abraço dela seria bom para retirar aquele peso por ter tratado a irmã tão mal pouco tempo antes do combate. Lembrar das palavras sempre doces da senhorita Akane o faziam sorrir e apagar boa parte das Trevas que sussurravam tanto sobre morte e desamparo.

Quando se deu conta, o debate cessara. Os colegas o olhavam, especialmente Zangão Negro.

- Grilo Negro, do que está rindo? – perguntou o mais velho entre os ninjas.

- Desculpe, pai. Tentava lembrar de coisas boas depois de todo o ocorrido.

- O momento não é para lembrar de coisas boas, é para encontrar soluções para vencer as coisas ruins. O homem fraco busca a fuga da tristeza no passado feliz ou no presente fútil, o homem forte busca a solução da tristeza com o coração forte.

Esse era o homem que acabara de deixar o corpo dilacerado da filha em um pântano. Era um homem que Grilo Negro quase odiava, aquele que mal comentara sobre a morte da esposa e trocava não mais do que duas ou três palavras com o filho após o ocorrido.

- Qual sua opinião sobre o que enfrentamos? – interrompeu Escorpião Negro quando Zangão deu dois passos à frente e já começava a falar de novo diante do silêncio do filho.

Os lábios de Grilo mal se moveram e o som morreu pouco depois de sair de sua boca.

- Fale mais alto e como um homem.

Ele repetiu ainda baixo.

- Fale.

- Acho que vocês estão errados! – Grilo se levantou nervoso. Olhou em volta. Os ninjas não se intimidaram ou se comoveram com a atitude súbita.

- Qual sua opinião, irmão? – perguntou Escorpião.

- Os tengu estavam sendo controlados por Kasaioni. Ele achava que os controlava bem e foi nos atacar confiante nisso. Só que o poder dele sobre os tengu não era tão forte como nos outros casos. Os tengu não conseguiam escapar, mas aquele bando liderado por aquele daitengu conseguiu se rebelar o suficiente para seguir as ordens de Kasaioni e ao mesmo tempo se matarem para escaparem. Acho que foi isso.

Zangão e Escorpião se olharam. Trocaram algumas palavras em um tom tão baixo que nem os bons ouvidos de Grilo foram capazes de detectar.

- Faz sentido – falou Veneno Inescapável. – Havia um desespero naqueles tengu. Eles queriam sair do controle de Kasaioni e

encontraram a oportunidade. Nem ele esperava isso. Acho que explica porque quase o pegamos naquele ataque.

- É um erro que ele não cometerá de novo. – A voz de Zangão irritou Grilo. Maldito. Conseguia ser frio com a morte da irmã, mas ainda era furioso com o filho caçula, tratando-o como os vermes da terra.

- Temos que entrar, roubar a parte do Dragão que está com ele e fugir. Nosso intento não deve ser matar Kasaioni – falou Vespa Sombria.

- Como fazer isso? O Pântano tem mais magia do que esperávamos. Nem adentramos muito. Nas profundezas dele deve ser ainda pior.

- A senhorita Miyoshi já havia sugerido alguém para nos ajudar a adentrar no Pântano. Morcego é a melhor resposta para isso.

- É um desgarrado, Veneno – acusou Escorpião.

- E daí? Nenhum outro clã entrará na luta contra os Bruxos. Aliás, nenhum outro clã deve ter ninjas que conheçam o Pântano. Morcego conhece.

- Onde ele está?

- Nesse momento?

- Obviamente.

- Preso no castelo do daimyo Hatano Takanobu.

- Pelas pragas de Izanami! – xingou Escorpião.

Os outros balançaram a cabeça ou foram menos efusivos em suas pragas. Hatano Takanobu era um daimyo influente com um exército relativamente poderoso. Seu status maior se mantinha, no entanto, pelo perigo que representava. Hatano Takanobu era louco. Homem de festas e da vida boêmia, quebrava boa parte dos padrões de Ōkoku. A maioria das casas se afastava dessa vergonha, porém nunca o renegava de vez. Antes ver Takanobu feliz do que em seus momentos de fúria. O shogun o devia muito quando fora o único daimyo a adentrar as terras do imperador e massacrar seus exércitos quando se julgavam protegidos.

Uma vez Grilo Negro, ainda sukoshi, e a mãe foram enviados

em uma missão para espionar as forças dos Hatano. Encontrou ninjas tão loucos quanto seu senhor, ninjas que bebiam do sangue de suas vítimas decapitadas e dançavam com seus cadáveres. Hatano acumulara entre suas tropas os ronins mais violentos de toda Ōkoku e os enviava para batalhas contra nobres vizinhos para mantê-los ocupados e se divertirem. Naquela ocasião, Grilo Negro conseguira entrar e sair do castelo sem nenhum problema. A mãe ajudara muito no processo. Os dois costumavam ser uma boa dupla.

- Como entraremos no Castelo dos Crânios Sorridentes? – perguntou Zangão para Veneno.

A ninja deu de ombros.

- Faz parte do plano descobrir como entrar e retirar Morcego de lá.

- Isso sem atrair Takanobu para a guerra – completou Vespa Sombria.

- Não podemos matá-lo, não podemos enfiarê-lo. Se entrarmos no castelo, não podemos ser percebidos. O clã Vermelho dos Pescoços Decepadados nunca parará de nos perseguir se tocarmos em seu senhor – completou Veneno.

- Ou se acharem que nos matar será divertido para Takanobu.

A mente de Grilo Negro flutuava entre lembranças que remetiam a mãe e a Akane. Às vezes parava para ouvir o debate infrutífero entre os colegas. As palavras de Veneno e de Escorpião eram as mais sensatas. Falavam sobre negociar baseando-se no que Takanobu mais gostava, batalhas, porém as perdas poderiam ser muito grandes e o líder Hatano poderia gostar demais da luta, entrando para a guerra com um impulso que traria boa parte de Ōkoku consigo.

- Eu tenho um plano... – Olharam para Grilo mais surpresos do que curiosos. Não havia muito crédito nas posturas deles. – Podemos entrar durante uma das festas.

- Só os convidados entram nas festas dos Hatano.

- Eu sei como conseguir um convite. Só preciso escrever para meu contato lá.

## Capítulo 34: Shimazu Yoshihiro

A Pedra dos Encontros era um lugar belo onde quatro rios se encontravam formando quatro cachoeiras. Cada uma caía de pedras imensas abandonadas ali há tanto pelos kami. Yoshihiro escolhera a Quarta Pedra, mais ao Norte, para que o pequeno grupo de viajantes se organizasse e descansasse até que os Amago chegassem. Foram dias de expectativa em que o humor de Chiyo piorava a cada instante. Ela parava em frente à pedra, olhando a cachoeira e a estrada por onde os corpos dos parentes deveriam chegar. Via alguns viajantes passando pequenos lá embaixo e depois seu olhar se desviava para a água formando a espuma branca quando caía no grande lado que se formava logo antes de nascer o rio Buru.

Um dia, Chiyo se pôs a discutir com alguns dos serviçais cedidos pelo imperador. Reclamou da comida e chutou os utensílios. Yoshihiro a pegou calmamente pelo braço e a levou para perto do rio, junto das árvores onde se acumulavam borboletas amareladas.

- Eu não aguento mais, Yoshihiro.

- Eu entendo seu nervosismo, Chiyo-dono.

- Não entende. Quero seguir logo com nossos planos. Esse tempo parado é impossível. Não suporto.

As frases curtas vindas daquela mente esperta só demonstravam a ansiedade de Chiyo. Ele a conhecia o bastante para saber que aqueles momentos eram difíceis de passar. O pai sempre a tratara como seu grande tesouro e deixara o espírito dela quase indomável, sempre repleto de vontades a serem satisfeitas. Ao menos a inteligência dela a tornava diferente das filhas mimadas de outros nobres.

- Precisamos cumprir nossa parte do trato e esperar a chegada dos Amago. Eles estão muito atrasados, mas o imperador exige que fiquemos aqui até que eles venham. Se formos embora, o imperador nos punirá assim como punirá a eles pelo atraso. Ele pode até perdôá-los se chegarem aqui e não estivermos mais.

- Eu quero ir embora, Yoshihiro. Nós vamos seguir nosso caminho. Eles não virão!

- Eles virão. Yamanaka Yukimori é um samurai honrado. Ele virá.

- Você é um fraco, Yoshihiro. Acha que todos vivem da honra no mesmo nível que você? Ele serve a Amago Okihisa, um homem que pensa e manipula. Aquele gordo tem suas vontades e Yukimori fará o que ele quiser para me torturar.

O samurai deixou que ela xingasse. Era sua senhora e estava encantada pelo desespero. Sempre havia um momento em que até mesmo o espírito forte se abatia.

- Precisamos de uma atitude. Eu tomarei essa atitude se você não tomar, Yoshihiro.

- A atitude sensata no momento é esperar, Chiyo-dono.

Ela abanou as mãos afastando as borboletas como se fossem as palavras calmas de Yoshihiro. Caminhou até mais perto do rio, pegou uma pedra e arremessou com toda força que tinha.

- Você é um idiota, Yoshihiro. Tsubasa não seria um asno tão grande esperando Yukimori.

- Tsubasa está morto. A senhora tem a mim. Lide com isso.

As palavras saíram duras e secas. Ele não se importou tanto quanto imaginava. Em outros momentos talvez se flagelasse emocionalmente por semanas por ter dito aquelas três frases.

O rosto de Chiyo se deformou. A face alva foi tomada pelo vermelho e os olhos azuis pareciam ter fogo. Alcançou o samurai e o esbofeteou. Yoshihiro suportou o golpe e a viu passar como se não houvesse mais nada a ser dito.

- Fique aqui, idiota. Eu seguirei.

O braço dele se moveu depressa. Os dedos se fecharam sobre o pulso dela com um movimento rápido.

- A senhorita vai ficar aqui, vai retirar suas roupas e tomar um banho para se acalmar. Enquanto isso, chamarei suas serviçais. – Chiyo começou a abrir a boca para retrucar. – A senhorita vai fazer isso agora.

Deu-lhe as costas irritado e caminhou até o acampamento. Teve a surpresa de encontrar Veneno Inescapável conversando com Aço.

Chamou por duas sukoshi responsáveis por proteger Chiyo em seus momentos íntimos e foi conversa com a ninja recém-chegada. Ela estava sem máscara, exibindo os olhos e cabelos dourados. Yoshihiro notou um sorriso curto no canto dos lábios dela quando se aproximou.

- É um prazer revê-la.
- Assim é, senhor. Fico grata.
- Venha. Precisamos conversar.

Caminharam até as grandes pedras para observar o encontro das águas. Lá pararam para que Veneno Inescapável contasse as novidades.

- Agora o Enxame de Máscaras está seguindo para libertar Morcego. Não sei bem qual é o plano, mas o responsável parecia bastante confiante.

- Escorpião Negro?
- Não, o irmão dele, Grilo Negro.
- Acho que desanimei subitamente com esse plano.

- Tive oportunidade de conversar com Grilo Negro. Ele não é esse desastre do qual ouvimos falar. Acho que merece nosso voto de confiança.

Yoshihiro assentiu confiando mais nas palavras de Veneno do que no próprio ninja. Grilo Negro não parecia o tipo de shinobi a quem se poderia dedicar as missões mais mortais e que exigiriam engolfar-se nas trevas para alcançar o resultado final.

- Por que não ficou?
- A missão estava completa com o Enxame de Máscaras. Seria mais produtivo vir para cá.

- Estamos progredindo muito pouco aqui. Os Amago estão muito atrasados. A senhorita Chiyo não está lidando bem com isso.

- Onde ela está?

- No rio, acalmando os ânimos. Chiyo perdeu o controle nesses últimos dias. Ela tem urgência na entrega dos corpos do pai e do irmão. O temor para com as almas deles só tem aumentado.

- Não deve ser fácil para ela agora que não tem mais os mimos do pai e é forçada a mendigar por ajuda.

O tom de satisfação nas palavras de Veneno não escapou aos

ouvidos de Yoshihiro. A ninja trabalhou durante muito tempo na defesa e no treinamento de Chiyo e era o alvo constante dos caprichos dela quando pequena. A senhorita Miyoshi podia ser uma pessoa boa e muito inteligente, porém seus rompantes de raiva e mimo feriram o orgulho de muitos dentro do castelo, principalmente quando alcançou a adolescência. Yoshihiro lembrava-se quando o senhor Miyoshi a levava para longe nos piores episódios de fúria, às vezes temendo alguma atitude irreversível. Yoshihiro nunca entendera bem o motivo de afastá-la e não de educá-la. Até aquela semana, aliás, achava que, por ela ser sua senhora, deveria suportar firmemente toda aquela histeria. O esgotamento dos últimos dias o fez ter certeza de que a honra não deveria ser misturada com humilhações constantes.

- Acho que agora as coisas vão progredir – comentou, apontando para a estrada. Uma comitiva com o estandarte com o triângulo amarelo sobre o tecido vermelho caminhava para perto do lago. Os Amago finalmente haviam chegado. Yoshihiro chamou um dos serviçais e distribuiu as ordens para prepararem a descida até o ponto de encontro. – O que acha?

Veneno olhou para a comitiva se movendo lentamente. À frente vinha um samurai sobre um cavalo. Vestia armadura completa, com exceção do capacete. Yamanaka Yukimori, a rocha dos Amago, tinha o peito estufado e uma das mãos na rédea. A outra estava pousada sobre o joelho. Os olhos de Veneno ficaram sobre ele até que finalmente pararam nas margens do rio onde deveriam entregar os corpos.

- Há algo de estranho nos modos de Yukimori – apontou Veneno quando o samurai desceu do cavalo. – Ele está evitando um braço. Também pisou mais firme com um pé do que com outro.

- Mais estranho ainda é não haver nenhum caixão. Onde colocaram os corpos?

Mais um dia de problemas, pensou Yoshihiro. A descida para o encontro foi tensa. Chiyo reclamou no início, depois se entregou ao silêncio, restando-lhe apenas alguns sussurros com Aço Inescapável. O ninja mal cumprimentara a irmã e apenas lamentara o fato de mais sukoshi do clã terem sido perdidos.



As duas comitivas se encontraram ao lado do lago no meio da relva baixa. Yamanaka Yukimori emitiu um cumprimento seco com um olhar distante. Yoshihiro o analisou com mais cuidado e teve certeza de que estivera em um combate perigoso. Os protocolos iniciais para se cumprimentarem foram curtos. Ambas as partes queriam resolver aquilo logo.

- Onde estão os corpos dos meus parentes? – perguntou Chiyo.

- A Velha os roubou – respondeu secamente Yukimori. Perto dele, um dos ninjas da Dança das Garras cruzou os braços quando percebeu Aço Inescapável se movendo ao lado de Chiyo.

- Mentira. Quer dizer que a Velha maldita enganou seus ninjas e samurais e escapou sozinha com dois cadáveres? Vocês fizeram algo com eles. Conte-me!

- Chiyo-dono está nos acusando de mentira. Pode nos acusar de incompetência, mas de mentira não. A Velha roubou os cadáveres e Inferno a protegeu.

Aquilo explicava o estado de Yukimori. Yoshihiro também se lembrava que havia alguns mercenários com o samurai no castelo do imperador. Agora não havia nenhum. Provavelmente todos pereceram diante de Inferno.

- É mentira!

- Peço que pare de me acusar, senhorita. Minha paciência com seus modos mimados já está no limite. Vocês criaram Inferno e ele roubou os cadáveres dos seus parentes. Lide com isso. Nós simplesmente vencemos vocês em batalha e nem deveria ter sido nossa obrigação entregar nada a vocês. A senhorita deveria ter caminhado de joelhos até nós para se entregar e enterrar com as próprias mãos os corpos do seu pai e do seu irmão.

- Eu? Vocês deveriam implorar por perdão por causa dessa guerra.

Yoshihiro tentou se intrometer no meio daqueles ânimos exaltados. Era fogo de ódio puro que ardia entre eles. A Escuridão falava a partir de suas bocas soltando palavras das quais se arrependeriam. Acusações iam e viam. Yukimori acusou Chiyo várias

vezes de tentar seduzir Amago Okihisa e depois o envergonhá-lo diante de toda nobreza de Doragonhōmu.

Soldados, samurais e ninjas foram contaminados pela fúria de seus líderes durante as ofensas. Yoshihiro olhou para Veneno Inescapável e fez sinal para a ninja manter a calma. Estavam em território sagrado e quem levantasse a espada primeiro seria duramente punido. As discussões aumentavam e as ofensas vinham de tantas bocas que não era mais possível saber quem dissera qual absurdo sobre a honra do outro.

Yoshihiro passou sinais para que seus soldados e samurais se acalmassem. Enquanto falava com Veneno para passar a mensagem para os ninjas, já com planos para que se afastassem, aconteceu a tragédia. Alguém sacou uma espada e, quando isso ocorreu, o banho de sangue começou. As lâminas foram sacadas e as peles cortadas.

Um dos ninjas dos Amago impediu o ataque de dois soldados contra Yukimori. Aparentemente, aquele era Lobo Fiel, o mais velho da Dança das Garras ainda vivo. Era impressionante a habilidade de defesa dele. Os ataques sempre eram aparados ou esquivados. Yukimori sacou uma katana e tratou de finalizar os soldados que atacavam Lobo Fiel. Então ambos começaram a avançar na direção de Chiyo, derrubando ninjas e samurais que tentavam interceptá-los.

Yoshihiro tentava passar por seus oponentes, mas os samurais dos Amago haviam o cercado. Fez sinal para Veneno tomar sua posição junto a Chiyo enquanto ele distraía os inimigos. A ninja chegou bem a tempo de ver Chiyo defender um golpe de Lobo Fiel enquanto Aço foi duramente jogado ao chão por Yukimori. Veneno usou o par de sai para tentar desarmar o guerreiro da Dança das Garras e acabou ela mesma sem uma de suas armas. Recuou dois passos e esperou que Aço e Chiyo se levantassem. Então eram ela, o irmão e sua senhora contra o samurai e o ninja dos Amago. Por pouco tempo.

O combate sempre era dinâmico. Na guerra, a vida mudava tão rapidamente quanto a areia revirada pelas ondas do mar. Yoshihiro percebeu um espaço entre os inimigos. Passou por eles pensando apenas em aparar os golpes e absorver o que não conseguisse. Quando

alcançou Yukimori, não pensou em honra, somente abateu-se sobre o oponente com o ombro. O outro samurai urrou tamanha a dor de ter o ferimento reaberto pelo encontrão. Sangue brotou e ele se afastou tentando reaver o equilíbrio.

O ataque de Yoshihiro retirou no momento certo a defesa que Yukimori e Lobo Fiel haviam programado. Aço e Veneno tomaram lados opostos ao atacarem. Lobo Fiel viu as curvas das lâminas vindo de ambas as direções e aparou o que conseguiu. Infelizmente, a pequena lâmina de Chiyo apareceu subitamente raspando pelo abdome do adversário. Lobo Fiel não perdeu tempo. Aproveitou a proximidade de Chiyo para tentar executá-la. A lâmina atravessou a pele logo acima do abdome batendo contra uma costela e escorregando no meio da carne. Estava para penetrar mais fundo quando Aço atravessou o pescoço de Lobo Fiel com a própria espada. Veneno terminou o trabalho fazendo o sai alcançar o coração do ninja adversário.

A derrota do ninja colocou os Amago em posição de recuo. Yukimori reuniu seus soldados e o que restava da Dança das Garras. Junto dele, Tigre Sensato apontava a espada na direção de Chiyo.

- Chega! A Velha tem o cadáver. Se lutarmos, será por nossas desavenças e não por manipulação daquela desgarrada.

- Lute até a morte por seu senhor assim como muitos dos meus servos fizeram! – gritou Chiyo.

Yoshihiro a deixou extravasar a raiva por mais alguns minutos. A discussão continuou com as mesmas acusações e insultos. Quando se deu por satisfeito e, antes que novo combate começasse, o samurai se colocou na frente de sua senhora e apontou a katana para Yukimori.

- Parta com seus comparsas. Nós nos encontraremos em campo de batalha e então resolveremos essa disputa.

Chiyo protestou e foi ignorada por todos, exceto Aço que se colocou ao seu lado e sussurrou no ouvido da mulher que estava pronto para matar Yukimori. Yoshihiro colocou a ponta da espada no pescoço do ninja.

- Eles vão embora sob a minha palavra. Não precisamos de mais mortes. Isso é uma guerra e não uma série de vinganças tribais.

O sinal de Yoshihiro deu liberdade para que os Amago recuassem. Era uma oportunidade de se livrarem do grande campeão que tanto colaborava com Amago Okihisa, mas outros morreriam, talvez até Chiyo caísse quando o desespero final se instalasse e os inimigos usassem as últimas forças para levarem outros consigo enquanto tombassem. Conhecendo a força de Yamanaka Yukimori, não seriam poucos que perderiam suas vidas.

- Você nunca poderia ter deixado que eles escapassem. São os assassinos dos meus parentes.

- Não são assassinos. Estão em guerra conosco e estamos perdendo. Vamos matá-los pelos motivos corretos ou seremos nós os assassinos. Eles estão falando a verdade quanto à Velha e Inferno. Conheço poucas pessoas que feririam Yamanaka Yukimori daquele modo.

Uma flecha se fincou entre os pés de Yoshihiro. Ele se abaixou e pegou o papel enrolado no cabo. Lá estavam as indicações de onde a Velha provavelmente estaria e a assinatura de Yukimori. Sem questionar a veracidade, começou as ordens para seguirem na direção apropriada.

## Capítulo 35: Grilo Negro

- Essa não me pareceu uma boa ideia desde o início. E agora você me diz que foi Grilo Negro quem sugeriu? – questionou Uesugi Hayate, irmão do daimyo Uesugi Daiki e um dos grandes samurais daquela região de Ōkoku. As habilidades dele eram reconhecidas até na corte do imperador que já o convidara várias vezes para duelar com outros heróis em seu castelo. Hayate sempre aceitou os convites por obrigação. Grilo Negro havia o seguido algumas vezes e via a tristeza do samurai enquanto seguia para uma apresentação vazia de suas habilidades.

- Sim, foi meu irmão quem sugeriu – respondeu Escorpião.

Grilo baixou a cabeça envergonhado. Colocar um nobre como Hayate naquela situação era, sem dúvida, humilhante. Qualquer pessoa honrada se recusaria a participar de uma das festas do daimyo Hatano Takanobu. O homem era louco, um fanático pelo sangue e pela guerra. Mesmo os mais belicosos homens de Ōkoku o evitavam se quisessem manter o mínimo de postura civilizada.

Haviam acabado de passar pela entrada do vale. As grandes cadeias montanhosas de Ōkoku ocultavam vários vales, muitos bem protegidos, mas poucos com as características de Tani Shiro. O Vale Branco era assim conhecido pela excelente produção de arroz e de ossos. O primeiro vinha da abundância gerada pelos rios que o cortavam e os outros pela profusão com que o daimyo Hatano Takanobu guerreava. Invadir o local era difícil, afinal, com apenas uma grande entrada tão bem protegida, os exércitos logo se viam travados entre os rios e sendo atacados por todos os lados por flechas e por grupos de guerrilha noturnos. Ninguém vencia o Senhor Hatano em suas terras onde os ossos eram limpos e usados para delimitar as plantações de arroz.

- Tudo o que precisamos fazer é entrar na festa. O senhor só precisará fingir se divertir entre os convidados enquanto tomamos nosso rumo – explicou Escorpião Negro. – Sabemos o que fazer e

estarei junto do senhor enquanto Grilo e Vespa cumprem nosso objetivo.

- Não sei se consigo fingir que me divertirei junto dos convidados irracionais de Hatano. Isso só não me mancha mais do que os malditos festivais do imperador.

Tani Shiro era um vale com muita vegetação e, principalmente, plantações de arroz. Os aldeões corriam assustados quando os viam de passagem e alguns soldados apareciam para verificar quem chegava. Grilo Negro agitava a bandeira convite da festa e os guardiões se acalmavam. Os camponeses se embrenhavam ainda mais no meio do mato.

- Um povo como esse não pode ser feliz. Um daimyo como esse não deveria existir.

- Ninguém nunca conseguiu invadir o Vale Branco e retirá-lo do poder, senhor. Agora, com o shogun o favorecendo, vai ser impossível alguém vencer Hatano Takanobu. – O comentário de Escorpião Negro foram as últimas palavras com Hayate até alcançarem o Castelo dos Crânios Sorridentes. Atravessaram os portões brancos com desenhos de caveiras sob o olhar de soldados e samurais vestidos sempre com armaduras com motivos de ossos.

Apresentaram-se ao mestre de cerimônias de Hatano. O homem, já ébrio, os levou diretamente pelas portas onde a festa se desenrolava. Muito saquê, comida e mulheres tornavam o ar pesado e desagradável para Uesugi Hayate. Várias vezes ele reclamou consigo mesmo e soltou olhares nervosos para Grilo Negro.

Foi no mais amplo dos salões que encontraram Hatano Takanobu. O daimyo bebia cercado de mulheres, distribuía beijos e derramava sobre elas bebida e lascívia. Elas riam de volta, juntando-se a ele naquela felicidade desonrada. Grilo fez sinal para que Vespa Sombria se desvencilhasse do grupo assim que as pessoas se distraíram.

- Vespa seguiu seu caminho – sussurrou para Escorpião que, por sua vez, contou para Hayate.

- Então vamos esperar que ela seja rápida. Não quero me

misturar a essa escória por mais tempo.

Os bons modos e a cortesia não eram os melhores adjetivos para a pequena corte dos Hatano. O lugar era tomado por excessos nos desejos sexuais e belicosos. Brigas eclodiam sob aplausos e espadas eram sacadas. Os homens formavam círculos depressa e viam o sangue ser derramado. Servos bem treinados apareciam para limpar o vermelho sobre o chão e o mundo prosseguia.

Os grandes guerreiros dos Hatano sempre bebiam em crânios cuidadosamente manufaturados para servirem de cálices. Todos se serviam nos ossos de homens que haviam vencido em combate individual, de preferência de vítimas servas de outros daimyo que Takanobu não apreciava. Alguns deles ofereceram bebida para Hayate e foram negados. Tentaram brigar e o samurai os evitou polidamente. Tantas idas à corte do imperador haviam o ensinado a escapar de provocações sem se desonrar.

Bebeu pouco e só o fez quando o próprio Hatano Takanobu ofereceu após saber que ele estava na festa. Os dois conversaram sobre as batalhas recentes e o daimyo se mostrou muito curioso sobre a continuidade da guerra entre os Miyoshi e os Amago.

- Não sabemos como será. Acolhemos Miyoshi Chiyo por algum tempo, porém ela já partiu. Acredito que tão logo o imperador interfira, essa batalha chegará ao fim.

- Ah, não! Fim não! Finalmente eu vejo os grandes samurais dos Shimazu em uma ação verdadeira e vocês falam que vai acabar assim? Quero ouvir os relatos das lutas entre Shimazu Yoshihiro e Yamanaka Yukimori. Nunca vi nenhum dos dois lutar e há muito tempo não fico sabendo de um combate de heróis assim.

Grilo ouvia a conversa se fingindo de servo de Hayate. Servia ao mestre apenas água ou diluía muito o saquê oferecido para não ocorrer o risco de embebedar o samurai. Ao redor deles, a festa continuava. Algumas mulheres se jogavam sobre Hayate e elogiavam a musculatura e a fama dele. Ele erguia a mão para afastá-las polidamente e avisar sobre os votos que fizera para a esposa.

- Votos para a esposa? Esposa servem para dar filhos. Putas é

que servem para dar prazer na cama, Uesugi Hayate. Aprenda isso! – brincou Takanobu, abraçando o samurai. O bafo de álcool era tão forte que chegou até Grilo.

- Ainda não temos filhos, senhor. Acredito que em breve os kami nos darão essa oportunidade.

O daimyo riu com as mãos na barriga. Passou a mão pelos cabelos raspados. As marcas de cicatrizes eram muito evidentes no couro cabeludo e nos braços. Aquele era um general que via a guerra de perto. E amava escandalosamente estar tão próximo dos gritos de sofrimento e do cheiro da morte. Grilo estava entre os espões que seguiram Takanobu durante a Revolta do Longo Inverno. Os exércitos marcharam pela neve e lutaram por comida com os rebeldes avançando sobre as tropas exaustas do shogun. Takanobu fez seus homens cruzarem nevascas para alcançar o líder dos rebeldes. Devastados os soldados inimigos, ele se sentou durante horas no frio para ver o resultado do sangue dos mortos se espalhando na neve quando a nevasca passou. As cabeças dos inimigos foram preparadas para que pudesse observar um a um os grandes guerreiros que haviam morrido.

Grilo se lembrava muito bem das horas no frio, servindo saquê para Takanobu enquanto o sangue dos mortos congelava fora de suas veias e o dos vivos quase fazia o mesmo ainda que protegido debaixo da pele.

- Nunca estive na corte do imperador para vê-lo lutar, Hayate. – Takanobu quase derramou todo o saquê quando se aproximou dos ouvidos de Hayate.

- Há quase dois anos o imperador não me convoca e suponho que o senhor não seria bem-vindo no Castelo do Trono do Céu de Mil Cores.

O daimyo gargalhou e bateu palmas.

- Não desde que trucei as tropas dele e dos pobres daimyo que achavam que ninguém teria coragem de entrar naquelas terras. Ah, aquele lugar não é nada. A terra de lá tem as mesmas minhocas que as minhas e os pássaros dele cagam do mesmo jeito que os meus. Por que não tentar quebrar cada tijolo daquele castelo?



- Os kami podem não gostar de ver seu descendente tão humilhado.

- Os kami se divertem! Eles vão rir por saber que aquela prole vergonhosa finalmente partiu. Eu achei bom quando meu filho mais novo foi estripado em batalha. Poupe-me da vergonha de ter um poeta na família.

- A poesia enobrece a alma.

- A espada enobrece a alma e o sangue do inimigo a forja. Nada é mais eficiente do que a guerra para formar o caráter de um homem.

- Apenas a educação dos pais forma bem o caráter de um homem.

- Então acho que tenho que ser mais presente na criação dos meus filhos e dos meus bastardos.

Hayate olhou irritado para Grilo e Escorpião enquanto Takanobu gargalhava espalhando saquê sobre as mulheres. Remexeu-se e preparou-se para se levantar quando o salão parou todas as festividades. Um homem com máscara vermelha e trajes negros abriu espaço entre os convidados. Trazia consigo uma mulher amarrada, ninguém menos do que Vespa Sombria. Ela foi jogada de joelhos diante de Takanobu. O daimyo coçou o queixo e se inclinou para olhar a jovem sem máscara. Os olhos arroxeados da ninja encararam de volta sem medo.

- E quem é essa belezinha?

- Espiã do clã do Enxame de Máscaras, senhor. Foi pega rondando o castelo.

Takanobu virou-se para Hayate e gargalhou.

- Agora sei porque o magnífico Uesugi Hayate resolveu nos dar a graça de comparecer a uma de minhas festas.

O samurai cruzou os braços e baixou a cabeça. Os convidados esperavam ansiosos por uma resposta. Obviamente, qualquer um que conhecesse Takanobu saberia que aquilo seria motivo para guerra.

- Sua esposa mandou fazer votos de silêncio assim também? Você fica calado assim quando ela reconhece suas mentiras?

- Peço desculpas, Takanobu-dono.

- Nada de desculpas! – O grito do daimyo fez alguns convidados darem passos para trás pelo salão. Takanobu arremessou o massu com o saquê contra Vespa Sombria. A mulher não desviou o olhar. O rosto marcado pelo copo e o saquê escorrendo pela face apenas adicionaram ainda mais desafio à expressão direcionada ao daimyo.

- Eu me entrego à justiça do daimyo. A responsabilidade é apenas minha e nenhuma do Castelo da Luz Solitária. Meu irmão nada tem a ver com minha decisão de trazer uma espiã para seus domínios.

Hayate ajoelhou-se e tocou a testa no chão. Alguns convidados gritaram pela cabeça do samurai. Vozes pediram por guerra. Aos poucos a confusão tomou conta do recinto com uma gritaria exigindo por mortes variadas.

- Levante-se – exigiu Takanobu.

Hayate ficou de pé com os punhos cerrados. Nesse momento, Grilo Negro já estava no canto do salão, quase desaparecendo entre os convidados. Ele assistiu às últimas palavras do daimyo.

- Você vai lutar para eu assistir! Escolha a luta no meu salão ou o campo de batalha!

Não havia motivo para parar para ver a expressão decepcionada e humilhada de Hayate. Ele nunca colocaria outros soldados em guerra quando havia a oportunidade de se sacrificar. Mais uma vez, sua arte no comando da lâmina se tornava mera diversão nas mãos dos poderosos. Enquanto o samurai se preparava para a luta, Grilo Negro já sumia entre os corredores.

O ninja passou por servos, gueixas e soldados. De cabeça baixa e sempre carregando uma bandeja, os poucos que o pararam no máximo pediam uma bebida. Livrou-se do disfarce de serviçal quando já se aproximava das celas do castelo. Ali ele esperou um soldado caminhar sozinho. Aproximou-se a passos curtos. Junto do soldado, retirou devagar a kunai da cintura. Mão esquerda na boca, mão direita conduzindo o desenhar de um sorriso sangrento no pescoço do homem. Jogou-o para frente, dentro de uma das salas e ali retirou a roupa ensanguentada. Uma capa serviu para proteger a parte mais avermelhada pelo sangramento e então o ninja já estava a caminho.

Havia homens bêbados demais no castelo. Foram esses que deram mais trabalho ao pararem Grilo Negro para brincadeiras imbecis. Um deles sujou as mãos nas roupas ensanguentadas. Afastou-se desequilibrado com uma mão apoiada na parede.

- Ele está sangrando – apontou, chamando a atenção dos amigos.

- Tem sangue voando no salão. O samurai está fãtiando todo mundo que o daimyo manda para lutar contra ele. Essa roupa vai valer ouro agora. Tem o sangue de uma das lutas do grande Uesugi Hayate.

Tantas palavras idiotas em uma frase só e nenhum dos homens conseguiu se conter. Honra, glória, ouro, batalha eram conceitos importantes demais na cabeça de samurais bêbados que mal viam a hora de entrar em campo de guerra de novo. Partiram correndo para ver a luta do grande Uesugi Hayate, o samurai chamado até pelo imperador para demonstrar sua arte com a espada e o poder que extraía de seus juramentos.

Passos e mais passos afãitos correram para ver Hayate quando a notícia da luta foi se espalhando. Certamente alguns mais bêbados ou menos ajuizados desafariam o campeão do Castelo da Luz Solitária. Se havia loucos que viajaram pela Planície das Viúvas e seguiam sob o sol do terreno árido do Ciúme de Amaterasu, surgiriam os corajosos que gostariam de chance de derrotar Hayate diante de Takanobu e ganhar o título de herói.

Grilo Negro nem se importava com heróis. Ele tinha uma missão a cumprir. Chegou às celas vendo soldados diante do primeiro portão. Duas kunai precisas nos pescoços cuidaram daqueles vigias parvos. Recolheu as armas, abriu a porta e desceu pelos túneis de pedra. Mãos se estendiam entre as grades pedindo por ajuda. Takanobu raramente fãzia prisioneiros se não quisesse os fãzer sofrer muito ou se não pudesse usá-los para gerar novas batalhas. Ele adorava, principalmente, manter presos jovens amores ou filhos de desafetos que pudessem desafã-lo em batalha em nome da libertação. Pura loucura. Nada além de loucura. Takanobu fora tocado em algum momento de sua vida pela sede de guerra de Hachiman e nunca se recuperara.

O coração de Grilo Negro se endureceu sob um comando. Os olhos se fixaram adiante até achar a sela correta. Nada de se desviar para os pedidos de ajuda, para as mãos magras e desesperadas que pediam ao menos comida, senão a libertação. Não era dia disso. Era dia de cumprir a missão.

- Enxame de Máscaras... Grilo Negro... – falou a figura vestida de preto encolhida no fundo da cela. Aproximou-se um pouco da luz mostrando os olhos queimados e as orelhas pontudas. As marcas de queimadura tornavam o rosto macabro apesar da juventude. Faltavam-lhe uma das sobrancelhas e os cabelos densos amontoavam-se sobre as orelhas. Suas palavras eram quase que pequenos chiados.

- Morcego – afirmou Grilo, olhando para o rosto jovem e marcado eternamente pelo sofrimento. Aquele era um ninja que adentrara nas trevas. Elas haviam o tocado permanentemente. Não levaram sua sanidade, pelo visto, no entanto, com certeza cobraram outros preços terríveis. – Vamos comigo.

- Louco. Takanobu vai perseguir você até o fim. Ele só permite que prisioneiros saiam se houver guerra.

- Dei algo a mais para ele.

- O quê?

- Trocamos você por uma demonstração de luta de Uesugi Hayate dentro dos portões do castelo dele.

- Como?

- Como um ninja faz. Negocia, mente, executa.

- Vai me matar por me contar isso?

- Não, não sou um ninja tão bom. Esqueço de matar as pessoas às vezes.

Um par de gazuas abriu a porta com facilidade. Morcego o seguiu pelos corredores sem precisar de orientação. Pediu apenas para parar no caminho para encontrarem os aposentos de um dos samurais. O homem estava lá, vestindo a armadura e gritando que enfrentaria o grande Uesugi Hayate. Morcego tomou uma das kunai de Grilo e caminhou lentamente até o inimigo. Enfiou três vezes a lâmina em pontos que o deixariam sangrando durante a próxima hora. Os servos

gritaram apavorados sem se moverem para ajudar.

- Isso é pela minha mãe.

Saíram do castelo pouco depois. Um pensando o quanto de luz ainda haveria na alma do colega. O outro lambendo o sangue que escorria pelos dedos.

## Capítulo 36: Verso Triste

As cinzas de Miyoshi Hachiro e Miyoshi Tetsuo estavam bem guardadas nas duas pequenas urnas que elas carregavam nas costas. Verso Triste olhava curiosa para a mestra e para o horizonte. Seus passos as levavam para o Norte. Em breve alcançariam o território do shogun depois de tanto caminhar entre as zonas de conflito e em locais tortuosos onde daimyo ainda decidiam se se declaravam ao imperador ou ao grande senhor da guerra que agora dominava quase todo Ōkoku. Aquelas eram terras de pouca lei onde a vida valia ainda menos. Ali até os kami se esqueciam de olhar, deixando que os homens se perdessem em seus jogos de perversidade e desculpas para causarem mal ao próximo.

Verso conhecera muitas pessoas na região, em uma época em que a família ainda vivia e os pais ajudavam a retirar muitos dos desfavorecidos das áreas mais tomadas pelas trevas. O clã dos Poemas Sem Esperança viajava para encontrar quem realmente ainda tivesse luz e quisesse lutar por um Ōkoku melhor. Essa meta custou demais aqueles ninjas. A Velha os alertara sobre isso. Viva na luz, mas não se exponha tempo demais a ela. Os kami se ressentiam demais quando orações e agradecimentos eram feitos a outros que não eles.

Até hoje a história ainda era confusa e nublada na cabeça de Verso Triste. Ela perguntara para a Velha e só ouvia as respostas diretas e agressivas com aquela frequência absurda de considerações nada agradáveis sobre a ingenuidade e baixa capacidade de raciocínio da pupila.

- Meu contato pediu que nos encontrássemos aqui. Não vamos demorar – falou a Velha quando avistaram uma vila próxima ao mar. Lá adiante, barcos saíam para a pesca no início da manhã. Alguns homens cantavam e se despediam de parentes antes do trabalho árduo.

- É alguém precisando de ajuda?

- Parece que sim.

A resposta bruta não desconsertou Verso Triste. Ela sorriu lembrando-se quando caminhava com os pais pela costa e brincava de

pegar caranguejos na areia. Algumas vezes subiam nos barcos dos pescadores para fugirem com alguns refugiados. Eram memórias boas que ressurgiam sempre que via a mestra mudar todos os planos para ajudar alguém.

Caminharam pela praia até encontrar um caminho para a vila. A vegetação rasteira permitia enxergar bem os casebres simples dos pescadores mais à frente. Passaram por eles sob a típica desconfiança diante de estrangeiros. Talvez por serem mulheres, não houve sinais de agressividade ou questionamentos. A Velha parou para bater palmas diante de uma casa. Esperou alguns segundos e entrou cuidadosamente.

Quatro shuriken voaram na direção da ninja idosa. Ela se desviou de três e o último roçou as roupas e a pele, levando consigo um pouco de sangue e passando sobre a cabeça de Verso Triste.

- Parem onde estão – exigiu uma mulher de olhos azuis no interior da casa. Junto dela estavam ninjas dos Destinos Inexoráveis, todos com as lâminas nos pescoços de aldeões.

- Miyoshi Chiyo – disse a Velha, com a ninja-to e a kama nas mãos. Olhou para o ninja com a malha de aço que cobria o rosto e o peito. – Aço Inescapável.

Os outros eram apenas sukoshi, aquele punhado de ninjas que haviam sobrado dos Destinos Inexoráveis e reduziam cada vez mais em quantidade. Lembrou de uma história recente sobre Aço, sua fidelidade para com Chiyo e de como a velha soubera dos assassinatos frios que cometera para retirar sua senhora das terras de Amago.

- Quem me traiu? – perguntou a Velha.

Chiyo riu ao caminhar na direção delas. Apontou a espada para a Velha exalando a vitória.

- Yukimori nos deu uma dica, mas foi o imperador quem completou o trabalho... pelo preço certo.

A Velha balançou a cabeça ressentida. Se havia algo de infinito nos kami e seus descendentes era a capacidade de decepcionar qualquer pessoa, até mesmo aqueles que já se julgavam imunes a seus modos ardilosos.

- Não vamos entregar as cinzas de seus parentes.

- Vai ou mando estripar um a um esses aldeões. A vida desses camponeses vale muito mais para você do que para mim.

- São vidas que vão se exaurir como tudo em Ōkoku.

- Mas sei que você se importa quando e como ocorrerá essa exaustão.

- Haverá sofrimento – completou Aço Inescapável. – Muito sofrimento.

- Eu sei – concordou a Velha. Ela olhou de soslaio para Verso Triste. A sombra da derrota e o peso da decisão passou pelo rosto dela. As rugas se adensaram junto dos olhos e na testa. Pelo menos um novo par apareceu nos cantos dos lábios. Ainda de olho na pupila, ela sussurrou. – Fuja.

Verso saltou no mesmo momento em que as lâminas de Aço viajaram para encontrar sua pele. Uma delas se alojou no jarro com as cinzas, quase despejando tudo. As outras passaram apenas perto de levá-la para a morte. Tentou correr sem dar as costas ao inimigo. Arremessou o que pôde enquanto assistia os aldeões sendo degolados um a um e jogados no chão enquanto os ninjas partiam para capturar mestra e pupila.

A Velha pousou violentamente a kama no pescoço de um sukoshi e escapou de um ataque de Chiyo. Tentou matar a mulher em um descuido que fez Aço cravar a espada em seu ombro. O ninja rodou a lâmina e empurrou a Velha contra a parede da casa até a ponta vazar a pele das costas e o sangue escorrer pela parede. Verso não podia deixar a mestra para trás. Os dedos foram até a pequena bolsa escondida no meio das roupas e pegaram os vários pedaços de papel de arroz. Fez todos voarem na direção dos inimigos que assistiram os recortes grudarem na pele. Parecia ser nada no início, mas então o papel tomou forma avermelhada e cada um dos alvejados, entre eles Aço e Chiyo, começou a empalidecer.

Os sukoshi ainda cercavam Verso e teriam dado cabo dela. O segredo de família a salvou. Chamou pelas trevas e pelo sangue, sentindo a força do líquido vermelho que sugava de suas vítimas. O



papel então se soltou deles e voou como um enxame para tomar forma humana diante da Velha. Pouco depois, não havia mais Verso Triste entre os sukoshi, mas uma ninja raivosa segurando Chiyo pelo pescoço e ameaçando cortar a garganta da herdeira Miyoshi.

- Solte minha mestra ou ela morre.

A Velha estava inconsciente nessa hora após socos precisos de Aço Inescapável. Os dedos pálidos do ninja a seguravam. Ele ofegava e se apoiava com dificuldade para se manter de pé.

- Deixe as cinzas de meu pai e meu irmão e pode ir com ela e o que sobrou dos aldeões. – A voz de Chiyo soava fraca.

Verso olhou para a Velha. Nenhuma resposta. Os olhos fechados e as rugas só demonstravam o sofrimento que ela carregava consigo.

- Alguns desses são netos dela, Verso Triste – contou Aço. – Sim, eu sei quem é você. E você deveria saber que ela terá dificuldade em viver com o fato de seus descendentes estarem morrendo. E você? Conseguirá conviver com a mesma culpa por causa de cinzas que são justamente de minha senhora?

Havia uma carga pesada nos sonhos de Verso Triste. Noite após noite ela enxergava a morte dos pais e amigos, de pessoas que a família tentara resgatar. Os sorrisos partidos eram nítidos demais nos fragmentos dos pesadelos que caminhavam com ela durante o dia. Seus olhos vagaram pelos aldeões mortos e por aqueles ainda vivos. Parentes da Velha, sacrificados que ela fazia pelas cinzas.

- Eu entrego se libertarem as pessoas. Depois eu solto as outras cinzas. Vocês já estão com os restos de Miyoshi Tetsuo.

Aço procurou o olhar de Chiyo e, vendo a concordância da senhora, deu ordem para os sukoshi liberarem os aldeões. Um homem pegou o corpo da Velha e desatou as cinzas de suas costas. A idade dela transpareceu a fragilidade dos anos ao ser carregada. Verso Triste pensou na fúria que exalaria daquela mulher franzina e enrugada quando soubesse que estavam sem seu principal prêmio. Desatou os nós que prendiam a pequena urna funerária às suas costas e deixou o material no chão. Caminhou ainda levando Chiyo até estar a uma distância segura.

Teve a tentação de se livrar da mulher. O ódio quase transbordou na forma de um corte profundo no pescoço da nobre. Entendia tão pouco daqueles jogos, mas de certa forma todo membro da nobreza sempre parecia merecedor de uma morte como aquela, estripado por um servo para perceber que no fim das contas, sua vida e seu sangue era o mesmo daqueles que consideravam como inferiores. Soltou-a a contragosto e andou para onde os aldeões haviam se escondido.

- Não temos mais as cinzas – contou quando a Velha finalmente abriu os olhos no dia seguinte. Os aldeões ainda cuidavam dela, mas se afastaram ao perceberem que era hora de mestra e aprendiz conversarem.

- Essa foi uma derrota que nos custará muito. Miyoshi Chiyo nunca deveria ter aquelas cinzas.

- Que mal pode haver em deixar seus parentes descansarem?

- Há muito em jogo, menina. Muito! Miyoshi Chiyo alterará o equilíbrio de muitas forças no meio dessa guerra. Desconfio que ela o faça de maneira irreversível. – Começou a procurar algo entre suas coisas. – Onde está minha sacola?

- Acho que ficou com eles, senhora.

A Velha praguejou com tantos nomes que ofenderia de nobres a camponeses, de prostitutas a puritanas, tudo de diversas formas.

- O coração...

Verso Triste se lembrou do coração da ninja que haviam matado no castelo Miyoshi. A Velha havia tomado para si o órgão com cuidados arcanos para garantir que seu poder não vazasse.

- E o destino quis que ela tivesse mais essa parcela de poder. Precisamos encontrar Inferno. Precisamos de ajuda, menina.

## Capítulo 37: Trovão Abençoado

- Você precisa encarar os tengu como uma ameaça como qualquer outra. Uma ameaça que o conhece. Nada mais que isso – falava Hoku Ken. Naquele dia, mais dos corvos haviam aparecido em busca dele. Vinham sob as ordens dos Bruxos sem saber que encontrariam um final tão trágico nas mãos do seijin. Ele apontava o bico negro que sobrara de um deles para Trovão e explicava seus métodos. – Eles são pássaros. São só pássaros.

Pássaros com espadas na mão. Pássaros que conheciam os movimentos dos ninjas. Eles enxergavam os passos e até previam as estratégias dos clãs. Muitas vezes parecia que estudavam anos tudo o que cada clã fazia antes de iniciarem um ataque.

- Eles não estudam, eles entendem. Os tengu possuem intuição para o que há de mais escuro em vocês.

- Como você sabe?

Hoku Ken deu de ombros e pareceu a Trovão que aquele era apenas um dos momentos em que ele gostava de filosofar sobre os assuntos sem reconhecer os limites do conhecimento.

- Já enfrentou algum tengu que não fosse um desses bichos domesticados por Kasaioni?

Trovão balançou a cabeça pensando nas histórias de terror que as crianças ouviam de clãs inteiros massacrados por tengu. Falavam desde de bandos de kotengu que voavam pelos esconderijos matando e comendo a carne de quem visse até de daitengu que apareciam para desafiar os líderes. Diziam que um dos clãs fora obrigado a se matar depois que seu maior guerreiro perdeu a batalha para Sōjōbō, o tengu que vivia no monte Kurama. Trovão nunca soube onde ficava esse lugar e nem se existia, mas tremia só de pensar nas descrições vívidas da batalha e no clã inteiro se matando depois.

- Use o olho para ver a morte dentro do tengu, aí será fácil. Você tem feito isso bem nos treinamentos. O problema maior será quando encontrar um tengu realmente selvagem. Esses não são brincadeira.

Os tengu de Kasaioni também não pareciam. Até um kotengu

parecia um ninja de elite de um clã. Apesar de continuar melhorando, Trovão reconhecia a necessidade de precisar de mais treinamento.

- Sōjōbō existe? – perguntou. O medo infantil da resposta quase escapou do coração junto com as palavras.

Hoku Ken mordeu os lábios.

- Existe. Ele fica lá do alto da montanha farejando quem rompe a ordem do mundo. Às vezes toca aquela flauta horrível dele e o som parece um bando de crianças chorando. Eu dei um tapa-olho de presente para ele há uns três verões.

- Por quê?

- Para ele limpar a bunda... – Os olhos de Trovão se arregalaram. A face de Hoku Ken avermelhou-se. – Foi para ele tapar o olho que arranquei dele, menino! Você me tira a paciência.

- Vocês são amigos?

- Não. Eu precisava conversar com ele sobre o Dragão.

- Ele enfrentou o Dragão?

- Sim, chegou como o terror, saiu aterrorizado. Desde então não tem saído da montanha. Nem sei se sabe qual foi o destino do Dragão.

Hoku Ken espremeu o bico do tengu nas mãos até virar pó. Continuou explicando que os tengu selvagens eram sim poderosos e, muitas vezes, era necessário alguém diferenciado para derrotá-los como foi o Dragão.

Ninguém era invencível em Ōkoku. Trovão passara anos acreditando que o pai era um dos ninjas mais poderosos do reino. A lição retirou de sua mente qualquer pensamento sobre poder. Pensava agora que a maior diferença era que alguns eram mais fáceis de serem mortos e outros pensavam mais na vitória do que na sobrevivência. Os ensinamentos de Hoku Ken o permitiram focar nas duas coisas. Aqueles tengu que se afogassem na Escuridão! Trovão sobreviveria a todos eles.

Viajaram por mais alguns dias. Hoku Ken passou a ensinar a Trovão sobre como perceber o poder que havia em outros ninjas, mais precisamente o poder do Dragão. Ele precisava se abrir para a energia. Era da natureza dele receber aquela força. Era um assunto difícil que o

fazia compreender em parte que as histórias de sua infância eram verdadeiras. Os olhares repletos de julgamento quando sussurravam sobre o dia em que nascera eram vívidos na memória dele. Malditos fôfoqueiros que o puniam por acharem que ele havia sugado o poder da mãe.

- Por que eu tenho isso?

- Porque o poder do Dragão precisa de um receptáculo. Você pode ser isso, Trovão, reter essa energia e retirar essa força de circulação. Isso poderá equilibrar a guerra e parar o que Amago Okihisa tem feito, por exemplo.

- Mas por que eu?

- É uma história longa. Seus pais lutaram contra o Dragão juntamente com outros ninjas. Foram combates sangrentos que só puderam ser finalizados depois que algumas estratégias foram criadas. A Velha fez algumas sugestões e uma delas foi dar a luz a você.

Outro peso que ele não queria carregar, mas que sabia ser necessário. O tempo de recusas e choro acabara. Toha morrera nos últimos meses. Ele era apenas Trovão Abençoado. Trovão do Olho Escarlate. Trovão Vermelho. Que se danasse o nome! Ele era a Morte Vermelha que vingaria o Céu de Adagas.

- Ainda pensando em nomes melhores que Trovão Abençoado? Ele assentiu.

- Nada ainda?

Balançou a cabeça decepcionado.

Seguiram naquele caminho por alguns dias. Hoku Ken precisava se manter atualizado sobre o mundo. Seus contatos estavam espalhados na nobreza e no campesinato. Poucos sabiam que ele era um seijin. Tratavam-no como um homem santo a quem deviam muitos favores. Na vila em que chegaram, os aldeões o receberam com festas. Garotas o procuraram contando que ainda não haviam se casado. Ele as recusou educadamente.

- Hoje não posso. Eu voltarei.

- Você não vai casar com nenhuma delas.

- Não vou mesmo. Vou só ensinar para cada uma como manter

um marido depois que ele descobrir que elas não são mais virgens. – A risada do seijin deixou Trovão incomodado. – Ah, pare com isso, seu merda. Essa bobagem de casamento virgem existe só para oprimir principalmente as mulheres.

Foi sem surpresa que entraram em uma taverna para conversar com um dos contatos do seijin. Por acaso, sentaram-se em um aposento com almofadas verdes e tapetes com desenhos de tempestades cobrindo as paredes. A gueixa que os serviu o saquê era atenciosa e de sorriso curto. A maquiagem estava perfeita quando os recebeu. Os lábios tinham um vermelho sangue carnudo que deixaram Trovão vergonhosamente excitado.

- É um prazer revê-lo, Ken-sama.

- É sempre bom ver seu sorriso, Airi-sama.

Era estranho como se tratavam. Hoku Ken ficava estranhamente humilde junto dela. Riram de muitas piadas que só faziam sentido entre os dois. As horas que se seguiram encheram de felicidade o rosto do seijin. Guerreiro e gueixa dançaram, dividiram memórias e histórias. Algumas vezes, uma garota aparecia junto à porta perguntando se precisavam de outros serviços, mas Hoku Ken afirmava que tinha tudo o que precisava.

- Eles estão a tratando bem? – perguntou, quando ambos já tinham o rosto avermelhado pelo saquê.

- Bastante. Muitos homens e até samurais vêm de longe para me ver dançar e serem servidos.

- Não aconteceu mais nada na floresta?

Ela olhou calada para o saquê. A apreensão desenhava rugas no rosto liso de Hoku Ken.

- Uma raposa apareceu um dia e tentou me levar. Falou que você não me protegeria para sempre, mas eu seria uma boa concubina para um rei oni que ela conhecia.

- Sabe o nome dessa kitsune?

- Ela não disse, mas tinha um olho esverdeado e outro azulado.

- Ela pode estar dizendo a verdade, Airi. Nem todo rei oni trata mal suas concubinas.

- Já tive minha experiência. Não quero mais. Hoje a vila entende. Você nos salvou e eles entendem tudo.

- Você os salvou primeiro.

Airi balançou a cabeça. O saquê desapareceu do copo em uma tragada só. Voltou a menear a cabeça ao esconder uma lágrima sorrateira.

- Tenho um recado para você.

Ela olhou discretamente para Trovão. Hoku Ken a imitou. O ninja deixou o recinto curioso com a conversa que viria. Espero pelo mestre por um longo empo, pensando como teria sido enfrentar um oni e salvar uma mulher tão bela. Quando o seijin saiu do recinto, deixou a alegria lá dentro.

- Garoto, eu vou deixá-lo. Daqui para frente, todas as escolhas serão somente suas. Existem a vingança, a paz, a guerra. Escolha um desses caminhos, mas lembre-se de que cada um deles leva a grandes perdas. Veja com qual você se consola mais.

O coração de Trovão pesou. O abandono quase o fez chorar. Vendo a tristeza no rosto do seijin, segurou o choro e se mostrou forte para o mestre que aprendera a amar.

## Capítulo 38: Shimazu Yoshihiro

O samurai cambaleou diante da multidão com a mão sobre o ferimento. As roupas avermelhadas e o rosto desesperado atraíam os olhares dos espectadores que apenas aguardavam que ele se juntasse aos outros corpos caídos no chão. Ele ainda tentou resistir. Pateticamente, levantou a katana e girou para voltar-se contra o adversário. Shimazu Yoshihiro não se deu ao trabalho de aparar o golpe. Um mero passo para a esquerda permitiu a esquiva e ainda garantiu o desequilíbrio completo do samurai derrotado. E os nobres da corte do imperador aplaudiram quando o quinto dos grandes e corajosos guerreiros que desafiaram o Dragão do Céu tombou.

A humanidade podia ser patética. Parecia que quanto mais próxima dos kami, mais a nobreza de Ōoku se degenerava. Yoshihiro odiava ver aquelas pessoas aplaudindo a morte de guerreiros estúpidos que deram a vida simplesmente para agradar ao imperador. Podia ser uma honra lutar diante do governante espiritual supremo de Ōoku, mas o shogun já provara que a obediência cega aquele homem não era a melhor das alternativas para a vida de ninguém e nem precisava ser.

O imperador bateu palmas por trás das cortinas leves que tampavam sua imagem. Pendeu a cabeça para cochichar aos ouvidos de uma mulher. Ela pegou uma espada ao lado do trono e passou pelas cortinas. Com o andar delicado, entregou a arma finamente decorada ao Dragão do Céu.

- Shimazu Yoshihiro – chamou o imperador. – Apreciamos tanto sua demonstração que entregamos esse presente. Essa é Morte Precipitada, a lâmina que já matou tantos homens e mulheres antes de sua hora.

A história da espada era bem conhecida. Estivera nas mãos de um dos samurais que servira ao imperador durante sua derrota, o homem que matara tantos servos do shogun no entanto fora o primeiro a tombar quando o exército de Hatano Takanobu invadiu as terras sagradas. Havia muita glória na história da katana, no entanto carecia de honra e de uma derrota digna.



Yoshihiro agradeceu pelo presente e caminhou educadamente para fora do pátio de combate do imperador. Chutou alguns pedregulhos ao se indagar qual era o motivo daquele regalo estranho. Morte Precipitada era uma espada poderosa e trazia consigo uma mancha indelével.

- Assistiu às lutas? – perguntou Yoshihiro quando adentrou os aposentos escuros.

Veneno Inescapável andou pelas sombras e ajudou-o a retirar a armadura. Os pedaços da proteção foram jogados um ao um no chão, alguns sujos de sangue dos oponentes, mas um ou outro com manchas do próprio Yoshihiro.

- Eles o acertaram algumas vezes.

- Algumas. Acho que os melhores não lutaram comigo. O imperador não queria perder ninguém importante.

- Ouvi os sussurros sobre isso. Alguns samurais imploraram para estar na luta. Ele permitiu apenas os bons o suficiente para exigirem uma boa demonstração de poder. – Ela pausou para desatar um nó mais apertado. – Não sei se o resultado seria muito diferente se eles aparecessem. Acho que boa parte dos grandes campeões do imperador foram mortos nas batalhas contra o shogun. O sonho dele é ter um Shimazu em suas fileiras.

Yoshihiro sorriu pensando se aquilo era um elogio. Ficou feliz, mas precisava de um banho. Havia sujeira demais na alma depois de usar todo o poder de seus juramentos para matar pessoas simplesmente para agradar ao imperador. Todas as palmas e gritos de celebração para cada vítima manchavam sua história de guerreiro. Mais uma vergonha para a família. Imaginava como o pai e Tsubasa fariam tanto sobre servir e reconheceriam com tristeza que a vida de serviço nem sempre levava à dignidade tão alardeada.

- Espero que a informação tenha sido suficiente para a senhorita Chiyo – sussurrou com tristeza.

- Foi. O imperador conspira e brinca, mas todas as trocas que faz sempre foram verdadeiras. Nunca ouvi uma história sobre uma troca falsa que tenha feito.

- Muitas mentiras saem daquela língua, porém até o mais hábil mentiroso sabe que precisa ser verdadeiro às vezes.

Bateu palmas e um servo entrou com um balde de água quente. O garoto caminhou assustado e colocou o objeto ao lado do samurai. Veneno Inescapável o dispensou e fez Yoshihiro se joelhar. No meio da penumbra, ela molhou a toalha e passou levemente pela pele dele. O tecido se manchou de vermelho e negro.

- Seria mais fácil se a guerra me custasse apenas a vida e não a honra.

- A honra é supervalorizada. É preciso ter vida.

- Uma vida desonrada não é uma opção.

- É a opção que o mundo nos dá assim que alguém decide que seremos treinados como ninjas simplesmente por nascer em um clã.

- Sua vida é mais fácil.

Ela parou de lavá-lo. Yoshihiro lamentou pelas palavras. Nenhuma delas voltaria. Idiota. Sim, ela era uma ninja. Ela sabia pouco sobre honra. E nada disso significava que a vida era mais fácil. Viver sempre a ponto de quebrar princípios e se manchar em nome dos outros não era fácil. Yoshihiro enxergou isso muito bem assim que derrubou o primeiro oponente naquele dia. Deveria ter visto antes, porém, até causar a morte, parecia tão boa a sensação de estar servindo sua senhora diante do imperador.

Estendeu a mão e a segurou. Fez com que continuasse o limpando. Ela seguiu com a tarefa mais lentamente. Faltava a mesma vontade com que iniciara.

- Suas escolhas e missões são duras. Seu casamento está cancelado?

Ela pressionou a toalha sobre uma macha de coágulo próxima à axila. Esfregou em silêncio. Yoshihiro apenas lhe deu tempo.

- Está. Não há mais como continuar.

- Estava feliz?

- Agora estou.

Yoshihiro sorriu.

- Eu também.

Veneno Sombrio sorriu.

- O senhor considerava que a aliança não era do nosso interesse?
- Não era do meu interesse.
- Por quê?
- Você dificulta muito as coisas.

Segurou-a de leve e a puxou para si. Ela cedeu paciente até estar aconchegada em seus braços. Yoshihiro deixou seus olhos mergulharem nas íris douradas dela. Curvou-se sentindo as feridas reclamarem e tocou seus lábios com a sensação de liberdade.

Aquela não foi uma noite para que os pensamentos em Chiyo fossem os últimos antes de dormir. Depois de experimentar o corpo dela, ele entregou a alma ao momento e os sonhos à liberdade. O toque dela era mais gratificante do que qualquer prêmio dado por seus senhores ao longo dos anos. Nem as histórias contadas com o seu nome enchiam tanto seu orgulho quanto ouvi-la suspirar de prazer quando a beijava. Seus dedos se perderam entre os cabelos dela e os lábios da mulher deslizaram por seu pescoço. A noite prosseguiu com a paz que o espírito de Yoshihiro não sabia que tanto procurava e com um sentimento que a alma não imaginava que poderia encontrar.

## Capítulo 39: Tigre Sensato

Tudo o que restava da elite da Dança das Garras eram ela e Rato Furioso. Tigre Sensato socava as árvores, cortava galhos com a katana e chutava pedras pensando no histórico trágico do clã. Não era à toa que tudo indicava que Amago Okihisa agora usava os malditos Bruxos para seus trabalhos. O clã que deveria servir a casa de Amago não era nada além de dois de seus ninjas menos brilhantes. Podiam ser elite, porém nenhum dos dois tinha a calma de Lobo Fiel. O dom da liderança não era uma particularidade deles. E não havia ninguém entre os sukoshi para poderem promover. Nenhum dos ninjas mais promissores do clã estava vivo. Os kami estavam com os piores olhares sobre eles. A luz de Amaterasu os abandonara e Izanani e Tenjin já deviam estar discutindo como seriam as celebrações quando o último membro do clã perecesse.

- Izumi.

Era a voz de Rato Furioso. Ela nem notara que o colega estivera ali. Era vergonhoso saber que alguém a assistira durante ataque de fúria mais dado a uma criança do que a uma adulta que deveria ser a líder do que restava de um clã ninja.

- O que quer, Kaito? – perguntou ao baixar a espada e se sentar em um tronco.

Rato Furioso cruzou os braços ao lado dela. Sem se sentar, ficou assobiando e olhando a mata silenciosa ao redor.

- O que quer, Kaito?

- O senhor Okihisa nos espera.

- Pensei que não precisasse de nenhum de nós mais.

- É, falhamos mais uma vez.

- Não, dessa vez os samurais falharam, não os ninjas. Yamanaka Yukimori nos liderava e permitiu que ocorresse o roubo. Não foi nossa responsabilidade.

- Então qual o motivo da raiva? – perguntou Rato Furioso, colocando uma mão sobre o ombro dela. Tigre Sensato dispensou o afago com um olhar mortífero daqueles olhos estreitos e negros.

- A gente é o que resta do clã, Kaito. Nós dois. Você não é Lobo Fiel, eu não sou Garça Sábia, muito menos Falcão Altivo. Como a gente faz o clã voltar a ser o que era antes?

- Você só fala de gente morta. Nenhum deles sobreviveu. A gente está vivo.

- Estar vivo não significa muita coisa. O clã precisa viver. Eu, você, isso não existe. Existe o clã.

Ele vinha sobrevivendo muito bem. Rato Furioso matara, explodira, roubara a serviço do clã e de se mesmo. Durante o grande massacre, ele estivera fora, indo ao porto conseguir mais material para seus instrumentos proibidos.

- Não acho. Se tiver que escolher, prefiro ainda ficar vivo do que morrer pelo clã.

Resumiam-se a isso. Uma mulher que mal sabia liderar e sobrevivera por sorte e um covarde que preferia muito mais a própria vida à glória da família. Tigre Sensato pensou nas mortes do clã, quando a filha e o marido foram massacrados e ela não. Ela estava ali, junto com aquele incompetente. A filha, tão promissora, o marido, tão bom, estavam enterrados em covas rasas. A dureza dos kami para com eles quase arrancava lágrimas de Tigre Sensato.

Ela vinha treinando a filha tão bem. Os arremessos dela era perfeitas eo fãro tão bom para encontrar as coisas que até Lobo Fiel sorria e se impressionava. O marido de Tigre Sensato olhava preocupado para a menina, lamentando tanto que os kami a tivesse colocado no mundo para ser uma ninja. A mulher balançava a cabeça e brigava. Era decisão deles e assim seria. Um ninja era um ninja e servia, principalmente aos desejos dos kami.

- Izumi, pra quê se preocupar com o clã? Quantos da gente já não morreram por causa de quem? Por causa de um gordo chifrado que foi humilhado pela pretendente. E daí? Isso é motivo pra guerra com tanta mulher disponível por aí?

- Kaito, você é um asno. Não sei como não te batizaram de Asno Desonrado.

Rato Furioso deu de ombros e se afastou prudentemente. Tigre

orou para que os kami punissem o idiota por suas palavras, mas de uma maneira que não afundasse ainda mais o clã. Era hora de Hachiman olhar por eles. E que Inari lhes desse a benção da fertilidade.

- Ah, Omokaime, mostra pra mim seus mistérios – pediu ela sob o olhar debochado de Rato Furioso.

- Izumi, a única chance que a gente tem é que Okihisa morra antes de acabar de vez com o que restou do clã. Até os sukoshi estão desanimados com o que pode acontecer.

- Diga para eles que a Dança das Garras não vai acabar. O clã vai se reerguer.

- Vai parir quantos ninjas para fazer isso?

- Assim que a guerra acabar, vamos selecionar novos aprendizes, seu idiota. Eu vou treinar cada um e ver quem tem futuro para ser da nossa elite.

Ela se levantou para encará-lo.

- Eu vou vencer.

- Não, quem vai vencer é Okihisa. Você vai só continuar servindo um gordo traído. E vai treinar mais gente para morrer enquanto ele faz banquetes pra mulheres que não querem saber de ir pra cama com ele.

Tigre precisou respirar fundo para não o esbofetear. No fim das contas, agora era só ela e os sukoshi que haviam sobrado para defender o clã da Dança das Garras. Rato Furioso nunca fora muito interessado em nada demais. Era pena que tivesse sido tão útil algumas vezes, como quando descobriu que o Enxame de Máscara estivera espionando os Amago, quase na época em que preparavam o estandarte com as energias do Dragão. Aquilo permitiu que matassem uma das principais espãs do clã inimigo, a esposa de Zangão Negro, tão habilidosa na ocultação que nem seu nome era conhecido.

- Até quando estará com a gente?

- Até Okihisa morrer. E só por sua causa, não por causa dele.

Ela colocou a máscara e passou por Rato Furioso sem precisar dizer mais nada. Foi encontrar Amago Okihisa na tenda próxima à vila onde o exército parara. Os aldeões estavam acumulados com seus

filhos próximos às casas. Os soldados vestidos de amarelo e vermelho vigiavam as redondezas em pequenos grupos.

O daimyo olhava alguns mapas beliscando doces cristalizados. Limpou as mãos nas roupas largas e ergueu uma sobancelha quando notou que Tigre Sensato estava parada o esperando.

- Não temos notícias de Miyoshi Chiyo – declarou Amago.

- Nenhuma, senhor?

- Nenhuma.

Sorriu debaixo da máscara. Ao menos um caso em que ainda poderia ajudar. Lobo Fiel a alertara sobre vários pontos importantes da rede de contatos do clã. Ela soubera manipular e subornar nos últimos dias para manter as notícias fluindo.

- Minhas últimas informações diziam que ela fizera um pacto com o imperador. Shimazu Yoshihiro participaria de lutas para a corte em troca de saber como ela poderia achar a Velha.

- E achou?

- Pelo que soube sim. E Shimazu Yoshihiro estava seguindo para encontrar sua senhora.

Okihisa coçou a testa, comeu mais um doce e cruzou os braços. Tigre Sensato reconheceu que a mente do senhor Amago se contorcia em planos.

- Caminhe comigo.

Saíram da tenda para caminhar até uma escada. Ele subiu com dificuldade para alcançar o teto de uma casa. Tigre Sensato o seguiu calmamente sem demonstrar as habilidades físicas muito superiores. Lá em cima, cruzou os braços nas costas e fixou o olhar no horizonte, fingindo não ver o quão ofegante o daimyo estava. O exército caminhava pelo mais recente campo de batalha recolhendo os espólios e prisioneiros. Bem próximo à vila, alguns artistas preparavam as cabeças dos líderes inimigos para a exposição. Yukimori dava ordens para alguns deles e parava para observar um samurai ou outro que havia matado durante a luta. O homem ainda não estava totalmente recuperado da sucessão de derrotas contra Inferno e contra as forças de Miyoshi.

- Yukimori venceu dois campeões dos senhores menores que me desafiaram.

- Ele é um herói de guerra, senhor.

- O que me falta na habilidade com a espada e na admiração do inimigo, sobra nele.

- O senhor é muito humilde.

- Cale-se se pretende cair em falsos elogios e condescendência, Izumi. Conheço-a desde a infância e sei da sua personalidade. Fale como a mulher que é.

- Mas sou sincera quando digo que o senhor é humilde. Hoje três senhores que iam se juntar ao general Gorou dos Miyoshi caíram sem que a gente tivesse perdas significativas. Tudo pelo senhor.

- E pelo estandarte com as forças do Dragão.

- Que o senhor conseguiu com esperteza.

- E preciso de mais se quiser conquistar o necessário para manter nossa região próspera. Seremos os grandes de Ōkoku e nosso povo conhecerá um mundo novo e admirável, Izumi.

Ela sorriu pensando nos benefícios que Amago Okihisa trouxera para Doragonhōmu. A terra que quase passara fome durante o governo de seu pai agora tinha comida e prosperava. Os senhores mais belicosos em volta não mais ousavam ameaçar e roubar os camponeses. Aqueles que tentaram acabaram com as cabeças cortadas e seus esqueletos exibidos nas fronteiras de Doragonhōmu. Quando pediram ajuda aos daimyo próximos, acabaram descobrindo que Amago Okihisa não era grande espadachim como o pai, mas tinha pensamento mais afiado do que qualquer katana.

Kakurega, a capital de Amago, se tornara um centro importante. Okihisa chamou todos os ronin com alguma honra em Ōkoku e os recebeu como seu senhor. Os melhores, mesmo desgraçados, uma vez jurados, tornaram-se homens dos Amago e agora lutavam por um novo senhor. Debaixo do estandarte amarelo e vermelho, com o poder do Dragão, eles prosperavam e ganhavam cada vez mais fama. Sua obediência só aumentava.

Ao contrário de tudo isso, a Dança das Garras se acabava cada



vez mais. Recuperar o poder do Dragão tivera um custo muito alto para o clã. Se os samurais de Amago só aumentavam em número e fama, os ninjas estavam próximos do desaparecimento.

- O senhor continuará com os serviços dos Bruxos?

- Não seja idiota, Izumi. Parece que sou obrigado a explicar tudo.

Ele realmente parecia sempre cansado por ter que clarificar todos os planos para os seguidores menos brilhantes. Diziam que o fizera se apaixonar por Miyoshi Chiyo era o fato de nunca ter que lhe explicar nada, apenas conversar sobre suas pretensões e ver a compreensão naqueles olhos azuis.

- Senhor, por que a gente não mata Miyoshi Chiyo e resolvemos logo a guerra?

- Matá-la atrapalhará meus planos, Izumi. Preciso dela viva até encontrar as outras partes do Dragão da Escuridão sob o Mundo. O jogo está cada vez mais intenso. O que eu preciso no momento é de mais informações. Qual será o próximo movimento de Chiyo? Onde estão a Velha e Inferno? O que se passa na mente de Kasaioni?

Tigre Sensato baixou a cabeça. Não conhecia nenhuma daquelas respostas. Sua alternativa seria tentar achar uma daquelas pessoas e tentar extrair as informações. Pena que isso incluía arriscar a vida de mais sukoshi ou até garantir a própria morte caso se deparasse com Inferno. A batalha anterior contra o ninja renegado dos Destinos Inexoráveis ainda lhe causava calafrios.

- Está vendo aquele sinal de fumaça mais adiante? – Ela assentiu. – É o aviso para Gorou de que mais de seus aliados foram mortos. Agora vou enviar mensagem para os daimyo mais próximos manterem suas posições e para os senhores menores se juntarem a mim na batalha. Nosso exército apenas aumenta, Izumi. Sinta-se feliz, pois o sacrifício de seu clã salvará nossa terra. O poder do Dragão será nosso e massacraremos todos que vivem sob as trevas da ignorância.

Nenhuma criança morreria de fome. Nenhum camponês viveria com medo. Aliás, eles não viviam mais. Agora soldados morriam por outro motivo. A guerra continuava para concluir planos que Tigre

Sensato ainda não conseguia decifrar. Rato Furioso poderia estar certo ainda. Aquela era uma batalha por amor não correspondido disfarçado de causas nobres e seus juramentos como serva dos Amago a faziam seguir um senhor amargurado. A inteligência de Izanagi poderia abençoar Okihisa, porém ela torcia para que toda a sagacidade não fosse obliterada por sentimentos irascíveis de Hachiman.

## Capítulo 40: Shimazu Yoshihiro

Yoshihiro fitou a expressão de Chiyo e perscrutou fundo em seus pensamentos como deveria reagir à felicidade dela quando finalmente chegaram ao Templo do Esquecimento da Dor. O samurai sentia a sensação de dever cumprido. Era um alívio ao ver o quanto a senhora se sentia realizada. O que faltava dentro dele era compartilhar a felicidade com ela. Entendia pouco dos motivos por estar ali e os considerava bastante irrelevantes depois de ter se maculado diante do imperador. O que lhe importava era o fato de ter passado boa parte da viagem sozinho com Veneno Inescapável. Caminharam juntos por caminhos desconhecidos e partilharam o prazer de seus corpos durante tantas noites que o término disso agora parecia desvanecer qualquer alegria diante da missão cumprida.

De repente, o samurai entendia a diferença de dever cumprido e realização pessoal. Foi tudo muito súbito dentro dele. Primeiro a promessa de servir Chiyo, depois a necessidade de sujar sua honra para manter a promessa e, por fim, encontrar a felicidade em nada tinha a ver com dever ou honra, só a necessidade de preencher um vazio no coração.

- Está me ouvindo, Yoshihiro-san?

- Sim, senhor.

- Vamos entrar e despejar as cinzas de meu pai e meu irmão. E com isso vamos deixar que seus espíritos descansem. Depois, vamos cumprir a última parte do plano.

As portas diante deles eram pintadas de negro com estrelas desenhadas. Durante a noite, brilhavam distantes, orientando almas e pessoas para encontrarem um local para descansarem a dor. Os monges aguardavam as pessoas depois dos portões, uma vez que houvesse o julgamento de quem pudesse entrar.

Chiyo olhou para o grupo que a seguia. Os ninjas do Enxame de Máscaras não vestiam suas roupas e armaduras. Vinham com quimonos e chapéus trazendo consigo apenas armas escondidas. Zangão Negro, Escorpião Negro, Grilo Negro e Vespa Sombria eram

os únicos representantes do clã com eles. Pelo que Veneno contara, Mariposa Negra fora morta por Kasaioni de maneira horripilante e a postura de Grilo diante dos outros só demonstrava ressentimento. O ninja mais novo andava afastado e mal conversava com os outros. Juntamente com ele, Morcego, o novo membro do grupo, falava sobre amenidades.

A herdeira Miyoshi ajoelhou-se diante dos portões e ofereceu as urnas com as cinzas. As estrelas brilharam levemente. Aos poucos, a madeira negra começou a se mover sozinha, abrindo espaço para o interior do templo. Ali havia apenas areia e pedras. Tudo era feito para contemplação com apenas poucas cerejeiras enfeitando a paisagem. O próprio templo era uma estrutura de pedras com longas pilastras negras e telhado branco. Um dos monges de cabeça raspada e roupas marrons pisava calmamente na areia com tanta leveza que mal deixava marcas. Parou diante de Chiyo e pediu que se levantasse.

- Os portões aceitaram Miyoshi Chiyo dentro de nosso templo. A senhora tem o direito de depositar as cinzas de seus parentes no tempo e entregar sua dor para que Tenjin a devore.

- Agradeço aos kami e seus servos.

A comitiva entrou com as urnas. Era composta apenas de Yoshihiro, os ninjas do Exame de Máscaras e dos Destinos Inexoráveis e Chiyo. Todo o restante daqueles que os seguiam ficara acampado em uma clareira próxima ao templo.

- A senhora tem uma noite dentro do templo. As regras de Tenjin são claras e devem ser seguidas.

- Uma vez dentro do templo, tenho meus direitos e meus deveres e os seguirei. Preciso usar as urnas agora para entregar a dor de meu pai e meu irmão.

Yoshihiro prestou pouca atenção ao templo. Caminhava mais atrás deixando Chiyo sob os cuidados de Aço Inescapável. A senhorita Miyoshi e o ninja eram mais unidos do que o samurai esperava. Era estranho ver aquele homem que tanto brigara para estar no lugar de Inferno servindo tão placidamente. Aço sempre odiara o fato de nunca ter sido escolhido para receber um treinamento para se tornar um

monstro como o temido ninja de elite.

Nunca imaginava que Chiyo teria alguém tão próximo e só agora tentava se lembrar se Aço estivera a acompanhando até Doragonhōmu quando deveria noivar Amago Okihisa. Preferia não tomar conclusões precipitadas quanto a sua senhora, no entanto, tendo experimentado a paz nos braços de Veneno, não julgava o que poderia ter acontecido com a senhorita.

- Já esteve aqui? – perguntou Veneno.

- Nunca. Não conheço os rituais. As lendas apenas dizem que aqui se entrega as dores e Tenjin as devora.

- Então será simples. Depois disso, o que faremos?

- Concluir a vingança. Senhorita Chiyo quer menos dor para si, mas ainda quer muita dor infringida em Okihisa e seu exército.

- É um ódio absurdo.

- Maior do que alguém consegue tolerar e ainda ter paz.

Passou os dedos levemente sobre as costas da mão dela. Veneno retribuiu com um sorriso. Dentro do templo, a felicidade que dividiam sumiu na penumbra. Assistiram Chiyo descer uma escadaria seguida por Aço com as urnas. As escadas pareciam um grande anfiteatro, porém terminavam em uma piscina negra. O monge apontou para a escuridão e pediu calmamente que as cinzas fossem jogadas. Aço destampou a primeira urna e entregou à senhora. Os movimentos cerimoniais de Chiyo foram precisos ao encenar o respeito aos kami. Ela movia os braços lentamente e tentava demonstrar somente leveza ao fazer sua entrega.

- Não deixe que ela faça isso! – gritou alguém do outro lado das escadas. A figura estava perdida na penumbra, mas dava para ver que carregava consigo uma caixa de metal. Retirou as fivelas que a prendiam às suas costas e começou a descer os degraus. Vestia uma armadura fina de aço com desenhos dourados.

Chiyo o observou furiosa, olhou vagamente para o monge e ignorou quando o homem tentou impedi-la. As cinzas desceram calmas para a escuridão. O desaparecimento do pó foi acompanhado por um grito de sofrimento. Era um pedido de ajuda que lembrava

demais a voz de Miyoshi Tetsuo.

- Não deveria estar aqui, seijin. Esse não é o templo de seu kami – falou o monge com ares calmos.

- Já tive meu direito de pisar aqui. Venho usar meu direito para impedir que essa mulher e seus comparsas continuem com seus intentos.

- O primeiro sacrifício já está entregue. Tenho meu direito de estar aqui. Quem é você para tentar me impedir?

Yoshihiro desceu depressa as escadas, já com a katana brilhando na luz fraca das chamas. O seijin o olhou curioso. Estava com um elmo sob o braço esquerdo e finalmente resolveu colocá-lo. A armadura exibia contornos de um falcão com um bico que terminava sob a testa do homem. Seus olhos estavam fechados quando parou do outro lado do poço.

- Miyoshi Chiyo, desista de sua vingança. Ela apenas trará desgraça a todos os homens e mulheres de Ōkoku.

O monge começou a se afastar. Yoshihiro viu claramente que o homem não era um guerreiro. A ordem deveria contar apenas com a proteção mágica e religiosa do lugar para evitar intromissões como as que ocorriam agora.

- Quem é você? – gritou Yoshihiro.

- Hoku Ken e vim para matá-los se assim continuarem, senhores.

Chiyo fitou o seijin e estendeu a mão para Aço Inescapável. O ninja a entregou a outra urna já aberta. Com a mesma cerimônia, ela preparou para entregar o pó ao poço negro. Hoku Ken saltou através do poço com a rapidez da luz. Yoshihiro mal viu quando o seijin já chutava a urna. A cerâmica se despedaçou no chão, erguendo uma poeira cinzenta. Chiyo caiu de joelhos aos gritos para recolher o pó e tentar jogá-lo no poço. Hoku Ken a deteve com um chute certeiro no rosto que a arremessou contra os degraus.

Yoshihiro golpeou em diagonal, assustado com a velocidade do ataque do inimigo e ao ver sua senhora quase inconsciente. Hoku Ken usou a armadura do antebraço para deter a espada e socou o samurai no

pescoço. Mais um contra os degraus. O seijin girou o corpo e o pé coberto pela armadura de metal bateu contra o rosto de Aço, arremessando-o para fazer companhia a Chiyo.

- Sugiro que continuem caídos. Não tenho nenhuma vontade especial de matá-los, senhores. Isso só acontecerá se continuarem. Basta prometerem que não continuarão com seus planos e sairão vivos daqui.

O golpe doía como se as chamas de Hachiman queimassem o peito de Yoshihiro. Foi só com o apoio da espada que ficou de pé para ver o seijin espalhando as cinzas de Miyoshi Hachiro no vento. A filha do daimyo despertou do torpor e gritou desesperada com as mãos erguidas no meio do pó que voava e desaparecia na pequena corrente de ar que cortava o templo.

- Acabem com esse maldito! – ordenou Chiyo.

Os ninjas do Enxame de Máscara assumiram posições de combate. Hoku Ken se viu cercado por shinobi com suas espadas curtas e um samurai particularmente irritado. Yoshihiro esperou o cerco se fechar. Segundo o que se lembrava das histórias, os seijin nunca utilizavam armas. Sua única defesa era a armadura e o ataque era todo baseado nas mãos e pés e na energia que reuniam. Isso não os tornava menos perigosos que um samurai.

- O que um seijin está fazendo aqui? – perguntou Vespa Sombria para Zangão Negro.

- Tentando nos parar. Nada pior do que isso, criança.

- Não faz sentido. O trabalho deles não deveria ser servir aos kami ou àquela religião estranha?

- Não sei. Vamos nos preocupar em derrotar essa ameaça e perguntar depois.

Yoshihiro fez sinal para que o cerco terminasse logo. Sete ninjas e um samurai contra um seijin. As chances dele eram muito pequenas, mesmo que boa parte dos atacantes fosse de jovens. O poder reunido dos oito era grande demais para ser subestimado. Shuriken dispararam e espadas vazaram o ar rumo à carne inimiga.

Hoku Ken dançou entre os shuriken. Os movimentos deixaram

muitas das lâminas passarem e, em alguns poucos casos, simplesmente as rebateu com as luvas metálicas. O processo se repetiu com as espadas. Uma após a outra, elas erraram o alvo. Hoku Ken voava entre os oponentes sem contra-atacar. Yoshihiro via como ele fechava os olhos ao se mexer, prevendo de onde viriam os golpes. Em determinado momento, sorria quando uma lâmina quase o alcançava e sussurrava palavras estranhas para si mesmo.

O voo de lâminas não era suficiente para atingir o seijin. Aquele era dos poderosos, um guerreiro das lendas antigas. Se estava ali, era porque algum dos kami estava contra os planos de Chiyo ou contra a guerra toda. Qual dos kami teria o enviado? O falcão podia ser símbolo de mais de um deles, dependendo do aspecto e das cores utilizadas.

- Não vamos conseguir vencer esse seijin assim – alertou Veneno Inescapável.

Ela acabara de arremessar uma chuva de agulhas envenenadas e as poucas que atingiram o alvo não foram capazes de atravessar a armadura. O seijin percebeu o perigo e avançou sobre ela, chutando-o no estômago até ser separado em um voo de Morcego e Grilo. Agora estava entre os dois, se esquivando e respondendo com socos e chutes que fizeram os dois recuarem.

- Precisamos de medidas drásticas! Usem suas técnicas.

- Ele está se contendo. Se usarmos nossas técnicas, ele liberará as suas também! – Zangão Negro parara ao lado de Yoshihiro. Ofegante, o ninja apontava a espada para o seijin. Os olhos escuros analisavam os movimentos quando finalmente Escorpião Negro havia conseguido o encantoar. – Temos que aproveitar o momento. Meu filho descobriu como passar pelas defesas iniciais dele. Basta um recuo e teremos oportunidade.

- Se formos suficientemente rápidos, vamos usar nossas técnicas e acabar com ele antes que pare de se conter. Escorpião Negro não terá energia para mantê-lo na defensiva por muito tempo ainda.

O ninja começava a se cansar. Hoku Ken sorria com o canto dos lábios defesa após defesa. Mesmo que Escorpião atacasse com a espada,



com as mãos ou com os pés, havia sempre uma esquivada ou um aparar rápido. O esforço era muito mais nítido nos movimentos do ninja. Aos poucos, a precisão e a força se perdiam e o seijin já começava a preparar a ofensiva. Quando uma janela finalmente se abriu, Hoku Ken girou o corpo e encaixou um chute no pescoço de Escorpião Negro. O ninja dobrou-se ao chão com uma queda seca sobre os degraus.

- Agora! – gritou Zangão.

O Enxame de Máscaras atacou. Grilo Negro foi mais rápido do que o seijin. Chocou-se contra o oponente e o segurou pela cintura. Três socos nas costas foram suficientes para que largasse o inimigo e, nessa hora, Vespa Sombria jogava sua poeira envenenada. Hoku Ken cambaleou para trás. Zangão Negro abateu-se sobre ele. Agora os movimentos do seijin foram lentos, mal desviando os golpes de espada do ninja. A lâmina arrancou sangue uma, duas, três vezes. O líquido voava quando Zangão socou o peito do oponente com a mão espalmada. De repente, sombra e homem se separaram. O corpo do seijin se empalideceu ao ser jogado contra a escadaria.

- Vencemos – bradou Chiyo.

Ninjas e samurai baixaram as armas e caminharam depressa até Zangão Negro. O ninja olhava para a vítima tombada ainda na posição que utilizara no ataque. Diante dele, uma sombra pairava com a forma estremecida de Hoku Ken.

- O que você fez?

- Separei o seijin de sua sombra.

Yoshihiro caminhou até o homem de armadura. A espada precisava fazer sua vítima para acabarem com aquele último desafio. Só mais um movimento e haveria menos um seijin servindo os kami e menos um inimigo para que os Miyoshi se preocupassem.

Gargalhadas. Risadas arrogantes tomaram a penumbra do templo, batendo contra as paredes mais distantes e voltando como ecos ofensivos nos ouvidos de Yoshihiro.

Gargalhadas. Risadas cortantes alcançavam os tímpanos do samurai quando o seijin começou a se levantar. Ainda cambaleava, mas ria ativamente segurando o peito e cuspiendo sangue.

- Parabéns. Estava esperando alguma atitude da parte dos senhores.

- Não deem tempo para ele! Ataquem! – Era a voz de Escorpião Negro.

Yoshihiro viu os outros ninjas iniciarem seus ataques. Passaram voando por ele, as espadas tremeluzindo na penumbra.

- *Shi!* – gritou o seijin.

O mundo perdeu sentido. A luz se perdeu por um instante. Houve trevas vindas do fim do mundo e do nascer da humanidade. Crânios brancos foram vislumbrados durante aquele momento de terror. O calor desapareceu. A sensação de frio não existiu na ausência. Houve o nada e o desespero. Começou em silêncio, foi interrompido por gritos. Quando terminou, os ninjas voavam em direções aleatórias e o sangue escorria pelas escadas. Cinco dos atacantes agora jaziam gemendo nos degraus, incapazes de continuarem com a luta. Restavam Zangão e Escorpião.

- O que você fez? – perguntou Yoshihiro, ainda incrédulo com a sensação das trevas.

- Morte. Eu somente chamei a Irmã Morte que todos temos. Vejam bem. Ela está em meus punhos e em meus pés, senhores.

O sangue escorrendo dos corpos em volta expressava bem a veracidade nas palavras de Hoku Ken. O poder dele estava acima do que que Yoshihiro já enfrentara. Talvez o mais próximo fosse Inferno. Impossível não perguntar se os dois não se equivaliam e qual seria o resultado do combate entre eles. Não, Inferno ainda venceria. Ainda estava para ver tanta morte quanto a que rondava a alma do ninja renegado.

- Hoku Ken, deixe-nos seguir nosso caminho – pediu Yoshihiro.

- Claro, samurai. Você pode seguir seu caminho. Só deixe as cinzas espalhadas no chão e recuse seu direito de pisar novamente no templo.

Um olhar para Chiyo bastou para que negasse a proposta. Brandiu a espada, virou-se para Escorpião e Zangão. Os novos ataques

tinham que ser precisos. O plano era manter Hoku Ken na defensiva enquanto um deles finalizava. Escorpião já provara que era possível acuá-lo e o ataque anterior demonstrara que conseguiriam feri-lo. Já era mais do que conseguiram com Inferno. Tinham chance. É claro que tinham chance. E ele era o Dragão do Céu, tomando-se mais poderoso a cada luta e a cada promessa honrada em nome de sua senhora. Talvez mais maculado, mas sempre com os juramentos cumpridos.

O primeiro avanço foi do samurai. O choque metálico faíscou. A espada parou na armadura do antebraço do seijin. Era uma praga ver a velocidade com que o guerreiro santo aparava os golpes. Uma estocada passou próxima do rosto, tão próxima que arrancou uma mexa do cabelo esvoaçante. Outra vez o seijin riu naqueles modos repugnantes de quem zombava do inimigo e se divertia com o combate. Ele amava o que fazia. Nem de perto era uma obrigação.

A cada golpe e cada risada do inimigo, Yoshihiro se via pensando como seria lutar pelo prazer. Não desejava a sanguinolência que já vira em alguns samurais e ninjas que queriam apenas experimentar a morte nas mãos ou ver o sangue derramado. Ele queria saber como era amar uma causa. Depois dos braços de Veneno, tivera certeza de que sentia nos ossos a obrigação de servir sua senhora como lhe fora imposto desde o nascimento. Seu coração estivera um vazio até aceitar o que realmente desejava na vida.

Chamou a força do primeiro juramento, proteger os Miyoshi. Brandiu a espada com o poder de todos os sora no kami. A nobreza de Izanagi, a luz de Amaterasu e a força de Raijin apossaram-se de seus braços, migrando rapidamente para a lâmina. Cortou com a velocidade da luz, a precisão dos olhos da águia e a força do trovão. O primeiro ataque abriu a armadura de Hoku Ken. Ele evitou aparar os próximos golpes até ter a oportunidade de segurar a lâmina com as palmas das mãos.

- Você é bom, senhor samurai.

- Melhor do que você.

Notou que, ao redor dele, Zangão e Escorpião preparavam o bote. Riu mais uma vez. As mãos continuavam segurando a lâmina

com tanta força que Yoshihiro não conseguia desvencilhar a espada. Hoku Ken torceu os braços para baixo levando a espada e levantou o joelho contra a barriga do samurai.

- *Shi!* - gritou mais uma vez.

Os golpes das trevas bateram contra todas as defesas espirituais de Yoshihiro. O samurai precisou se concentrar nos juramentos. Era preciso não duvidar as tarefas ou fraquejaria e a morte o abraçaria. Enxergou de relance como os punhos de Hoku Ken se moviam no meio das trevas. Eram acompanhados de crânios e espíritos que arrebatavam órgãos e almas. Por Amaterasu, aquelas trevas eram fortes demais. Cada impacto doía no corpo e na mente, abalava vontades. Quando tudo acabou, Yoshihiro se apoiava na parede do poço. Cuspiu sangue farto e vomitou uma gosma negra e vermelha. As mãos tremiam mal segurando a espada.

- Você não é tão bom, senhor samurai.

A tentativa de se levantar foi patética. As pernas tremeram. A espada quase se soltou da mão de vez e caiu no poço negro. Cuspiu mais da gosma de sangue fresco e sangue coagulado. Tentou puxar o ar, mas os pulmões doíam tanto que só conseguiu suprir uma pequena parcela do ar que precisava.

Zangão Negro e Escorpião Negro voltaram a circular Hoku Ken. O ninja mais velho apontou o novo plano. A nova onda de ataques começou com o mais jovem usando apenas as mãos e pés. O seijin defendeu sem deixar de rebater os ataques. De repente, parecia que os dois se equivaliam. Mais acima nas escadas até mesmo os monges se reuniam para assistir.

Uma sucessão de golpes do ninja levou o seijin a recuar. Parecia que mais uma vez estaria vulnerável, mas o ninja se cansou no final, abrindo espaço para que o oponente o acertasse um chute no estômago para afastá-lo. Outros dois nas pernas abalaram o equilíbrio de Escorpião e diminuíram a guarda o bastante para que um soco direto alcançasse o rosto. O ninja cambaleou pelas escadas. Zangão apareceu para cobri-lo. O golpe com a espada foi interrompido com as mãos do seijin mais uma vez se fechando sobre a lâmina. Desarmou o líder do

Enxame de Máscaras e o chutou escada abaixo. O alvo era Escorpião.

E ele estava preparado. Invocou as trevas e as correntes escuras saíram das roupas. As serpentes de metal cravaram-se na armadura de Hoku Ken. Escorpião puxou-as com força e voou contra o seijin com a espada pronto para arrancar-lhe a cabeça.

- *Shi!*

Menos um ninja de pé.

Yoshihiro fechou os olhos e, ao abri-los, o seijin já estava sobre Escorpião. Pingava sangue e o sorriso desaparecera do rosto.

- Basta. Vocês não vão continuar!

Zangão Negro apareceu mais uma vez. Agora seus ataques passaram as defesas de Hoku Ken. Um soco atingiu o queixo. Outro acertou o estômago. O chute no joelho colocou o oponente no chão. Uma joelhada no rosto derrubou de vez Hoku Ken. Zangão aproximou-se para o golpe final e foi surpreendido por uma rasteira. Saltou para se esquivar.

- *Shi no miryoku!*

A escuridão cegou Yoshihiro no momento em que havia acabado de recuperar a espada. O silêncio a acompanhou e foi interrompido pelo grito amargo de almas. Dessa vez durou mais tempo. Yoshihiro jurou ouvir ossos se quebrando e gritos de clemência. A risada arrastada e maquiavélica da morte soou no meio das trevas. Quando acabou, Zangão Negro estava nas mãos de Hoku Ken com o sangue escorrendo farto pela boca, ouvidos e nariz. O seijin o segurava pelo quimono e olhava em volta para os inimigos tombados.

- O apelo da morte levou seu aliado. Acabou.

Era preciso reconhecer que realmente haviam perdido. O samurai se levantou com dificuldade e ofereceu a espada de cabeça baixa.

## Capítulo 41: Escorpião Negro

O poder nem sempre era chave para a felicidade, nem mesmo para a salvação. Diversas vezes Escorpião já ouvira a frase, na maior parte quando Aranha Sombria tentava ensiná-lo algumas lições mais profundas que sua cabeça adolescente odiava ouvir. Naquele dia, ela diria a mesma coisa se ele dissesse o que pensava. Queria gritar que bastava só um pouco mais de força para que tivesse derrotado Hoku Ken. Se assim conseguisse, Zangão não estaria embrulhado nas faixas mortuárias em cima daquela pira. A fumaça começava a se formar nas chamas lambiam aos poucos o cadáver. A despedida final começava e Escorpião se odiava pela fraqueza.

Era engraçado. Era irônico. Ele ouvia claramente a voz de Aranha Sombria o chamando de infantil, criança, menino idiota. Tomar a responsabilidade para si e crer no poder como salvação era a pior das respostas e um mergulho direto nas trevas. A mensagem ricocheteava na mente do ninja e mesmo assim ele não conseguia se esquecer do peso em suas costas. As perdas de seu grupo aumentavam. Besouro Azul, Mariposa Negra e, agora, o pai. Restavam apenas Vespa Sombria e Grilo Negro além dele.

- O que faremos, Ryoichi? – perguntou Vespa Sombria.

A pergunta voltara. Ele se sentira aliviado desde que o pai passara a andar com eles. Era bom não ter a vida dos outros sob sua responsabilidade. Lutar sozinho e pensando apenas em si era bem mais fácil para ele. Antes morrer na solidão do que ver almas sendo despedaçadas continuamente ao seu redor. E ele continuava sobrevivendo a despeito do quanto a Irmã Morte tentava abraçá-lo. Uma pena que outros se aconchegassem tão bem em seu mórbido afago.

- Seguiremos Miyoshi Chiyo até terminarmos a missão. O descanso dos parentes dela é algo que não vai encontrar aqui de maneira alguma. Hoku Ken garantiu isso.

O seijin observava de longe o funeral do ninja. Normalmente qualquer membro caído de um clã era cremado dentro do esconderijo

ou simplesmente enterrado onde caíra. Não havia pompa na morte daqueles que eram nascidos para se sacrificarem nas trevas. Fora ideia de Chiyo homenagear o ninja que estivera se empenhando em ajudá-la, aquele que perdera uma filha nos combates em prol dos Miyoshi.

- Ela pediu um jantar de paz com Hoku Ken para se desculpar.

- A falsidade dos nobres. Há ainda mais guerra no coração dela do que no meu. Duvido que haja qualquer vontade de paz nesse jantar. Beberemos uma água amarga e comeremos apenas sal em nossos pratos.

Os rostos do grupo eram os piores. Tristeza e desamparo eram quase que encobertos pelas marcas roxas, cortes e olhos inchados. Grilo Negro se amoitara em um canto com os braços cruzados e a máscara tampando completamente as expressões. Recusara qualquer conversa com o irmão. Típico de Nori, achar que não havia nada para ouvir. Logo ele que se deixava afetar tanto pelas palavras dos outros, não ouvia quando mais era necessário para que o coração fosse acalentado.

Shimazu Yoshihiro deixara a posição de capacho de Miyoshi Chiyo para Aço Inescapável. Era o mais ferido dentre todos eles. Ninguém recebera sozinho e tão diretamente o golpe de Hoku Ken. Ele ainda sobrevivera. Quebrado, cortado, massacrado, o samurai se apoiava em Veneno Inescapável. Sussurravam entre si apontando os olhos para Hoku Ken e os monges. Deviam estar tão curiosos quanto os ninjas do Enxame sobre os próximos movimentos de Chiyo. Ela realmente parecia vencida.

A fumaça acabou com filetes que anunciavam a passagem completa de Zangão Negro. Haviam feito o necessário e o restante cabia ao espírito dele. Os desafios de um ninja não acabavam nem depois da morte. Ao menos agora estava livre de servir e lutaria por si mesmo. Escorpião andou junto de Vespa e Grilo para o jantar. Todos foram convidados e era a primeira vez que ele participaria de uma cerimônia como aquela junto de um nobre não como um espião ou assassino, mas como um participante convidado para partilhar o evento.

- Nori, retire a máscara. Vamos participar de um jantar.

O irmão continuou calado por alguns passos. Desatou os nós que prendiam a máscara para mostrar a face ferida. Os olhos secos surpreenderam Escorpião. Aquele era o caçula que chorava diante das perdas tão comum aos ninjas. Derramava as lágrimas diante de todos alheio à vergonha que causava ao clã ou à família. Simplesmente despejava os sentimentos e depois sofria com o descaso dos outros ninjas.

- Pensei que fosse chorar.

- Surpresa...

A palavra se formou em um tom de ironia tão forte que cortou os ouvidos de Escorpião. Estava pouco acostumado a ver o ódio saltar da boca do irmão.

- Você cresceu, Nori.

- Cresci? Não. Não me importo de chorar, Ryoichi. Só choro por quem merece.

Escorpião arregalou os olhos na direção do irmão. O pai merecia lágrimas e elas só não desabariam porque a vergonha de ver um guerreiro derramá-las o inquietaria durante os desafios de sua passagem. Segurou o irmão até erguê-lo diante de seus olhos.

- Chore pelo homem que o criou, desgraçado.

- Não.

- Chore pelo homem que tentou fazer de você um guerreiro de verdade.

- Não.

- Então saiba que eu não pretendo guardar seu corpo e nem lamentarei por seu espírito vagando.

- Que se danem vocês. Não lamentaram por minha mãe nem por minha irmã. Nenhum de vocês dois merece sequer uma lágrima.

- Idiota! Não houve um dia em que meu pai não quisesse chorar por nossa mãe. A morte de nossa irmã quebrou um dos homens mais fortes que conhecia a ponto de eu precisar quase carregá-lo para fora daquele pântano. Ele não chorou porque cada lágrima inquieta os mortos e enfraquece os vivos. Não chorou porque sabia que você o



acompanharia e com isso perderia mais tempo na tristeza do que na luta, seu desgraçado. Meu pai se afundava sozinho em sofrimento porque compartilhá-lo era simplesmente dar o exemplo para que você se afundasse cada vez mais.

Grilo se desvencilhou violentamente. As lágrimas começaram a correr pelas marcas de batalha no rosto.

- Mentira.

- Verdade. Como um pai pode chorar do lado de um filho que só lamenta? Nós temos regras e nosso pai era o líder de uma família. O choro dele arrastaria todos nós para a mesma vala, a da vergonha. Ele aguentava cada dia sem ter velado os cadáveres de minha mãe e de minha irmã. Sabe que sofrimento é esse para o chefe de uma família?

Ele se afastou sozinho. Devia ser difícil demais compreender. Nem Escorpião entendia. Ao se ajoelhar diante dos monges e Hoku Ken para o jantar, o ninja tentava pensar no que precisava dizer para o irmão. Grilo merecia ouvir aquelas palavras. Era fraco demais para a vida dos ninjas e algo precisa o despertar para sua escolha de permanecer entre eles.

A cerimônia de reconciliação fora preparada diante do poço negro em uma pequena área logo depois das escadas. Havia espaço suficiente apenas para que se servissem e conversassem. Nada de movimentos complexos ou danças. Seria apenas a simplicidade de comerem e beberem em conjunto.

Miyoshi Chiyo discursava sobre desculpas e sobre a importância de obedecer aos desejos dos kami. Tocou o chão com a testa várias vezes implorando para que Hoku Ken aceitasse o pedido de paz. O seijin sorria, não mais com aquela arrogância e diversão diante da guerra. Agora era um sorriso humilde de quem aceitava honradamente a derrota do inimigo. A soberba desaparecera dele como a neblina sumia no decorrer do amanhecer. Escorpião bem que queria ter aquela serenidade. Seu coração não se transformava com tanta facilidade de uma luta para uma vitória ou para uma derrota. O ritmo da batalha continuava enquanto ainda via o inimigo vivo. O perdão vinha lentamente.

O seijin quase se afastou surpreso quando a mulher se aproximou chorando e tocou seus pés. Pedia clemência e para que o homem entendesse que ela perdera tudo. Restava apenas a vingança. Ele passou a mão na testa dela e pediu que se levantasse. Chiyo beijou os dedos do seijin e retomou seu lugar no jantar.

- Suzu – chamou Miyoshi.

O nome era desconhecido para Escorpião Negro. Ficou surpreso ao ver Veneno Inescapável se levantando para servir. A mesma admiração estava nos olhos de Shimazu que acompanhou a mulher com um sorriso discreto.

- Suzu, dê-me do chá que serve Hoku Ken.

O seijin e a nobre beberam do mesmo copo. Riram um para o outro e a cerimônia continuou. Os olhos do guerreiro não se desviavam da ninja. A lascívia dele a acompanhava passo a passo. Os olhares continuaram durante as conversas, mesmo quando os assuntos acabaram. Os outros ninjas saíram aos poucos sob liberação de Chiyo e Escorpião Negro foi obrigado a permanecer e ouvir palavras banais serem jogadas ao ar. Próximo a ele, Yoshihiro suportava as frivolidades com ar estoico.

- O senhor a deseja? – perguntou Miyoshi quando o jantar já se estendia. Restavam apenas a nobre, o samurai e Escorpião.

A máscara de paciência de Yoshihiro se desfêz instantaneamente.

- É claro. Meus votos não incluem castidade. Ela o fará por vontade própria?

- Não! – gritou o samurai.

Hoku Ken o encarou curioso. Miyoshi Chiyo o ignorou.

- Se assim eu ordenar.

- Mas será da vontade dela?

- Obviamente não! Ela é uma guerreira, não uma prostituta.

- Ela é uma ninja de um clã que deve servir os Miyoshi. Isso é o que os ninjas fazem, Yoshihiro-san. Não sabia?

- Chiyo-dono, eu suplico. Não imponha esse desafio a ela.

Desafio. Tanto mulheres quanto homens dos clãs eram forçados a se deitarem com homens e mulheres desprezíveis pela simples

vontade dos senhores em suas trocas ou pela necessidade de cumprir uma missão. Escorpião aprendera que não conseguia lidar com esse sentimento e evitava essas missões, assim como tentava não se envolver com mulheres obrigadas a se submeter a isso.

- O samurai defende assim as partes íntimas de toda ninja?

- Não, acho que se afeioou demais a essa. Escorpião Negro, por favor, escolte Yoshihiro-san para seus aposentos. Ele tem se desgastado demais. E peça a Suzu para vir até nós.

O samurai tentou permanecer, mas os ferimentos o tornaram presa fácil para o ninja. Foi arrastado pelas escadas até encontrarem Veneno Inescapável em um dos corredores.

- A senhorita Chiyo requer seus serviços – contou.

- Suzu... – O nome saiu devagar dos lábios do samurai. –

Suzu...

Ela o beijou e seguiu seu caminho.

- Você não precisa fazer isso. Venha comigo.

- Cada um tem seu ofício. O meu não é só matar.

Escorpião viu as lágrimas descendo pelo rosto de Shimazu Yoshihiro. Aquilo era um sofrimento que o ninja evitava dia após dia.

- Assim é a vida dos ninjas, samurai. Se você a ama, aprenda a conviver com isso.

- Não é preciso.

- Sua senhora assim o quer.

O conflito cresceu no rosto dele. As noções de honra e os juramentos deviam estar a ponto de se despedaçarem.

- Acho que vai precisar se decidir, samurai. Amor ou honra.

## Capítulo 42: Shimazu Yoshihiro

Um homem tem muitas razões para odiar. Amar é uma. A injustiça é outra. Servir sem vontade também pode ser uma boa razão. Yoshihiro começava a acumular todas em uma só ao pensar em Chiyo e Veneno. A palavra servir se misturava com escravidão dentro dele e o fazia socar as paredes. Cada movimento irradiava ondas de dor pelo corpo que acalmavam um pouco do coração dolorido e os pensamentos tumultuados.

A paz realmente não queria ser parte do espírito do samurai. A essência dele era apenas lutar. Na guerra ele se equilibrava, mas no restante da vida, sentia que o coração vivia em uma gangorra, em altos e baixos que o dominavam a despeito das tentativas de se concentrar. Faltava paz. Quando ela estava em seus dedos, representada pelo amor, escapava de um mundo de sofrimento.

Era tudo injusto. Não havia necessidade de Veneno Inescapável se deitar com Hoku Ken. O seijin já havia perdoado. A sinceridade no rosto dele era óbvia. Miyoshi Chiyo dera a ordem a Veneno apenas para concluir uma aliança... Ou para mostrar a Yoshihiro que ela era a dona dos serviços que seu corpo e coração deveriam prestar.

O ciúme ao pensar no corpo de Veneno Inescapável sendo tocado era grande demais. Ciúmes. A palavra abria espaço dentro dele e o fazia imaginar como ela se entregava e se lembrar dos melhores momentos juntos. Que espécie de serviço era aquele que ele aceitara e ignorara tantas vezes quando ouvia falar que uma ninja assassinara algum nobre após se tornar sua amante, que um shinobi roubara as informações de uma esposa entediada de um nobre qualquer. Nunca se incomodara. Agora o mundo lhe mostrava a dor que vinha da honra e do serviço aos senhores de Ōkoku. O que ele sentira na corte do imperador não era nada comparado ao que os ninjas eram submetidos dia após dia. Não era de admirar que existiam histórias de clãs fantasmas que se revoltavam e massacravam casas inteiras.

- Traição!

Era a palavra que estava em sua mente ao pensar em Chiyo, no

entanto não viera de dentro dele. O grito ecoara pelos corredores. Yoshihiro pegou a espada e correu com dificuldade até as escadarias. Lá ele assistiu a Hoku Ken cambalear diante de Veneno Inescapável. Os monges apareciam rapidamente e apontavam para o seijin.

- O que aconteceu? – perguntou Vespa Sombria ao lado dele.

- Não sei – respondeu começando a descer as escadas.

- Traição!

Hoku Ken apontava para Veneno e cambaleava. O rosto se enchia de vermelho do sangue que brotava dos poros. O corpo parecia estar se desfazendo. Esticou o braço e tentou puxar ar para gritar mais uma vez. As forças se acabaram e o seijin pendeu para dentro do poço negro, desaparecendo no meio das águas.

- Traição! Ela matou dentro do templo depois da paz! – gritou um dos monges.

Yoshihiro se colocou diante de Veneno. Ninguém a tocaria. Ela ainda estava calada, seminua e tentando pegar uma kunai caída no chão. Não havia sangue na arma.

- Ninguém a toca!

- Yoshihiro... – ela começou a dizer.

- Ninguém vai tocá-la. Venha, vamos embora.

Ela fez que sim e sorriu para ele. Deram as mãos e começaram a caminhar de costas pelas escadas.

- Suzu, você cometeu traição – acusou Chiyo.

- Não!

- Essas não foram minhas ordens!

- Não e a senhora sabe que não.

- Não minta!

- Cale-se, Chiyo! – vociferou Yoshihiro. – Cale-se, pois toda palavra que sai de sua boca se converte em desgraça em nossas vidas. Nós vamos sair daqui.

- Não devem. A morte deve ser paga com morte – afirmou um dos monges.

A comoção se instalava. Mais atrás, Escorpião Negro observava de braços cruzados. Olhou para Yoshihiro e apontou a passagem para

que o casal seguisse. Um dos monges se aproximou e recuou com um corte na bochecha. Outro quase perdeu a mão.

- Ninguém vai tocá-la – repetiu Yoshihiro.

Então a mão dela se afrouxou na dele e quando a olhou de novo, uma espada atravessava o coração de Veneno. Atrás dela, Aço Inescapável começava a retirar a lâmina. Yoshihiro atacou para afastá-lo, abrindo um corte em diagonal por todo o rosto do ninja. Ele saltou para longe, deixando o samurai para segurar a ninja no chão. O sangue dela se espalhava pelas mãos, braços e quimono de Yoshihiro. Ele passou os dedos pelas bochechas dela.

- Suzu.

- É meu nome, meu amor – disse ela, fraca e pálida.

- Suzu – ele repetiu. E o nome, que poderia ter sido liberdade, agora soava como culpa. Nunca tiveram oportunidade de se falarem assim.

- Procure por mim quando partir daqui – ela falou.

Suzu respirou fraca olhando para ele. A força desapareceu dela e sugou o que restava da sanidade de Yoshihiro. Ele se levantou ignorando a dor física. Carregou-a pelos degraus ao distribuir golpes de katana contra quem tentasse o acalmar. Até Chiyo sofreu as consequências ao ser arremessada da escada com um corte no ombro. O único a pará-lo foi Escorpião Negro.

- Eu entendo sua dor, Yoshihiro, mas aqui não é nem a hora nem o lugar. Dê um funeral digno a ela como meu pai teve. Deixe que a alma dela parta em paz e depois lide como quiser com sua vingança.

O ninja tomou a espada das mãos do samurai, deixando-o apenas com o cadáver e o choro. Tratou de afastar todos os monges e até Chiyo. Ela tentou forçar passagem indignada e encontrou apenas a barreira intransponível de Escorpião.

- Yoshihiro, ela descumpriu ordens. Ela não se deitou com ele por amá-lo. Isso quase nos custou a vida. Entenda isso, Yoshihiro-san. Entenda, por favor.

Amor. Era bom ouvir que ela o amava. O difícil era entender como aquele amor os desgraçara tanto. A raiva saltou de Chiyo para ele

mesmo. Causara a morte dela ao pedir que não obedecesse. Passou boa parte da noite ainda abraçando o cadáver frio dela e só então, quando o corpo já enrijecia, que a levou para fora. O dia começava a raiar quando achou uma das muitas piras que ficavam preparadas no templo para receber os funerais das vilas próximas. Colocou-a ali e a beijou.

- Eu a amo e vou vingar sua morte.

Ele vingaria, nem que a vingança fosse contra si mesmo. De algum modo, atingiria a todos que causaram o mal a ela. Aço Inescapável seria um deles.

## Capítulo 43: Grilo Negro

- Onde ele está? – perguntou Grilo Negro já nervoso ao ouvir os gritos vindos do poço de escuridão. Tentou controlar as emoções já que estavam sem máscaras e não queria que a raiva dos últimos dias transparecesse.

- Vamos seguir direto – respondeu Morcego, apontando de olhos fechados pelo corredor.

- Como você sabe? – questionou Vespa Sombria.

- Eu ouço a Escuridão nele. Ela grita como nunca. Vocês têm certeza que vão querer libertar esse estranho?

- São ordens – respondeu Grilo Negro com firmeza.

Miyoshi Chiyo havia se aproximado dele pouco antes do funeral do pai para explicar o real motivo de estarem ali. Precisavam libertar Sombra, um ninja aprisionado pelo templo durante muito tempo devido aos poderes sobre a Escuridão. As mais estranhas lendas diziam até mesmo que ele encontrara a Irmã Morte cara a cara e a convencera que deveria viver para sempre, por isso, agora apenas o mantinham preso.

Grilo questionou-se sobre a tarefa até a discussão com Escorpião Negro. O pai passara tanto tempo sem liberar todo o sofrimento com a morte da esposa e depois não derramara lágrimas pela filha. Tudo para poupar o filho caçula. Tudo por causa de Grilo Negro, o fraco, aquele que nunca progredia, o ninja que só sabia pular e correr. O mais estranho é que ele esperava que saber que Zangão também sofrera o deixaria livre de toda a mágoa e peso que carregara durante aqueles anos. Infelizmente, agora ardia uma raiva gigantesca ao ver que a imagem de fraqueza que o pai tinha dele apenas se concretizava.

Zangão Negro nunca esconderia lágrimas diante de Escorpião e Mariposa. Os dois eram os herdeiros do poder da pequena família, os proeminentes dentro do clã. Só ele era o fracasso. Sempre pensavam que carregava os sentimentos antes das ordens. Isso, de fato, ocorrera com Uesugi Akane, mas a situação era diferente.

Grilo Negro continuava pelos corredores, andando entre as



sombras, só pensando como tudo se confirmava em sua vida. Não importava, sempre havia a noção de que ele seria o menino a ser protegido, o pobre ninja que só se tornara um dos membros da elite por influência dos parentes. Haveria sempre a mesma desconfiança quanto a sua competência.

Agora que não tinha mais amigos entre a elite do clã, com Besouro Azul morto, ele começava a pensar se não era melhor voltar a ser um sukoshi, com quem encontraria companhia e não um julgamento constante. Ser sempre olhado por cima o incomodava dia após dia.

- Estamos próximos – avisou Morcego quando pararam perto de escadas que levavam para o subsolo. Colocou a mão nas orelhas pontudas e peludas. Mordia os lábios e franzia a testa tentando se concentrar. – A Escuridão está tão poderosa que está me chamando. Ele já sabe que estamos aqui.

Vespa Sombria olhou assustada para Grilo Negro. Quando a chamara para participar da missão, os dois discutiram sobre o quanto Morcego era tocado pela Escuridão sob o Mundo. Dava arrepios ver suas deformações e o modo como ele às vezes falava sozinho, debatendo com seus demônios interiores muitas das decisões que pretendia tomar. Era novo demais para ser tão profundamente maculado pelo obscuro. Vespa sugeriu matá-lo logo depois que completassem a missão, mas Grilo Negro disse que não. Afirmou que ainda precisariam dele no Pântano da Família dos Bruxos. A verdade era que era simplesmente contra assassinar o jovem. Se Morcego um dia fosse tomado pela Escuridão, os tengu acabariam o encontrando ou outro clã cuidaria dele. Grilo não sujaria as mãos com o sangue de alguém que estava ali para ajudá-los.

Desceram os degraus silenciosamente. Pouco havia além de escuridão lá embaixo e Morcego precisou guiá-los durante boa parte do caminho. Grilo sentiu que andaram por um corredor até se depararem com uma câmara bem maior. Foi lá, em uma penumbra muito tênue, que foram atacados pelos monges responsáveis por vigiarem a prisão de Sombra.

O primeiro monge tentou um soco direto contra o rosto de Grilo Negro. O punho passou resvalando a bochecha. A concentração voltou depressa. Segurou o braço do oponente com uma mão e o manteve estendido para golpear o cotovelo. Os ossos se partiam e os golpes continuaram. Chute no joelho para abaixar. O soco no rosto para abalar lhe deu tempo para sacar uma kunai e enfiar no pescoço do monge.

Morcego e Vespa finalizaram com a mesma facilidade os outros adversários, mas os deixaram inconscientes. Carregaram os corpos para um canto e os deixaram encostados na parede. Grilo Negro pegou o oponente que derrotara e carregou até um poço de escuridão no meio da câmara. Puxou o cadáver pelos cabelos e abriu ainda mais o ferimento no pescoço para que o sangue vazasse profuso para a água escura.

- A gente não devia matar ninguém aqui dentro. – A voz de Morcego saiu sussurrada ao lado do ouvido de Grilo. O ninja ignorou. Que os kami viessem e o devorassem pessoalmente.

O sangue desapareceu nas águas escuras. Vespa Sombria se debruçou sobre o muro do poço sem conseguir ver coisa alguma.

- Não está acontecendo nada.

- Está sim. A Escuridão está agradecendo – disse Morcego, com a voz trêmula.

Uma mão surgiu no meio das águas. A escuridão escorria dela como óleo. Os dedos se mexeram reestabelecendo forças e sentindo o ambiente ao redor. Aos poucos, o restante do corpo foi surgindo, pálido como a lua e banhado pelo óleo mais obscuro do submundo. Uma cabeça surgiu completamente raspada. Havia tatuagens finamente desenhadas pelo crânio com símbolos de clãs ninjas e de grandes guerreiros. Esfregou o rosto para retirar a água negra que escorria pela face. As sobrancelhas grossas e o queixo largo acrescentavam ferocidade à expressão. Já de pé, ele passou os dedos calmamente pelo rosto, sentindo a barba malfeita e curta, os olhos ainda fechados e as curvas do nariz largo. Era um rosto bruto no qual Grilo Negro não enxergava beleza. Vespa Sombria, no entanto, tinha aquele olhar seduzido com que encarava Escorpião.

- Sombra – chamou Grilo Negro. Morcego recuou alguns passos. Vespa inclinou-se para ver o homem ainda mais de perto. O ninja liberto abriu os olhos mostrando apenas um fundo branco do lado esquerdo e negro do direito.

- Quem me chama? – perguntou com voz profunda.

- Miyoshi Chiyo tramou sua libertação. Venha.

Ele caminhou nu pela água escura. Arrastava devagar as trevas que tentavam puxá-lo inutilmente de volta com tentáculos escuros. Saltou calmamente a murada. Os pés sentiram o chão frio. As pernas tremeram buscando forças até finalmente o equilíbrio as alcançar. Os músculos se retesaram e o ninja gemeu tentando suportar o próprio peso. Os dedos percorreram as coxas massageando para colocar o sangue em circulação.

- Quanto tempo preso?

- Não sei – respondeu Grilo.

- Mal sabemos quem é você. Dizem que você conheceu ao Dragão da Escuridão sob o Mundo – falou Vespa.

Sombra sorriu para ela já apontando para um dos monges desacordados. Ela olhou para o corpo do ninja liberto, vendo as dezenas de tatuagens com nomes de ninjas, samurais, seijin, sohen e guerreiros famosos. Havia nomes de clãs desaparecidos e até de casas de nobres. Sombra voltou a apontar para o monge, o que fez a ninja finalmente andar até o homem e retirar suas roupas.

O ninja se vestiu devagar. Aproveitava para massagear cada músculo para colocar mais uma vez o sangue em circulação. A respiração profunda acompanhava cada movimento novo.

- Foi muito tempo.

- Você conheceu mesmo o Dragão?

- Sim. Matei muito no tempo dele. Muito.

- Agora vai precisar matar em nome de Miyoshi Chiyo – alertou Grilo Negro.

- É justo. Minha liberdade em troca de algumas vidas. Nem parece uma troca. Só devo continuar meu trabalho.

- Você foi aprendiz do Dragão? – Ele ouvira um dia Escorpião e

Zangão cochichando sobre essa possibilidade. Aranha Sombria temia a real identidade de Sombra, mas nenhum deles tinha certeza se havia algum servo ou pupila do Dragão que fora preso ou que sobrevivera ao comando do expurgo emitido contra todos que o serviam.

A pergunta de Grilo era mais que curiosa. Ele enxergava uma oportunidade de vislumbrar um novo poder, talvez um que pudesse o ensinar a ser maior e até a trazer Akane de volta. Os olhos coloridos de Sombra o mediram com a lentidão de uma tartaruga.

- Se você for, deve ser o único com um poder como o de Inferno.

- Inferno ainda vive? – O rosto pétreo libertou uma expressão intrigada por um instante.

- Vive e mata como poucos.

- Vamos reencontrá-lo. O tempo dele acabou. – Estalou a coluna e os ombros. – Quem está nas sombras?

Morcego ficou quieto, cada vez mais distante de Sombra.

- O nome dele é Morcego. É um desgarrado.

- Eu ouço suas trevas, criança. Pobre de você ouvir tantos demônios nessa idade. Tenho certeza que já deve ter sonhado com Omokaine.

O jovem ninja fez que sim com os braços cruzados e cada vez mais curvado.

- Vou ensiná-lo a ignorar os chamados dele e mandá-lo de volta às trevas que ele merece.

Os olhos vazios do ninja mediram Morcego. Branco e negro buscaram cada parte do corpo do garoto.

- Escuridão demais, criança. Escuridão demais. O Dragão diria que você seria um banquete para os kami.

- Não vou ser.

- Espero que não. Que os kami passem fome.

Os pés descalços começaram a levar Sombra para fora da câmara. Grilo o seguiu de perto. Monges morreram aos montes quando apareciam para interceptar o caminho deles. Os cadáveres se acumulavam nos corredores e nas escadas até encontrarem Chiyo na

sala onde enfrentaram Hoku Ken. Escorpião Negro estava junto dela e os monges os cercavam com punhos cerrados. Sombra saltou com a mão estendida para quebrar o pescoço do adversário mais próximo de Chiyo. Jogou o corpo contra os outros oponentes.

- Acabou e vocês sabem disso. Deixem que os kami devorem seus mortos e saiam daqui ainda vivos. Eu tenho um favor a devolver e vocês têm muitas mortes para registrarem.

- Você não pode ir embora. Os kami vão puni-lo.

- Eu os aguardarei. Aprendi amargamente a esperar a vinda dos kami. Assumo diante da Escuridão e das Trevas que sou responsável pelas mortes nesse templo e aguardo a vingança do Céu, da Terra ou do que há sob o mundo. – Estendeu a mão para Chiyo. – Miyoshi Chiyo, descendente dos Miyoshi, a casa que um dia acolheu Omokaine. Ainda governam Kanashimi no Teien?

- Não. Nossas terras foram roubadas pelos malditos Amago.

- Vou ajudar a se libertar deles, assim como a senhora me libertou.

## Capítulo 44: Shimazu Yoshihiro

Yoshihiro não vira o irmão morrer. Não sabia qual fora sua dor ou as palavras nos últimos momentos. Encarara a perda de Tsubasa como a queda de um guerreiro. A dor o perseguiu, entretanto fora mais difícil lidar com as comparações a que se submetia do que com a saudade. Agora sim ele percebia o que era o luto por alguém querido. Aprendera o nome dela apenas poucas horas antes de sua morte; soube ao pronunciá-lo que a desejava mais do que à espada, à guerra e à honra. Todas as palavras que ouvira desde cedo sobre se misturar com alguém inferior a ele na ordem do mundo pareceram inócuas, delírios de um pai louco, de mestres amargurados e de um irmão ensandecido pela guerra.

Suzu se fora e com ela a paz que ele queria encontrar em seus braços. O coração batia inconformado bombeando cada vez mais memórias boas e ruins para a alma. O pouco tempo feliz ao lado dela e a morte rápida eram uma mistura perigosa para a sanidade dele. Já começava a sentir seus votos se enfraquecendo.

O rosto esquentou e o coração bateu como os passos de um gigante quando Chiyo se sentou ao lado dele no acampamento. Já estavam há três dias na estrada e ela passara o tempo tentando conversar com o ninja libertado. Agora estava evidente que estiveram ali apenas para trazer aquele desgraçado para que finalmente conseguissem entrar no Pântano. Suzu morrera por causa disso. Ela se fora por causa do maldito ninja tatuado.

- Ele ainda não falou nada, mas Grilo Negro disse que conversaram bastante quando Sombra saiu do poço.

O primeiro olhar para ela foi de ódio. Esfregou as mãos para conter a vontade de enforcá-la. Estava satisfeito por ser ignorado naqueles dias desde que saíram do templo. Teria até sido bom se ela fizesse o que ele sempre temera, simplesmente renegá-lo ou deixá-lo no ostracismo como já vira acontecer com alguns samurais que caíam em desgraça frente a seu senhor.

- Yoshihiro-san, você ainda me culpa pela morte de Veneno

Inescapável.

- Ela morreu para que a senhorita tivesse seu ninja. Aí está. Qual o motivo de tentar conversar comigo?

- Ela morreu porque tentou ser mais do que uma ninja. Ela só deveria se deitar com Hoku Ken e distraí-lo enquanto os outros libertavam Sombra. Ela o matou por sua causa, Yoshihiro-san. Foi pelo sentimento que tinha por você. Gostaria que entendesse isso e parasse de me odiar pela escolha dela.

- Ela não era uma prostituta.

- Os ninjas se tomam o que seus mestres querem e nunca o vi reclamando por isso antes.

- A partir de agora é parte das minhas reclamações.

- Se nosso clã se refizer, não usarei as mulheres para esse fim.

Era doloroso saber que Suzu o amava e por isso acabara morrendo. Estivera magoado pela certeza no olhar dela ao sair para seguir a vontade de sua mestra. Ao menos isso abrandava seu coração. Ela realmente o amava e morreria para proteger esse amor. Um lado egoísta dele se satisfazia por isso e tentava apagar a dor por não ter feito nada. A sensação de impotência clamava espaço demais dentro dele e continuava nutrindo o ódio por Chiyo. O coração solicitava vingança sem receios. Não via o momento de encontrar Aço Inescapável e torcer o pescoço do ninja.

- Pare de me culpar. Também não culpe Aço Inescapável. Ele fez o que era necessário ou teríamos a fúria completa do templo.

- Ele matou a própria irmã.

- Tsubasa também o mataria se soubesse que nos traiu, Yoshihiro-san.

- Tsubasa era um idiota que se vestia de samurai. Eu nunca teria o matado.

- Aço Inescapável não estará entre nós até que você se acalme. E quero que jure a mim que não fará nada contra ele.

- Tenho juramentos demais para a senhorita. Não farei esse. O ninja ou eu quando chegar a hora. E, se for de sua vontade, renegue-me agora e partirei para procurar serviços de outro senhor.

Chiyo mordeu o canto do lábio. A mão tremeu sobre as pernas no que Yoshihiro supôs que fosse uma vontade contida de o esbofetear. Foi só de pé que ela recuperou as palavras com o dedo apontado para o samurai.

- Você me deve tudo o que é.

- A senhorita e sua família me devem as vitórias que meu irmão e eu conseguimos para manter sua casa de pé. Perdi pais, irmãos e... A conta final tem crédito a favor dos Shimazu e não dos Miyoshi.

- Eu devo minha liberdade à Miyoshi Chiyo.

A voz profunda de Sombra chamou atenção dos dois e de boa parte dos sukoshi e soldados do acampamento. Os ninjas do Enxame de Máscaras se aproximaram para saber o que ocorria.

- Vamos conversar mais reservadamente – convocou o recém-liberto.

O círculo formado estava distante do acampamento. Somente a elite dos ninjas os seguiram. Yoshihiro se encostou a uma árvore, ainda com dificuldades de se manter de pé. Os golpes de Hoku Ken eram difíceis de serem curados e as muitas dúvidas quanto a seus juramentos retiravam parte das forças necessárias para iniciar a regeneração.

- Eu sinto que há inimigos meus ainda vivos. Inferno ainda vive.

- Inferno vive – confirmou Chiyo.

- E vocês querem vencer o atual líder dos Amago e a Família de Bruxos que o serve.

- Sim.

- Kasaioni... Será excelente reencontrar um velho amigo. Invadir o Pântano não é uma tarefa fácil. Nem mesmo o Dragão em sua plenitude conseguia entrar naquele lugar sem ajuda de alguns aparatos. Vamos precisar de um detalhe antes de rumarmos para lá.

Yoshihiro tentava se lembrar das histórias do Dragão. Havia um boato de que ele treinara Kasaioni durante alguns anos em troca de alguns segredos sobre o Pântano e os tengus. Naquela época os Bruxos ainda não tinham acumulado o mesmo poder e seu líder era pouco



mais do que um desgarrado que resolvera que matar seus senhores era a melhor resposta para viver sem a opressão da nobreza.

- Como entraremos lá? Não importa o poder bruto se o Pântano nos colocar perdidos e atrair cada vez mais criaturas contra nós.

- Vocês tentaram, Escorpião Negro?

- Sim. Apenas provamos um pouco do poder do lugar. Kasaioni apareceu depois para nos colocar contra alguns tengu.

- Ele poderia ter deixado o Pântano destruir vocês. Se apareceu, foi apenas para testar alguma coisa. Talvez o poder sobre alguns tengu. Quando ele não os domina completamente, só consegue os controlar dentro do Pântano e por pouco tempo.

- Isso explica muito.

- Só conseguiremos entrar no Pântano se quebrarmos as barreiras espirituais que conectam cada parte. Para encontrá-las, precisaremos do jovem Morcego. Bom que já o temos entre nós. As trevas dele nos indicarão precisamente onde devemos ir para romper essa proteção.

O ninja caminhou até Morcego e o segurou pelo queixo para analisar a face e as orelhas do garoto. Sorriu com dentes brancos e caninos levemente afiados. Dois tapinhas no ombro de Morcego indicaram que estava satisfeito mesmo com o medo estampado no rosto do ninja mais jovem. Yoshihiro via naquela expressão assustada que o garoto não pretendia segui-los. Se não os deixava agora era porque havia um temor maior por ter Sombra o perseguindo.

- O poder necessário para avariar momentaneamente o Pântano não é fácil de ser mantido. Só uma Burêdo consegue canalizar com eficiência esse tipo de energia.

O nome alarmou Yoshihiro. Burêdo estava desaparecido há anos nas terras tomadas pela guerra entre tribos das ilhas. Teriam que viajar até lá e encontrá-lo. Tsubasa tinha uma espada feita pelo mestre ferreiro. A arma era primorosa com a capacidade de acumular a energia dos juramentos do samurai e soltar em ataques terríveis a ponto de partir um homem em dois sem esforço. Uma pena que agora estava perdida nas mãos de Kasaioni ou dos Amago.

- Quem pode dizer que Burêdo, mesmo se o acharmos, vai fazer alguma espada? Dizem que ele saiu daqui para fugir do Dragão e se escondeu mais ainda porque preferia o caos das ilhas do Sul a um lugar em que ainda existisse a presença dele.

- Yoshihiro-sama, vamos encontrar o senhor Burêdo com muita facilidade. É só deixar nosso amigo Morcego ouvir muito bem cada vez que o martelo dele bate na forja. Nessa hora, a Escuridão geme ou sorri, dependendo de quem encomenda a arma.

- Quem disse que ele ainda trabalha?

- Eu ouvia cada martelada enquanto estava no poço. Os kami adoram o talento de Burêdo. Cada chama que tremula na forja é o prenúncio de uma arma que trará apenas mais diversão em seus jogos.

- Então já temos um plano.

- Quase. Precisamos encontrar o clã do Céu de Adagas.

Os ninjas trocaram olhares desanimados.

- O Céu de Adagas não existe mais. Kasaioni destruiu todos depois que conseguiu uma das partes do poder do Dragão – contou Escorpião Negro.

Sombra balançou a cabeça segurando o queixo. Percorreu a barba curta e malfeita com as costas do indicador. O rosto contemplava a lua.

- Então perdemos as esperanças. Uma pena. Precisávamos apenas do sangue de um deles e nem seria preciso matá-lo.

- Trovão Abençoado ainda vive pelo que sei. Podemos tentar encontrá-lo – sugeriu Grilo Negro.

- Nem precisamos tentar. Basta dizermos que estamos com tudo preparado para enfrentar Kasaioni. Ele não deixará escapar a chance de matar aquele que destruiu o clã – comentou Chiyo.

Sombra bateu palmas.

- Está decidido. Primeiro Burêdo, depois Trovão, e então acharemos Kasaioni.

- Depois os Amago – concluiu Chiyo.

E, em algum momento, Aço Inescapável, pensou Yoshihiro.

## Capítulo 45: Verso Triste

A mestra não a culpava. As palavras, amargas ou com ordens mal-educadas, estavam retidas dentro dela havia alguns dias. Depois que levaram os aldeões para um local seguro, voltaram a caminhar pelas florestas e montanhas de Ōkoku evitando as principais estradas e o contato com as pessoas. Uma vez se depararam com um grupo de bandidos que fez ameaças sexuais enquanto as cercavam e acabaram com seus pênis enfeitando as árvores. O restante das caminhadas foi triste e silencioso.

Verso Triste preferia a mestra mal-humorada com as respostas brutas do que a idosa quieta e vencida que seguia à frente dela com os ombros caídos e murmurando improperios. A tristeza dela era contagiante e inabalável. Só no momento em que a Velha mutilava os bandidos, Verso conseguiu enxergar a ira que guardava.

- O que faremos, senhora?

- Estamos quase lá.

Estavam nos mais escuros recantos da floresta, onde nem as almas sussurravam. Só ouviam o som dos animais e o de um riacho próximo.

- A senhora vai continuar calada?

- Vou.

- Por favor, fala comigo sobre o que aconteceu?

Verso já perdera a conta do número de vezes que pedira para conversarem. Diferente de todas as outras, agora não foi ignorada. A idosa parou e se virou para a pupila. O cenho vincou enquanto mexia devagar a boca falando consigo mesma. Verso Triste julgou que ela só podia estar treinando o que dizer. Nunca a vira desabafar.

- Eu perdi dois filhos e um neto naquela cabana. Eu decidi que a vida de dois dos meus filhos era menor do que as cinzas que eu estava carregando.

A garota não tinha o que dizer. Ela nunca teria tomado a mesma decisão. Ōkoku que queimasse em chamas eternas e fosse devorada pelos kami. Pensara muito naqueles dias e nunca teria deixado um

parente morrer por causa de uma missão.

- Eu vejo o julgamento em seus olhos, menina idiota. Eu vejo e não me importo. Meu problema é o julgamento dentro de mim. Matei meus filhos sem usar minhas mãos e, no fim, minha decisão não valeu nada pois você preferiu entregar aquelas cinzas a fugir e manter a missão que eu lhe passei.

- Eu me preocupei com a senhora.

- Eu sou uma velha com os dias contados. Mais dos meus filhos e netos poderão morrer por causa da sua decisão. Você tem uma missão.

- Missão? Qual missão? A senhora nunca me fala nada!

- A missão é impedir que Miyoshi Chiyo piore ainda mais essa guerra. A missão é impedir que Miyoshi Chiyo execute planos que eu trabalhei anos para que não ocorressem.

- E como é isso? Por quê?

Ela não queria impedir Chiyo. Se tivesse oportunidade de vingar seus parentes, com certeza o faria. Achava que a vingança seria doce com o sangue dos inimigos tocando seus lábios mais puramente do que mel fresco e mais inebriante do que o mais puro dos saquês.

- Porque com essa guerra só teremos mais caos!

- A senhora já me disse muitas vezes que o mundo é caos. Os kami adoram orações sobre a ordem, mas amam os pedidos de desespero no meio do caos.

Aquela era a primeira conversa delas que rendia mais do que cinco frases. A pupila finalmente questionava de verdade a mestra.

- As orações e sacrifícios florescem em meio ao desespero e são esquecidas durante a paz e a fartura. A senhora sabe disso. O mundo sempre vai ser caos. A senhora sabe.

- Sempre, menina, sempre. Não é por isso que deixamos de lutar por um mundo melhor.

- E esse mundo se tornou melhor sem seus filhos e seu neto?

Verso viu como a pergunta cortou na alma dela. O arrependimento poderia até vir mais tarde quando encostasse a cabeça procurando um sono tranquilo, mas na hora queria apenas desmentar

todas as vezes em que fora desamparada pelas respostas e seguira cegamente as ordens da mulher que agora caminhava como um zumbi.

- Não... E parte disso é culpa sua, menina. Era só fugir. Muitas vidas seriam poupadas.

- Culpa minha? Queria que eu deixasse a senhora morrer e ainda mais crianças e gente que eu nem conhecia por causa de um monte de cinzas?

- Queria.

- Você é louca!

- Sou sua mestra...

- Uma mestra louca. Uma coisa é demorar a ensinar técnicas secretas, outra é nunca falar por que eu devo seguir suas ordens nessa missão sem lógica! Até agora já assassinamos gente, roubamos cadáveres e ainda nos aliamos a um louco. Aquele Inferno destruiu o próprio clã!

- Um clã que iria nos levar ao caos total, menina. Os planos da Casa de Miyoshi eram insanos.

- Não! Acontece guerra o tempo todo em Ōkoku. Os clãs estão sempre em guerra e ninguém faz nada além de continuar as guerras. Ninguém ajudou meu clã e nunca fizemos nada de ruim.

- Fizeram! Seus pais tentaram usar o poder do Dragão para matar um dos grandes senhores e acabaram mortos por isso.

- Não! Eles queriam evitar um massacre.

- Eles queriam evitar um massacre provocando destruição com outro. Não se usa certas armas, menina. A guerra deve ter limites.

- A tentativa de salvar vidas não. Eu me lembro. Eles queriam salvar os aldeões de Tani Shiro. Eu lembro. Hatano Takanobu queria resolver a disputa entre as vilas fazendo com que todos lutassem entre si até a morte. Só os sobreviventes poderiam continuar cultivando. Crianças, velhos, mulheres, qualquer um tinha que lutar. Havia muita gente morrendo.

- Sim, criança. Havia. E o poder do Dragão salvaria algumas dessas pessoas para depois causar um desequilíbrio tão grande que só atrairia mais guerra. — A Velha coçou a cabeça violentamente,

atrapalhando ainda mais os cabelos já embaraçados. – Hatano Takanobu procuraria o poder do Dragão até o fim. O clã Vermelho dos Pescoços Decepados entrou em guerra com vocês e pouco depois os tengu surgiram. Eles apareceram porque vocês quebraram promessas ao tentarem deter Takanobu usando o poder do Dragão.

Os tengu pouco se importavam com o mundo dos homens. A eles interessava apenas matar quem transgredisse as frágeis regras impostas aos ninjas, entre elas, obedecer a seus senhores. E nunca foi ordem do senhor do clã dos Poemas Sem Esperança matar Hatano Takanobu, muito menos usar o poder do Dragão.

- Meus pais fizeram o que achavam certo.

- E acabaram mortos. E ainda bem que morreram ou hoje teríamos muito mais mortes, menina.

- Você não tem como saber disso.

- Tenho. Vivi tempo demais para não vislumbrar ao menos algumas partes de um futuro mais tenebroso. Eu ouço a Escuridão e sei o que ela deseja de mim. Basta não seguir esse desejo, por mais que pareça bonito.

Hatano Takanobu sempre fora um monstro reconhecido em Ōkoku. Qualquer terra conhecia suas histórias. Qualquer povo agradecia aos kami por não ter nascido sob o julgo daquele daimyo que se banhava em sangue.

- Meus pais morreram porque a ordem do mundo dita que até os sanguinários precisam continuar onde estão.

- É o que temos e eu trabalho para que as pessoas vivam bem a despeito disso.

- Pensei que estivéssemos trabalhando para sermos mais do que isso.

A Velha se aproximou. Nunca se aproximava durante qualquer conversa. Mesmo parada, parecia sempre se distanciar.

- Até eu sei que não se desafia os kami, não sem trazer um sofrimento profundo a Ōkoku, menina. Eu vi isso acontecer. Eu vi quando o Dragão fez isso. Comecei acreditando nele e depois vi que era preciso pará-lo, garota. Ele só trouxe sofrimento, só sofrimento e

destruição como Ōkoku viu poucas vezes.

O poder do Dragão daria oportunidade para que se vingasse. Ela conseguiria matar Hatano Takanobu e até dilacerar os tengu sem medo. As histórias diziam que o Dragão matara tantos tengu que os clãs puderam guerrear livremente entre si naquela época. Só Inferno conseguira algo semelhante.

- Pois se eu tivesse o poder do Dragão, eu mataria Hatano Takanobu e libertaria o povo que sofre nas mãos dele. Depois destruiria os tengu.

- E sem os tengu haveria guerra infinita entre os clãs dos ninjas. Não haveria regras para equilibrar o poder.

- E essas regras adiantam alguma coisa hoje em dia?

- A pergunta da menina é boa, Velha.

Verso Triste respondeu às palavras arremessando dois shurikens. Já estava com a katana nas mãos para atacar quando a Velha a segurou.

- Ele não é nosso inimigo, criança... Ao menos não agora.

Um homem mascarado e de quimono negro estava sentado sobre uma pedra. Atrás dele, outros ninjas se acumulavam nas árvores. Somente um se destacava muito próximo. Usava o cabelo cortado como uma cuia e um dos olhos era completamente vermelho. Ao contrário da maioria dos ninjas que usava as espadas presas à cintura, ele tinha uma katana presa nas costas.

- Esse é Morte Muda, menina – disse a Velha, referindo-se ao ninja de negro ao lado de Trovão. – ... um dos líderes do clã das Preces Não Atendidas.

O clã sem senhor. Eles eram tudo o que Verso Triste queria, um clã que se libertara. Abandonaria a Velha sem pestanejar se tivesse oportunidade de estar entre eles.

- Velha, aqui está Trovão Abençoado.

- O que quer comigo, Velha? – perguntou o jovem. Ele retirou a máscara que tampava a boca e saltou para perto delas. Mirou Verso Triste e sorriu vagamente, um sorriso triste que ela entendeu bem.

- Você deveria ter vindo antes comigo, garoto.

- Morte Muda me acolheu quando eu precisei e seus planos não me interessam.

A Velha e o outro ninja se encararam. Ele balançou os ombros des preocupado.

- O garoto vai com você se quiser, Velha. Não estamos aqui para coagi-lo. O clã das Preces Não Atendidas ajuda os ninjas desamparados, mas não entra nas guerras, principalmente se isso envolve o Dragão.

- Isso não vai impedir que os tengu voltem a atacá-los. Eles acharão essa floresta como eu achei.

- Velha, Miyoshi Chiyo está cada vez mais próxima de usar o poder final do Dragão. Ela libertou a sombra que dormia no Templo do Esquecimento da Dor.

- Pelas trevas de Omokaime! – Virou-se para Verso Triste. – Era disso que eu estava falando, garota. As cinzas deram oportunidade de Miyoshi Chiyo entrar no templo. Ela ofereceu os espíritos dos parentes em troca da sombra do Dragão.

- Ela vai reunir aos poucos as partes do Dragão, Velha. Quando isso acontecer, vai vencer os Amago e haverá tanta guerra que nenhum tengu terá tempo de nos procurar.

- Isso não vai acontecer. Ela não fará isso, Morte Muda. E quando tudo isso acabar, você terá que escolher um lado ou os tengu vão encontrá-lo.

- Ela fará sim. Não torço por ela, mas não reclamo. E mesmo que ela não faça nada disso, agora Inferno está à solta. Nenhum tengu gastará energia nos procurando enquanto o maior criminoso de todos os tempos desde o Dragão está livre. Ele caçou os tengu em nome dos Destinos Inexoráveis, Velha. Ele caçou os tengu. De que vale a morte de um senhor inexpressivo e louco quando um dos ninjas mais poderosos de Ōkoku está à solta, um ninja obcecado pela morte dos tengu. Ele é obcecado, criado para matar tengu. Eles nunca deixarão isso passar.

As esperanças de Verso se foram. Não queria se esconder em uma floresta com aqueles ninjas e deixar o mundo arder em chamas.



Ela queria participar de alguma maneira e, no momento, o único modo era ao lado da Velha. Se continuasse com ela, poderia aprender como tomar as forças do Dragão para si.

- Já chega! Essa conversa só dá voltas! O que vamos fazer?

Trovão Abençoado cruzou os braços na frente das duas. O olho vermelhado brilhou por um segundo.

- Eu não vou com vocês duas.

- Toha, eu conheci seu pai. Eu vi sua criação. Você sabe que pode confiar em mim. Esqueça sua vingança.

- Não, Velha. Você conheceu outro Toha. O Trovão de hoje quem criou foi Kasaioni. Ele me moldou e vai ter que pagar por isso.

- Ao menos me prometa que não vai se aliar a Miyoshi Chiyo.

- Eu soube que ela vai tentar matar Kasaioni. Libertou a sombra do Dragão por isso. Eu já escolhi meu lado.

- Não! – A Velha gritou avançando contra o ninja mais jovem.

Trovão Abençoado a evitou com um salto para trás. Os shurikens da ninja idosa percorreram um caminho curto em busca da vida do garoto. Ele os impediu com a espada e se jogou para cima de um galho. – Garoto idiota. Quase ninguém sabia da sombra do Dragão, mas eu o conheci pessoalmente. Nada de bom pode vir do despertar dele. Eu mesmo cuidei para que o prendessem. Precisamos de você para acabar com essa ameaça de vez.

- Velha, eu não vou com você.

- Toha, você precisa me ouvir! – Virou-se desesperada para o outro ninja. – Morte Muda, pare o menino.

Nenhum ninja do clã das Preces Não Atendidas se moveu. Verso Triste entendia a liberdade que eles davam a Trovão Abençoado, entretanto não compreendia como eles podiam se abster. Era preciso ter uma posição na vida. O mundo precisava dos ninjas para mudarem nas sombras o que ninguém tinha coragem de mudar sob a luz. As Preces Não Atendidas eram um clã temido antes de terem fugido para as sombras. Eles poderiam fazer a diferença na guerra que viria.

Trovão Abençoado sumiu na floresta. Foi embora com seu desejo de vingança. A Velha encarou Verso Triste com um chamado

para a perseguição. Nem passou pela mente da pupila a possibilidade de capturar Trovão. Entendia demais o ódio dentro dele. O pouco tempo junto do garoto quase os tornara almas gêmeas no desejo de vingarem seus clãs.

- Estou com você, Velha, mas agora se quiser uma aliada, será nos meus termos. O seu método de me ensinar não me satisfaz.

Morte Muda riu ironicamente ao fundo. A Velha lançou um olhar azedo para o ninja. Verso Triste o ignorou. Ela queria viver seus planos e só ajudaria a Velha enquanto seus caminhos fossem os mesmos.

## Capítulo 46: Escorpião Negro

A parca resistência que encontraram no porto apenas serviu para que Escorpião Negro começasse a entender um pouco mais da arte de Sombra. Quando os soldados tentaram impedir a entrada do grupo no barco, o ninja matou o primeiro com uma kunai e arrancou-lhe a cabeça usando apenas as mãos. Ainda com a coluna vertebral balançando e o sangue jorrando, ele discursou para os sobreviventes sobre seu futuro macabro. Pouco tempo depois, houve até quem pagasse para que o grupo de Miyoshi Chiyo fosse retirado do porto.

- Como fez aquilo? – perguntou Escorpião Negro, ainda impressionado com a facilidade com que Sombra segurara o soldado pelos cabelos e o decapitara.

- Concentração. Basta deixar que seu corpo faça o que a Escuridão deseja. E ela quer sangue. Nada no mundo vai parar você. Nem os kami, porque, no fundo, eles também querem sangue.

Escorpião tentou não se assustar com a resposta. Era muito poder concentrado em um ataque apenas, força suficiente para separar parte de uma pessoa. E tudo baseado em uma energia que todo ninja tinha desperta dentro de si.

- Você deixa que a Escuridão domine seu corpo?

- Não. Ela apenas flui. Nunca a deixe dominá-lo. Só a deixe fluir.

Acumular todo aquele poder da Escuridão sem ser dominado não parecia possível. Escorpião flertara com a possibilidade de aumentar sua força daquele modo. Em todas sofrera as consequências das trevas. Algumas vezes, terrivelmente. Ainda se lembrava dos pesadelos quando sua mente estava sempre prestes a ser dominada pelas forças mais horripilantes. Ouvia o sussurro de Omakaime o avisando que estava indo longe demais e o crocitar dos tengu prontos para encontrar o próximo ninja que seria dominado pelas forças obscuras.

- Isso é impossível.

- Não é.

- Já tentei e usei em situações de desespero. Meu corpo e minha mente ficaram debilitados por muito tempo. Ainda tenho as marcas.

- Deixe-me ver.

Escorpião mostrou o ombro esquerdo com os veios das trevas marcados debaixo da pele. Sombra passou os dedos pela barba com aquele modo pensativo que se repetia sempre que analisava alguma situação.

- Não foi nada. Os veios de trevas nem eclodiram. Eles estariam em alto relevo se realmente tivesse usado muito do poder.

- Na ocasião eu pensei que minha alma se partiria.

- Pode acontecer. Desgraças acontecem na vida de qualquer um, Escorpião. Mas de que vale a alma se não para arriscá-la pelos motivos que fazem nosso coração bater?

- Vale nossa paz.

- E você encontra paz quando seu coração pede por justiça ou amor e você simplesmente se cala por causa dos medos que colocaram em você enquanto crescia? Vai perder sua honra, vai ser expulso do clã, vai ser solitário, os tengu vão pegá-lo. Tudo isso eles dizem. Tudo para terem paz. A paz que o cala e deixa um bando de ninjas sob a ordem de senhores loucos e servindo de alimentos para entidades insanas que regem nossas vidas.

- O kami não são insanos. Somente não os compreendemos.

- Todos odeiam os kami. É até sensato odiar uma criatura de poder supremo que faz o que quer e pode cometer qualquer ato de selvageria ou sadismo baseado no fato de que não pode ser compreendido. Ah, a velha desculpa dos planos divinos que os mortais não vislumbram.

Escorpião não odiava os kami. Ele temia os kami, como era sensato. Orava e praticava os rituais necessários para afastar a atenção deles quando podiam estar entediados, afinal, ser parte dos planos daquelas criaturas raramente era saudável.

- Dizem que o Dragão odiava os kami.

- O Dragão era sensato nesse ponto. O problema foi deixar que o ódio superasse a sensatez.

- Ele era realmente tão poderoso quanto dizem?

- Ele matou sozinho o saishotengu.

Aquele fora o primeiro dos tengu, o mais poderoso deles, criado pelos kami para liderar os bandos e unificá-los na luta contra os ninjas. Sob a benção dos deuses, ele caçara e matara até submeter os principais clãs de Ōkoku e acabar com as primeiras guerras sombrias, batalhas tão obscuras e sangrentas que quase derrubaram o imperador. Depois disso, sumiu da história. Dizem que seu poder não era mais necessário e ele dormia ou viajava em forma de corvo por outros impérios ou em forma humana por Ōkoku. Quando foi chamado de volta, foi para calar a voz do Dragão.

As lutas entre o saishotengu e o Dragão abalaram a sociedade dos ninjas. O número de mortos se espalhou na época e a revolução que começava a ser criada quase parou. Então o Dragão encontrou o saishotengu sozinho em batalha. Até o momento, diziam que o assassino de ninjas evitava o alvo para primeiro abalar as forças que o apoiavam. Quando foi encontrado, a luta fez tremer as montanhas.

- Eu pensava que era apenas uma lenda para explicar porque os tengu mais poderosos não apareciam mais em momentos como quando Inferno começou a caçada.

- Não é. Se Inferno caçou nesse período, foi porque o saishotengu não estava em atividade.

- Não existe nenhum outro tengu tão poderoso?

- Existem, mas eles não foram criados pelos kami. Soltá-los seria como liberar as trevas no mundo. Talvez Inferno tenha encontrado alguns deles. Talvez não. Com certeza os kami devem ter jogado algo poderoso contra ele. Se não usaram nada maior era porque não contavam que o mal que ele causaria seria no nível do Dragão.

A história de Inferno tinha mistérios demais, muitos que Zangão Negro sempre fora proibido de comentar com Escorpião. Uma vez ele ouvira bem sobre como tinha a possibilidade de se tornar tão forte quanto o ninja dos Destinos Inexoráveis. Aranha Sombria e Zangão Negro discutiram sobre isso até a mãe de Escorpião intervir. Ela negou qualquer possibilidade de submeterem o filho ao mesmo

tipo de treinamento. O talento dele não deveria ser liberado. Desde aquele dia, Escorpião ainda imaginava como poderia lidar com o poder que tinha no sangue, um poder tão grande quanto dos maiores ninjas de Ōkoku.

- Você precisa escolher... Qual seu nome?

- Ryoichi.

- Você precisa escolher, Ryoichi. Você vive sob suas regras ou sob as regras que o mundo impõe. Nesse mundo, são regras de entidades sádicas ou de nobres narcisistas.

- Ninguém pode viver só sob as próprias regras. Sociedade é viver em grupo. Cada um vivendo como bem quiser, é como o caos.

- Isso se as regras forem vis. E se forem, é preciso poder para trazer justiça sobre indivíduos com esse tipo de moral.

- Mas isso é um círculo. Se você impõe suas regras, está simplesmente fazendo o que não queria que fizessem com você, colocá-lo sob regras.

- Rioychi, não conheço nenhuma regra boa que sirva para retirar liberdade de uma pessoa. Se você diz que não se deve assassinar um inocente, você está privando alguém de liberdade? Se você diz que não se deve espancar uma esposa, está privando alguém de liberdade? É o assassino que priva os outros da vida, é o marido violento que priva a esposa da felicidade. São os vis que impõem as regras, os bons apenas vivem suas próprias.

- Você será obrigado a impor suas regras sobre os vis então.

- Eu não. Esse era o desejo do Dragão. Eu não penso mais assim. Penso em viver minhas regras e no momento elas se baseiam em vingança contra aqueles que impõem suas regras.

- Quem seriam?

- Aguarde e verá.

- Qual seu nome?

- Desperte seu poder e eu conto.

Sombra o abandonou sozinho na proa a observar o balanço das águas naquele mar calmo. As nuvens fluíam devagar no céu sem sinal de tempestade. Dentro de Escorpião, as dúvidas se condensavam.

O poder parecia cada vez mais ao alcance dele, a ponto de tocá-lo dentro das trevas que carregava consigo. Fechava os olhos e ouvia os sussurros tentando explicar como aumentar ainda mais suas habilidades. Junto deles, os avisos de Omokaime vinham sobre o perigo dos mistérios. A luz de Amaterasu parecia distante demais quando fechava os olhos e deixava as vozes baixas e cortantes falarem com sua alma. Quase as sentia táteis como o vento passando pela mente.

Saiu da proa para ver como os outros estavam. Nori continuava conversando com Morcego. Os dois se aproximavam a cada dia de viagem. Eram almas desgarradas. Mesmo que estivesse dentro de um clã, Grilo Negro não se encaixava. Essa inabilidade dele em criar laços com os ninjas da elite ou de formar uma amizade com alguém além de Besouro Azul sempre preocupava Zangão Negro. Noite após noite ele perguntava aos sukoshi e aos outros erito como o filho estava se saindo e se decepcionava ao saber que ele ainda não se encaixava. Era natural, portanto, que agora Nori encontrasse um amigo em Morcego, um desgarrado de quem ninguém queria se aproximar.

Grilo Negro talvez nunca tivesse poder suficiente para viver sozinho como parecia ser seu destino. Doía saber que o pai morrera com essa preocupação. Escorpião Negro não sabia como o ensinar. Faltava talento, faltava vontade. Se por um lado ele não tinha a violência e a ira necessárias para focar as trevas para o ataque, irmão caçula também não tinha a paz para manipular a Escuridão de maneira eficiente.

Vespa Sombria se aproximou para oferecer um pouco de arroz. Os dois dividiram a comida falando sobre amenidades por algum tempo.

- Acho que seu irmão finalmente encontrou um amigo.
  - Já era hora. Depois precisaremos encontrar uma esposa.
  - Então encontre uma parecida com Akane, seja na aparência ou na paciência para aguentar seu irmão.
  - Saki, por favor, não fale assim dele.
- Ela fez cara de nojo.

- Estou falando sério.

- Tudo bem, Ryoichi. Você não costumava se importar tanto.

- Talvez seja hora das coisas mudarem. Ser duro e falar desse modo com ele não ajudou até hoje e só fez meu pai morrer com arrependimentos.

- Acho que você está mudando.

Ele sabia que estava e deixava que as mudanças ocorressem. Ser como era não era mais a melhor resposta para cumprir nenhuma de suas responsabilidades. O poder não estava em ser inflexível e resistente como um muro. Ele precisava ser como o aço, cortante e maleável na medida certa. O mundo seria sua forja.



## Capítulo 47: Grilo Negro

- Tem alguma coisa muito ruim dentro dele.

O comentário de Morcego deixou Grilo Negro ainda mais nervoso quanto a Sombra. Bastava o ninja passar perto deles para que os dois se encolhessem e fingirem não havia mais ninguém ali. Para o desgarrado, aquilo não parecia ser tão fácil. Seus ouvidos se mexiam e procuravam instintivamente o homem que ajudaram a libertar.

- Você consegue ouvir ainda a Escuridão dentro dele?

- Parece até um portal para o que tem debaixo do mundo. Às vezes parece que nem sussurra, ela grita.

- Como ele não foi dominado então?

Morcego coçou as orelhas. Os dedos massagearam as pontas cuidadosamente.

- Não sei. Queria saber. Ia me ajudar a dormir de noite.

Grilo escutava as trevas dentro de si, mas nunca foram tão fortes como ouvia outros ninjas contarem, muito menos da maneira como Morcego falava. O sofrimento ao lidar com os sussurros era muito nítido no rosto do desgarrado. Mais novo que Grilo, ele desenvolvera seus poderes e sua intimidade com a Escuridão muito mais rapidamente.

- Estamos quase chegando – falou o desgarrado, desviando o assunto. Morcego não parecia muito à vontade para contar sobre sua história e o que sentia.

- Quase... Tem alguma coisa lá.

- Deve ter mesmo. A ilha é só sofrimento, Morcego.

- Tem mais. Tem alguma coisa esperando.

O navio estava cada vez mais próximo, quase a ponto de parar no pequeno porto. Morcego apontava para o cais e tremia.

- Eles estão aqui.

- Quem?

- Tengu.

O crocitar tomou o convés quando as cordas começavam a ser lançadas pelos marinheiros para atracarem o navio. Os tengu saltaram

das águas e de outras embarcações próximas, invadindo o convés para a batalha. Em um instante, dez kotengu os cercavam. Na proa, apareceu um ninja com um hitatare negro com listras amarelas. Junto dele, dois daitengu de olhos flamejantes. Cada tinha um olho negro e o outro de outra cor. O de olho esverdeado portava dois sai, um deles amarrado a um braço que terminava sem mão, e tinha formas femininas, enquanto o de porte masculino e olho azulado brandia duas kama.

Os ninjas se reuniram em círculo no meio do convés com Chiyo no meio. Shimazu Yoshihiro gritou ordens para cercarem sua senhora e colocou Vespa Sombria e Grilo Negro com o encargo de cuidarem da retaguarda quando os tengu viessem.

- Karasu... – falou Sombra. – E o que os daitengu fazem aqui que não estão em suas montanhas?

- Há um bom tempo eles debandaram das montanhas, principalmente depois que Inferno os caçou. Hoje outros espíritos tomaram seus lugares – explicou Escorpião Negro.

- Até Sōjōbō?

- Dele não sabemos, mas muitos daitengu como os Cinco Olhos da Morte hoje servem Kasaioni.

- Esses daitengu são apenas karasu que comeram mingau demais.

Lá da proa, o ninja de preto e amarelo apontou para Sombra.

- A Sombra do Dragão. Fiquei curioso em vê-lo. Meu mestre quer seu sangue.

- Suponho que esteja falando de Kasaioni. E quem foi o fedelho que ele mandou?

- Ele não mandou. Vim por conta própria para levar um presente para meu senhor.

- Esse é Raio do Submundo, servo direto de Kasaioni. Ele tem o poder dos Bruxos também. Correm os boatos que pretende se casar com Fogo Amaldiçoado.

- Ume? A menina cresceu então? Estaria tão bonita quanto a mãe?

Raio do Submundo não queria mais conversa. Seus tengu começaram os ataques contra o grupo de imediato. Grilo Negro agradeceu por não terem trazido os sukoshi e os soldados dos Uesugi. Seria um massacre completo com a presença deles.

As trevas estavam fortes demais sobre o navio com tantos tengu e ninjas poderosos. Os sussurros dentro dele aumentaram com uma ânsia por sangue e morte, fosse a dele mesmo ou a dos outros. Fez uma oração para Amaretasu para que ela os iluminasse naquela batalha. Pediu a Izanami que os esquecesse um pouco e fechasse os portões do Inferno para suas almas e as abrisse para Raio do Submundo. Não sabia o que acontecia com os tengu depois que perdiam suas formas materiais, mas que os kami os levassem logo para si.

A batalha foi feroz. Logo na primeira onda de ataques, Morcego foi profundamente ferido e jogado sobre os pés de Chiyo. Grilo Negro mal conseguiu se preocupar com o novo amigo. Já estava cortado e surrado quando os tengu recuaram para preparar a nova investida. Haviām abatido um dos ninjas, ferido Grilo e feito Shimazu Yoshihiro gastar inutilmente sua energia tentando acertá-los. Se pararam os golpes foi porque Sombra estava com um dos tengu na mão e outro sob os pés. Segurava o espírito pelo bico enquanto quebrava o pescoço no outro. A vítima desapareceu no chão ao se tornar um bando de pequenos caranguejos e besouros.

Sombra andou pelo convés rumo à proa. O kotengu se debatia violentamente arranhando o braço do ninja. Seus irmãos crocitavam em volta ameaçando um ataque.

- É isso?

A pergunta foi seguida por um estalar agonizante. O kotengu crocitou em dor com o bico despedaçado. O espírito rolava pelo chão quando uma pisada dura quebrou seu pescoço.

Raio do Submundo respondeu ao desafio com uma nova onda de ataques. Os daitengu a seu lado transformaram-se em vento. O pequeno furacão que se formou jogou marinheiros amedrontados na água e partiu os ossos daqueles infelizes que permaneceram no convés. Água, madeira, barris e pedaços de metal voaram sem direção definida.

enquanto Sombra lutava contra o vento. Suas roupas eram dilaceradas e cortes apareciam na pele, vazando pequenos filetes de sangue. No meio da confusão, a proa brilhou. De lá voaram shuriken iluminados que afundaram nos peitos de Sombra. O ninja rodopiou pelo chão do convés até cair aos pés de Escorpião.

Nesse momento, Grilo já estava junto de Morcego com Vespa Sombria tratando de usar suas forças para que os kotengu não os finalizassem. O cerco se fechava cada vez mais e os tengu haviam perdido apenas aqueles dois mortos por Sombra.

Raio não perdeu tempo. Saltou com a su yari apontada para Sombra. Grilo Negro lamentou a possibilidade de perderem o único que poderia retirá-los daquela situação. Arremessou uma kunai e a viu se fincar no ombro do ninja, mas ele continuou como um relâmpago para se abater sobre Sombra. Escorpião Negro tratou de desviar o ataque, saltando contra o oponente com a kusarigama girando. A corrente se embaralhou na su yari do Bruxo e foi puxada violentamente, desviando a trajetória do ninja. Quando os pés dos dois tocaram o convés de novo, Escorpião mantinha os elos de aço retesados e a arma de Raio apontando para si.

- Somos nós dois.
- Você não é páreo para mim, inseto.
- Deixe o convés julgar isso, quando estiver manchado com o primeiro a tombar em batalha.

Raio tentou avançar para cima de Escorpião, mas Grilo, mesmo muito ferido, girou no chão e chutou as pernas do inimigo. Enquanto caía, o Bruxo viu a su yari ser arrancada de suas mãos. Mal bateu no convés, o ninja iniciou o movimento para se colocar de pé, mas Sombra o socou com força e o jogou contra o parapeito do navio.

O sangue escorria pelas roupas de Sombra. Ele se levantou devagar com as mãos no peito. Junto dele, Shimazu Yoshihiro girava a katana como um tufão para manter os tengu afastados. Nem os daitengu conseguiram abrir caminho na defesa do samurai.

- Eles estão acabando conosco – constatou o samurai.
- Assim é uma luta boa.

- Não acha que é hora de mostrar o que aprendeu com o Dragão?

- Talvez seja uma boa hora.

O daitengu de olho esverdeado apareceu girando os sai. As lâminas raspavam pelo peito e pelos braços de Sombra, arrancando o restante das roupas que cobriam o torso e ainda mais sangue. Os veios de trevas ficaram aparentes nele, tomando vida à medida que captava energia da Escuridão para se defender dos ataques do daitengu. O problema era que não importando o quanto chamava das trevas, o ninja continuava recuando. O espírito era rápido demais, um tornando furioso cujo olho esverdeado brilhava como esmeralda enquanto se movia no meio da ventania.

Yoshihiro precisou intervir para dar alguma chance a Sombra. Baixou a espada para preparar um arco longo e permitiu que o daitengu de olho azulado o atingisse com a kama no ombro. O samurai se jogou contra Azul e, embolados, humano e tengu passaram diante de Verde. Os dois giravam e o bico do espírito afundava no peito de Yoshihiro. Os juramentos calavam a dor e liberavam o pensamento para um único movimento. Esticou o braço e a katana terminou o arco contra o braço de Verde. O fio da lâmina tocou as penas negras e seguiu para romper os estranhos músculos que formavam o braço do tengu.

O breve instante em que o membro do tengu caía foi preenchido pelas trevas. Sombra segurou o braço ainda bom de Verde com a mão esquerda. A mão livre desenhou símbolos que deixavam rastros escuros no ar enquanto o braço girava. A luz do mundo desapareceu naqueles segundos em que os dedos de Sombra percorreram o caminho até se afundarem no peito do tengu. Dentro da carne, sujos de um sangue fantasmagórico, fecharam-se sobre o coração da criatura para difundir a energia das trevas com tanta violência que a pele e as penas do espírito foram tomadas por chamas escuras.

- Ele destruiu o tengu. – Grilo negro estava boquiaberto com o poder. O corpo do tengu se desfez em pequenas chamas que pareciam um bando de vermes queimando.

Os movimentos de Sombra seguiram para atingir o bico de Azul com um chute preciso. A outra perna seguiu ainda no ar e conectou-se com a cabeça do inimigo. O tengu voou pelo convés até se chocar com barris acumulados no canto.

- Juntem-se a mim.

O grupo se aproximou do aprendiz do Dragão. Yoshihiro se apoiava em Chiyo e Escorpião Negro saltou para perto deles levando a su yari de Raio do Submundo.

- Hora de caminhar pelas trevas.

O mundo escureceu. Grilo Negro viu as formas desaparecendo. Os sons ficaram cada vez mais distantes. Parecia que de repente, o mundo todo sumiria. Quando algo o segurou pela perna, o ninja tentou lutar para evitar, mas já era tarde. Foi retirado das trevas e viu os amigos desaparecerem. Diante dele, Raio do Submundo cruzou os braços com Azul ao lado. Os kotengu crocitavam animados com a possibilidade de experimentar a carne do ninja.

- Ainda não. Eles virão atrás desse aqui. Tenho certeza.

## Capítulo 48: Shimazu Yoshihiro

As trevas sugaram o calor do sangue de Yoshihiro. O corpo tremia e condensava a respiração quando a luz voltou aos olhos. As feridas causadas por Azul não sangravam mais. Tinham apenas crostas negras acumuladas, sem energia, sem vida. Dentro dele, o sangue corria devagar. Os dedos em volta do cabo da espada estavam pálidos como a lua. A mão gelada não respondia aos comandos do samurai.

O ar entrava cortante nos pulmões. Cada inspiração era um esforço para coordenar o corpo para puxar o fôlego sem travar diante da dor que rompia as vias aéreas. Aos poucos o coração bombeava com força as energias. Em volta dele, os ninjas começavam a se recuperar sem a dificuldade do samurai. Chiyo estava encostada a uma pedra e com as mãos no peito.

- Nori! Eles pegaram Nori! – alertou Escorpião Negro.

- Grilo Negro? – perguntou Yoshihiro quando conseguiu finalmente ficar de pé e controlar o corpo.

- Sim. Eles pegaram meu irmão. Temos que voltar.

- Não vamos voltar. Ele é um ninja e sabe seu valor na missão.

Precisamos continuar – ordenou Chiyo, ereta e apontando na direção onde o ferreiro deveria estar.

Escorpião Negro e Vespa Sombria se entreolharam. Ela balançou a cabeça triste. Ele cruzou os braços.

- Perdi um pai e uma irmã por sua guerra, Miyoshi Chiyo. Não pretendo perder meu irmão.

- Os tengu já devem ter devorado toda a carne dele e já estarão consumindo as trevas de seus ossos.

- Então vamos recuperar os ossos dele e enterrá-lo – falou Yoshihiro. – Vamos nos recuperar e voltaremos. Voltar agora será simplesmente morrer junto dele.

- Raio do Submundo vai se recuperar também. Ele nos esperará. Vamos forjar as espadas que precisamos e então iremos. Sem poder, vamos resgatar Grilo e perder mais alguém dos nossos – sugeriu Sombra.

O grupo concordou, exceto Chiyo que cruzou os braços amuada ainda distante dos outros. Yoshihiro se aproximou dela. Com a mão pousada no ombro da senhora, invocou seus juramentos para recuperar o corpo ferido.

- A senhorita sabe que o correto é salvar Grilo Negro. O Enxame de Máscaras já perdeu muito dos seus em nossa busca.

- Essa também é uma busca deles.

- Não é. Nós os envolvemos nisso.

- Não salvar Grilo Negro apenas diminuirá o empenho do Enxame de Máscaras – completou Sombra junto deles. – Precisamos de poder, Chiyo.

Ela balançou a cabeça concordando.

- Com as espadas será fácil então.

- Fácil não. Principalmente se Raio do Submundo usar algum poder do Dragão que Kasaioni tenha concedido. – Sombra falava enquanto olhava para os veios de trevas surgidos nos braços.

- Talvez possamos deixar as coisas mais equilibradas. Venha comigo – chamou Miyoshi.

Yoshihiro assistiu os dois se afastarem. Chiyo retirou algo da sacola que sempre trazia a tiracolo desde que saíra com Aço Inescapável para encontrar a Velha e sua aprendiz. Retirou um pano ensanguentado de lá de dentro. O que quer que fosse que estivesse ali embaixo pulsava devagar. Sombra pegou com cuidado, um sorriso maquiavélico já aberto no rosto.

- Como conseguiu isso?

- Estava guardado dentro do corpo da filha do líder do clã dos Destinos Inexoráveis.

- Guardaram bem.

- Sim.

Retirou o pano como quem desembulha um presente há muito esperado. Um coração pulsava em suas mãos e soltava resquícios de sangue. O sorriso cresceu até virar uma gargalhada. Jogou-se de joelhos no chão ainda rindo. Abocanhou o órgão para arrancar pedaços grandes que sujavam o rosto alvo de sangue.



- Não deixa ele fazer isso – alertou Morcego, já do lado de Yoshihiro.

- Por quê?

- É parte do Dragão. Posso ouvir a Escuridão avisando. Omokaime sabe que isso está acontecendo. Ele não vai gostar.

- Nenhum kami deve gostar de ver o poder do Dragão voltar.

- Nem a gente devia.

Sombra consumiu todo o coração. Coberto de sangue, ele se levantou com pose triunfante. Ergueu as palmas das mãos e gargalhou. O olho branco começou a brilhar aos poucos até eclodir em chamas alvas que trepidavam calmamente dentro da órbita.

- O poder do Dragão...

Um arrepio percorreu os braços de Yoshihiro. Os cabelos da nuca se eriçaram. Havia tanta Escuridão ali que até ele, um samurai, podia ouvir os sussurros tenebrosos. O mundo em volta cochichava com medo. As árvores balançavam amedrontadas. Pássaros voaram para longe.

- Vamos preparar logo essas espadas.

Yoshihiro passou o restante da viagem pensando como poderiam controlar alguém com tanto poder. Quando Sombra quisesse se voltar contra eles, ninguém estaria pronto para pará-lo. Os Miyoshi não tinham nenhum ninja ou samurai poderoso suficiente para isso. Ele estava ferido demais e, desde a morte de Suzu, não tinha mais tanta certeza de seus juramentos. Talvez Inferno fosse a esperança caso Sombra saísse do controle.

A única surpresa da viagem foi encontrar um bando de ronin perdidos no meio da estrada. Vestiam restos de armaduras quando interceptaram o grupo e ameaçaram tomar o pouco que carregavam consigo.

- Sigam. Eu quero conversar com esses senhores – anunciou Sombra.

Eles passaram sob os olhares curiosos dos ronin. Um deles tentou avançar contra Escorpião Negro e os três ninjas restantes do grupo fizeram chover aço sobre ele. Coberto de shuriken, o homem

caiu devagar entre gemidos e imprecações. O grupo continuou a caminhada calmamente.

Yoshihiro conhecia a força dos ronin. A liberdade deles permitia usar novos poderes pouco acessíveis aos samurais, porém raramente conseguiam a força bruta ou o poder defensivo que os juramentos permitiam. Aqueles que ainda mantinham a honra ainda podiam ser páreo para os maiores guerreiros juramentados, mas quando se resumiam a bandidos eram pouco mais do que desgraçados com espadas quando encontravam ninjas de elite ou samurais com treinamento adequado. Ao ouvir os gritos e pedidos de ajuda deles, não ficou nem um pouco surpreso.

Sombra os alcançou com a informação de que estavam já próximos da casa de Burêdo. Cobriu-se com um capuz quando apontou a residência do mestre ferreiro. Um filete de fumaça calmo saía do casebre, dando a impressão de um ambiente familiar e receptivo. Aproximaram-se sob os latidos de um cachorro estropiado. Pararam calados diante da porta e anunciaram a chegada batendo palmas. O homem que apareceu tinha cicatrizes de queimadura no pescoço e no rosto. Os ombros eram largos e os músculos dos braços mostravam que o trabalho como ferreiro ainda continuava.

- Burêdo Ichiro? – perguntou Chiyo.
- Quem procura?
- Miyoshi Chiyo, última da casa Miyoshi.
- Por que procura?
- Por vingança.
- Sabe o que procura?
- A destruição.

- É sincera, Miyoshi Chiyo. Minhas obras já destruíram demais. Nunca fizeram mais do que isso e essa é a maldição que os kami me impuseram. Se quiser parte da minha maldição, só poderá usá-la nessas terras, pois aqui, o aço que preparo será apenas parte do caos, não o elemento que o gera.

- Preciso levá-la para minhas terras onde vou reaver a honra de minha família, Ichiro-sama.

- Então não posso ajudá-la. Minhas mãos não podem parar de fazer desgraça, mas não vou jogar essa desgraça sobre inocentes. Os kami já se divertem o suficiente por aqui.

Os kami tinham seus planos e pareciam os piores para aquele homem. O arrependimento era nítido demais no rosto dele.

- Eu suplico, Ichiro-sama. O senhor é nossa esperança nessa guerra. Ōkoku está em caos e seu aço só ajudará a organizar as coisas.

- Nunca ajudou, menina.

- Dessa vez vai. Ichiro, cumpra sua missão agora – exigiu Sombra ao retirar o capuz.

Burêdo tropeçou no cachorro para cair no meio de baldes cheios de água. Debateu-se atrapalhado na lama formada enquanto o animal o lambia preocupado.

- Você... O senhor... Como?

- É o momento, Ichiro. Não deixe o momento passar. Precisamos das espadas.

- Hachiman vai odiar isso.

- Vai.

Sombra ofereceu a mão para Burêdo. O ferreiro se levantou com um sorriso no rosto. O abraço caloroso dos homens alertou Yoshihiro para uma história mal contada que envolvia ódio pelos kami, um ódio tão pessoal que fez a culpa no rosto do ferreiro escorrer mais rapidamente do que rio durante tempestade.

- Yoshihiro, entregue Morte Precipitada a ele. Ichiro vai retirar a mancha que essa espada carrega.

Burêdo entrou para a casa seguido pelo cachorro e voltou com seis pequenos potes e uma adaga. Parou primeiro diante de Sombra. O ninja estendeu o braço para deixar a lâmina romper a pele devagar. O sangue desceu para pote. Enquanto escorria, o ferreiro jogou raspas de metal e carvão. Misturou tudo com a faca.

- Quem quiser a espada deve dar o próprio sangue, pois cada uma de minhas armas tem a marca de quem quer espalhar a destruição. Vocês assumirão a responsabilidade pelo restante da existência de suas almas.

Um a um eles assentiram, exceto Morcego. O jovem se recolheu distante da casa.

- Isso vai desafiar os kami. Eles sabem...

Ninguém deu atenção, exceto Yoshihiro. Mesmo assim, o samurai seguiu as ordens de Chiyo. Retiraria a mácula de Morte Precipitada e a utilizaria em batalha. Depois destruiria a espada.

## Capítulo 49: Grilo Negro

A noite acabara de chegar sorrateira. Era o domínio dos mekai no kami começando. Corujas e outros predadores noturnos iniciavam a preparação para a caça. A Escuridão perdia a timidez dos sussurros que se acumulavam mais fortes a cada hora estendida sem a luz do sol. As almas gritavam mais desesperadas, pois nessa hora, também seriam caçadas. Amarrado a uma árvore, Grilo Negro escutava de olhos fechados o fim da luz e início das trevas. Evitava o crocitar dos tengus que se aproximavam dele quase salivando para comer da carne do ninja e crescerem em poder. Quanto mais poderoso o indivíduo, mais força adquiriam. Grilo não era muita coisa, mas ainda significava a chance de subirem na hierarquia, talvez até de adquirirem força suficiente para se livrarem da dominação da Kasaioni.

- Abra os olhos, inseto.

Grilo Negro seguiu a ordem de Raio do Submundo. O Bruxo estava parado diante dele com uma kunai na mão. Passou a ponta da lâmina no pescoço do prisioneiro para criar uma pequena trilha de sangue. Os kotengu agitaram-se a ponto de soltarem penas negras no ar.

- Eu me lembro de você ainda no castelo dos Miyoshi. Se não fosse a Velha e aquela aprendiz desgraçada, teríamos acabado com você.

- Teria.

- Agora vamos aguardar. Seus amigos voltarão para resgatá-lo.

- Não vão.

- Como pode ter certeza?

Ele sabia. Não havia motivo para resgatarem um ninja caído em batalha quando tinham uma missão mais importante. Na volta para o Ninho, poderiam solicitar a ajuda de outro membro da elite, um mais eficiente.

- Eu não tenho amigos.

Só tinha Besouro Azul e Akane. Um estava morto, a outra exilada em um território perdido onde ninguém mais entrava, tudo porque ele achou que a liberdade de escolha dela era mais importante

do que as ordens do daimyo Uesugi Daiki. Agora ele estava ali, pronto para se juntar a um amigo e sem ter oportunidade de se encontrar com a outra. Na verdade, era bem provável que ele se encontraria com Akane em breve, se ela já não houvesse morrido na missão humanitária que se impusera.

- Não tem amigos nem confiança em si mesmo. Mesmo assim os tengu querem devorá-lo. Eles devem enxergar algo a mais que eu ainda não vi e nem mesmo seus parentes ou irmãos de clã.

Grilo disse para si mesmo que precisava dar outro rumo na vida. Parecia que fora uma mera sombra de todos os outros que se sacrificaram durante a viagem. Até Veneno Inescapável morrera quando foram libertar o aprendiz do Dragão e tudo o que ele fizera fora matar alguns monges. Precisava dar algum propósito ao que restava dos momentos em que respirava o ar violento de Ōkoku.

- Ouvi falar que você pretende se casar com Fogo Amaldiçoado.

- Não pretendo. Eu vou. Basta acabar com os planos de vocês.

- Kasaioni nunca vai permitir. Minha mãe sempre falava que a filha do Senhor dos Bruxos era o maior tesouro dele e, se um dia a família deixou de ser um clã, foi para ele garantir que ela nunca cairia nas mãos de mais ninguém.

- Kasaioni deixou de ser parte de qualquer clã por causa dos planos do Dragão. Sua mãe sabia pouco.

- Minha mãe sabia muito. Sabia bastante sobre o Dragão da Escuridão sob o Mundo. Ela esteve com ele.

- Vai inventar que você é filho bastardo do Dragão? – caçou Raio do Submundo.

Grilo parou de falar. Fechou os olhos para ouvir os sussurros.

“Consegue correr se eu te libertar?”, um sussurro cortante perguntou. Poderia ser um demônio procurando um pacto. Poderia ser a Escuridão dentro dele querendo trocar parte de sua alma. Pesou as possibilidades e decidiu que não se importava. Sairia vivo dali. Respondeu que sim e esperou que o milagre viesse das trevas.

Dezenas de kunai voaram brilhantes para atingir os tengu. Nenhuma chegou a matá-los, mas os raios que cruzaram entre elas

atingiram boa parte dos espíritos e até mesmo Raio do Submundo sentiu a eletricidade passar pelo corpo. Uma adaga partiu as amarras de Grilo. O ninja apoiou os pés na árvore e saltou impulsionado pelas trevas para já cair longe.

- Peguem-no!

A Escuridão não cobrara nada. Aquilo só poderia ser obra de algum demônio. Ainda se questionando, Grilo saltou entre as árvores. Os tengu o seguiram sob um barulho intenso de penas e crocitos nervosos. Eles o alcançariam. Ele era apenas um e todas as habilidades dos tengu eram criadas para capturá-lo e devorarem sua carne. Já haviam sentido seu sangue. Não parariam por nada. Estavam próximos quando o caminho foi interrompido por mais raios. A noite foi iluminada por tempo suficiente para gritos dolorosos e nervosos se espalharem.

Um garoto apareceu do lado dele. Não estava usando máscara, apenas exibindo um olho completamente vermelho e outro normal. O cabelo parecia cortado com os moldes de uma cuia.

- Trovão Abençoado.

- Grilo Negro.

- Eu sei. Onde estão os outros?

- Não sei.

- Que porcaria.

A dupla continuou saltando de árvore em árvore na tentativa de escapar. Grilo até pensou em abandonar o garoto e continuar sozinho. Era muito mais rápido do que ele e havia lógica em deixar para trás um menino e continuar com sua vida. Lógica... Uma lógica que não batia em nada com o que sentia. Reduziu a velocidade já ouvindo os tengu começando a cercá-los.

- Eles não param!

Trovão mal acabou de falar e um shuriken passou de raspão sobre seu ombro. Grilo Negro o fez parar e os dois ficaram sobre uma árvore enquanto os tengu começavam a cercá-los.

- Eles são muitos. Pensei que os raios fossem pará-los.

- Muito difícil paralisar um tengu, Trovão. Conhece só essa

técnica?

- Não. Minha habilidade é outra. – Retirou vários shuriken em formato de estrela da roupa. Passou-os rapidamente pela mão para banhá-los no próprio sangue. Arremessou-os sem rumo. Grilo negro os viu fazerem curvas entre as árvores até atingirem os tengu. Um dos espíritos foi atingido no olho e crocitou violentamente, precipitando uma onda de ataques. As defesas dos dois os salvaram por muito pouco. Saltaram entre os galhos tentando não se separar e não conseguiram contra-atacar uma vez sequer.

Raio do Submundo parou em uma árvore próxima a deles. A ninja-tô negra mirou o coração de Trovão.

- Tudo está ficando muito mais fácil. Você vai morrer e seu coração vai para o Pântano. Não se preocupe, menino. Colocarei seu crânio junto com a pilha que fizemos com os de seus parentes.

- Você é um desgraçado, Yoshiro! Um traidor desgraçado! Um assassino de crianças! Eu já sei seu nome. Morte Muda falou que você foi um dos nossos, seu bosta de oni.

- Assassino de futuros assassinos, Toha. Não sejamos inocentes. Em nosso mundo de sombras, não existe inocência. Toda criança é um futuro assassino. Nenhuma delas teria outro intento que não fosse vingar os pais. O que fizemos foi simplesmente acabar com um problema antes que ele se agravasse.

- Eu nunca mataria crianças!

- E por isso o clã do Céu de Adagas acabou. E vou matá-lo antes que você aprenda o que é um ninja, menino. Se um dia aprender que a inocência é somente um privilégio das pessoas que vivem na luz, você será um problema para nós.

- Eu vou acabar com você.

- Toha, sua situação ainda é pior agora. Sua morte não é só trabalho, é um prazer. – O daitengu Azul parou ao lado dele com as kamas prontas para matar. – Todos esses tengu contra um ninja covarde do Exame de Máscaras e a última cria ridícula do Céu de Adagas.

- Chega. É hora de matar.



O daitengu saltou para encerrar a discussão. As lâminas brilharam ansiosas para experimentar a morte. O bico do espírito se abriu em um crocitar ansioso até um vulto arrebentar-se sobre ele. Os dois caíram no chão coberto de folhas. De pé, Sombra mostrou uma lâmina perfeita e brilhante para o inimigo. O olho branco flamejava.

Azul avaliou cuidadosamente a nova ameaça. A postura do daitengu passou do ataque para a defesa. Quatro kotengu saltaram para perto dele, cercando Sombra com lâminas.

- Parece que o jogo vai virar, seu traidor desgraçado! Hora de morrer, Yoshiro!

Trovão saltou do galho para a árvore de Raio do Submundo. O Bruxo apenas o esperou com a ninja-tō escura em posição de defesa. Grilo até pensou que aquele seria o fim do menino. O ataque era precipitado e, por mais veloz que fosse, o adversário estava preparado demais. Se a lâmina escura não encontrou o coração de Trovão foi porque Escorpião apareceu. Surgiu debaixo da árvore com uma katana avermelhada como o fogo que raspou pelas costas de Raio arrancando parte da roupa e carregando sangue. Trovão quase perfurou o abdome do inimigo. Por pouco, o outro conseguiu desviar a arma para deixar que cortasse a lateral do torso, logo abaixo das costelas.

Não havia inocência no mundo dos ninjas. Um ninja matava sem se importar com honra. Atacava das trevas estando o inimigo ciente ou não. Escorpião Negro pousou no galho acima de Raio já disparando shuriken famintos. O Bruxo desviou todos com a espada e recuou com um pulo. Escorpião e Trovão o seguiram com o mesmo movimento, mas se depararam com os kotengu que se abateram contra eles ainda no ar. Quando todos estavam no chão, Grilo Negro começou a traçar uma estratégia para ajudar.

- Toma – falou Vespa Sombria, aparecendo com uma espada. A lâmina não era viva e pulsante como a de Sombra ou Escorpião, nem mesmo como a que Vespa carregava, o que não a tornava inferior a qualquer grande espada que já tocara um dia. Havia trevas dentro dela, sussurros da Escuridão que sugeriam educadamente que a morte era a melhor resposta para qualquer problema.

- Burêdo?

- Sim. Cuidado. A lâmina pede sangue.

- Isso não será problema hoje. É dia de sangue.

Era mesmo. Vespa atacou um kotengu com um golpe contra o pescoço. O espírito se dobrou para escapar. Grilo tentou se aproveitar da situação sem sucesso. No fim, os dois acabaram em uma armadilha, cercados por quatro dos tengu.

Shimazu Yoshihiro apareceu em carga. A espada quase atravessou um tengu mais descuidado. Grilo Negro riu do crocitar dolorido da criatura. Dentro dele, havia uma ânsia pelo sofrimento daqueles seres desgraçados que os caçavam. A lâmina pedia que pagassem por todos os assassinatos. Ao avançar contra o tengu machucado e fátiar seu pescoço, sentiu um prazer perverso. Não era vingança saciada, era só um prazer que pedia mais. Paralisou-se por um instante, vendo o combate violento continuar. A lâmina Burêdo era realmente poderosa. O desejo dela se entranhava na mente como hera nos muros de um castelo. Aquilo não era uma arma na mão, mas parte do braço. O sangue estranho do kotengu escorria pela lâmina como se estivesse em seus dedos.

- Ela é poderosa mesmo – disse para Vespa Sombria quando os dois ficaram lado a lado.

- Eu tinha um pequeno tufo do seu cabelo. Dei a Burêdo para fazer a espada.

- Meu cabelo?

- Tirei enquanto dormia.

O diálogo não continuou. Maldição. Já sabia porque ela tinha o cabelo. Era para poderem achá-lo a qualquer momento. Deviam ter isso desde o momento em que ele desaparecera com Uesugi Akane e a deixara partir depois de a escoltar para longe e ajudar a atravessar o Ciúme de Amaterasu.

Grilo Negro escapou dos tengu com seus saltos rápidos. Eles eram velozes, no entanto, era muito difícil encontrar alguém capaz de se equivaler às manobras de fuga do ninja. Os espíritos o seguiram. Seria uma distração boa se não houvessem outros mantendo os ninjas

ocupados. Lá embaixo, Trovão e Escorpião tentavam vencer Raio. Os shuriken do Bruxo disparavam contra a dupla em voos irregulares quase impossíveis de serem previstos. Só muito perto era possível planejar para aparar ou se desviar. Mais de uma vez os dois foram atingidos pelas pequenas lâminas brilhantes. Tocados pela eletricidade, quase sempre eram paralisados durante um ataque.

Raio do Submundo mantinha seus atacantes sempre a uma distância segura e apenas um por vez conseguia passar dos shuriken para alcançar o inimigo. A ninja-tô do Bruxo era hábil para evitar a arma de quem quer que fosse. Ele sangrava e se distanciava para atacar só quando o alvo era certo.

Grilo continuava escapando dos tengus. O cansaço cobrava o preço das manobras e a espada pedia para que parasse de fugir e lhe desse sangue. A concentração o salvava de ceder a uma dessas fraquezas. Manter os kotengus ocupados era a missão no momento. Yoshihiro e Vespa Sombria haviam acabado com mais dois deles e os outros mal conseguiam atravessar as defesas do samurai. Toda a luta parecia equilibrada, exceto pelo desafio de Sombra e o daitengu Azul.

A batalha entre o aprendiz do dragão e o demônio caçador de ninjas era tão intensa quanto a que rodeava. As kamas de Azul afastavam a espada especial de Sombra. Se o daitengu parecia pronto a recuar demais, um kotengu surgia para dar-lhe cobertura. Um deles acabou fatiado ao meio assim. A luta entre os dois prosseguiu. Os crocitos e invocações da Escuridão tomavam conta da floresta. A lua observava o sangue escorrer das feridas.

Aos poucos os sussurros começavam a aumentar. A Escuridão pedia mais violência. Os tengus se ouriçavam e os ninjas saíam das defesas para ataques mais incautos. Era a perdição de qualquer shinobi quando se deixava levar por esse momento que apenas favorecia os caçadores. Grilo ouvia os sussurros aumentando na direção de Sombra. A noite de adensava na luta entre ele e Azul. Havia olhos da escuridão que observavam com avidez. Vozes cortantes discutiam o destino da batalha.

O silêncio repentino delas assustou Grilo. Desapareceram

fúgidas de algo ainda pior, trevas ainda mais densas que cresceram em Sombra. O olho branco do ninja mirou Azul durante um ataque. Deixou o daitengu passar por ele e o atingiu com uma joelhada no abdome. O cotovelo atingiu a nunca da criatura e a fez cambalear para longe. Sombra ergueu a espada sob o luar. A boca se abriu para disparar palavras ocultas que Grilo Negro nunca tinha ouvido. Girou em torno de si mesmo tão veloz que o corpo se tornou um borrão nas trevas para tomar forma só depois de a lâmina ter passado através do tronco de Azul. Assim o daitengu se desfêz em uma dúzia de corvos e milhares de insetos que desapareceram barulhentos pela noite.

A destruição súbita de Azul precipitou uma série de hesitações no combate. Os sussurros pararam e os kotengu pararam por um segundo. Raio do Submundo lançou seus shuriken para afastar Escorpião e Trovão. Os dois rebateram com suas kunai, restando para o Bruxo saltar para a fuga. Foi o momento de Grilo. Voou deixando que a lâmina o dominasse, que ela procurasse pelo sangue do adversário sem hesitar, sem lamentar, sem pensar nos futuros arrependimentos ou nas culpas passadas. Terminou com a espada atravessando o peito do Bruxo. Os dois caíram no meio dos tengu. Grilo Negro arrancou a lâmina do corpo do adversário.

- Sumam daqui! Vocês foram libertados! – O grito violento que deixou a boca de Grilo Negro saiu em tons graves reforçados pela Escuridão.

Ele não soube se foram suas palavras, mas os kotengu confusos desapareceram na noite. Aos seus pés, Raio se virou para o observar.

- Morto pelo covarde. Morto pelas costas.

- Muita ingenuidade a sua. Não existe inocência entre os ninjas.

E assistiu o outro sangrar até a morte com o coração abalado e a mente decidida.

## Parte 3

## Capítulo 50: Verso Triste

O olhar da Velha para Sombra tinha um ar de assassinato. Distantes do grupo, a mestra e a aprendiz apenas observavam a passagens de Miyoshi Chiyo seguida pelos ninjas e pelo samurai. Agora eram poucos, sem aquele vasto grupo de soldados dos Uesugi que tinha a missão de protegê-la. Caminhavam lentamente com os rostos ocultos por seus chapéus. Algumas vezes Sombras cantava ou conversava com Escorpião Negro. Raramente havia risadas e, se surgissem, vinham da parte daquele ninja misterioso tão tocado pela Escuridão.

- Trovão está mesmo com eles.

- Toha sempre foi um idiota. A mãe era tão idiota quanto ele. Só o pai tinha futuro naquela família. – Verso não entendia os julgamentos estranhos da mestra. Ela considerava as pessoas em diferentes tons de idiotice que variavam juntamente com as fases da lua.

- Não dá para parar mais.

- Não. Só podemos tentar diminuir as desgraças que vão acontecer daqui pra frente.

O mundo era estranho, incompreensível, injusto por natureza. Aparentemente, a queda da Família dos Bruxos nas mãos de Miyoshi Chiyo não seria uma benção, somente uma nova maldição imposta. Um mal que caía seria substituído por outro, não importando o bem que se quisesse fazer.

O Enxame de Máscaras enviara ninjas por várias partes daquela região de Ōoku para procurar novas informações sobre os planos de Kasaioni. A Velha conseguiu interceptar alguns recados e eles realmente estavam se movendo para impedir que qualquer sukoshi da Família dos Bruxos pudesse deixar o Pântano. Era um plano complexo que atacava qualquer ninja que deixasse o lugar, sem atrair a atenção dos tengus. Verso Triste calculava que a estratégia de atacar e desaparecer não duraria muito tempo. Kasaioni acionaria os tengus em breve e o Enxame de Máscaras seria rechaçado se Miyoshi Chiyo não

agisse logo.

A Velha mexeu na sacola e retirou alguns doces que havia pegado na vila onde dormiram na semana passada. Foi enquanto mastigava que olhou para Verso para dizer: - Eles vão quebrar cada uma das amarras que prende o Pântano a Kasaioni. Haverá apenas caos lá dentro. É depois disso que começa a batalha contra o líder dos Bruxos.

- Ele tem mais algum erlito com ele?

- Só a filha. Kasaioni confiava em poucos e com a presença dos tengus, nunca teve tempo de treinar mais ninguém. Houveram boatos e uma vez um sukoshi promissor foi morto em um combate com os Destinos Inexoráveis. Nunca mais ouvi falar.

- Ela parece ser poderosa.

- E é. Tem o poder do Dragão dentro dela.

- O quê?

Verso Triste arregalou os olhos. Ela enfrentara Raio do Submundo e Fogo Amaldiçoado no castelo dos Miyoshi e só agora sabia que poderia ter sofrido as consequências de ter se deparado com o poder do Dragão.

- Como pode?

- Está preso dentro dela assim como estava preso dentro do corpo...

- Daquela ninja de quem a senhora arrancou o coração no castelo dos Miyoshi.

- Sim, garota. A filha do líder dos Destinos Inexoráveis. Uma vida que se partiu por causa de um pai ambicioso.

- Ele era aliado de Kasaioni?

- Ah, pela loucura dos kami! De modo algum. Ele queria poder para ele mesmo aqueles que o comandavam, mas o poder do Dragão não se usa sem um preço muito alto. Inferno é a prova disso.

- Por quê? Ele é tão poderoso. Ele não precisa ter medo nem dos tengus.

- Menina idiota, você não conseguiria durar uma noite dentro da cabeça de Inferno. Pobre Inferno.

Ela balançava a cabeça piedosamente com a preocupação de uma maneira caridosa que temia pelo filho. Quem a visse assim até poderia se enganar sobre a Velha que deixara até os netos morrerem em nome de sua missão secreta.

- Agora é certo que vamos precisar de Inferno.

- Por que a gente precisa tanto de um louco sanguinário como ele?

- Porque quando os são combatem de perto demais os loucos, acabam tomando o lugar deles. E o que mais precisamos agora não é de sangue derramado sem piedade?

Verso Triste duvidava que precisassem de tanto vermelho sobre a terra. Os kami já cuidavam para que as coisas não fossem as melhores e até quando havia seres como Inferno, tão poderosos a ponto de não caírem na trama de destruição, ainda não havia quem desfiasse a ordem do mundo para parar o sangue e tornar a vida mais agradável.

A noite chegou com o grupo de Miyoshi descansando em uma pousada na beira da estrada. A Velha a colocou de vigia e foi descansar um pouco mais afastada. Ultimamente passava as noites quieta ou murmurando durante o sono. Quando Verso a alertou sobre isso, passou a dormir mais distante. A aprendiz deixou que ela se afastasse e saltou para encontrar os dois ninjas que vigiavam Miyoshi. Caiu diante deles com as mãos à mostra.

A katana de Trovão deixou a bainha por puro reflexo para parar diante do queixo de Verso. Grilo Negro o fez baixar a lâmina e a olhou com uma face marcada pela tristeza. O brilho puro que ele tinha nos olhos estava quase apagado.

- Eu não vou com você! – avisou Trovão.

- Não imaginei que viria mesmo, Toha. A Velha já falou que você tem uma pedra dentro da cabeça.

- Pedra?

- É verdade – concordou Grilo Negro com um sorriso discreto que reavivou um pouco daquele brilho que Verso enxergara mesmo debaixo da máscara quando o salvara no castelo dos Miyoshi. – Veio com a Velha? Se Miyoshi Chiyo souber que estão aqui, haverá morte.



- Eu sei. Quero impedir mais mortes. Venho esperando um momento de falar com você, Grilo Negro. Não me lembro se falei meu nome, mas sou Verso Triste. Quero só dizer que temos como parar tudo isso. Vocês não podem matar Kasaioni.

- Verso, você está louca! – A voz de Toha cortou a conversa em tom alto a ponto de deixar os outros dois preocupados com quem estava dentro da pousada.

- Ouça, Trovão.

- Não! Kasaioni matou gente demais. Vocês dois não sabem como foi viver depois do que eu vi? Nenhum dos dois sabe!

- A gente não sabe o quê? O que é ver uma mãe e um pai morrerem em batalha? Uma irmã ser partida ao meio por Kasaioni? – perguntou Grilo.

- Ou ver seu clã inteiro ser morto porque tentou ser bondoso com quem precisava?

Trovão virou o rosto.

- Vocês não sabem... Só eu podia proteger todo mundo.

- Esqueça a vingança, Trovão. A vingança é uma lâmina que corta seus inimigos na carne e dilacera o vingador na alma. Ela vai o encher de trevas até que seus olhos negros não enxerguem mais felicidade ao redor, muito menos dentro de você mesmo.

Trovão embainhou cuidadosamente a espada. Com uma mão ainda no cabo, vasculhou o rosto mascarado de Verso Triste.

- Nenhuma palavra bonita vai trazer tanta gente de volta nem tirar da minha cabeça tudo o que aconteceu. Kasaioni vai morrer. Depois eu acabo de acertar as coisas aos poucos.

Ele deu as costas para os dois e foi continuar a vigília oculto nas sombras em cima da pousada. Grilo Negro o observou se afastar e continuou a conversa.

- Kasaioni vai morrer mesmo.

- Você também está enlouquecido pela vingança?

- Não, só tomado pelo dever. Esse é um caminho sem volta, Verso Triste.

A aprendiz caminhou na direção dele. Os reflexos do ninja o

levaram a se afastar. Uma mão procurou pela kunai escondida sob o quimono. Verso levou os dedos até a máscara e a retirou para mostrar o rosto sorridente.

- Muita gente já morreu assassinada ao achar que um sorriso era sinal de paz.

- E muita gente já morreu infeliz ao recusar um sorriso sincero e uma amizade. Se fosse para matá-lo, a Velha já estaria com uma lâmina atravessando seu coração, Grilo Negro. Você não é páreo para ela.

Ele não pareceu ofendido. Relaxou o corpo sem baixar a vigilância sobre o mundo em volta.

- Vocês não podem matar Kasaioni.

Verso se sentou em um pequeno tronco onde os viajantes paravam para descansar. Grilo Negro hesitou um pouco, mas, depois de verificar que Trovão estava vigilante, juntou-se a ela.

- O que a Velha contou para você?

- Ela conta pouco, mas Kasaioni tem o poder do Dragão. Acho que Miyoshi Chiyo e Sombra pegarão mais do poder do Dragão e isso vai desequilibrar ainda mais as lutas. Ela chamará Inferno para lutar contra vocês.

Mesmo na escuridão, ela notou o arrepiar na nuca dele.

- A cena no Jardim das Cerejeiras ainda está na minha cabeça. Nunca vi tanto sangue espalhado por um homem só.

- Nem eu. Mas parece que esse Sombra vai poder fazer pior se pegar o poder de Kasaioni.

Grilo olhou para o céu estrelado.

- Demorei tanto para tomar algumas decisões e agora você acaba com isso.

- Grilo Negro...

- Nori. Meu nome é Nori. Se vamos fazer parte de uma conspiração, pode saber que meu nome é Nori.

Ela sorriu ao ver a sinceridade nas palavras dele. Falava sem expectativa de ela lhe contar o nome verdadeiro. De olho nas estrelas, só esperou que Verso continuasse.

- Você tem que impedir de algum modo que eles matem

Kasaioni e peguem o poder do Dragão.

- Isso eu não vou conseguir, Verso. Meu irmão está do lado deles. Eu nunca atentaria contra a vida do meu irmão, mesmo que isso custe muito mais vidas.

As palavras a fizeram imaginar as difíceis decisões da Velha. Verso não tinha mais família e não precisava mais pensar no quanto era difícil se opor aqueles a quem se amava. Precisaria pensar em um plano melhor para deter Miyoshi antes que Inferno entrasse em ação e mais gente inocente morresse.

- Tente convencer seu irmão, Nori.

Ele parou de olhar para as estrelas e a fitou com um sorriso desanimado.

- Meu irmão raramente me ouve. Você está procurando o ninja errado, Verso. Eu sou o fracasso da família. Mariposa poderia convencer todo mundo. Escorpião poderia parar tudo isso. Meu pai teria um plano. Minha mãe mataria Miyoshi Chiyo sem pestanejar. Eu não sou forte, poderoso nem ardiloso.

- Todos os outros estão mortos, Nori. Seu irmão está enganado.

- E eu me deixo convencer por uma estranha que segue uma ninja idosa provavelmente senil.

- Ela deve ser senil mesmo.

Continuaram conversando sobre suas vidas durante boa parte da noite. Verso riu algumas vezes das piadas melancólicas dele, principalmente ao ver o brilho restituído quando ela sorria. Era revigorante passar tanto tempo conversando com alguém que não estava preocupado com o futuro do mundo ou em planos mirabolantes que envolviam a morte de dezenas de pessoas.

Nori contou sobre muita coisa de sua vida, inclusive sobre Uesugi Akane. Ela era um dos grandes arrependimentos dele. Foi com muita dor que disse que no momento da fuga, ele foi o único que a encontrou e, ao invés de levá-la de volta, ajudou-a em seu caminho para as terras proibidas, onde a Praga Branca proliferava e arrancava as forças das pessoas. Ele a viu caminhar para o território onde ninguém mais entraria para tomá-la de volta. Tudo porque ela tinha um sonho,

o grande sonho de ajudar às pessoas confinadas naquele território amaldiçoado pela doença e pela fome.

O relato de Nori era repleto de culpa. Ele supunha que nunca deveria ter deixado Akane partir. Perdera para sempre uma amiga e, também, qualquer respeito que o clã tinha com ele.

- Isso não deveria ser segredo?

- É um daqueles segredos que muitos conhecem e fingem que ninguém mais sabe. Meu pai soube manipular a situação para que eu não fosse dado como traidor.

- Pretende ver Akane um dia de novo?

As estrelas atraíram o olhar dele mais uma vez. Devia estar vasculhando o coração a procura de respostas mais adequadas.

- Talvez, mas a minha vida tem tomado outros rumos.

Parou para sorrir para ela. Verso não sabia o que aquilo significava, só ouviu um aviso do coração que o melhor a fazer era beijá-lo. Tocou os lábios dele indecisa do que estava fazendo. Ele era um aliado obscuro e um inimigo em potencial, um homem que provavelmente amava alguém que nunca conquistaria. Ela sabia muito bem, das melhores poesias, que os amores distantes e impossíveis são os mais difíceis de serem vencidos pela paixão presente e próxima. Poderiam até ser os kami brincando com ela. Não se importou. Beijar aquele homem diante dela, aquele que parecia fraco naquele mundo de sangue, pareceu a melhor ideia que tinha em muito tempo.

## Capítulo 51: Shimazu Yoshihiro

As bordas do Pântano eram uma terra cinzenta e triste. A terra lodosa afundava sob os pés de Yoshihiro. Bem ao lado, o corpo de um sukoshi do Enxame de Máscaras jazia meio afundado na lama. Grilo Negro abaixou-se ao lado dele para o identificar. A cena não tocou o coração do samurai mesmo que os sentimentos do ninja ficassem expressos pela linguagem corporal. Ele fez sinal para que outros sukoshi que acabavam de chegar levassem o corpo.

- Podem queimá-lo – ordenou como raramente fazia. Os ninjas que haviam os esperado na borda olharam para Escorpião Negro.

- Cumpram a ordem.

- Se fizermos uma fogueira, vamos entregar nossa posição – falou Yoshihiro.

- Assim que pisarmos no Pântano, Kasaioni e todos os seus servos já saberão que estamos lá – revelou Sombra. – Precisamos é que eles não saibam onde estamos o tempo todo e que os Bruxos não tenham o Pântano sempre como aliado.

- Então vamos quebrar os selos que prendem o Pântano a Kasaioni – falou Chiyo, colocando a mão sobre o ombro de Sombra. Yoshihiro sabia que as trevas cresciam dentro dela. Não duvidava que Chiyo já estivesse ouvindo um pouco da Escuridão. Ele mesmo sonhara com os sussurros dos meikai no kami algumas noites. Vira a fúria de Izanami em frente ao portão das almas, as reclamações de Tenjin e os murmúrios de Omokaime. Um a um eles se movimentavam, os primeiros dos kami a realmente sentirem o que acontecia.

- Morcego, onde está o primeiro selo? – perguntou Sombra.

As orelhas peludas e pontudas do garoto se mexeram delicadamente. Os olhos queimados tremaram enquanto movia a cabeça atento aos sussurros da Escuridão. Ninguém olhava com tanto medo para Sombra como ele. Aqueles ouvidos deformados deviam ser capazes de perceber cada fragmento da Escuridão dentro do corpo do aprendiz do Dragão. Morcego se encolhia a cada ordem e andava

apenas afastado do grupo, na maior parte das vezes se juntando a Grilo Negro ou a Trovão e sem trocar uma palavra que fosse com qualquer outro.

O ninja desgarrado apontou para uma árvore ressecada cercada por uma enorme poça de água salobra. Os galhos em forma de garras apontavam todos na direção do grupo em ameaça à sua tentativa de invasão.

- É sua vez, Yoshihiro.

O samurai tinha a sensação da Escuridão se aproximando. Sombra parecia uma escolha cada vez pior dentro todas as que Chiyo vinha tomando. Claro, desde a morte de Suzu, pouca coisa parecia tão ruim no coração de Yoshihiro, mas o caminho de ter Sombra como aliado soava como aquele com as consequências mais obscuras. Grilo Negro o procurara na noite passada e o alertara sobre o risco de entregar parte do poder do Dragão a Sombra. O ninja resgatado das trevas acumulava cada vez mais forças e era nítido como dia após dia, mesmo fora de combate, sua energia se ampliava.

Os argumentos de Grilo Negro eram consistentes, mas ainda difíceis de serem usados para uma decisão mais complexa. Yoshihiro tinha seus juramentos com Chiyo e Kasaioni era um risco para toda a ordem de Ōoku. Ele estava fora de tudo o que era registrado nos desígnios dos kami. Foi o homem que dominou os tengu. Pelas histórias recentes que ouvira, também era um dos herdeiros do Dragão da Escuridão sob o Mundo.

A questão que rondava tanto a mente de Yoshihiro era qual o mal maior, o Bruxo ou Sombra. Um ao menos era aliado próximo e não tinha todo um exército de tengu a seu dispor. Haveria tempo para lidar com ele e fora isso que o samurai tentara explicar a Grilo Negro. O ninja não se convenceu. Yoshihiro desconfiava que ele tentaria algo para impedir que o poder do Dragão fosse tomado por Sombra. Até o momento, sua única decisão era a de que não impediria nenhuma das ações de Grilo Negro.

Os pés do samurai afundavam na lama escura. Alguma coisa tentou puxá-lo para baixo. Fez a pressão parar ao enfiar a espada para

baixo e ver a lama tomar um tom avermelhado. Precisou golpear assim mais quatro vezes na caminhada até alcançar a árvore. Cercado por lama avermelhada e cinzenta, ele empunhou a espada para o primeiro golpe. Invocou o juramento de vingar a morte de seus senhores para que o poder escoasse pelo corpo. A energia fluiu com facilidade para a lâmina. Morte Precipitada brilhou para deixar um arco de luz no ar quando desceu para partir a magra árvore ao meio. A planta tombou em um espirrar de água e lama. Coberto pela sujeira, Yoshihiro se virou para andar de volta até o grupo.

- E agora?

- Cuidado! – gritou Vespa Sombria.

Os shuriken da ninja voaram sobre os ombros de Yoshihiro induzindo um grito de dor e jogando algo na lama. O samurai virou-se para ver o que se movia no meio de tanta sujeira e demorou a reconhecer a forma reptiliana do kappa. A criatura mexia-se com facilidade na lama. As garras procuraram a garganta do samurai sem sucesso. Por vezes, conseguiram até arranhar a armadura, mas o samurai afastou o monstro com uma cotovelada.

- Criatura desgraçada, vá embora.

O próximo ataque do kappa foi lento demais para os olhos do samurai. As mãos procuraram o caminho para o pescoço mais uma vez. Morte Precipitada se moveu repentinamente, saindo da posição de defesa para encontrar os pulsos do kappa. A dor da criatura ecoou pelas bordas do pântano e o sangue azulado tingiu a lama perto de Yoshihiro. O grito parou quando a espada separou corpo e cabeça.

Sombra saltou para junto de Yoshihiro. Ao contrário do samurai, o ninja não afundou na lama. Bateu no ombro do colega para dar os parabéns.

- Aparecerão outros. Seu trabalho será cuidar para que os habitantes do Pântano se distraiam aqui. Nós cuidaremos do que há lá dentro. Chiyo estará aqui com você para dar mais força aos seus juramentos.

Yoshihiro lançou um olhar disfarçado para a senhora. Vê-la não ajudava em nada a manter qualquer voto. A morte de Suzu pesava

demais entre os dois. Abriu a boca tarde demais para pedir que Sombra a levasse. Os ninjas já haviam desaparecido entre as árvores e o urro dos kappa anunciava a primeira onda de inimigos.

O samurai se lembrava do pai dizendo que um homem esquecia suas paixões de diferentes modos. Podia se apaixonar de novo, entregar-se ao trabalho ou afundar-se na vã diversão. De qualquer jeito, um dia tudo se abrandava e o antigo amor se tornava uma lembrança. Cuidando para que esses mecanismos não se tomassem uma muleta da qual não conseguisse mais sair, o coração se curava para um novo combate. Yoshihiro invocou o juramento sabendo que uma nova paixão não era opção e se perder na diversão não fazia parte de seu ser. O que era uma parcela grande de sua alma era o trabalho. E agora seu trabalho era matar.

Os kappa vieram um a um e morreram um após o outro. Membros decepados e torsos perfurados foram se espalhando pela lama. Quando se juntaram em uma turba escamosa, Yoshihiro girou Morte Precipitada como um furacão. Matou e cortou com as bocarras dos kappa presas em sua armadura. Um se prendeu no ombro e outro na perna. O samurai os arrastou enquanto matava, sentindo que os dentes passavam pela armadura e começavam a alcançar a pele. Socou o rosto do kappa no ombro até a mão se encher de sangue azulado. O debaixo ele finalizou com uma espada que pingava o líquido azul.

Atrás dele, Chiyo se protegia junto aos sukoshi do Enxame de Máscaras. Os poucos kappa que passaram por ele pereceram nas mãos dos ninjas ou na pequena espada que Burêdo lhe dera. Enviava olhares sérios de apoio ao samurai, nenhum deles com qualquer bom significado para Yoshihiro.

Outro urro soou do Pântano. Yoshihiro preocupou-se mais com esse. Era profundo como as trevas e ribombava nos ouvidos como tambores. A criatura passou pelo tronco da árvore derrubada pelo samurai apontando um par de chifres amarelados. A bocarra tinha presas com pedaços de carne que retirava aos poucos com as garras negras da mão esquerda. Os dedos direitos seguravam um kanabo; o porrete era maior que Yoshihiro com espinhos de metal sujos de



sangue fresco.

- Eu estava comendo, samurai. Eu estava comendo quando o Pântano me chamou. Parta agora e Meyaka dirá para o Pântano que tudo está resolvido – gritou o oni vermelho antes de cuspir fálanges de sua vítima mais recente.

- Eu não sairei daqui, Meyaka.

- Praga. Praga! – Olhou para os corpos dos kappa em volta. – Susanoo não deve estar apreciando tantos kappa mortos. Nem Inari.

Yoshihiro orou pedindo desculpas aos chikyū no kami. Dois deles furiosos eram notícia ruim demais. Ao menos Hachiman estaria gostando muito de tanta batalha. Agora tinha uma tríade murmurando nas trevas, dois terços de uma tríade já furiosos com a morte de seus protegidos. A vida não parecia nada boa para o samurai.

- Deixe a fúria dos deuses ser decidida pelos dados do destino, demônio. Façamos aqui nossas escolhas.

- Lutar, samurai. A escolha de Meyaka é lutar. Se Meyaka não se prontifica a combater, o Pântano nunca o deixa em paz. É uma praga maior do que isso que vocês costumam chamar de esposas.

Uma praga maior do que herdeiras obcecadas, pensou Yoshihiro. Assistiu ao oni apoiar o kanabo debaixo do braço. Com quase três metros, a criatura de pele rubra retirou do quimono um lenço para limpar o rosto. Acabou de retirar a carne que estava entre os dentes. Poliu os chifres cuidadosamente enquanto sorria para o samurai.

- Hachiman vai assistir Meyaka lutar. Ouvi falar que ele gosta de guerreiros limpos.

Péssima notícia para um samurai coberto de lama e sangue azul que enfrentava uma criatura de quase três metros com uma arma que deveria pesar quase tanto quanto ele.

De onde estava, Meyaka golpeou. O alcance do oni vermelho assustou Yoshihiro. Uma corrente de ar forte acompanhava o kanabo e remexeu nos cabelos de Yoshihiro. O samurai evitou todos os três primeiros ataques da mesma maneira, desviando-se para o lado ou para baixo. Nada de tentar aparar o golpe monstruoso que passava tão forte

pela lama que a deslocava ao sobrevoá-la. Yoshihiro recuou até os pés tocarem solo firme. O oni o acompanhou.

- Afastem-se. Levem a senhorita Chiyo daqui – gritou ao ver os ninjas atirando seus shurikens inutilmente. As lâminas eram defletidas pela pele rubra do ogro.

- Miyoshi Chiyo. O Pântano falou sobre a dama dos olhos azuis.

- O que o Pântano disse, monstro?

O oni, com um olhar decepcionado, apoiou o kanabo no chão.

- Monstro. Há monstros entre alguns do povo de Meyaka, mas compartilhar suas características físicas não faz de Meyaka um deles, humano. Vejam vocês, humanos, que se fazem uns diferentes dos outros por nascimento ou por moedas. Nós assim nos fazemos por cultura.

- Você come humanos. Isso o torna um monstro.

- Ah, isso sim. Com essa definição Meyaka concorda. Mas para Meyaka humanos são apenas vacas que falam... Ou uma comida que se limpa sozinha. Bastante higiênico em muitos casos.

- Nós somos criaturas conscientes com cultura, Meyaka.

- Desde quando a cultura humana serve para alguma coisa? Fazer chapeuzinhos de palha, danças com rosto pintado. Tudo tão artístico quanto assistir a um cavalo defecando. – Suspirou. – Meyaka se cansou da discussão sobre ser ou não ser monstro. Comer humanos agrada Meyaka e o oni vermelho não vai parar porque os humanos acham isso inconveniente. Inconveniência é o Pântano gritando na sua cabeça porque não faz as coisas no momento desejado.

Os ataques recomeçaram. O primeiro a atingir Yoshihiro teria quebrado todas as suas costelas sem o poder do juramento imbuído na armadura para conter a força do impacto. O segundo quase o arremessou para dentro do Pântano. Os pés travados no chão afundaram na lama quando foi forçado a aparar o kanabo com Morte Precipitada. O poder imbuído na espada foi gasto por completo para parar o golpe.

- Um samurai decente. A comida de Meyaka geralmente não resiste por tanto tempo.

A espada não era a melhor opção para lutar contra o oni. O problema do alcance era nítido a cada tentativa de Yoshihiro sair da posição defensiva. Nem bem tentava dar um ou dois passos e o kanabo surgia de um lado inesperado e o jogava para trás.

Cada vez que aparava um ataque, os ossos dos braços do samurai tremiam. Os músculos já estavam para se partirem por tanto esforço. Nem o poder dos juramentos era suficiente para poupá-lo do cansaço.

- A comida já está deixando Meyaka nervoso.

Um brilho vermelho começou a saltar da pele do oni. Começou bastante tênue e seguiu o descontrole do monstro. Quanto mais brilho, mais desconexos eram os ataques. Yoshihiro agradeceu aos kami pela sorte que virava. A fúria gerava golpes devastadores, porém sem a precisão do início. Ele se lembrou das histórias de demônios que sediam à sede de sangue. As lutas sempre acabavam com um golpe preciso do samurai que terminava se casando com a filha do nobre local e fazendo sua fama e fortuna. Ele não queria se casar com Chiyo, muito menos com a filha de qualquer pessoa que morasse próxima ao Pântano. Queria sobreviver e cumprir a missão.

A oportunidade do golpe final apareceu quando Meyaka segurou o kanabo com as duas mãos e golpeou com todas as forças que tinha, levantando um rio de lama e pedaços de kappa. Yoshihiro girou em torno de si para escapar do golpe e enterrar a espada no peito do oni. Retirou a lâmina para cortar mais três vezes onde quer que fosse possível. Meyaka soltou o kanabo e cambaleou para trás urrando.

Yoshihiro afastou-se do oni até pisar em solo firme de novo. Chiyo foi até ele. O abraço dela disparou fios de dor lancinante. A mulher percebeu logo o problema e se afastou.

- Você conseguiu.

Yoshihiro respirava com dificuldade. A mente recalculava a luta e insistia que Yoshihiro precisava manter consigo uma arma de alcance mais longo para emergências como aquela. Jurou para si mesmo que sempre que houvesse a possibilidade de enfrentar criaturas de porte maior, levaria consigo uma naginata ou uma su yaru. Com uma

daquelas, principalmente com uma Burêdo, poderia até se tornar um caçador de oni. Uma vida perigosa, mas que retribuiria mais para a alma do que servir às batalhas mesquinhas dos nobres de Ōkoku.

- Meyaka está melhor. Obrigado.

A voz do oni quase esgotou o restante da energia de Yoshihiro. Um golpe preciso. Ele precisava de um para executar. Falhara. Enquanto se levantava com o apoio de Chiyo, o oni vermelho já estava de pé. Os ferimentos desapareciam debaixo do quimono cortado.

- Por vezes, Meyaka esquece da cultura e dos bons costumes e se dispõe a mostrar a fúria dos ancestrais. Geralmente isso gera comida muito pastosa.

Apontar Morte Precipitada para o oni não foi grande coisa. O gesto teve mais importância para que Yoshihiro se concentrasse, mas o braço tremendo foi patético como ameaça para o inimigo.

- Primeira vez que Meyaka é derrubado por um humano. Primeira vez. O Pântano estaria surpreso se não fosse tão velho e não tivesse visto tanta coisa. Meyaka está surpreso então vai matar o humano agora.

- Não vai.

Um ninja passou por Yoshihiro e Chiyo. Deixou atrás dele três dos sukoshi do Exame de Máscaras mortos. Caminhou sujando os trajes negros e ajeitando a máscara de chamas no rosto. Inferno sacou as duas katanas, Condenação e Julgamento.

- Eu sou um monstro, oni.

Meyaka coçou a base de um dos chifres. Soltou uma careta durante a análise calma que fez do novo oponente.

- É ninja. É menor que o samurai.

Inferno voltou a máscara de chamas para Yoshihiro.

- Sou menor do que Shimazu Yoshihiro em muitos aspectos morais e éticos. É por isso que acho que ele deve viver.

- Meyaka está com fome e, se alguém sai vivo daqui, o Pântano não fica contente.

- Algumas pessoas podem morrer aqui hoje, mas Shimazu Yoshihiro não é uma delas. Hoje ele vive. Há muita filosofia sobre

quem merece estar vivo. Há quem diga que basta nascer para merecer. Alguns monges dizem que é preciso seguir a vontade dos kami. Os juízes falam sobre aquele que não descumpra as leis.

- Meyaka, apesar de toda sua cultura, divide os que merecem viver entre aqueles que podem ser comida e aqueles que não podem ser comida.

- É uma boa alternativa. Eu os divido entre homens como Shimazu Yoshihiro e homens como eu.

- Então você vai morrer.

- Não. Mereço morrer, mas quem é homem ou mulher suficiente para me matar?

Meyaka ergueu o kanabo sobre a cabeça. Os músculos retesaram a ponto de ficarem completamente definidos sob a pele vermelha. A arma desceu para um golpe fatal, afundando na lama. Em um piscar de olhos, ficou provado que Meyaka não era demônio suficiente para matar Inferno. O ninja estava sobre os braços dele com uma katana enfiada entre seus olhos e a outra atravessando o coração. Sangue fervente borbulhou das feridas fatais quando as espadas foram removidas. Se o corpo do oni vermelho tombou como rocha, Inferno tocou o chão leve como pluma, com a máscara de chamas apontada para Yoshihiro e Chiyo.

Os sukoshi o cercaram avisando que tentariam dar tempo para a dupla fugir. Fugir seria apenas abandonar os ninjas para a morte. Ao olhar em volta, a situação apenas piorou. Uma mulher idosa demonstrando claramente as rugas e os cabelos brancos apareceu junto de uma aprendiz de máscara e olhos púrpuras.

- Está acabado, Miyoshi.

A máscara sem olhos de Inferno e as rugas da idosa deixavam Yoshihiro nervoso. Ela só podia ser a Velha de quem os ninjas tanto falavam.

- Inferno não quer que você morra, samurai. Deixe a Miyoshi conosco e vá embora.

- Nunca.

- Shimazu Yoshihiro, eu vejo as dúvidas maculando seus

juramentos. Abandone seus votos para com os Miyoshi. Eles serão podridão e perdição.

O samurai encarou a Miyoshi com um rosto que conhecia bem a verdade por trás das palavras de Inferno. “Nunca” pareceu tempo demais, muito mais do que o coração dele esperava. Imaginava que poderia parar os planos dela simplesmente impedindo que tomasse a força de Kasaioni, mas deixando que Inferno e a Velha a levassem, já poderia cortar o mal pela raiz. Seria a declaração final para se tornar um ronin. A partir daí, poderia dedicar a vida a combater os oni onde quer que fossem ameaça em Ōkoku.

Chiyo não teve medo da reação do samurai. Ela embainhou a espada curta, segurou o pescoço de Yoshihiro com uma mão e desenhou símbolos no ar com a outra.

- Seu momento ainda chegará, Inferno. O seu também, Velha.

A Escuridão absorveu a dupla, gelando até os ossos do samurai. A luz voltou agressiva aos olhos de Yoshihiro. Ele estendeu o braço procurando apoio até achar uma árvore. Aos poucos percebeu que estavam dentro do Pântano.

- Como fez isso?

- Sombra me passou parte do poder dele para uma emergência.

- Inferno poderia ter nos pegado.

- Ele havia acabado de usar parte do poder dele no oni. Estava se recuperando.

- Você deixou os sukoshi do Enxame de Máscaras.

- Eles estavam lá para morrer, Yoshihiro.

Estavam. Era a missão deles. Eram homens da sombra e da guerra. Ele, um samurai, deveria compreender o destino de um soldado frente a seu senhor. Uma pena que o coração não fosse mais o mesmo.

## Capítulo 52: Escorpião Negro

Sombra estava parado de cócoras em frente a um sukoshi dos Bruxos morto durante a luta mais recente. A espada de Escorpião Negro pingava o sangue da vítima. Junto deles, Trovão, Morcego, Grilo e Vespa verificavam os ferimentos. A batalha fora mais difícil do que imaginavam. Os sukoshi dos Bruxos estavam treinados para usarem o Pântano a seu favor, o que quase custara a vida de Morcego.

- Kasaioni não sabe onde estamos. Deve ter uma leve ideia, mas nossa localização exata é um mistério. Esses sukoshi foram enviados para nos encontrarem e nos atrasarem – contou Sombra. O ninja retirou a máscara do cadáver para desenhar sobre sua face com o sangue derramado. O dedo avermelhado passou sobre a boca e os ouvidos. – Onde está Kasaioni?

O cadáver estremeceu levemente a face. Não havia nada de natural no movimento dos lábios. Escorpião viu os olhares assustados dos outros ao verem o morto pronto para se comunicar. Escondido atrás de Grilo, Morcego cobriu os ouvidos e apertou os olhos queimados. A voz que escapou do cadáver era uma mistura de tons desesperados. Saiu gritada e aguda feito as palavras de um torturado.

- Kasaioni espera no Lago Parado.

Os sons continuaram com palavras agressivas e gritos de raiva. Sombra segurou a língua e a cortou com uma kunai. Despreocupado, levantou-se com a mão apontada para Morcego.

- Onde é?

O ninja deformado remexeu as orelhas pontudas. Com lágrimas nos olhos, mostrou uma tartaruga andando devagar sobre a lama. Sombra fez sinal para Escorpião. Era a vez dele de cortar mais um dos pontos de apoio de Kasaioni com o Pântano. Odiava matar animais, porém aquilo se movimentando era uma manifestação da Escuridão que o Bruxo criara para controlar o território. Sem remorso, atravessou o casco do bicho com a espada. Ao redor, lobos uivaram, pássaros cantaram e monstros urraram. Menos uma barreira que prendia tudo sob os cuidados de Kasaioni.

- Garoto, ouça onde é o Lago Parado. Você vai sentir os murmúrios da Escuridão bem maiores por lá agora.

Morcego se concentrou. Moveu a cabeça para a esquerda e para direita. Andou de olhos fechados para encontrar uma posição melhor. Chegou a saltar para o galho de uma árvore de folhas enegrecidas e tronco lodoso.

- Não consigo. Só dá pra ouvir asas e o crocitar dos corvos.

Escorpião viu a resposta no rosto de Sombra. Tengu. Agora que Kasaioni sabia onde estavam, jogaria todo o poder que tinha para enfraquecê-los. Os três daitengu restante dos Cinco Olhos da Morte pousaram sobre as árvores ao redor. Vermelho, Rosa e Amarelo eram acompanhados de vários kotengu. Dessa vez, apenas dois sukoshi estavam entre eles. Talvez não por falta de ninjas, mas porque apenas atrapalhariam aquele ataque final dos caçadores.

- Vespa, você segue com Grilo e Morcego. Escorpião e eu vamos cuidar desses tengu.

A confiança nas palavras de Sombra não acalmou ninguém. Eram três daitengu que nem mesmo um samurai tão poderoso como Shimazu Tsubasa fora capaz de vencer. Aparentemente, Kasaioni ajudara os tengu a finalizá-lo, o que não retirava a importância do feito. Tsubasa sempre fora tão temido que era uma das razões principais de poucos ousarem criar desavenças com os Miyoshi. O Dragão da Terra perecera diante daqueles daitengu. Apenas dois ninjas contra três dos Cinco Olhos da Morte e outros kotengu parecia um passo para o suicídio.

O olho branco de Sombra encandeceu naquelas chamas alvas. Os movimentos dos dedos liberaram a energia de outra técnica secreta que escureceu o mundo em volta dos ninjas.

- Vespa, corra agora – ordenou. Escorpião não enxergava quase nada, mas ouviu quando os quatro dispararam no meio das trevas. Teve um pequeno vislumbre dos passos apressados deles dentro de um túnel. Tudo sumiu e só restavam ele e Sombra. – Escorpião, você tem a espada que o conecta com a Escuridão. É preciso ouvi-la agora sem se deixar dominar. Entre em comunhão com ela e sinta o quanto deseja



a destruição dos seus inimigos.

O chamado o provocava dia após dia desde que começara a usar a espada. O poder clamava para ser usado. Graças às conversas e treinamento com Sombra, cada vez mais ele se sentia apto a deixar as trevas realmente fluírem pelo corpo. Certa noite, deixara que a energia fria percorresse o corpo. Os murmúrios aumentaram tanto em seus ouvidos que não conseguia mais ouvir o mundo. Tudo se tornou uma questão de passar pelo fio da espada qualquer vida, qualquer espírito, qualquer força que se opusesse. A tentação de vingar todas as mortes que assistira impotente era grande demais.

- Vou nos separar da Escuridão e a batalha vai começar. Esteja pronto, Ryoichi.

Mesmo a umidade e a penumbra do Pântano tinha mais calor do que as trevas em que estiveram ocultos naqueles breves instantes. Escorpião Negro recebeu os novos estímulos do mundo com liberdade para a Escuridão. O crocitar dos tengu não era mais um mero som dos pássaros. As pragas e promessas de assassinato floresceram daqueles bicos negros. Eles conversavam entre si traçando estratégias e ditando quem começaria o ataque. Vermelho saltou com as duas katanas diante de Sombra e Escorpião crocitando pragas sobre usarem a Escuridão para os outros fugirem.

- Morte. Tudo é morte. Trevas. Tudo são trevas. Vida. Nenhum de vocês terá vida quando as espadas baixarem hoje.

Sombra colocou a espada em riste com as duas mãos. A lâmina brilhava perto do rosto, refletindo as chamas alvas do olho incandescente. Os tengu saltaram em conjunto. Escorpião deixou as trevas fluírem. O mundo tornou-se mais lento durante aqueles instantes em que as forças frias foram bombeadas pelo corpo. Começou com o gelo no centro do peito que se espalhou devagar, primeiro para o braço esquerdo e, de repente, já estava em todas as extremidades.

Amarelo passou por Escorpião com duas jitte mirando a espada. Os ganchos só não se prenderam à katana pois o ninja esquivou-se com uma jogada de pés seguida de uma cambalhota para trás que evitou o ataque de dois kotengu. Sentiu nas trevas em volta que mais

daqueles corvos monstruosos estavam atacando. Outros saltos o separaram as lâminas mortíferas. A energia fria continuava fluindo dentro dele, pedindo para que partisse para o ataque. A katana precisava sentir a carne dos tengu.

Escorpião saiu das esquivas ao se aprumar sobre um galho. Desenhou os sinais secretos para liberar a técnica dos ferrões. A Escuridão cedeu a energia com murmúrios prazerosos, soltando as correntes de dentro do quimono do ninja. Amarelo escapou de dois, assistindo ambos se fincarem no chão. Crocitou irado quando os três restantes atravessaram seu peito. Escorpião saltou na direção dele, já evitando os shuriken dos tengu que se fincaram na árvore. Amarelo voou na direção do ninja para o choque derradeiro. Eles nunca se encontraram pois Sombra escapou da luta logo abaixo e subiu diante do daitengu para atravessá-lo com a katana desde a virilha até a cabeça. Escorpião encontrou apenas trapos e corvos voando para depois tocar o chão diante de Vermelho e Rosa. A última, com suas formas femininas, girou a nagamaki contra o ninja. A lâmina não deixou de levar um pouco do sangue do adversário ao passar rente ao peito.

Vermelho atacou com as katanas, arrancando a espada das mãos de Escorpião. Desarmado e cercado, ouviu nas trevas a ansiedade dos kotengu que começavam a preparar as armas para o desfecho. Outra vez, teceu selos no ar para chamar pelos ferrões. Agora deixou os kotengu virem e bateu a mão no chão, fazendo as correntes serpentearem a partir da terra para perfurarem os corpos dos adversários nas mais variadas posições. Três dos tengu foram alvejados na cabeça e se transformaram em vermes e trapos. Outros dois ficaram presos na corrente por tempo suficiente para serem despedaçados por Sombra.

A Escuridão queria mais. Ela exigia mais mortes. O poder dentro dele só aumentava e os tengu não pareciam mais tão temíveis nem quando Vermelho atacou para lhe arrancar sangue. Tentou se esquivar, mas acabou preso quando uma das katanas atravessou a coxa esquerda. O daitengu atacou com o bico e foi detido por um soco vindo de baixo e uma cotovelada na garganta exposta. Separou-se do ninja girando as katanas para evitar mais ataques. Os pés mal tocaram

o solo para o empurrar de volta contra o adversário. Agora em meio a ataque dos kotengu, Escorpião sentia mais cortes nos braços e pernas. As lâminas estavam cada vez mais próximas. Sua salvação foi Sombra jogar-lhe a espada mais uma vez, o que permitiu aparar o ataque de Vermelho.

A sede da Escuridão era tanta que o ferimento na perna não parecia nada. A frieza das trevas selou o sangramento. Afastou-se de Vermelho com um salto que lhe permitiu passar por um kotengu que enfrentava Sombra. Fendeu o pescoço da criatura e continuou se afastando. Poder. Era o poder passando por ele. Cada batida do coração era o pulsar de mais poder emanando. Era o herdeiro legítimo das trevas, a força que tanto lhe fora prometida por anos de treinamento.

Sombra finalizou outro kotengu para voltar a enfrentar Rosa. A nagamaki dela viajava pelo ar tão potente que por vezes parecia quase pronta para quebrar a Burêdo. A lâmina resistia. Com um chute no rosto, Sombra afastou a atacante. Marcou mais símbolos no ar, agora para liberar as chamas brancas do olho sobre um kotengu que avançou sobre ele. O ninja apoiou-se no corvo em chamas para saltar ainda mais alto, fatiando mais um daqueles espíritos mais fracos durante a ascensão. Escorpião se reuniu a ele no topo de uma árvore.

- A Escuridão pede para eles serem destruídos – disse para Sombra, que olhou para a perna ferida do colega. Escorpião tocou o ferimento. Havia um corrimento curto de um líquido negro, viscoso e frio. Debaixo do tecido cortado, ele notava os vasos sanguíneos enegrecidos sob a pele. Eram tão nítidos quanto as vozes que perturbavam a mente.

- Ryoichi, eu preciso que você me ouça. Precisamos acabar com eles para achar seu irmão. Ainda não estamos ganhando.

Escorpião não entendeu. Eles estavam ganhando. Havia sangue no chão, havia trevas dentro dele, havia trapos e vermes dos tengu espalhados pela área de combate.

- Ryoichi, você está ferido. Precisamos continuar a missão.

Ele não sabia de qual missão Sombra estava falando além da de destruir os tengu ou morrer tentando. Ele precisava atacar. A espada

pedia. Ela sussurrava as obscenidades dos tengu e estava próxima de lhe contar seu nome. Só mais algumas mortes e ela diria como era chamada. Depois disso, seriam um só na vida e na morte, na luz e nas trevas.

A mão de Sombra apertou seu ombro e o balançou. Ele balbuciava alguma coisa, mas as vozes não o deixavam ouvir. Eram murmúrios muito constantes sobre assassinato e destruição. O poder finalmente era dele de uma forma que ninguém no clã questionaria. Seria tão forte que Aranha Sombria seria obrigada a se dobrar para ele e entregar a direção do clã a uma nova família, esquecendo todos os fracassos de Grilo Negro... Grilo Negro... Nori. Nori. Ele precisava encontrar o irmão e estripá-lo para pagar por toda a vergonha que já causara à família. Levaria a cabeça dele para Aranha Sombria e, depois de fazê-la pedir desculpas por ter rebaixado sua família, desenharia com o sangue dela seu nome dos pergaminhos que transmitiriam a mensagem sobre o novo líder do Enxame de Máscaras.

- Ryoichi!

Olhou para Sombra. Via a Escuridão escapando dele como vapor do corpo quente nos dias mais gelados do inverno. Ele merecia respeito, mas também morreria se ousasse se intrometer.

- Ryoichi, ouça minha voz! Veja meus olhos!

Ele o fitou com um olho incandescente e outro fundo como um buraco diretamente para a Escuridão sob o Mundo.

- Desperte, Ryoichi!

As vozes o fizeram saltar rumo aos tengu mais uma vez. Agora as correntes e ferrões vinham junto deles, capturando mortalmente os adversários enquanto a espada decepava membros. Envolto nelas, no chão, deixava que serpenteassem ameaçadoras com os ganchos e lâminas perfurando os mais descuidados. As vozes pediam mais mortes. Uma pequena luz dentro dele falava para não se deixar dominar pela vontade. Começou com uma pequena luz bem no centro da mente. Ele a ignorou enquanto deixava a espada caminhar para a carne dos inimigos. Mais tengu estavam caindo.

Rosa tentou atacar Escorpião pelas costas sem sucesso. Ele

saltou sobre a daitengu para emitir um golpe nas costas. O cabo da nagamaki da inimiga conectou-se contra a barriga do ninja e o jogou pela lama. As armas dos kotengu procuraram por ele, cortando as costas e a barriga. A Escuridão se apressou em cuidar dos ferimentos. Ele se levantou calmo deixando que seus ferrões saíssem da terra para matar mais um tengu e capturar outro. O sobrevivente ficou preso; um pássaro na arapuca. Escorpião se divertiu com o desespero da criatura. Finalizou os crocitaros nervosos com um golpe duro na nuca. As correntes se recolheram para tentar evitar o ataque de Rosa.

Nagamaki e katana se rebateram. A daitengu falava sobre morte a cada crocitar. Seria a morte dela. Dela. Ele veria sangue. Os músculos retesaram empurrando as armas uma contra a outra. Rosa se afastou quando as trevas se agitaram. Olhou em volta e, de repente, a daitengu não mais existia. Havia alguma coisa no lugar dela, uma forma de escuridão e chamas, que mudava segundo a segundo. Estava ali e, de repente, também não estava. Os movimentos iam e viam como se se repetissem. Escorpião o via, mas não se lembrava como chegaram ali e nem como, de repente, estavam matando os tengus.

- Inferno! – gritou. As trevas estavam sussurrando o nome dele com medo.

Inferno e Sombra se juntaram. Agora os dois ninjas avançaram sobre Vermelho. O daitengu aparou as lâminas deles no meio daquela dança de penas e trapos. A forma negra se agitava em defesas bem-sucedidas. O único olho colorido projetava ameaças contra os ninjas que o atacavam. Ele tentou como pode, mas as lâminas dos ninjas eram poderosas demais e acabaram cravadas no peito e costas. O bico de Vermelho se abriu em um último crocitar dolorido antes que se tornasse apenas restos.

Em volta, duas ninjas eliminavam os kotengu assustados ou feridos que tentavam entender o que acontecia. Elas pararam ao lado de Inferno, enquanto Sombra saltou para junto de Escorpião.

- É Inferno.

- É ele. Diga seu nome – exigiu Sombra.

- Escuridão.

- Não é seu nome.

- Escuridão.

- Diga seu nome.

Sombra o sacudiu com o olho incandescente ainda fixo nele.

- Escorpião Negro.

Sacudiu mais uma vez.

- Lembre-se de Nori. Lembre-se de Saki!

Grilo Negro, aquele que deveria morrer. Vespa Sombria, que nunca o deixava em paz.

- Vão morrer.

- Não.

Não. Olhou para Inferno, para a Velha, para a aprendiz da Velha. Elas também precisavam morrer. Não. Não. Eram as trevas. Concentrou-se naquele ponto de luz dentro de si. Viu os olhos de Sombra, aquela chama branca o chamando para a razão.

- Não – disse para si mesmo. Nori, seu irmão. Saki, sempre fiel. Apoiou-se em Sombra quando as trevas começavam a deixar o corpo.

- Controle como ela flui ou vai sangrar até morrer. Controle.

Era difícil. Elas fluíam e dominavam. Ficou de joelhos na lama com a espada do lado. As mãos sobre as coxas estavam repletas de sangue e penas.

- Você está o ensinando. – Era a voz acusativa de Inferno direcionada a Sombra. – Ensinar sobre as trevas é tão ruim quanto viver junto delas.

- Ele aprende rápido. O garoto vai sobreviver.

- Vamos pará-lo – falou a Velha com um passo à frente.

- Os tengu teriam mais chance nisso, mas vocês não deixaram.

- Foi uma falha minha. Imaginei que Inferno pudesse controlar a obsessão dele.

Agora a forma de Inferno era mais nítida. Os trajes negros e a máscara de chamas substituíram a forma de fogo e Escuridão. Era só um ser presente e não uma multidão de memórias e pensamentos.

- Não se muda o que foi criado para matar, Velha – alertou

Sombra.

Infêrno tomou a frente.

- Também fui criado para matá-lo. Dentre a podridão de todos os meus feitos, dentre os caminhos mais escusos que vivi ou que me fizeram viver, talvez esse apenas seja o que tem o futuro que não me traz amargura. Uma morte que encarcera o destino de tantas vidas.

- Como nos encontraram? Chiyo não está morta.

- Isso é da nossa conta.

Sombra sorriu com um olhar estrito para Verso Triste.

- Grilo Negro. – Olhou para Escorpião. – Seu irmão foi fraco mais uma vez. Uma hora você precisará acabar com isso, Ryoichi. – Agora a face voltava para Verso Triste. – Shinjo... Você é minha, Shinjo.

Ela deu um passo para trás.

- Do que ele está falando?

- Não tema, menina. Infêrno e eu estamos aqui. Só se concentre na nossa vitória.

Sombra gargalhou. Bateu a mão no peito.

- Você me subestima, Velha. Despertei há pouco, mas já sou mais do que você espera. Parece que suas concepções sobre mim se baseiam mais em seus preconceitos do que na realidade que eu sou e crio todos os dias. Você vai morrer, Velha.

Os dedos traçaram símbolos sobre o peito a partir do sangue dos ferimentos. Ao fim, Verso Triste foi ao chão de joelhos gritando desesperada. Em volta dela, o Pântano se agitou. As trevas se mexeram na direção de Infêrno e da Velha.

- Vamos nos ver depois.

Puxou Escorpião Negro para a Escuridão. Ele sentiu o sofrimento de Verso Triste e como a Escuridão em volta dela buscava devorar os outros dois ninjas. A velha gritava para a garota ter calma.

## Capítulo 53: Grilo Negro

O Lago Parado era um símbolo de calma no meio do Pântano. Nele não havia a impressão de que olhares obscuros estavam à espreita. Os sons ameaçadores de feras desapareciam. Havia apenas a superfície quieta da água prateada interrompida apenas por uma pequena ilha onde uma imensa árvore apontava para todas as direções os galhos repletos de folhas esbranquiçadas. Logo abaixo dela, estavam Kasaioni com sua máscara de demônio e a filha, Fogo Amaldiçoado. Juntos deles, pelo menos dez sukoshi se apoiavam sob um dos joelhos com as cabeças abaixadas e as mãos nas espadas.

O líder dos Bruxos notou chegada dos quatro ninjas. Bateu palmas irônicas na direção deles. A voz abafada pela máscara interrompeu o silêncio do Lago Parado.

- Chegou a hora de apresentar para a Morte quatro crianças incautas.

- Você não vai matar mais crianças, Bruxo desgraçado! – gritou Trovão. Só não avançou como um louco na direção dos inimigos porque Grilo Negro o segurou.

- Toha, falhei em estripá-lo como fiz com seu pai. Não vai acontecer de novo.

Grilo tinha sérias dúvidas quanto ao motivo de estarem ali, mas era hora de mostrar porquê sobrevivera tanto tempo e outros mais poderosos haviam perecido. Ele tinha uma missão maior. Precisava de confiança, algo que faltava claramente quando olhava para Morcego. O garoto se encolhia atrás do grupo com as orelhas tremendo. Trovão gritava descontrolado na direção de Kasaioni. Vespa Sombria parecia calma, mas ela era hábil demais em disfarçar as emoções.

- Saki – chamou Grilo, tocando o ombro de Vespa Sombria. – Eles virão com tudo para cima de nós. Só Kasaioni já é mais poderoso do que nós quatro juntos.

- Está com medo, Nori?

- Não, estou planejando. Reconhecer a fraqueza é o primeiro passo para o plano da vitória. Nós só precisamos acabar com o último



selo que prende o Pântano a Kasaioni. O resto pouco interessa.

- Qual seu plano?

Ele se virou para Morcego.

- Onde está o último selo?

- Na Ilha... É a filha dele.

- Não podemos nos dividir. Vamos atacar como um só. Vespa, use todas as suas agulhas para nos dar cobertura. Morcego e Trovão, vocês me dão cobertura enquanto eu avanço contra Fogo Amaldiçoado. Não ataquem Kasaioni! Vamos direto contra ela! – Falou claramente para Trovão as últimas duas frases. O garoto olhou contrariado rumo ao líder dos Bruxos antes de assentir.

Trovão Abençoado passou os cabelos pelo cabelo em forma de cuia. O olho avermelhado brilhou na direção dos inimigos. Aos poucos, os raios começaram a faiscar a partir da íris escarlate. Os cabelos e arrepiaram como pelos de gato furioso.

- Ele vai pagar.

- Vai, mas antes de ele pagar, a filha precisa ser morta.

- Ela vai morrer.

Pela praga dos kami, como o garoto era obstinado. O ímpeto dele poderia ser uma falha do plano. Grilo tentava imaginar como poderia se adaptar a isso durante os eventos. Apontou as posições que cada um deveria assumir. Os quatro dispararam com os pés tocando a superfície do lago leves como plumas. Trovão e Morcego seguiram na frente, com Grilo atrás e Vespa por último.

Os sukoshi atacaram primeiro. As agulhas de Vespa Sombria adejaram contra esses primeiros adversários, derrubando três na água prateada. Os que passaram encontram as espadas de Trovão e Morcego. Um deles acabou com a lâmina do primeiro enfiada no pescoço e outro caiu gravemente ferido com um corte profundo na barriga. Grilo ignorou os sobreviventes. Ele era vento passando em meio aos adversários, tão veloz quanto a Escuridão poderia lhe garantir. Saiu daquela multidão de ninjas lutando sobre a água para aparecer como o assassino mortal de Fogo Amaldiçoado. Mal acreditou quando a espada atravessou o peito dela. A face da mulher se contorceu surpresa,

depois abriu um sorriso. Desapareceu, deixando apenas um galho retorcido.

Dezenas de shuriken passaram por Grilo. Ele usou o galho para impedir que quase todos o acertassem e esquivou-se dos restantes. Durante a esquiva, sentiu um pé bater contra a face esquerda. Girou no ar para encontrar o chão com o rosto ardente. Sem tempo para lamentar, rolou para ver a espada de Fogo Amaldiçoado enfiar no solo.

- Eu sou uma com o Pântano, idiota. Você nunca vai conseguir me matar.

As palavras abalaram a confiança dele por alguns instantes. Grilo saiu para a defensiva usando a velocidade sobrenatural para escapar dos golpes de Fogo Amaldiçoado e de seis outros sukoshi que surgiram de repente. Sua espada pediu por sangue. Tremeu entre seus dedos na direção de um dos adversários. Não teve tempo de atender à súplica. Havia ninjas demais atacando e ele precisava concentrar as energias em fugir. Saltava, arqueava o corpo, reposicionava os pés. Quando pôde, girou a lâmina contra o pescoço de um sukoshi. Encontrou apenas o ar. A figura desapareceu.

- Pai, esses ninjas são idiotas. Vou deixar vocês vivos e com o sangue de vocês o Pântano vai me dar Yoshiro de volta! Vocês vão pagar pela morte dele.

Yoshiro, Raio do Submundo. O nome reverberou na Escuridão. Os murmúrios se agitaram dentro da cabeça de Grilo. A espada se deliciou com o sofrimento na voz da Bruxa.

- Raio do Submundo deixou um recado para você, Ume.

Ela parou ao ouvir o nome. Grilo se lembrava muito bem quando Sombra revelara o nome verdadeiro da filha de Kasaioni.

- Recado?

- Sim. Eu matei Yoshiro, Ume. Eu enfiei a espada nas costas dele.

Analisava os sukoshi e a Bruxa ao falar. Havia ilusões ali e ele sabia que poucos dos poderes ilusórios poderiam ser perfeitos. Deveria haver falhas.

- O que ele disse?

A estratégia estava funcionando melhor do que ele imaginava. Os sukoshi os cercavam mas não atacavam. Mais adiante, Kasaioni entrara no combate contra os outros. A lâmina do Bruxo induzia recuos e defesas nos adversários limitando os ataques a tentativas frustradas e mal preparadas.

- O que ele disse?

Ela perdeu a paciência. Os sukoshi iniciaram mais uma sucessão de ataques. Grilo precisou recuar até sentir os pés se molharem na água do lago. Afundou até os joelhos com a nítida sensação de que havia algo à espreita lá no fundo, somente esperando que continuasse os recuos.

- Ele falou sobre o casamento de vocês, sobre como faria para que seu pai o premiasse com a permissão para que vocês dois vivessem juntos.

Os ataques pararam. Grilo a viu trocar o apoio do corpo. Os olhos esmeraldas procuravam a mentira, mas nada podiam ver depois da máscara esverdeada do ninja do Enxame de Máscaras.

- Você sabe que estou dizendo a verdade.

Grilo começou a sair da água lentamente. Os sukoshi se afastavam cautelosos.

- Diga mais.

- Pare o ataque.

- Não!

A Bruxa voou para cima dele. A katana chocou-se com tanta força contra a lâmina de Grilo que os braços tremeram a ponto de quase soltar a arma. Ficaram face a face com os olhos esverdeados dela cheios de ódio no meio daquela pele tão alva e fria. E o próximo ataque dele cortou apenas o ar. Os olhos se arregalaram ao perceber um brilho à sua esquerda. Sem tempo de se esquivar, o ninja sentiu o impacto das serpentes de chamas queimando roupas. O cheiro de pele queimada estava farto pouco antes de cair na água.

Ela era poderosa demais para alguém do nível dele. Grilo Negro deveria assassinar nobres que pouco faziam da vida além de focar e jogar, lutar contra samurais e ninjas que guardavam portas pouco

importantes nos castelos. O clã o treinara para isso durante muito tempo. Agora estava ali, diante de uma das ninjas desgarradas mais poderosas que havia encontrado. Afundava no lago de olhos fechados com a dor lancinante clamando espaço na pele queimada. Os pensamentos percorriam caminhos arrependidos e erros de estratégia.

As mãos tocaram o barro no fundo do lago. Ainda estava na parte rasa perto da ilha, mas alguma coisa na escuridão mais abaixo nadava para encontrar uma vítima. Aquele medo súbito de ser devorado por algo que vinha do fundo o despertou. Afundou os pés na lama e saltou na direção definida pelo instinto. Os olhos se depararam com Fogo Amaldiçoado aparando seu golpe. Ela escapou da posição com um giro que lhe permitiu passar uma rasteira em Grilo.

- Fale! – gritou a Bruxa.

A espada dela afundou na terra. Ele saltou para mais longe, acossado pelos sukoshi.

- Eu falo! – respondeu ao ficar de pé.

Só precisava ganhar tempo. Puxou o ar profundamente ao liberar os ouvidos para a Escuridão. Os murmúrios pediam mais combate. A espada continuava com as exigências de sangue inimigo ou com o suicídio daquele fraco demais para portá-la. Não se mataria, disse para a lâmina. Que ela indicasse quem queria morto sem ser ele ou os aliados. A espada tremeu nas mãos dele e pediu para que a Escuridão fluísse para ela. A arma estivera ansiosa por tanto tempo desde que fora forjada. Ela queria mais, porém seu dono só lhe entregava dúvidas e sonhos.

Grilo prometeu sangue. Ele só queria de volta o poder necessário para que ambos conseguissem o que precisavam. Sentiu a tortura a que submetia a espada. “O sangue dela tem o espírito do Pântano e do Dragão. Você nunca vai sentir uma morte tão preciosa de novo”, ele disse para a Escuridão que vinha da espada. Mais uma vez ela estremeceu. O vibrar da lâmina chamou a atenção de Fogo Amaldiçoado.

- Você está usando o que eu sinto por Yoshiro!

Ele sabia. A Escuridão sabia. Havia uma ânsia forte por Raio do

Submundo dentro dela, a ponto de os sussurros das trevas revelarem sua fraqueza. A espada queria o sangue da Bruxa. Era precioso demais junto daquela obsessão doce pelo amado morto. “Diga seu nome”, a mente do ninja transmitiu para a espada. A arma precisava se revelar se quisesse o sangue doce da adversária, aquele líquido vermelho repleto de decepção apaixonada, mágoa e desejo de vingança. “Tragédia de Omokaime”, a arma sussurrou de volta com voz reptiliana e faminta. Agora ela pertencia a ele. Grilo sentia a obsessão dela pelo sangue de Fogo Amaldiçoado. Era tão forte que focou a mente dele no alvo, esquecendo todas as ilusões em volta. Havia apenas dois sukoshi junto dela.

- Yoshiro morreu em desgraça, Ume. Ele não disse nada além de lamentar ter morrido nas mãos de alguém muito mais fraco.

Aguardou o novo ataque das ilusões e das serpentes de fogo. De posse do poder sombrio de Tragédia de Omokaime, as pernas dispararam rumo ao alvo. Fingiu se desviar dos ataques dos ninjas de mentira para arremessar um shuriken preciso no olho direito primeiro sukoshi descuidado que resolveu atacar. Grilo torceu o corpo entre as serpentes de fogo da inimiga. Um salto permitiu passar entre duas ondas de chamas e cair aos pés da inimiga. Ali o combate real começou com as espadas interagindo de verdade.

“Mate-a, Nori. Mate-a”, sussurrou Tragédia de Omokaime. O braço dele seguia as orientações da mente, da alma e da espada. Grilo nunca se sentira tão confiante na vida. O corpo respondia a todos os planos que a mente fazia. As estratégias não eram apenas sonhos que os músculos e ossos não conseguiam executar. Chutou Fogo contra árvore para finalizar o combate. O último sukoshi entrevistou com um ataque pela lateral que rasgou a pele sobre as costelas de Grilo Negro. Tentou reagir inutilmente. A espada não queria o sangue do sukoshi. Não deixou que o braço seguisse rumo à carótida do inimigo. Grilo o chutou com força e sacou uma kunai. Enterrou a arma na coxa do adversário. O grito de dor chamou atenção suficiente de Tragédia de Omokaime para que o ninja pudesse enfiar a arma no peito do sukoshi.

O combate voltou para Fogo Amaldiçoado. Ela bem que

tentava se recuperar dos ataques recentes, mas a Escuridão guiava Grilo Negro com muito afínco. A proximidade entre os dois permitiu uma joelhada no estômago dele. O ninja tentava tomar ar ao ver como ela saltava para ganhar proteção entre os galhos da árvore solitária da ilha.

Grilo Negro lembrou-se de todo o treinamento e como quase sempre fálhara ao usar a velocidade e a espada para finalizar um inimigo. Aquele era o dia de fazer tudo funcionar. Incitou Tragédia de Omokaime com imagens do sangue da Bruxa escorrendo pelo tronco da árvore, o grito de morte e os últimos sussurros chamando por Raio do Submundo. As pernas flexionadas deram impulso suficiente para subir girando pelo ar. A Escuridão acumulada era tanto que deixou um rastro de sombra quando subiu. Fogo Amaldiçoado era poderosa, mas poucos conseguiam ser páreos para a velocidade de Grilo Negro. A lâmina passou pelo quimono dela, rompeu a pele alva e quebrou o esterno com estalo. Os murmúrios se deliciaram com o primeiro gosto de sangue. Grilo foi quase dominado pelo êxtase da Escuridão quando o coração foi perfurado. A lâmina atravessou o corpo e o ímpeto do ataque cravou arma e ninja contra o tronco da árvore.

Tragédia de Omokaime estava tomada pelo êxtase da morte. Sugava o sofrimento da vítima com uma vontade contagiante. Grilo quase foi dominado quando viu as lágrimas descendo pelo rosto de Fogo Amaldiçoado. Os dedos dela se abriram para liberar a espada e chorou nos últimos segundos de vida. Então Grilo se soltou. Deixou a própria arma na única hora em que a Escuridão o deixaria ir. Ao tocar os pés no chão, os murmúrios eram baixos, o coração era calmo e a confiança do dever cumprido era plena.

## Capítulo 54: Trovão Abençoado

Bruxo desgraçado! Merda de oni! O mínimo que ele merecia era a morte. O olho vermelho de Trovão pulsava com o ódio, enxergando novamente o sangue escoando dos corpos de todos a quem amava. Lágrimas vermelhas escorriam manchando o rosto durante o combate. Kasaioni rebatia todos os ataques do trio e deixava que os sukoshi restante enfrentassem os ninjas. Bem treinados, eles conseguiam evitar que o mestre fosse atingido.

- Sem controle, Kasaioni? – perguntou Trovão, olhando para o líder Bruxo enquanto aparava a lâmina de um sukoshi. O Pântano cobrava a liberdade. Faltava muito pouco para se livrar por completo do controle de Kasaioni, o que tornava o ninja cada vez mais ocupado em manter as energias fluindo regularmente.

- Enfrentei coisa parecida ao destruir seu clã, menino. Acha mesmo que isso é difícil para mim?

Era difícil sim! Aquele filho de kitsune era um arrogante. Se estivesse sem máscara, o rosto estaria suado e retorcido pelo esforço em combater a vontade do Pântano. O Lago Parado era silêncio, mas a agitação debaixo dele era quase palpável.

- Não deixe que ele provoque você, Trovão – alertou Vespa Sombria.

Morcego parou perto dela e os três formaram um círculo para se protegerem dos sukoshi.

- O Pântano está sentindo que a liberdade está perto. Eu estou ouvindo – gaguejou Morcego.

- Precisamos de tempo.

- Como, Vespa?

- Primeiro temos que matar os sukoshi. Sem eles fica mais fácil aproveitar a distração de Kasaioni.

O Bruxo arremessou shurikens cobertos de fogo arroxeados. Saltaram juntos para escaparem. O plano era seguir sem se dispersarem. Trovão girou em uma cambalhota com a espada rebatendo os shuriken flamejantes. Vespa disparou as agulhas para

impedir que os sukoshi se aproximassem durante o salto. Morcego deveria fazer o mesmo. Talvez tenha sido o medo ou simplesmente tenha sido lento demais para os sukoshi. Eles caíram sobre ele sem perdão. Quatro espadas deixaram os outros dois ninjas de lado para procurarem apenas pelo desgarrado. Pegaram-no ainda no ar e o jogaram no chão onde o sangue pingava a partir de um jovem de assustado. Largaram o corpo dele para tombar parte na água prateada, parte na areia da ilha.

Trovão pousou em um galho longo da árvore solitária. Menos uma pessoa em sua vida. Vespa deveria ser a próxima a morrer. Depois... Olhou para Grilo voando mais veloz que um falcão peregrino. A garra metálica do ninja alcançou a presa humana no alto da árvore. A arma atravessou Fogo Amaldiçoado com tanta firmeza que a prendeu contra o tronco. Agora o Pântano estava livre.

- Acho que a gente perdeu a oportunidade.

- Não perdemos.

Lá embaixo, os sukoshi cercaram Kasaioni. O Bruxo olhava com a máscara sem expressão para a filha pendurada na árvore. Estendeu a mão para ela no que parecia um sinal de adeus mas, na verdade, desenhou selos da Escuridão e chamou a energia que ela carregava, abastecendo o corpo com a força do Dragão que havia dentro dela.

- Nunca! – gritou Trovão.

O olho vermelho via a tristeza de Kasaioni e a dor da morte de Fogo Amaldiçoado. Também percebia o poder fluindo. Sem pensar nas atitudes, mergulhou quase tão veloz quanto Grilo Negro. A espada furiu o abdome de Kasaioni antes que os sukoshi pudessem tentar protegê-lo. Agora eram um só. A energia do Dragão fluía entre os dois.

- Você só se perde cada vez mais nesses jogos de adultos, garoto. O poder é um abismo do qual não se escapa. Se você sabe voar, apenas mergulha mais rápido para o fundo. Se não sabe, só é levado pelos ventos até seus ossos se quebrarem na escuridão.

- Isso é discurso de derrotado?

Uma risada abafada saiu da máscara do Bruxo. Uma das mãos



dele segurou na lâmina que penetrava no abdome. Lentamente, começou a retirar a arma sem que uma gota de sangue caísse, a despeito da força contrária que Trovão impunha. Acabou de separar o metal do corpo ao chutar o adversário para longe. Trovão quicou no chão até cair com as costelas doloridas junto dos pés de Grilo Negro. Kasaioni olhou para os sukoshi em volta.

- Vocês precisam sair daqui. Vivam e contem nossa história.

Fincou a espada no chão para usar as duas mãos para retirar a máscara de demônio. Soltou as presilhas lentamente. Apareceu logo abaixo um rosto comum de um homem que lutara a vida toda. Tinha pequenas cicatrizes em volta dos olhos e da boca. O nariz estava quebrado. Foi com um sorriso grato que entregou a máscara aos sukoshi.

- Vivam. Eu ensinei muito bem a vocês como sobreviverem. Agora vivam.

Os quatro hesitaram. Um deles segurou a máscara, mas os outros continuaram em posição de combate.

- É minha última ordem. Meu último pedido ao Pântano foi que deixasse vocês passarem. Não desobedeçam a última ordem de seu senhor. Já perdi tudo. Agora só me interessa levar algumas vidas comigo.

Os sukoshi partiram pelas costas de seu senhor. Kasaioni retirou a espada da terra calmamente olhando para o trio de ninjas que se encolhia perto da árvore solitária.

- Eu matarei os três. Depois esperarei para o combate final com aquele a quem eu já traí e nunca imaginava que voltaria para a vingança. Se um dia os kami deixarem suas almas voltarem para esse mundo, garotos, fiquem atentos quanto a isso. Os planos de um homem nada mais são do que vento.

- Os meus estão indo bem, filhote de kitsune! Eu vou matar você!

- Eu posso morrer, mas você não vai me matar, Toha.

Mataria sim! Trovão sentia o poder dentro dele. Era força demais. Não apenas a Escuridão o impulsionava. Agora, além do frio

vingativo, havia um calor furioso dentro dele. As duas partes lutavam no corpo com trocas de posição que chegavam a causar formigamento nas mãos. O coração palpitava quando trevas e fogo encontravam o mesmo espaço no peito. As mãos tremiam. Mesmo com isso tudo, ele sentia o poder.

- Você é meu, Toha. É meu – falou tranquilamente o Bruxo ao traçar no ar mais símbolos arcanos.

E o poder desapareceu. O fogo sumiu, toda a Escuridão parou de murmurar. Ele ainda a sentia lá dentro, mas estava presa em um canto que não conseguia tocar.

- O que você fez!?

Vespa Sombria apoiou Trovão quando as pernas perderam a força súbita. Ele pareceu vazio e frágil.

- Agradeça, garoto. Essa é minha última traição.

Kasaioni já estava sobre eles. Vespa Sombria segurou Trovão e saltou com o garoto para longe. Grilo Negro os defendeu segurou os punhos do Bruxo, forçando a espada para baixo.

- Kasaioni, fuja daqui. Fuja daqui. Sombra não pode encontrá-lo.

- Ele pode e vai, garoto. A maioria de nós chama de destino o caos que não conseguimos prever. Aquele homem tem o poder para chamar de destino o caminho que traça para si mesmo.

- Ele vai matá-lo.

- Vai.

Bateu a testa contra o nariz de Grilo e a espada seguiu caminho para deslizar em um corte profundo no peito. O ninja cambaleou para trás. Trovão não podia assistir aquela desgraça toda acontecendo. Puxou e soltou o ar três vezes acompanhando a sensação voltar às pernas. Fez sinal para Vespa e ambos se tornaram aves de rapina descendo sobre a presa. Uma pena que essa fosse grande demais para ambos. O máximo que conseguiram fazer foi impedir que Grilo Negro fosse fatiado.

- Três pardais contra um falcão.

Trovão queria matar, só matar. Pena que parecia uma questão de

tempo serem mortos. Fugiam desesperados dos ataques até os shurikens flamejantes derrubarem Grilo Negro. Vespa Sombria parou para ajudá-lo e por pouco não acabou com a espada atravessada no peito. Trovão agiu depressa para impedir que mais uma vez Kasaioni desse um golpe final. O Bruxo o empurrou até a água onde parou ofegante com os pés na lama.

Kasaioni estava com Grilo Negro gemendo sob seus pés. Poderia ter baixado a espada violentamente, mas só pendeu o braço com a lâmina apontada para o chão. Junto de Trovão agora estavam Sombra e Escorpião Negro. O garoto olhou para trás e viu Miyoshi Chiyo e Shimazu Yoshihiro na margem.

- Acabou. Entregue o que é meu – falou Sombra, estendendo a mão.

- Você pode pegar, já que se deu ao trabalho de vir.

- Aprendeu algum movimento ou técnica nova que eu não conheça?

- Nenhuma que valha a pena usar contra você.

- Então isso vai acabar depressa.

Parecia que apenas Sombra lutaria, todavia, Trovão tinha sede de vingança demais dentro dele. Quando o combate entre os dois começou, lá estava o garoto causando problemas para o Bruxo. Escorpião e Vespa se juntaram a ele. Os quatro jogaram o adversário contra a árvore e fizeram a batalha subir para os galhos onde Kasaioni lutava para os separar. A estratégia causou a derrota de Escorpião, atingido por um chute no rosto ao saltar para o mesmo galho que o inimigo. Caiu inconsciente ao pé da árvore. Pouco depois, foi a vez de Vespa Sombria, perfurada na barriga e jogada de galho em galho até os ossos se quebrarem no chão.

- Cuide dela, Toha – ordenou Sombra.

- Você não manda em mim!

- Cuide dela, Toha – aconselhou Kasaioni.

Os dois se encaravam, cada um em um galho. Trovão estava no meio deles. O mundo agora lhe dava a oportunidade de escolher entre parar o sangramento de uma ninja que conhecera só recentemente ou

acabar de vez com o vilão que trucidava sua família. Não havia murmúrios da Escuridão o influenciando. Só a consciência lhe dizia o que fazer. E ele cedeu, arrancando um riso discreto de Kasaioni. O rosto de Sombra continuava impassível quando voltou a trocar golpes com o adversário.

Trovão virou Vespa Sombria para analisar o ferimento. Jogou um pouco de saliva de morcego raposa para fazer o sangue parar de escorrer. Nada podia fazer sobre o braço e as costelas. Ossos quebrados não eram a área dele. Ao menos ela não sangraria até a morte.

A visão no alto de árvore era de dois mestres rebatendo golpes e técnicas sombrias. Kasaioni saltou coberto de chamas que formavam lâminas junto dele. O Corte da Espada do Demônio! Galhos foram partidos e folhas pegaram fogo no caminho. Sombra esperou o golpe coberto por trevas. Kasaioni passou por ele sem encontrar o alvo. Virou-se rapidamente sabendo o que estava por vir, mas era tarde demais. A espada do adversário já se afundava em seu peito. Sombra gargalhou no instante em que enfiou os dedos da mão direita nos olhos de Kasaioni. O poder fluiu para aquele que se dizia o novo dono. O corpo do Bruxo deslizou pela lâmina de Sombra até tombar rumo ao solo diante de Trovão. Não havia vida no homem que estava diante dele.

Acabou. A vingança acabou. Restavam alguns Bruxos, mas eram nada, somente sukoshi. O verdadeiro assassino e traidor estava ali. Muita gente falava do vazio depois da vingança ou sobre o quanto ela satisfazia pouco. Mentira. Raramente na vida Trovão se sentira tão abençoado. Nada daquilo traria de volta o pai, a mãe, os irmãos, o clã. Só ajudara a sumir com a amargura e a sensação de injustiça que o corroía. A paz dentro do coração parecia mágica.

## Capítulo 55: Shimazu Yoshihiro

O grupo que deixou o Pântano era composto apenas por restos de pessoas. Yoshihiro andava mancando. Grilo Negro caminhava calado exceto por gemidos. Escorpião Negro carregava Vespa Sombria. Trovão andava cambaleante. Tropeçara diversas vezes e reclamara da falta de força nos membros, mas não havia nenhum ferimento grave detectado.

Os sukoshi do Enxame de Máscaras os encontraram nas bordas do Pântano.

- Onde estão os outros? – perguntou aos ninjas.

- Ainda estamos retirando seus corpos das árvores, senhor.

Inferno não poupava ninguém. O abandono dos aliados fora mais um golpe na confiança em Chiyo. Era óbvio que morreriam, mas Yoshihiro ainda tinha esperanças que Inferno e a Velha poupariam os ninjas inferiores.

- O senhor Uesugi Daiki pede que compareçam o quanto antes ao Castelo da Luz Solitária. Parte do exército de Amago Okihisa invadiu o Ciúme de Amaterasu causando grande destruição.

- Como ele fez isso?

- Ele tomou conta do Rio Solitário, senhor. Conseguiu desviar parte da água e causou enchentes que chegaram a inundar o castelo de alguns senhores menores vassalos da Casa de Uesugi.

- Ninguém entra no Ciúme de Amaterasu, mas ele pode muito bem forçar a saída de quem está lá dentro. Uesugi Daiki já se moveu?

- Ele aguarda os senhores. Temos pouco tempo.

Dentre todos, somente Sombra e Chiyo tinham disposição para uma viagem longa. O restante do grupo estava massacrado física e espiritualmente. Escorpião Negro mal falou com os sukoshi do próprio clã. Estava só ajoelhado de cabeça baixa e olhos fechados enquanto os ninjas cuidavam de Vespa Sombria. Yoshihiro foi até onde Chiyo e Sombra cochichavam.

- Precisamos levar o poder do Dragão até os Uesugi.

- Não. O poder é dos Miyoshi, Yoshihiro. – Os olhos azuis de

Chiyo transmitiam a certeza de que não cederia naquele ponto. – Vamos até o general Gorou reunir o que restou do nosso exército e então vamos pensar em como agir.

- Pode demorar demais.

- Não vai com o poder de Sombra.

O olho negro do ninja flamejava. Com um piscar, tornou-se de novo um pequeno poço de trevas no rosto.

- Completou o poder do Dragão?

- Não. Kasaioni não tinha tudo o que eu esperava e ainda falta a energia dentro do corpo de Verso Triste e do estandarte de Amago Okihisa. Somente depois disso tudo estará completo.

- Acham sensato reunir todo esse poder de novo? Já não deu certo uma vez.

- Agora vai dar certo – garantiu Chiyo. – Preciso de você no castelo dos Uesugi enquanto vamos até o general Gorou. Você será nossa garantia de que vamos permanecer como aliados.

- Não posso abandonar a senhorita.

- Pode e deve. Mandeí Aço Inescapável para lá, mas ele não será uma boa garantia de que a aliança permanece. Preciso de você junto dos Uesugi para lhes dar confiança em nossos movimentos a partir de agora. Você é o guerreiro mais precioso de tudo o que resta do exército da Casa de Miyoshi.

A lisonja não funcionou. Yoshihiro pouco ligava atualmente para os elogios que poderiam vir de sua senhora. O que lhe importava era que Aço Inescapável estava lá. Passaria o ninja pela espada assim que o encontrasse. Que o clã procurasse outros erito. O último deles ainda reconhecido como vivo pereceria na mão do samurai. Aquilo era justiça e não quebraria nenhum juramento... talvez.

Saiu de perto de Chiyo ignorando a possibilidade de outras ordens. Já ouvira o suficiente para ter energia para continuar a viagem. Foi ter com os ninjas para conversarem sobre o próximo passo.

- Acha que Inferno nos atacará agora? – perguntou ao líder dos ninjas.

Escorpião Negro somente balançou a cabeça. Os olhos se

fixaram por um instante em Sombra. Perto dele, Grilo Negro completou a resposta.

- Ele deve estar preso dentro do Pântano ainda. Vai demorar um pouco para sair de lá. Se fosse fácil encontrá-los, Sombra iria atrás de Verso Triste. Com o poder que ele tem agora, deve ser páreo para Inferno.

- Voltarei com vocês. A senhorita Chiyo quer que eu seja uma garantia de que podem continuar confiando em nós mesmo depois de termos o poder do Dragão.

A viagem de volta foi soturna. Os ninjas e o samurai precisaram contar com a ajuda dos sukoshi e dos soldados Uesugi que se juntaram ao grupo mais adiante. Durante os ataques de bandidos ou de homens dos Amago, tudo o que puderam fazer foi ver os outros lutarem tamanho era o desgaste das batalhas dentro do Pântano. Não havia muito o que conversar. Yoshihiro perguntava sobre o estado de Vespa, mas ela saía e voltava do mundo dos sonhos. Trovão já se recuperara e andava na frente. Grilo Negro caminhava junto dos sukoshi conversando com velhos amigos.

- Algo o afetou durante a batalha – Yoshihiro disse um dia para Grilo quando viram Escorpião olhando para o horizonte de braços cruzados quando pararam para montar acampamento.

- Ele tem assuntos para resolver consigo mesmo.

- Quais?

Grilo o olhou desanimado.

- Nori... Posso chamá-lo assim? – O ninja deu de ombros. – Vocês precisam confiar em mim.

- Seus juramentos dificultam a confiança. Não importa o quanto queira estar junto da gente, você ainda está jurado a Miyoshi.

- Eu sei...

A verdade é que ele não decidira se pretendia manter algum juramento. Eles eram parte profunda dele, mas a cada passo rumo ao castelo dos Uesugi, só pensava em pedir para se tornar um samurai a serviço deles.

- Às vezes paro para pensar se Uesugi Daiki me aceitaria como

seu samurai.

- Se está pensando assim, não será de utilidade nenhuma para sua senhora como garantia de que devemos confiar nela.

Nem adiantou tentar abrir a boca para discutir. O olhar de Nori era claro na certeza do que falava. Yoshihiro não tinha argumentos sensatos além de promessas que apenas gerariam mais confusão.

- Tem razão.

- Dizem que durante toda a vida, apenas um Shimazu deixou o serviço dos Miyoshi. Sua família sempre foi a base do poder de guerra da província de Kanashimi no Teien.

- O que não adiantou nada quando os Amago vieram. O poder do Dragão e de Yamanaka Yukimori foi grande demais.

O ninja balançou a cabeça discordando.

- Yamanaka Yukimori pode ser o grande senhor da guerra dos Amago, um samurai famoso, mas ele não é a principal fonte de poder deles. Nem mesmo o fragmento do poder do Dragão.

- Como sabe tanto deles?

- Minha mãe e eu fomos espiões na corte dos Amago durante muito tempo. Depois que o pai de Amago Okihisa morreu, descobrimos os planos de invasão. Minha mãe memorizou boa parte deles. Estávamos para fugir de lá quando o filho de Yukimori nos descobriu. Ele mesmo atravessou o coração de minha mãe com uma espada enquanto eu fugia. – Afastou o quimono para mostrar uma longa cicatriz que descia pelo pescoço. – Escorpião Negro me encontrou sangrando e chamando por ela. Enquanto os outros me costuravam, ele foi lá, matou o filho de Yukimori e voltou com a espada dele e o cadáver da minha mãe. E eu falhei. De algum modo, o papel com as informações que minha mãe pegara ficou manchado no meu sangue e se rasgou enquanto eu fugia.

A cicatriz que mais o marcava não devia estar no pescoço, mas nas memórias. Yoshihiro estivera mal pela perda de Tsubasa, porém de um modo diferente de Nori. O Grilo Negro fugira enquanto a mãe morria.

- Seja como for. Perdemos minha mãe e só pude entregar uma



mensagem. Amago Okihisa, que todos chamavam de gordo e imbecil, era o verdadeiro perigo. Na verdade, desde jovem ele arquitetara tudo o que impedira que o pai desgraçasse de vez as terras de Amago. Depois que tomou o poder, acabou com a corrupção no governo de Doragonhōmu. Antes de ter o poder do Dragão, ele começou os combates fingindo que Yukimori planejava e liderava para aumentar o moral do exército. As vitórias subsequentes foram todas sob o comando dele. O samurai serviu apenas como fantoche e símbolo para lutar entre os homens como Okihisa não era capaz de fazer. Ele, o gordo, o imbecil, é e sempre foi o verdadeiro perigo.

Yoshihiro tinha dificuldades para acreditar que alguém como Okihisa, aquela criança tímida que corava ao ver qualquer mulher com o mínimo de beleza, fosse plebeia ou nobre, poderia ser tão perigoso. Isso até explicava porque ele conseguira fazer tanto sem que alguém realmente se movimentasse.

- E tentou tomar Chiyo para si – comentou o samurai.

- Disso eu não sei, samurai. Miyoshi Chiyo tem uma mente tão perigosa quanto a dele. Acho que muito mais. E tem uma vantagem contra Okihisa: ela é mulher. As únicas duas grandes verdades nas histórias sobre ele são que ele é gordo e tem uma timidez amaldiçoada diante de qualquer mulher bonita.

A história da relação de Chiyo e Okihisa era estranha demais. Yoshihiro só se lembrava que o ninja responsável por proteger a Miyoshi na viagem para Doragonhōmu era Aço Inescapável. Os pensamentos ondularam pela cabeça e os dois permaneceram silenciosos. Cada vez mais ele duvidava de Chiyo. Perguntava-se o que faltava para abandoná-la de vez. Os juramentos haviam se tornado um peso para a honra e para o coração dele.

- Sua família o culpa? – perguntou ao ninja, trocando de assunto.

- Escorpião nunca falou nada. Meu pai sempre manteve distância de tudo. Mariposa costumava soltar farpas ao lembrar da ocasião. – Suspirou desconsolado. – Era fácil enquanto eu era um sukoshi. Quando fui elevado a erito, a tensão aumentou. A pressão é

muito maior e fui obrigado a conviver constantemente com minha família.

- É triste pensar que família pode ser tanto o bem quanto o mal. Às vezes os olhares cortam mais que espadas e as palavras perfuram mais que flechas. Parece mais fácil do que deveria ferir o próprio sangue com golpes na alma.

- Fácil demais. Pensei que os samurais fossem imunes a isso.

- Somos criados para serem imunes às palavras, mas crescemos é fingindo sermos surdos. O segredo está nas máscaras que todos aprendemos a usar.

O ninja desceu os dedos pela parte visível da cicatriz no pescoço.

- Posso dar um conselho que nunca usei? – perguntou Yoshihiro. Continuou ao ver o ninja assentindo. – Converse com Escorpião. As coisas estão piorando e as oportunidades não vão aumentar. Eu sei que meu irmão não teria nada de bom para me falar em um momento como esse, mas acho que eu me sentiria melhor se tivesse tentado.

- Obrigado.

A chegada ao castelo dos Uesugi foi um alívio para todo o grupo. Havia perdido soldados, samurais e sukoshi nos ataques de bandidos e de homens dos Amago. Ficar impotente durante todos esses combates fora pior para o ânimo deles. Yoshihiro se afastou dos ninjas para procurar o daimyo. Estava ansioso pela primeira audiência. Uesugi Daiki e o irmão guerreiro, Uesugi Hayate, conversavam no jardim diante de um mapa.

- Seja bem-vindo, Shimazu Yoshihiro. Espero que tenha boas notícias, pois a situação não está fácil.

O mapa demonstrava o Rio Solitário cortando Ciúme de Amaterasu até as bordas das montanhas onde parte do exército Uesugi começava a se concentrar. Pouco depois dali estavam os Amago com o que simbolizava uma represa que acumulava e desviava a água do rio.

- Eles conseguiram inundar alguns pontos do vale desviando a

água e agora planejam destruir a barragem usando a pólvora proibida – contou Uesugi Hayate.

- Isso vai inundar boa parte das vilas que estão no vale. Nunca pensei que Okihisa fosse tão maligno.

- Aranha Sombria diz que ele não é, mas desde que nossos ninjas foram obrigados a deixar Doragonhōmu, não sabemos mais. Ele pode ter mudado, ter sido transformado pelo poder do Dragão. Okihisa quer vencer essa guerra – comentou Hayate.

- Mesmo que ele não seja capaz disso, a simples ameaça colocou nossos vassalos em pânico. Temos que agir ou nunca mais teremos sob nosso comando as terras de onde vem muito do nosso sustento.

As palavras do daimyo eram as mais sensatas. A índole de Okihisa não importava no momento. A ameaça era suficiente para serem obrigados a tomar alguma atitude. Se o Ciúme de Amaterasu era inexpugnável, as terras em volta não eram. Esperar para ver quanto tempo os Amago ficariam erodiria a confiança de todos os senhores menores sob o comando do daimyo.

- Meus homens dizem que Miyoshi Chiyo se recusou a vir – comentou Daiki.

- Quanta gentileza depois de a acolhermos e entrarmos para a guerra da casa dela. – A ironia cortante das palavras de Hayate atraiu um olhar repreensivo do daimyo.

- Peço desculpas, mas garanto que é por um bom motivo. Ela seguiu até o general Gorou. Eles virão até nós por aqui. – Apontou a única estrada por onde o que restava do exército de Miyoshi poderia seguir.

- Poderemos cercar os Amago – sorriu Daiki.

- Agora teremos Okihisa em nossas mãos.

O restante da audiência foi de planejamentos quanto ao exército. Yoshihiro prometeu continuar ao lado deles para transmitir a confiança de que os Miyoshi cumpririam sua palavra. Enviaria uma mensagem para que um pequeno destacamento fosse enviado sob seu comando de modo a abrir caminho entre os Amago com um estandarte Miyoshi

para demonstrar ainda mais a união entre as duas casas.

- O ninja Aço Inescapável ainda está aqui?

- Está sim. Ele se ofereceu como refém e está no Ninho do Enxame de Máscaras. Vai continuar preso lá para ser mais uma de nossas garantias.

Chiyo entregara o último erito dos Destinos Inexoráveis que ainda estava vivo e permanecia fiel. Também o único samurai de poder desperto que ainda tinha sob seu controle. Pena que os dois se odiassem e ao menos um morreria nas mãos do outro ao fim daquela guerra.

## Capítulo 56: Grilo Negro

A base das montanhas que precediam o Ciúme de Amaterasu eram cobertas de árvores grandes bem nutridas pelas chuvas. De cima de uma delas, Grilo Negro, Trovão, Vespa e Escorpião observavam o movimento dos exércitos junto de alguns sukoshi. Estavam ali apenas para alguma emergência ou imprevisto. Ninjas raramente eram treinados para serem de alguma valia em batalhas campais. Os poderes destrutivos podiam ferir tanto aliados quanto inimigos e o treinamento em equipe valia para combater junto de outros guerreiros das sombras, não ao lado de soldados em formação. Assim chegara o momento em que restava aguardar por novas ordens.

O exército da Casa de Amago ergueu os nobori para identificar as posições dos destacamentos do exército. Os samurais se moveram com os sashimono presos nas armaduras. As cores amarelas e vermelhas tremulavam sob o som das jinkai. Aquelas conchas portadas pelos samurais soltavam sons de batalha bonitos pelo vale anunciando que a morte deixaria seus esconderijos para abraçar os mortais.

O inimigo projetou o exército todo contra os Uesugi. Lá embaixo, junto ao rio, muito antes da barragem, os homens vestidos de azul e negro se preparavam. O losango negro sob o fundo azul indicava que Uesugi Daiki e Uesugi Hayate estavam no campo de batalha para dar confiança aos seus senhores menores. Além deles, um destacamento dos Amago passara pelo deserto para se juntar a Shimazu Yoshihiro e, sob seu comando, debaixo do estandarte da serpente e da garça sob o fundo verde, lutarem para provar que as Casa de Miyoshi e de Uesugi seriam somente uma na guerra contra a Casa de Amago.

Okihisa fez seu exército tomar a iniciativa. Os homens marcharam pelo terreno do vale, seguindo o rio para encontrar os adversários. Os soldados avançaram sob o som das jinkai com a chuva de flechas buscando vidas de colegas ao lado, à frente ou atrás. Foram recebidos por uma avalanche de lâminas.

- Os Amago não vão aguentar a pressão – comentou Trovão.
- Se eles pressionarem o suficiente, vão quebrar a primeira linha

de defesa e abrir caminho entre as tropas – falou Vespa Sombria. Ela já se recuperara o suficiente, mas ainda evitava usar o braço quebrado.

- Verdade. Yamanaka Yukimori está liderando o ataque onde nem Yoshihiro ou Hayate estão. Deve estar enlouquecido de raiva por não cumprir uma guerra de honra – falou Grilo.

Era esperado que os grandes samurais se procurassem em batalhas e trouxessem as cabeças dos vencidos para seus senhores. O protocolo não existia oficialmente nem estava entre os grandes juramentos, mas era o esperado entre os guerreiros da classe. A honra não seria necessariamente manchada pelo ocorrido, mas os comentários se espalhariam por Ōkoku para envenenar alianças. Os solteiros poderiam ter dificuldades em encontrar casamentos apropriados. Os casados teriam problemas para casar seus filhos.

Os homens Uesugi mantinham uma resistência acirrada. As tropas de Yukimori forçavam a entrada dentro do exército inimigo. Um dos grandes samurais dos Uesugi abriu espaço entre os soldados rasos para encontrar o inimigo. Grilo quase riu ao pensar no rosto esperançoso do guerreiro ao se imaginar derrotando um dos grandes espadachins de Ōkoku. Ele seguiu ostentando um sashimono manchado do sangue de soldados rasos e um ou outro samurai que derrotara. Prendera uma das cabeças que decepara no ombro e foi com ela balançando que apontou a espada em desafio para o líder inimigo.

Yukimori olhou para o homem como se estivesse vendo um dos pobres soldados tendo a ousadia de desafiá-lo. Mantou alguns guerreiros mais ousados que se aproximavam soltando olhares na direção do samurai. Grilo tentou se lembrar dele. Era Gurin Aoi, uma família de porte médio que nunca avançara em renome o suficiente para tomar a posição de grande líder dos samurais de Uesugi. Há tempo demais aparecia um grande espadachim na família principal que impedia que os pequenos círculos logo abaixo crescessem para tomar proporções como a dos Shimazu ou dos Yamanaka.

Yukimori ignorou Aoi o quanto pode, todavia, chegou o momento em que precisava passar por ele para continuar os combates. O duelo seguiu um protocolo básico baseado apenas na honra do

samurai renomado. Gurin Aoi lutou com as energias de um leão. Os braços arrebatavam a espada contra a arma do adversário acompanhados por gritos furiosos. A fúria foi gigante, a derrota nem tanto. Yukimori decepcionou o guerreiro Uesugi com um golpe limpo, sem rodeios e com atenção suficiente para não manchar a fama guerreira dos Gurin.

A morte do líder diminuiu o moral do destacamento. Yukimori incitou seus soldados a avançarem com ainda mais força. Diante do poder do samurai, os homens recuaram. Sem piedade, os Amago mataram quem fugia fosse com golpes pelas costas ou quando paravam para pedirem clemência. O pânico aumentou. Quem estava mais atrás correu antes de ser alcançado deixando a linha de frente insegura e fácil de ser massacrada.

- Nenhum dos outros samurais de Amago está desafiando os líderes dos outros destacamentos – apontou Escorpião.

- Eles estão ganhando tempo e não querem que aconteça o que Yukimori acabou de fazer. Ele vai destruir um dos flancos. – Vespa Sombria apontava para o número cada vez maior de homens fugindo.

As jinkai dos Uesugi tocaram mais alto. Dali de cima, os ninjas conseguiam visualizar muito bem a agitação debaixo dos estandartes de Hayate e Yoshihiro. Era provável que estivessem com a mesma ideia agora, desafiar Yukimori para equilibrarem a batalha.

- Isso deve ser parte do plano de Okihisa.

- O senhor Daiki não cairá nessa. Ele está observando.

A saída dos dois samurais em simultâneo causou desordem suficiente para os Amago pressionarem. O exército ondulou diante da pressão. Uesugi Daiki cavalgou entre os homens para mantê-los firmes. As tropas de azul e negro foram rocha diante do mar bravio de lâminas verdes e pretas.

- Tempo. O tempo é a resposta – falou Vespa, apontando para a estrada nas montanhas. De lá começavam a descer as tropas de Miyoshi acompanhadas de muitos dos homens do vale. Os estandartes dos vassalos de Uesugi vinham na frente e atrás a garça e a serpente. – Agora Okihisa está apertado.

O primeiro comando dos Miyoshi foi soltar os vassallos dos Uesugi sobre as tropas de Amago que vigiavam a ponte que permitiria acesso à margem do rio onde ocorria a batalha principal. Os homens avançaram com disciplina. O destacamento inimigo respondeu com flechas e recuou após uma resistência fraca. O avanço continuou com dezenas de homens atravessando o pequeno espaço. As flechas que viam do outro lado do rio massacravam os Amago a ponto de suas defesas romperem. O acesso parecia fácil, mas uma explosão rimbombou pelo vale. As pedras da ponte voaram sobre grama, água e carne. Pedacos dos homens Uesugi que atravessavam se espalharam pela água. Alguns ainda vivos tentavam nadar desesperadamente mas eram puxados pela correnteza ou iam para o fundo com o peso das armaduras.

- Ele já estava esperando – falou Trovão com o dedo na direção de um destacamento Amago que começava a descer a montanha do outro lado do vale.

Os homens de Miyoshi continuavam parados na parte alta da estrada enquanto os líderes menores de Uesugi que haviam sobrevivido à ponte tentavam desesperadamente colocar as tropas em ordem. Só havia uma esperança agora. Precisavam cruzar o rio pela barragem e torcer para que também não fosse explodida pelos Amago.

A luta na margem esquerda do rio estava equilibrada, mas do lado direito se tornara uma corrida desesperada para que os Uesugi alcançassem a represa.

- Miyoshi não vai se mexer? – perguntou Trovão.

- As alternativas dela são esperar para ver o que acontece ou deixar os homens de Amago passarem e tentar pressionar a retaguarda – explicou Vespa Sombria.

- Hoje é dia de Hachiman gargalhar.

- Todos os kami devem estar rindo. É sangue demais.

- O que nós vamos fazer? – Trovão olhava nervoso para o campo de batalha.

- Esperar ordens – respondeu Grilo Negro. Escorpião e Vespa concordaram.



## Capítulo 57: Shimazu Yoshihiro

Yoshihiro precisava admitir para si mesmo que estava saudoso das batalhas campais. Era um momento em que a mente deixava de lado tantas dúvidas, principalmente se não tinha um nobre estúpido ou um samurai com o ímpeto de Tsubasa para atrapalhá-lo. Eram somente ele e seus homens. Por sorte, muitos deles haviam sobrevivido e seguido o general Gorou, pois na batalha em que foram derrotados, Yoshihiro se juntara ao destacamento do irmão para protegerem o estúpido Miyoshi Tetsuo.

Era mágico ver como os homens o seguiam cegamente, olhando para o sashimono em suas costas com orgulho. Eles o viam derramar o sangue inimigo e seguiam o mesmo exemplo. Lamentara quando um dos capitães chegara com a notícia de que Yukimori estava quebrando um dos flancos do exército. Chamou um grupo dos seus e deu ordens para que os outros mantivessem a posição sem avançar ou aceitarem desafios individuais. Ele precisava cuidar de um assunto urgente.

O pequeno destacamento seguiu para encontrar a bandeira tremulante de Yukimori. Perto dela, já estava Uesugi Hayate. Os dois pararam juntos com seus homens lado a lado. Havia um espaço de terra ensanguentada e cadáveres entre eles e os homens de Yukimori. O samurai inimigo apoiou a nagamaki no chão. Um soldado apareceu para limpar o sangue e pedaços de carne e cabelo na lâmina. Outro passou um pano molhado sobre a armadura do senhor da guerra.

- Hachiman está nos assistindo – falou Yukimori.
- Todos os kami – disse Hayate.
- Aí já acho presunção. Há tanta morte e sofrimento em Ōkoku que eles devem estar muito ocupados.
- Não sei se tanto quanto aqui hoje.

Os olhos de Yoshihiro cruzaram o campo de batalha. O exército de Chiyo acabara de chegar e os vassalos de Uesugi pressionavam os inimigos na ponte.

- Eu o desafio, Yamanaka Yukimori – chamou Hayate.
- Você também, Yoshihiro?

- É um combate entre nós dois – interferiu Hayate.

- Só um de vocês não é suficiente para mim. Ainda que se fosse Shimazu Tsubasa aí do seu lado, mas o Dragão do Céu de Miyoshi e o Raio de Aço de Uesugi não me assustam.

- A arrogância é o primeiro passo para a queda, Yukimori.

Yoshihiro encarou a única parte do rosto de Yukimori que era possível ver sob o capacete e a máscara. Os olhos não estavam nada felizes. As palavras eram tristes no meio da batalha, arrogantes em contexto, mas sem o mesmo sentimento no tom. Ele estava apenas cumprindo seu papel. Seguiu as ordens de Okihisa para algum plano absurdo.

Um trovão tão alto quanto os gritos de guerra de Hachiman ou as imprecções de Teijin paralisou a batalha. Homem algum passou surdo à explosão que destruiu a ponte. Da leve elevação em que estava, Yoshihiro viu o desespero dos vassalos de Uesugi e o aparecimento súbito de mais um destacamento de Amago.

Yukimori olhou para trás calmamente. Bateu a nagamaki no chão para tomar a atenção dos dois samurais de novo. Ao redor deles, a batalha recomeçava aos poucos.

- Vão esperar ou lutaremos até o fim?

Yoshihiro assistiu a corrida dos vassalos para tomar a barragem. Era a única opção para cruzarem o rio rapidamente agora. Okihisa poderia até estourá-la, mas naquela posição, levaria todo o destacamento do outro lado e até uma pequena parte dos homens que ainda estavam junto da ponte. Esse grupo também começou a correr, talvez para assumir uma posição de defesa na barragem.

- Vocês não vão explodir a barragem. Nosso exército vai tomá-la.

Distante no vale, parte do destacamento de Amago parou com a intenção de travar o avanço dos Miyoshi. Seria somente um atraso dado o tamanho do exército sob o comando do general Gorou. A garça e a serpente tremulavam ao vento, mas não havia movimento entre os homens de Miyoshi. Gorou poderia estar desconfiado de que Okihisa estouraria a barragem e sacrificaria os próprios homens para destruir de

vez todo o exército Miyoshi que restara.

- Yukimori, respeite o desafio individual.

- Não.

Yoshihiro pensou na tristeza da voz do samurai que quebrava parte das regras de batalha da classe guerreira ao avançar com a nagamaki contra os dois adversários de uma vez só. As katanas defenderam os dois golpes rápidos que separaram os aliados para os flancos do inimigo. Os dois se olharam incapazes de aproveitar o momento. Yukimori iniciou ataques longos contra ambos. No início, os dois se mantiveram na defensiva, hesitantes em quebrar as regras de combate individual, mas os soldados de Amago seguiram o ímpeto do líder e começaram a baixar as lâminas contra os homens de Hayate e Yoshihiro.

- Você terá o que pede – concordou Yoshihiro. O importante na guerra era o que salvaria seus homens e não um juramento qualquer.

A nagamaki defendia eximamente cortes na diagonal e por cima. O cabo da arma bateu contra as pernas de Yoshihiro. A armadura o salvou de uma lesão, mas ele caiu na grama molhada assistindo Yukimori rodopiar a lâmina para provocar Hayate. O outro samurai se recusava a entrar na luta. Yoshihiro ficou de pé com uma investida pronta contra Yukimori. A nagamaki pode ter evitado os primeiros golpes, mas o Dragão do Céu não podia ser subestimado. Morte Precipitada encontrou caminho para abrir um rasgo na armadura da Rocha dos Amago.

- Você é bom. Pode chegar ao poder de seu irmão algum dia.

- Pouco me preocupa ser como meu irmão.

- A sombra de nossos parentes pode nos tornar amargos. Todo mundo quer seu lugar ao sol.

Hayate cortou alguns soldados de olho no combate entre Yoshihiro e Yukimori. O samurai de Amago afastava o Dragão do Céu e girava sob o poder dos juramentos, matando inimigos até alcançar Hayate de novo. O Uesugi não teve alternativas. Eram homens demais morrendo por causa de sua hesitação.

Poucas vezes se viu um combate tão belo em Ōkoku. Aqueles

samurais eram o orgulho de suas províncias. De longe, o imperador devia estar usando de seus poderes místicos para apreciar a dança das lâminas. Hayate perdera a hesitação. A katana arrancava faíscas no embate com a nagamaki. O fervor nos olhos dele o tornavam um demônio em batalha a ponto de a máscara de combate realmente parecer parte do corpo de um oni. Yoshihiro era menos furioso entretanto sem perder o ímpeto de guerra.

- Isso poderia ser uma luta justa, Yukimori! – gritou Yoshihiro.
- Está justa agora que os dois estão lutando.
- Pare! Isso são ordens de Okihisa!

Ele continuou golpeando calado. Não usou gritos de batalha. Os sons abafados que saíam de sua boca eram dos chamados curtos de seus juramentos e do esforço para os golpes mais pesados com a nagamaki. Yoshihiro deixou os dois gastarem mais energia. Em breve o desgaste seria tanto que apenas ele teria força suficiente para chamar pelos votos. Bastariam dois golpes para desarmar Yukimori e para imobilizá-lo com honra. Depois poderiam encerrar tudo em um combate que finalizaria com honra a vida do samurai inimigo. Ao menos com honra para os dois que agora tentavam vencê-lo.

Uma nova explosão soou como um rugido dracônico no vale. Essa foi mais forte do que a que destruiu a ponte. Yoshihiro não podia acreditar. Agora o alvo fora a barragem. A água abriu espaço entre as pedras para seguir um caminho inclemente na direção de milhares de homens na planície. Não importavam as cores que vestiam, eles morriam do mesmo jeito, levados pela enchente.

Os três samurais pararam de lutar. Os exércitos estagnaram para assistir os companheiros serem levados. O eco da explosão foi substituído por pedidos de ajuda. Yukimori largou a nagamaki e retirou a máscara. A mão apontava suplicante na direção das tropas afogadas.

- Não é possível.

Yoshihiro e Hayate assistiam incrédulos. Nenhum dos dois podia acreditar em tamanha maldade. Que espécie de homem mataria as próprias tropas assim? Ninguém estava a par do ocorrido. O moral

dentro do exército Amago baixou.

Yukimori ainda estava estático quando a batalha começou a ser retomada em pontos focais com homens se acusando sobre aquele absurdo. Um soldado Miyoshi foi mais ousado. De posse de uma lança, correu vingativo contra a Rocha dos Amago. Em um golpe abençoado por Hachiman, fez a lâmina atravessar a proteção do pescoço. O sangue espirrou quando o samurai tentou falar. O soldado continuou enfiando a arma até a ponta atravessar o músculo e bater na aba do elmo do outro lado.

- Não! – gritou Hayate.

A katana do Raio de Aço separou a cabeça do soldado. Yoshihiro não protestou. Limitou-se a segurar o corpo de Yukimori. Um dos grandes samurais de Ōkoku parecia traído por seu senhor e morto por um soldado qualquer. Tentou falar alguma coisa, mas somente sangue brotava da boca e do pescoço. A morte o capturou alegre e afoita pouco depois.

Yoshihiro gritou em protesto. A luta recomeçava enlouquecida em volta dele. Hayate matava com lágrimas nos olhos e só agora o exército Miyoshi se movimentava.

## Capítulo 58: Tigre Sensato

Lá no alto da colina, junto ao comando do exército, Tigre Sensato lamentava que o único ninja em atividade durante a batalha era Rato Furioso, logo ele que estava ali simplesmente pela falta de opções. O idiota até fazia um bom trabalho. A ponte foi destruída como Okihisa planejara. A batalha pendia claramente para a Casa de Amago com Yukimori cumprindo perfeitamente as ordens do daimyo ao custo da fama que adquirira por toda a vida como um dos mais poderosos e honrados samurais de Ōkoku. A fidelidade verdadeira era isso, servir ao daimyo ao custo de si mesmo.

O conceito não era questionado na mente dela. A ninja só lamentava não ter o reconhecimento por ser tão fiel. Até mesmo quando a barragem explodiu, matando tantos homens que ela conhecia, Tigre Sensato não questionou a decisão de Okihisa. Ela só se perguntou qual seria o objetivo, se o exército de Miyoshi ainda não descera da estrada para ser afetado. Considerou que se Rato Furioso não tivesse se salvado, teria sido um sacrifício que lavaria a alma dele dos absurdos que dissera nos últimos tempos.

- Não! Não!

Os gritos eram do daimyo. O rosto dele observava horrorizado a água varrendo o vale. Homens, cavalos, armas, tudo era levado pela correnteza. Aos poucos o volume de água começou a baixar nas regiões mais afastadas do rio. Se em um canto acima da barragem os exércitos retornavam uma luta louca e desorganizada, nos locais inundados os corpos começavam a aparecer.

Os homens mais próximos encaravam Okihisa assustados. Os olhos estreitos do daimyo olhavam para o mapa e para a planície. Um rosto pálido voltou-se para os subordinados.

- Vocês acham que eu ordenei isso? É loucura! Sabe quantos dos nossos homens morreram? Sabem quantos aldeões inocentes vão morrer mais abaixo no rio? Se não pela água, morrerão de fome pelas colheitas perdidas.

Rato Furioso. Ele os traíra! E ainda estaria vivo para terminar o

trabalho. Tigre Sensato orou para os kami, pedindo a vingança contra o homem que poderia ter se redimido aquele dia, mas preferiria o caminho da traição. Amaterasu o queimasse com a luz da vingança! A ninja espalhou ordens entre os sukoshi e os soldados para procurarem por algum inimigo e, principalmente, Rato Furioso.

As lágrimas desciam pelo rosto de Okihisa. Lá embaixo, Yamanaka Yukimori tombava junto aos soldados. O exército estava cada vez mais desorganizado. As tropas de Miyoshi Chiyo começavam a marchar nas bordas da planície, subindo o rio na direção da entrada para o deserto. Lá eles encontrariam uma ponte para cruzar de volta e reforçar o exército dos Uesugi.

- Uesugi Daiki vai chamar as tropas que estão guardando a entrada do Cíume de Amaterasu para dilacerar de vez os meus homens. Ele sabe que vai demorar demais até Miyoshi Chiyo cruzar o rio e ajudar. Preciso descer para organizar meu exército.

Okihisa emitiu ordens para tentar virar a batalha a seu favor novamente. Alguns soldados prepararam o cavalo e as armas do daimyo. Ele ainda esbravejava os comandos ao seguir para o animal. Um pé já apoiava no estribo quando as primeiras kunai o atingiram nas costas. Tigre Sensato foi suficientemente rápida para impedir que as outras finalizassem o trabalho enquanto um sukoshi segurava o daimyo. A ninja parou em frente a ele boquiaberta ao ver quem acabara de aparecer. As memórias eram vagas, mas aquele rosto não podia ser esquecido.

O ninja chegou acompanhado de Rato Furioso. Vinha vestido de negro e segurando uma espada com um brilho escuro. Caminhou até o estandarte com o poder do Dragão. Os dedos passaram carinhosamente pelo tecido vermelho com o triângulo amarelo dos Amago. Sorriu ao arrancá-lo e, de olhos fechados, arrancou o poder concentrado. A energia o fez brilhar com uma aura que começou branca, passou para negra e depois terminou vermelha. Os olhos agora variavam na intensidade e na cor das chamas.

Tigre sensato queria atacar, mas era poder demais em uma pessoa só. Rato Furioso estava ao lado dele, protegendo o homem que

deveria odiar para sempre. Aquele era o desgraçado que massacrara seu clã pela primeira vez e queimara o corpo de Okihisa ainda menino. Era o Dragão da Escuridão sob o Mundo que aparecia com os olhos em chamas negras e brancas.

- Tigre Sensato... Izumi – falou o Dragão. Os espiões falavam que aquele era um tal Sombra que caminhava com Miyoshi Chiyo, mas ela sabia quem era. Era o Dragão. Era ele! – Você sobreviveu.

- Sim! E não é hoje que você vai me matar! Os kami nunca vão deixar você retomar seu poder.

- Os kami nunca deixarão você me matar, mulher. No fundo, você sabe disso. Você conhece minha história.

- Você não pode com os kami.

- Izumi, saia daí. – Rato Furioso jogou para cima uma de suas esferas explosivas. Pegou de novo fazendo malabares com a bomba. – Entregue Okihisa.

- Quando nos traiu, Rato?

- Quando o Dragão me contou tudo. Não precisa de muito incentivo além disso, precisa? O poder dele acabou com o nosso clã, Izumi. Ele vai massacrar quem estiver contra ele. Só tem um lado que ganha nessa história.

- Muita ingenuidade. O Dragão perdeu uma vez. Os kami puniram ele e vão punir de novo.

- Basta de tanta conversa. Izumi, eu preciso perguntar. Quer se juntar a nós? – Dragão estendeu a mão.

Ela nem se sentiu tentada. Okihisa morria perto de seus pés. Os soldados se matavam junto ao rio. Cadáveres de afogados apareciam nas margens. Tanta morte que agora perdia seu motivo. Okihisa não moldaria mais Ōoku segundo seus sonhos, como vinha fazendo com Doragonhōmu. Os planos dele se encerravam e o motivo da existência da Dança das Garras também. Sem os Amago, o clã não precisava existir. O último herdeiro morria. Quem tomasse o poder da casa que criasse seu próprio clã agora.

- Eu vou morrer lutando pelo que acredito.

- Eu aceito isso. Vou matá-la com a honra que merece.



- Não vai. Não hoje.

Infêrno subia a colina lentamente, às vezes olhando para a batalha entre os exércitos. Os soldados deixaram-no passar, tomados pela indecisão e pelo poder intimidador do ninja. Dragão não se movimentou até que o recém-chegado estivesse ao lado de Tigre Sensato.

- Aquele criado para ser como eu, para ser meu algoz.

- Era a responsabilidade dos Destinos Inexoráveis, Ken'Ichi.

Era! Uma pena como a ambição torna os homens fracos e manipuláveis. Agora o único Shimazu a nunca ter se tomado um samurai volta.

- Ainda não estou completo, mas posso vencê-lo.

- Não me importo. Minha derrota será o empurrão para seu abismo.

Tigre Sensato fez sinal para os ninjas levarem Okihisa. O suor escorria da testa naquele momento tenso em que o início da batalha entre Dragão e Infêrno poderia causar os últimos suspiros do daimyo. Os dois ainda se encaravam. Os olhos de chama contra a máscara fechada. Infêrno sacou as espadas para o início da batalha.

- A Velha – sussurrou o Dragão com o olhar apontando para o deserto do Cíume de Amaterasu.

Aquilo pareceu um sinal para a batalha começar. Infêrno tentou um golpe em diagonal contra o Dragão, mas a lâmina encontrou apenas o ar. Não havia mais sinal dele. Restou Rato Furioso que fugiu desesperado largando as bombas. Tigre e os sukoshi fugiram com a velocidade que o treinamento ninja proporcionava. Infêrno ficou apenas parado no meio das explosões que tiravam a vida dos soldados e samurais mais lentos. Desapareceu no meio da fumaça e poeira que tomaram conta do ar da colina.

O exército de Amago sofria sem liderança. Alguém chamou pela retirada. Abatidos, desorganizados, mortos enquanto fugiam, eles recuaram o quanto puderam. O cansaço fez os Uesugi pararem a investida. Tigre Sensato via todos os sonhos desaparecendo como a fumaça na colina. Lá no meio dela, sobre terra remexida e pedaços de

corpos, Inferno observava o vale.

- Cuide do daimyo. Ele precisa de cuidados rápidos. Use tudo o que puder para tentar salvar ele. Tudo. Ele tem que ficar vivo pelo menos mais uns dias – ela disse para os sukoshi mais próximos.

Seguiu até Inferno sem medo de morrer. Eles não eram mais inimigos.

- O Dragão fugiu de você.

- Não. Alguém o avisou dos planos da Velha.

- Quais planos?

- Impedir de vez que o Dragão esteja completo. Ele já é mais do que Sombra, com mais um pouco do poder, ele praticamente será o Dragão de antes.

- E o que a gente pode fazer?

- Nada. Não posso me transportar na velocidade dele. Agora tudo depende da Velha.

- Ela é esperta e poderosa.

- Miyoshi Chiyo parece ser muito mais esperta e o Dragão muito mais poderoso.

A herdeira da Casa de Miyoshi planejava tudo. Ela criara a guerra. Queria o poder do Dragão para si. Tudo apenas para ela às custas de tantas mortes.

## Capítulo 59: Verso Triste

O sukoshi que as levava para o Ninho corria apavorado. Verso quase não conseguia acompanhar ele ou a Velha. A urgência estava tão marcada que ele não se preocupava em impedir que as duas conhecessem o caminho secreto que as permitia cruzar tão velozmente o Ciúme de Amaterasu. Correram debaixo da terra, nadaram, pegaram balsas em rios subterrâneos. De repente, já estavam sob o sol do deserto, dentro do castelo dos Uesugi.

Mais ninjas se juntaram a elas e as levaram para o Ninho. A câmara onde foram recebidas estava repleta de shinobi à espera. No meio dela, uma mulher de cabelos negros usava uma máscara preta com os olhos cobertos de branco. Ela revelou o rosto para mostrar as rugas de preocupação. Um dos olhos estava oculto por um tapa-olhos, mas o outro, manchado de vermelho por uma lesão, observou com tristeza as visitas.

- Você continua velha – falou a mulher.

- Os tempos foram duros com você, Akiko – falou a Velha. A mestra virou-se para Verso Triste. – Essa é Aranha Sombria, líder do clã do Enxame de Máscaras, menina. Essa foi uma das pessoas que nos permitiram derrotar o Dragão uma vez e foi uma das primeiras esperanças para conter o poder dele.

Verso cumprimentou de volta apenas com um aceno de cabeça. Procurou por Grilo Negro ou Trovão Abençoado, mas o único ninja que reconheceu foi Aço Inescapável, preso por correntes e sob a ponta de lâminas. Aquele homem era o último erito dos Destinos Inexoráveis ainda vivo, se ignorassem Inferno. Boatos corriam sobre outros se escondendo, com medo de serem caçados pelo desgarrado, mas a Velha dizia que mesmo que tudo fosse verdade, qualquer tentativa desses ditos sobreviventes de interferirem seria anulada por Inferno.

- Não suporto mais esse fardo. Sei que temos sido inimigos por esses anos por termos decisões contrárias, mas agora eu preciso concordar com você. O Dragão vai realmente voltar. Minha decisão foi

errada em tentar manter parte do poder dele.

- O Dragão é eterno, Akiko. Ele é eterno. Tudo o que precisamos fazer é destruir parte do poder dele. Temos que enfraquecer a fera para mantê-la presa. Só dividir o poder não basta.

- Eu sei. Hoje tomo a decisão. – Aranha Sombria olhou para os ninjas do clã. – Declaro que minha família não detém mais o poder sobre o clã. A liderança hoje passa para Escorpião Negro.

Aranha Sombria caminhou até um pote no centro da sala. Ajoelhou-se junto do objeto com ar cerimonioso. De posse de uma kunai, cortou lentamente os pulsos recitando palavras em nome dos kami e da Escuridão. Entregava o poder que nunca deveria ter sido gerado em Ōkoku para que o mundo espiritual tomasse conta e decidisse o que fazer.

- O kami ficarão ainda mais poderosos?

- Não. Eles lutarão para saber quem encontra essa energia. Talvez isso os faça esquecer de nós por um tempo.

A Velha andou até Aranha Sombria e a ajudou a aumentar o corte nos pulsos. Ninjas em voltam deram passos hesitantes, logo parados com um olhar da líder. O sangue foi usado para colorir as bordas do pote.

- Venha, Shinjo. Você também deve entregar o poder.

Verso recuou. Ouvia carinho na voz da Velha, o que a deixou ainda mais desconfiada.

- Eu não quero morrer assim.

- Não vai. Akiko vai morrer por você. Só transfira a energia do Dragão dentro do seu corpo para ela. O espírito dela vai levar tudo para a Escuridão.

- Não entendo. O poder está dentro de mim? Eu uso contra o Dragão!

- Menina, o poder vai consumi-la. É preciso muito mais do que ter o poder. Você só tem isso porque sua mãe, uma das que nos ajudou na época, passou para você durante seu nascimento. Aconteceu o mesmo com a filha do líder dos Destinos Inexoráveis de quem eu arranquei o coração. Também foi assim quando os tengus massacraram a

Dança das Garras e Okihisa aproveitou a oportunidade para retirar o poder do Dragão de lá.

- Mas Kasaioni...

- Kasaioni foi um dos ninjas mais poderosos que eu já conheci e nem ele ousou ter todo o poder... ou não teve coragem de matar a própria filha para acumular mais energia. – A Velha estendeu a mão com dedos enfraquecidos pelas memórias. – Venha, Shinjo. Passe de vez a maldição para frente. É nossa chance agora que temos um receptáculo disposto a sacrificar a vida e a alma.

Verso se ajoelhou diante de Aranha Sombria. Tocou as mãos ensanguentadas da líder do Enxame de Máscaras e recebeu de volta um sorriso fraco do rosto que empalidecia lentamente. Ela e a Velha continuaram com as palavras arcanas. O peito de Verso esquentou com as batidas fortes do coração. O calor percorreu a pele anuviando os pensamentos. Memórias que não eram dela apareceram. Homens e mulheres em volta de um homem caído. A Velha, com poucas rugas a menos, gritava indignada. Aranha Sombria, muito mais jovem, apontava para o próprio ventre e argumentava com os outros em volta. Muitos sorriam e os olhos ambiciosos brilharam. Um homem tentou impedi-los e foi morto, outro saiu cheio de desgosto e a Velha o acompanhou indignada. Ela sentia as motivações. Uns queriam o bem maior, a oportunidade de usar o poder para o bem, outros desejavam se proteger de ameaças, alguns ansiavam se salvar ou conseguir a liberdade.

As memórias não pareciam dela, mas passaram a ser aos poucos quando o calor começou a diminuir, passando pelos braços para alcançar um novo recipiente vivo. Verso se separou de Aranha Sombria com os olhos lacrimejantes. Havia memórias demais de gente morrendo, de desejos de tantas pessoas e, principalmente, da vontade de vingança e de liberdade do Dragão. O coração doeu com lembranças de um amor perdido, com desejos de reencontro.

O mundo escureceu de repente. Ela pensou que tivesse fechado os olhos no meio da tormenta de sentimentos e lembranças. Piscou sucessivamente fazendo com que mais lágrimas escorressem. Quando

as pálpebras revelaram a caverna mais uma vez, uma espada atravessava a testa de Aranha Sombria. O rosto vazio dela mirava Verso Triste.

- Desgraçado! – gritou a Velha, saltando para trás com a espada em riste. Ela puxou Verso junto para se afastarem. A garota sacou a arma sem entender como tudo havia acontecido.

Sombra estava diante deles. Não, aquele não era Sombra. Era mais do que ele. Era outro homem que agora era quase completo. As lembranças de tantas pessoas o avisaram que aquele era o Dragão. Ele apoiou o pé nas costas de Aranha Sombria e arrancou a espada do crânio. Em volta, os ninjas se armavam. Na primeira tentativa de ataque, o Dragão arremessou shuriken contra os homens que protegiam Aço Inescapável. Tombaram mortos sob um sorriso do ninja dos Destinos Inexoráveis.

O Enxame de Máscaras tentou contra-atacar. Shuriken tomaram conta da sala. A Escuridão foi invocada diversas vezes por técnicas que Verso nunca ouvira falar. O poder utilizado gerou tantos murmúrios que ela ouvia somente trevas. A Velha gritava junto dela. Avisava para os ninjas fugirem. O Enxame se recusava a recuar em sua própria casa e, com isso, os ninjas caíam aos montes diante do poder do Dragão. O inimigo sumia na penumbra, dissolvia-se diante das lâminas, parava golpes com apenas uma mão. O reaparecimento era acompanhando de sangue. A Escuridão sussurrava comentários perniciosos sobre a morte de mais um ninja. Outro corpo encontrara o chão rochoso da caverna.

- Você vai fugir, menina. E vai avisar para ninguém voltar para cá. Precisa reunir quem sobrou. E precisa falar com Shimazu Yoshihiro. Ele tem que estar do nosso lado.

A Velha empurrou Verso para a saída. Não dispensou olhares de despedida ao investir contra o Dragão com a energia de técnicas aprendidas por eras. Foi a primeira naquele dia a atingir o inimigo. Jogou o adversário contra a parede. Um ninja fêlhô ao aproveitar a oportunidade e terminou com uma espada enfiada no pescoço. O Dragão limpou a poeira sobre o ombro, retirou o sangue que manchava o rosto, mirou a Velha com os olhos flamejantes.

- Você viveu demais. Quando eu ensinei o básico para você, era

pra usar para a liberdade – vociferou a Velha com o pescoço cheio de veias e o rosto vermelho de raiva.

- Você queria servir os kami. Você que entregou a própria filha para a loucura deles.

- Os kami são parte do mundo. Ninguém vive à parte deles, Ken'Ichi. E você não vai ter liberdade agora. Chiyo vai controlá-lo. Ela tem o fragmento de poder com um pedaço da sua alma. Só pode ser essa a resposta para tantos planos.

O Dragão gargalhou. Uma dúzia de shuriken feitos de trevas saíram das mãos dele. A Velha os deteve com raios luminosos. Voou no meio de pedaços de luz e de escuridão que se encontravam para golpear o Dragão com a espada. O caminho foi interrompido por uma barreira de espadas giratórias. Ela saltou para evitar as lâminas. Lá no alto, encontrou outra. Aço Inescapável pulou de trás da Velha, afundando a katana no peito da mulher.

- Não – gritou Verso.

Assassino e vítima caíram aos pés do Dragão. Ele a puxou pelos cabelos enquanto o Destino Inexorável se afastava. O Enxame de Máscaras compreendeu que a luta era inútil. Os ninjas começaram a debandar, homens e mulheres que não tinham alternativa a não ser recuar e esperar por um futuro melhor.

- Velha, você acaba aqui. Espero que tenha sido a última desses mestres enrugados que eu tive que eliminar. Vocês envelhecem mal e com muito ressentimento.

O sangue escorreu da boca da mestra. Ela fechou os olhos com o rosto mascarado pela dor. Verso assistiu o último suspiro da anciã que odiara e amara por tantos anos. Fugiu com lágrimas nos olhos junto dos outros ninjas.

## Capítulo 60: Shimazu Yoshihiro

- Os Amago recuaram. Eles não serão ameaça. Depois que o exército de Miyoshi chegar, poderemos acabar de uma vez com os planos de Okihisa – falou Uesugi Daiki no começo da reunião. O daimyo acabara de dispensar os samurais e outros líderes de guerra. Mandara chamar Yoshihiro que acabara de chegar juntamente com os ninjas do Exame de Máscaras.

- O boato é que ele foi morto logo depois da explosão da batalha pelos homens que o cercavam – comentou Escorpião Negro. – Enviei dois sukoshi para contatar Aranha Sombria. Ela enviará reforços para invadirmos o acampamento e eliminarmos o daimyo de uma vez por todas.

- Senhor Daiki, permita-me seguir até Chiyo. Mantereí minhas tropas aqui como prova de fidelidade enquanto sigo até o exército. Preciso conversar com minha senhora.

O daimyo fitou Hayate. A troca de olhares entre os irmãos foi tensa, mas o senhor guerreiro assentiu. Ele ainda estava inconformado com a morte ignóbil de Yamanaka Yukimori. Mandara jogar o corpo do assassino no rio e soltou imprecações pedindo aos kami que atormentassem para sempre o espírito do pobre coitado. Yoshihiro conhecia o homem decapitado. Era uma boa pessoa, um soldado capaz e pai de família. O ataque fora parte da ânsia de vencer. Às vezes os homens se esqueciam que havia regras na guerra, principalmente no combate entre os grandes guerreiros.

- Se Okihisa não estiver morto, basta assassiná-lo. Depois disso, oferecerei um acordo de paz para o que sobrou das tropas dele. Não vejo motivos para o banho de sangue continuar.

Yoshihiro soltou o ar aliviado com a decisão do daimyo. O sangue daquele dia já deveria ter saciado os kami por tempo suficiente.

- Yoshihiro, depois disso, preciso conversar com sua senhora. Ela precisa voltar a dividir o poder do Dragão. Não podemos deixar que tanta força fique concentrada em uma pessoa.

Aquele seria o momento difícil. Yoshihiro queria chegar até o



exército Miyoshi justamente para tratar do assunto com Chiyo. Voltar com a proposta de dissolver o poder do Dragão seria um anúncio de paz que evitaria qualquer indício de guerra entre Uesugi e Miyoshi.

- Senhor Daiki, pretendo reunir-me com minha senhora para tratar desse acordo. A paz é o objetivo maior com a queda da Casa de Amago.

- Que assim seja. Parta e saiba que seus homens estão conosco. Eles morrerão se nos traírem. É a vida de pelo menos cem homens, dentre eles pelo menos seis samurais. Pelo que sei alguns são de famílias ligadas aos Shimazu por sangue.

Yoshihiro se curvou e partiu sob a permissão do daimyo. Despediu-se dos homens com promessas de retorno e para que obedecessem aos Uesugi sob a pena de serem mortos por ele mesmo se desonrassem sua palavra. Grilo Negro o encontrou nas bordas do acampamento.

- É provável que sua senhora não entregue o poder do Dragão. Faça a escolha certa e lembre-se de que seus votos são para salvar a honra dos Miyoshi. Talvez você precise salvá-la dela mesma.

Ele assentiu. Nunca havia pensado nesse aspecto. Concentrava-se demais em servir Chiyo sendo que, na verdade, os Shimazu serviam à honra da Casa de Miyoshi. Seguiu viagem pensando nisso e no quanto a atual geração desses nobres era incapaz de manter um bom renome. Alcançou o acampamento dos Miyoshi quase no meio da noite. Entregou o cavalo a um soldado e seguiu depressa para encontrar Chiyo. Ao redor, os homens despertavam uns aos outros. Alguns comentavam a chegada de Shimazu Yoshihiro e agradeciam ajoelhados a chegada do Dragão do Céu.

Os olhos azuis de Chiyo brilharam quando ela o viu. Abraçou-o sem qualquer protocolo de bom comportamento, sujando o quimono impecável com as crostas de sangue que ainda estavam na armadura do samurai. Yoshihiro conteve um pouco da vergonha por não ter levado o equipamento para ser limpo adequadamente depois do combate.

- Yoshihiro-san, que bom ter você novamente. Os homens estavam perguntando quando o maior dos nossos samurais estaria

aqui. Corre o boato que você derrotou Yukimori em combate.

- Yukimori está morto, mas não como nenhum de nós gostaria. Foi uma morte sem honra, sem glória. Só os meikai no kami devem ter apreciado plenamente tamanha desgraça.

- Os kami sob o mundo podem estar rindo, mas às vezes isso acontece. Não podemos reclamar, somente lamentar. – Puxou-o para dentro da tenda. – Venha e retire sua armadura logo. Quero que você se limpe e descanse. Os homens já estão comentando que está no acampamento. Quero sua armadura limpa para enfrentarmos os próximos desafios.

Os servos se apressaram para retirar a armadura. Ele permitiu que levassem tudo, exceto Morte Precipitada. Com a katana na cintura, aceitou uma toalha úmida para limpar o rosto e algumas partes mais expostas do corpo. Recusou a oferta de se sentar.

- A senhorita precisa dissolver o poder do Dragão. Manter tanta força pode precipitar uma guerra contra os Uesugi e, se temos esse poder, foi porque eles nos ajudaram.

- Não posso fazer isso. Esse poder é a garantia de que ninguém voltará a ameaçar os Miyoshi, que ninguém mandará em mim de novo, nem um pai covarde ou um irmão idiota. Quero ter filhos, Yoshihiro-san, e esses filhos devem viver em segurança.

- Sombra vai usar o poder contra você.

Chiyo riu graciosamente tapando a boca com a mão. De trás dela, saíram o homem que deveria ser Sombra e o ninja Aço Inescapável. O samurai levou a mão à espada instantaneamente. O primeiro motivo foi a presença do irmão e assassino de Veneno Inescapável... Suzu. O segundo motivo foi notar que o outro ninja não era mais Sombra. Aquele era outro ser.

- É um prazer conhecê-lo, irmão.

- Irmão?

- Sou Shimazu Ken'ichi, primeiro filho de nosso pai. Yoshihiro, sou aquele que nunca se tornou samurai, que foi treinado pelos ninjas para ser o grande destruidor da ordem do mundo.

- Mas...

- Minha mãe morreu quando nasci, assim como a de Tsubasa faleceu pouco depois do nascimento dele e a sua definhou aos poucos até morrer no meio de sua infância. Os Shimazu carregam uma maldição e nosso pai a passou com toda força para seus três filhos. Os três Dragões somos nós, meu irmão. Uma pena que Tsubasa tenha falecido. Você é o de alma mais branda entre nós três. Mas isso pode ser corrigido ainda.

Yoshihiro estendeu um braço para afastar Chiyo dos ninjas. Com o outro, sacou a espada.

- Chiyo, ele vai traí-la.

- Não vai, Yoshihiro. Parte da alma dele está dentro de mim. Ele não pode me matar e precisa me servir. Isso não vai impedir que faça suas vontades, mas ele nunca vai me prejudicar.

O samurai via pela postura dos ninjas que o único disposto a combate era ele. Aço estava relaxado e com os olhos brilhantes de felicidade ao ver o sofrimento no rosto do homem que tanto o odiava.

- Você precisa se juntar a nós, Yoshihiro. Esqueça a morte de minha irmã. O fim dela acabou nos ajudando a libertar o único corpo capaz de abrigar o Dragão mais uma vez.

- Sombra foi um grande aprendiz. Ele poderia ter se tornado um Dragão também. Meu mais fiel seguidor, a Sombra do Dragão – completou Ken'ichi.

- Preciso falar a sós com minha senhora.

Os ninjas sorriram um para o outro e partiram conversando sobre trivialidades. Yoshihiro perguntava-se como Aço teria deixado o Ninho do Enxame de Máscaras. Os ninjas tinham como dever mantê-lo preso e ainda seria um refém precioso para Chiyo, mesmo sendo apenas um shinobi.

- Como Aço escapou? Isso pode prejudicar nossa aliança.

- Ele não é tão importante, Yoshihiro-san. Aço é apenas um ninja e o Enxame de Máscaras se descuidou.

- Chiyo-dono, o Dragão vai traí-la. Ele tem poder demais.

- Não vai.

- Vai sim.

- Você precisa confiar em mim e se juntar a nós. Os homens precisam vê-lo marchando conosco para terem firmeza nos momentos difíceis que ainda passaremos.

Ele olhou amargurado na direção de aço. Os pensamentos sobre a morte de Suzu reemergiam sob a pressão de diversos sentimentos.

- Eu lhe dou a cabeça de Aço se isso o fizer mudar de ideia.

- A vida dele vale tão pouco?

- Ele é apenas um ninja.

- Então eu quero a oportunidade de matar o Dragão também.

Ela gargalhou tapando a boca com as duas mãos.

- Você nunca conseguirá vencê-lo.

- Dê-me o veneno que Suzu lhe entregou. Com ele nós o mataremos caso seja necessário.

A nobre hesitou. Afastou-se de braços cruzados e parou perto das louças onde começou a preparar um pouco de chá.

- Você mesmo disse que eu deveria estar com o veneno para poder me matar se um dia fosse pega.

Yoshihiro assentiu. Recusou o chá ao mesmo tempo em que embainhava a espada.

- Matar o Dragão pode ser a única maneira de salvá-la.

- Pode ser que sim, então deixe que eu cuide disso. Vai se juntar a nós?

- Dê-me o veneno apenas como garantia.

Chiyo abanou a mão recusando.

- Por que não pode me dar o veneno apenas como garantia? Eu a seguirei, mas a senhorita precisa me dar essa chance de matar o Dragão se for necessário.

- Preciso pensar no seu caso – ela falou, se afastando.

O samurai segurou a jovem pelo pulso. Fez a mulher o encarar. Procurou pelo veneno no quimono dela.

- Yoshihiro-san, isso é altamente inapropriado. Solte sua senhora agora. É uma ordem.

Ele se afastou de mãos vazias.

- Onde está o veneno? Você deveria mantê-lo junto do corpo o

tempo todo.

- Guardei em outro lugar. Apenas durma. Eu prometo entregar a você. Amanhã tomaremos as grandes decisões.

Yoshihiro saiu da tenda com um pensamento claro. Suzu não matara Hoku Ken. O seijin morrera sob os efeitos do veneno de Chiyo. Bastava um toque. E ela tinha o antídoto. Lamentou consigo mesmo que precisara de tantas provas para finalmente se convencer de que sua senhora era tão má quanto outros nobres. A morte do pai e o irmão não a transformaram. Um plano como aquele teria começado antes de tudo aquilo ocorrer. De repente, ela juntara todas as peças que agora colocavam o Dragão sob seu poder.

“A verdade massacra, mas também liberta”, pensou Yoshihiro. Afastou-se o máximo que pode do acampamento e ali ficou de joelhos durante algum tempo. Contemplou as estrelas pensando em qual seria a orientação dos espíritos para o dia. Só as palavras de Grilo Negro o orientavam de modo a não perder a honra de vez. Enterraria tudo consigo se fosse necessário.

Os pés cansados o apoiaram para voltar ao acampamento. Lá embaixo, viu uma cena estranha. Os homens se preparavam para marchar sob o comando de um homem com sua armadura. Era mais uma ofensa em uma série incansável de flechas que lhe golpeavam a alma.

- É Aço Inescapável com sua armadura, meu irmão.

Yoshihiro tomava cada dia mais raiva desses ninjas aparecendo das sombras. Se havia algo necessário naquele mundo, talvez fosse eliminar todos os clãs. Tornar as guerras abertas ajudaria muito a eliminar parte da vontade dos nobres em continuar desavenças quase que eternamente, passando de geração em geração com assassinatos e espionagens.

- Sombra não existe mais?

- A alma dele existe, mas não nesse corpo.

- Nunca gostei dele.

- Eu gostava. Era um bom homem. Muito mais sofrido do que todos nós. Mas ele sabia o motivo de ter sido libertado e escolheu esse

caminho por vontade própria.

- Cada homem se sacrifica pelo que o coração escolhe, por mais errado que seja para a alma. – Olhou para o homem cuja face lembrava a de Tsubasa. – Veio me matar.

- Chiyo deu ordens para eu matá-lo. Não disse quando.

- Ela não o controla também.

- Cumpri todas as ordens dela estritamente como pediu até agora. Por que duvidaria de uma? Vamos nos enfrentar e você vai morrer, meu irmão. Meus inimigos têm o bom costume de morrer.

- Sozinho eu perco, mas com os aliados certos, você vai morrer.

O Dragão apontou para o escuro.

- Tem um cavalo ali na frente. Não cruze com o exército ou eu o matarei. Sua única alternativa é seguir uma trilha mais demorada. E não tente mesmo colocar os homens sob seu comando. Eu mesmo matei Gorou quando ele se recusou a cumprir os planos.

Yoshihiro correu para as trevas e montou. A trilha de fato custou boa parte da noite para ser percorrida. Lá de longe, conseguia ver as fogueiras dos dois acampamentos. Um pouco de esforço permitia enxergar o exército Miyoshi oculto pela noite.

Alcançou o acampamento Uesugi pouco antes dos inimigos. Cruzou as tendas gritando para os soldados levantarem-se. Chamou todos às armas, tomando direção especial de seus homens. Eles estavam sob vigia de samurais e soldados armados.

- Preparem-se, os Miyoshi estão vindo!

Seus soldados e os Uesugi lhe direcionavam olhos arregalados e cansados. Os líderes dos pelotões se olhavam procurando novas ordens.

- Vocês, meus soldados e homens de confiança! Juramos um dia protegermos o bom nome da Casa de Miyoshi. É o que devemos fazer. Nossa senhora foi corrompida pela ambição do Dragão. Ela se perdeu no caos e esqueceu da ordem que os nobres deveriam trazer à terra! Peguem suas armas. Os inimigos estão vindo.

- Diga o que está fazendo, Shimazu! – exigiu Uesugi Hayate. Chegava com a katana na mão e vestido com um quimono

atrapalhado. Junto dele, Verso Triste e Trovão vinham armados.

- Miyoshi Chiyo traiu a todos. Ela está avançando com o exército. O inimigo vai alcançar a primeira parte do acampamento daqui a pouco. Libere meus homens!

Hayate fitou o samurai com os olhos estreitos. Assentiu para os guardas com desconfiança. Suas ordens seguintes foram para que o acampamento se preparasse.

As tropas de Yoshihiro chegaram no momento em que os homens de Miyoshi começavam a matança. A pequena desorganização ao entrar no acampamento deu oportunidade para o exército ser parado mesmo por um pequeno número de homens. Yoshihiro reconheceu alguns dos soldados que matou. Morte Precipitada derramava sangue fartamente, abraçando o deleite por completo ao perceber a mágoa de Yoshihiro ao matar alguns rostos familiares. A surpresa dos adversários foi tanta que os Miyoshi começaram a recuar alertando sobre uma armadilha dos Uesugi.

O caos do acampamento era composto de mortes, clamor de espadas e homens em fuga. Aos poucos, muitos dos Uesugi começaram a aparecer armados. Yoshihiro os posicionou para continuar açoitando as forças inimigas sem deixar os Miyoshi perceberem que bastava um pouco de empenho para vencerem naquela noite.

Aço Inescapável começou a reunir os homens. Apareceu montando, apontando a espada na direção em que precisava de soldados. Sua presença renovou o moral de quem recuava. Os homens reorganizavam-se aos poucos entre as tendas derrubadas. Yoshihiro andou com as tropas até alcançarem o ninja disfarçado. Lá ele apontou Morte Precipitada para que os arqueiros atirassem com tudo o que tinham. Apenas o cavalo foi atingido pelas setas mortais. O animal empinou com um relinchar de dor, enquanto o cavaleiro saltava para o chão.

A katana de Aço encontrou Morte Precipitada antes que a lâmina inimiga alcançasse seu pescoço. Os pés do ninja tremeram com o impacto furioso dos golpes de Yoshihiro.

- Você matou sua irmã.

- Eu sigo ordens. Eu não sou como você, samurai. Acho que talvez eu mereça estar nessa armadura e você tenha que passar a viver sem sobrenome e disfarçado sob uma alcunha de guerra.

As espadas pararam de duelar quando uma parede de lâminas surgiu em volta do ninja. Gargalhando debaixo da máscara e do elmo roubados, Aço começou a disparar os shuriken sem se importar se os homens questionavam um samurai usando poderes obscuros de repente. As estrelas metálicas rasgaram o quimono de Yoshihiro e afundaram na pele. A dor o paralisou por tempo suficiente para que Aço atacasse. As lâminas voadoras e a katana espalharam cortes no samurai a ponto de deixarem o torso nu e coberto de sangue. Ele recuou entre corpos caídos.

- Eu mesmo fabrico meu aço, Yoshihiro. Com seu sangue, farei um melhor ainda.

O samurai apertou-se. O ar encheu os pulmões ao tempo em que a mente se concentrava nos juramentos. Aquele era um dos corruptos que acabara com a Casa de Miyoshi. Seria o primeiro que morreria nos atos para limpar o nome da família a quem os Shimazu serviam havia séculos. A mão esquerda apontou para o ninja. Os dedos se mexeram lentamente, convidando o adversário para outro ataque.

“Hoje você terá sangue da vingança”, falou para a espada. Aquela não pareceu a maior das motivações para a arma. Ela queria o sofrimento do portador, a desgraça dos inimigos. Uma vingança por amor era pouco. Vingança por honra era quase nada. Morte Precipitada ajudou pouco a deter o novo avanço das lâminas de Aço. Yoshihiro precisou se movimentar sozinho com esquivas ou aparando os golpes.

“Se eu sobreviver, o próximo sangue que você vai experimentar será o do Dragão. O Dragão!”, ofereceu. Morte Precipitada não pareceu muito animada. Ela já conhecia a derrota e imaginava que o samurai poderia não vencer. Mais uma vez, ela ajudou pouco, mas foi o suficiente. Yoshihiro deixou a barreira de lâminas se aproximar. Agora não se importou com os cortes. Chamou os juramentos para curarem o que fosse necessário. Sob o sangue que vazava da pele aberta, o fogo que tentava fechar as feridas e, como ódio que ardia no coração, o



samurai passou pela barreira já desviando a espada de Aço. Mais rápido do que o ninja, o próximo golpe cortou de baixo para cima na diagonal. A lâmina afundou na axila. O ninja tentou se afastar com o braço pendente. Seus olhos arregalados viram por último a ponta de Morte Precipitada afundando na testa.

- Espada desgraçada. Não vai saborear a vingança.

O samurai retirou a lâmina depressa do cadáver. Embainhou Morte Precipitada e pegou a espada de Aço para continuar a luta. Matou até notar que já era hora de fugir. O elevado número dos Miyoshi fazia pressão suficiente para empurrar os soldados.

- Recuem! – gritou, começando a se sentir satisfeito com a vida.

## Capítulo 61: Trovão Abençoado

Pai, mãe, irmã, Hoku Ken. A lista de perdas só aumentava. Agora, junto a um exército praticamente derrotado, Trovão pensava em todas as escolhas. A vingança fora boa, vinda com uma paz rara nos últimos anos. As consequências dela não foram tão interessantes assim. Juntar-se a Miyoshi Chiyo não fora uma ideia sensata desde o princípio. Aquele grupo estranho dela participara da morte de Hoku Ken, uma das poucas pessoas que lhe dera valor nos últimos anos.

- Vendo isso, parece que eu deveria ter ficado do lado da Velha – disse para Verso Triste no momento em que contemplavam o exército de Miyoshi se movimentando para mais uma escaramuça.

- Ao menos você conseguiu sua vingança. É ruim e sem sentido como dizem?

- Não. Parece quando você ficou com um bebê chorando no braço a noite toda e aí ele cai no sono. A sensação é muito boa.

- Mas agora parece que esse bebê dormiu porque morreu envenenado, não é? – A voz era de Vespa Sombria que penteava os cabelos calmamente junto deles.

Os três estavam espionando os inimigos havia algum tempo. Circulavam os homens de Miyoshi tirando bom proveito das chances de assassinar alguns soldados e oficiais. Vespa alertara para serem cuidadosos ou chamariam a atenção do Dragão.

- Que ele venha! – disse Trovão.

- Ele mata nós três sem pensar duas vezes, Toha – explicou Verso com um balançar paciente da cabeça. Passou as mãos carinhosamente nos cabelos dele.

Trovão gostava dela, exceto quando tinha a estranha ideia de se comportar feito uma mãe. Aí tudo desandava. Ele não precisava mais de uma figura materna. Mães eram sempre boas na vida de alguém, exceto quando passavam a ser essenciais na vida de um adulto. Desse ponto em diante, uma mãe poderia até ser boa, mas o adulto seria ruim. O bom mestre, assim como a boa mãe, era quem ensinava a não mais depender dele mesmo.

- Tira esse bico do rosto, menino.

- Eu não sou mais menino, Verso. Minha idade pode ser pouca, mas pelo tanto que matei e sofri, acho que tenho o direito de ser adulto como vocês.

Ele julgava que tinha. Amadurecimento ainda teria muito, mas já dera o primeiro passo, suportar o que o mundo jogava sobre ele. No momento, os kami haviam lhe jogado um exército inteiro apoiado pela força de um homem que fora libertado em parte graças a ele. Isso, a reconstrução de um clã, cuidar de um bando de crianças, agora tudo era parte de um peso que ele aceitava melhor do que há poucos meses. O mundo girava e a alma dele acompanhava. A decisão de acompanhar o grupo de Chiyo, a despeito do falecimento de Hoku Ken, fora um passo importante. Conseguira se vingar mesmo que tenha causado alguns problemas mais para frente. Agora era consertar isso.

- As coisas estão ruins. Não adianta nada continuarmos matando esses soldados. A única chance é vencer o Dragão e matar Chiyo – sugeriu Vespa.

Trovão imaginava que aquela era a solução mais óbvia. Os outros não pareciam tão inclinados ao mesmo plano. Sozinho ele não poderia ir. Era suicídio.

- Eu tive uma ideia – disse soltando um sorriso de vitória. As outras ninjas esperaram curiosas. – Vamos falar com o clã das Preces Não Atendidas.

- Não acho que eles gostarão da ideia – alertou Verso.

- Morte Muda me ensinou muito enquanto estive com eles, Verso. Ele pode ajudar a entender o Dragão de um jeito que a gente não conseguiu ainda. Ele estava lá quando o Dragão caiu.

As duas concordaram. Se não conseguissem o apoio direto dos Preces Não Atendidas, ao menos teriam novas informações para o combate final que os esperava. Uesugi Daiki foi consultado. O daimyo estava preocupado demais com as escaramuças e a perda imediata da guerra para a casa de Miyoshi. Bastou um aceno de mão para permitir que Trovão e Verso pegassem os suprimentos para tomarem rumo do esconderijo do clã sem mestre.

- Antes eu imaginava que aqueles sem mestres eram só escória e que nunca um daimyo pediria ajuda a eles – comentou Trovão durante uma parada para comerem.

- É o que nos ensinam, não é?

- E agora a gente é desse tipo de ninja. Já imaginou que quem vai enfrentar o Dragão é desgarrado, ronin ou de um clã que ajudou a criar todo o problema?

- Não parece muita coisa. Já notou que nós nos encaixamos em mais de uma categoria?

- Clãs que ajudaram a criar o problema. Pelo menos você e a Velha tentaram parar tudo isso.

- Não sei bem se os planos da Velha eram tão justos. Ela estava disposta a se rebaixar demais para vencer o Dragão.

Pensaram muito em como a Velha jogou tudo o que pôde, até mesmo vidas de outros, para executar seus planos. O Dragão era um perigo que valia mais do que dignidade e vida para ela. Trovão via como Verso julgava a falecida mestra. Ela não entendia muito bem o que era carregar um fardo e tomar decisões que apenas aumentariam o peso na consciência.

Já próximos ao esconderijo do clã das Preces Não Atendidas, eles notaram que não seguiam sozinhos para encontrar os ninjas. Soldados com a serpente e a garça negra de Miyoshi esperavam pacientemente escondidos entre as árvores. Verso e Trovão trocaram olhares curiosos. Aquele clã sem mestre deveria ser uma ameaça maior do que esperavam.

Uma mulher desesperada segurando uma criança começou a correr no meio das árvores sem notar a ameaça mais à frente. Atrás delas, mais pessoas começaram a aparecer. Trovão reconheceu alguns rostos dos yakkaina dos Preces Não Atendidas. Todas pessoas sem treinamento, aqueles do clã que serviam como ferreiros, carpinteiros ou simplesmente viviam como a base da sociedade na qual os ninjas se formavam. Um a um, os membros daquela casta do clã começaram a ser eliminados. A primeira flecha atravessou o pescoço da mãe, a segunda ficou enterrada na têmpora da criança. Um samurai saltou de

trás de uma árvore gritando para que a chacina acabasse logo.

- Não vai acabar assim.

O olho de Trovão brilhava vermelho. As faíscas cresceram no ritmo da raiva. Os raios arrepiaram os cabelos, saindo aos montes da órbita escarlate. Ele enxergava o mundo em tons de morte. As primeiras seriam dos homens de Miyoshi.

- Até a morte!

- Até a morte de todos eles – acompanhou Verso Triste.

Eles saltaram para matar. O samurai recebeu um chute para dobrar os joelhos. Desequilibrado, o homem expôs o pescoço o suficiente para receber a katana entre as vértebras. A passagem da lâmina por carnes, ossos e tendões não foi prazerosa. Agora era só dever. Trovão queria salvar pessoas. A vingança se fôra. Lançou shurikens que derrubaram dois soldados que avançavam em carga na sua direção. Girou a espada para trás para que a ponta encontrasse o estômago de um samurai afoito que tentou atacá-lo pelas costas. O homem soltou a espada aos poucos pasmo com o sangue que escorria da barriga. Trovão arrancou a katana de dentro do inimigo. Verso Triste fazia ótimo trabalho perto dele, massacrando soldados e samurais. Os yakkaina fugiam pela mata. Alguns reconheciam Trovão, fácil de identificar com os raios furiosos escapando do olho avermelhado.

Os ninjas do clã das Preces Não Atendidas começaram a aparecer aos poucos. Se não tinham ferimentos graves, ao menos os rostos estavam cobertos de pavor.

- Onde está Morte Muda?

- Está chegando – apontou um ninja que carregava um colega coberto de sangue.

Morte Muda apareceu pouco depois, também ferido. A máscara estava parcialmente queimada e a face esquerda enegrecida por algum golpe místico. Parou subitamente a fuga ao reconhecer Trovão.

- Ele veio nos pegar, Toha.

- O Dragão?

- Sim. Matou muitos de nós. Não vamos conseguir fugir, mas

precisamos de tempo ao menos para que as famílias possam sobreviver. – Morte Muda olhou para os cadáveres dos combatentes de Miyoshi. Balançou a cabeça ressentido ao ver alguns dos yakkaina também caídos junto deles.

- Não conseguimos salvar todos.

- Eu entendo. – Olhou para o meio da mata. Bem distante, uma silhueta começava a se formar. Os olhos soltavam chamas. Algo nele se modificara. Já não era mais tão parecido com Sombra. Os traços haviam se modificado levemente. De algum modo, até parecia com Shimazu Yoshihiro. – Você é nossa chance, Toha.

- Você é louco? Toha não pode enfrentar esse monstro sozinho – interferiu Verso Triste. Ela empurrou Morte Muda olhando assustada na direção do Dragão.

- Não precisa enfrentar. Só precisa o parar por um instante. – Puxou Trovão pelo braço. – Escute, Trovão. É o momento de testar o que Hoku Ken disse. O Dragão vai usar o poder e você precisa tocar essa energia.

Trovão respirou fundo ao caminhar lentamente na direção do Dragão. Ao lado dele, os ninjas se acumulavam para o combate. Todo tipo de lâmina apontava, algumas em mãos trêmulas, outras em mãos de indivíduos tão feridos que apenas a Escuridão ainda os mantinha de pé.

- As memórias me dizem que você é o último filhote de Nuvem Cinzenta – falou o Dragão, a voz gutural gelando o sangue de Trovão. – Ela era um aprendiz de futuro.

- Quantos você já matou?

Ele olhou para o sangue pingando da katana. Passou a mão pela cabeça raspada ao soltar o ar enfiado.

- Esse clã vai acabar também, Trovão. Ordens, vingança. Você não me interessa mais.

Morte Muda fez sinal para o ataque começar. Os ninjas saltaram aos montes sobre o Dragão, morrendo na mesma velocidade. A katana do desgraçado dilacerava os oponentes sem que alguma ameaça real alcançasse seu corpo. Os olhos brilhavam cada vez mais com as

chamas místicas. Morte Muda caiu sobre o Dragão. Foi o único momento em que realmente houve um combate decente. Era a deixa para Trovão atuar.

O ninja lembrou todas as mortes, desde o pai e a irmã, até quando a garganta da mãe foi cortada. Tudo envolvia o Dragão. Ao saltar sobre ele, impediu que o golpe final em Morte Muda se conectasse com o pescoço exposto do ninja já de joelhos em frente ao adversário. Afastou o líder dos Preces Não Atendidas com um chute. O olho escarlate o avisou da morte próxima. Pela loucura dos kami! Ele não cairia diante daquele servo de Miyoshi Chiyo. A katana se moveu para aparar o golpe do Dragão.

- Você não precisava morrer. Eu respeito o filho de Nuvem Cinzenta.

O nome da mãe na boca daquele monstro o deixou ainda mais irritado. Solto uma das mãos da katana para segurar o peito do adversário. A energia era tão grande que o coração parou por um momento. O raciocínio desapareceu na corrente de memórias. A alma do Dragão lutava para se tornar uma com o corpo que possuía. A energia corria pelos vasos sanguíneos dominando parte por parte. Trovão a tocou e a desestabilizou. Sugou parte para si, tanto quanto sentiu que não o enlouqueceria ou destruiria o próprio corpo.

Ele enxergou a mãe pelos olhos do Dragão. Havia carinho na visão dele diante de uma Nuvem Cinzenta jovem, ajoelhada frente a um mestre feliz com os resultados da guerra. Ele fazia promessas para ela. Junto dele, homens como Kasaioni cruzavam os braços com o rosto carrancudo. O Dragão se decepcionava, mas se mantinha firme nas decisões.

- Idiota! – O Dragão acertou o joelho no peito do garoto. Trovão caiu tremendo sobre o cadáver de uma criança yakkaina. O corpo não respondia aos comandos. – Você realmente era a chave, garoto.

Morte Muda o puxou juntamente com Verso Triste. O Dragão tremia tanto quanto ele, mas ainda conseguiu empalar um ninja que quis se aproveitar da situação.

- Retirada.

O clã começou a desaparecer em meio às sombras e gemidos que tomavam conta da floresta. O Dragão foi abandonado entre cadáveres de inimigos, aliados e inocentes. Trovão se deixou levar. De olhos fechados, ele deixava a energia fluir pelo corpo. Ela se conectava com o olho escarlate a ponto de quase reativar a maldição. Filho de uma raposa! Algumas memórias do Dragão apareceram juntos. Ele, Sombra e Nuvem Cinzenta conversavam diante do cadáver de um ninja. A Velha, só um pouco mais jovem, jurava vingança.

- Trovão!

Alguém batia no rosto dele. A visão embaçada não conseguia definir as pessoas que tentavam acordá-lo.

- Ele não está bem. – Parecia a voz de Verso.

- Talvez o poder do Dragão tenha afetado a mente dele. – Esse parecia Morte Muda.

- Então enfie uma espada na cabeça dele e vamos embora. – Essa voz ele não conhecia.

- Eu estou bem – falou com uma voz pastosa.

Ajudaram-no a ficar de pé aos poucos. O mundo girava des preocupado. Tudo parecia estranhamente fora de compasso com seus movimentos.

- Obrigado, Trovão. Ele vai demorar um tempo para se recuperar. Se forem lutar contra ele, lembre-se de que você precisa acabar com a estabilidade dele com o novo corpo. Sombra deve ser um hospedeiro temporário para ele.

- Se a gente for lutar? – perguntou saindo do torpor.

- Não vou ficar aqui, Trovão. Já sei como é essa batalha. Meu clã seguirá na frente e eu irei para outro lugar. Eu sou o último que ele espera encontrar e matar. E o segredo que ele esperava eu contei. Basta você tocá-lo. Não é nenhum poder além disso.

Não houve despedida. O clã desapareceu tão logo Trovão conseguiu ficar de pé. Sem a ajuda daqueles ninjas, ele e Verso só puderam voltar para o exército com uma nova informação. Não era o que esperavam, mas já sabiam que o Dragão possuía uma fraqueza.



## Capítulo 62: Grilo Negro

Os Uesugi haviam perdido quase um destacamento completo durante o ataque de Miyoshi. Yoshihiro os salvara do pior naquela noite. Agora o exército estava pressionado entre os Amago e os traidores. O número de feridos era grande demais para tentarem escapar. Além disso, exporiam os flancos para serem atacados por alguma estratégia de dois líderes brilhantes.

- Precisamos colocar os Amago do nosso lado – falou Verso Triste. Os dois conversavam perto do rio vendo um cadáver ou outro passando de vez em quando.

- Uma sugestão óbvia.

- Mas que ninguém está tentando, Nori.

Ela chegara um dia após o ataque dos Miyoshi, quando o pânico passara. Viera juntamente com o que restara do Enxame de Máscaras. Felizmente, os ninjas apareceram tão silenciosos que não foi possível espalhar a notícia sobre a perda de tantos guerreiros importantes e, também, a possibilidade de o castelo dos Uesugi agora ser posse de Miyoshi Chiyo.

- Verso, mesmo que os Amago se unam a nós, nosso exército tem o moral baixo. Nossos números somados ainda serão menores do que os de Miyoshi Chiyo depois dos ataques recentes.

- Se Okihisa estiver vivo, ele terá uma estratégia. E vocês têm Hayate e Yoshihiro.

- Eles têm o Dragão.

- Duvido que o Dragão seja tão eficiente no campo de batalha.

- É provável que não. Nossa missão será distraí-lo por tempo suficiente para que o exército possa vencer Chiyo. Depois, os sobreviventes terão que lidar com o Dragão.

Ela o socou no ombro com a face cheia de irritação.

- Derrotado.

- Pragmático.

- Você é mais esperto do que isso, Nori.

- Não preciso que os outros me falem disso. Eu sei que não sou

um ninja poderoso, mas sei que sou esperto em outras áreas, Verso. Já tenho uma ideia.

Os olhos dela se encheram de esperança.

- Qual seria?

- Uma que precisa de tempo.

- Mas o que é?

- Preciso encontrar Uesugi Akane.

Verso soltou um suspiro irritado.

- Por acaso é a mulher que você ama ou é alguma despedida?

Minha mestra me contou que ela está perdida nas terras dominadas pela Praga Branca.

- É uma despedida, Verso. Vou fazer meu trabalho.

O puxão dela o pegou desprevenido. Mais uma vez a ninja o beijou e ele não entendeu o motivo. Sem se preocupar, ele retribuiu. Gostava dela, a beleza o encantava e os poucos momentos deles juntos o deixaram impressionado. Tão diferente de Akane. Tinha um sorriso bonito e aberto quando se separaram e não a face corada e tímida da filha do daimyo.

- Vai voltar?

- Eu tenho que voltar.

Começou a se preparar para correr. Precisava conversar com a Escuridão. Seduzi-la era o melhor modo para deixar que estivesse em seu corpo e não o destruísse. Escorpião passara os últimos dias falando como o controle das trevas não era uma opção para o poder. O ninja tinha que cavalgar a escuridão dentro de si, seguir a onda de energia e fluir junto com ela. Ele entendeu bem o conceito. Foi o que fizera com a espada Tragédia de Omokaime.

Trovão, Vespa e Escorpião apareceram pouco depois. Parou em frente ao líder deles e novo senhor do Enxame de Máscaras.

- Preciso ir, irmão.

- Nós precisaremos de você, Nori.

- É um traidor. Deixe-o ir, Ryoichi. Tudo o que ele sabe fazer é pular e correr! – acusou Vespa. A amargura no rosto dela não surpreendeu Grilo Negro. Acaba de perder a mãe e essa era uma das

grandes dores na vida de alguém.

Escorpião Negro não alterou a expressão séria do rosto. Colocou a mão sobre o ombro dela e a puxou para junto de si. Um beijo leve na testa a fez se aconchegar no peito dele. Soluçou escondendo as lágrimas que eram enxugadas pelo quimono de Escorpião.

- Muitas vezes isso é o principal que um ninja precisa fazer: pular e correr como ninguém – disse Escorpião, sorrindo para o irmão caçula como não fazia desde a infância. – Pode ir, meu irmão. Tenho fe na sua volta.

Grilo conteve uma lágrima, mas o sorriso escapou no rosto. Chorou só quando já viajava pela noite, com as pernas movimentadas pela Escuridão. Nem os murmúrios magoados o fariam esquecer da aprovação do irmão.

Ele era um ninja veloz, tão veloz que na infância muitos imaginavam que seria invencível. Uma pena nunca conseguir acertar um golpe realmente mortal durante as investidas. Uma pena. Uma pena. Quantas vezes escutara aquilo? Mas para tantas missões, tudo o que um ninja precisava era ser veloz. Foi assim que alcançou a fronteira com as terras da Praga Branca. O lugar já abrigara feudos e senhores poderosos até a doença surgir para tirar a força de tudo o que tocava. Hoje em dia, nada mais saía de lá. Grilo viu alguns dos grupos de patrulheiros que rondavam as bordas para matar quem quisesse sair. Eles não o viram, mas também não teriam impedido sua entrada. O máximo que fariam era avisar que nunca mais poderia sair se fosse um dos sobreviventes e eternos portadores da Praga Branca.

As estradas malcuidadas da Província Amaldiçoada eram quietas. Os poucos que encontrava caminhando eram pessoas cambaleantes com crostas alvas sobre a pele ou em procissões funerárias. Conversou com alguns para obter informações de Akane. Eles falavam bem dela, abrindo sorrisos sobre a mulher que tentava salvar a província do mal. Nunca teria sucesso, no entanto, a simples preocupação dela e os trabalhos para aplacar a dor dos doentes traziam uma alegria que aquecia o coração de Grilo cada vez que alguém tocava

no nome da senhorita Uesugi.

O tremor nas mãos e a palpitação do coração surpreenderam Grilo Negro. Os anos sem vê-la não haviam mudado em nada as sensações antes de reencontrá-la. Gostava das mãos suadas e da boca seca. As memórias voltavam pedindo para que os melhores momentos fossem revividos, principalmente aqueles beijos mais ardentes em que ela se abria para que tocasse a pele alva.

Caminhou pela pequena aldeia onde as pessoas se acumulavam para falar com Akane a Mão que Salva. Os sorrisos ao ouvirem-no perguntando por ela só aumentavam a saudade no peito dele. A primeira visão da herdeira Uesugi foi de seus cabelos longos e negros. Estava de costas e de cócoras, tocando a testa de uma criança cujo rosto estava coberto por crostas esbranquiçadas. O menino fraco olhou para Grilo, com certeza estranhando a chegada de alguém sem as marcas alvas típicas dos doentes ou dos portadores.

Akane olhou para trás curiosa. Os olhos castanhos brilharam ao acompanhar o sorriso de felicidade ao ver Grilo Negro chegar. Ela se levantou calmamente e andou até ele. Continuava linda em sua simplicidade e timidez. Os passos ainda eram curtos e educados. Mantivera o hábito de colocar os cabelos longos atrás das orelhas cada vez que se aproximava de Grilo. Ele até pensou que fosse receber um beijo que antecipara por tantos anos, mas ela parou a poucos metros dele.

- Por que veio, minha luz?

- É uma despedida, minha flor.

- Você é rápido. Se sair daqui, as manchas não aparecerão – respondeu ela, triste.

- Que se danem as manchas, Akane. – Puxou-a para junto de si. Passou os dedos pelos cabelos dela e os colocou atrás da orelha. Ela sorriu apaixonada com os olhos grudados nos dele. Suas unhas longas deslizaram pela cicatriz no pescoço de Grilo Negro. – Eu nunca amei ninguém como você. Não posso morrer sem tê-la de novo. – Beijou-a mesmo ao notar de perto que a doença já estava no corpo dela. Pequenas crostas se acumulavam no canto da testa. Perto da orelha

havia uma ferida que já tomara uma cor esbranquiçada.

- Eu nunca amei ninguém além de você.

- Amou a vida.

- Nori...

- Eu sempre a amei ainda mais por causa de sua escolha, Akane.

Eu a entendo. Hoje vim me despedir porque amo meu dever acima de tudo e ele salvará vidas.

Colocou-a nos braços contente demais quando sentiu as mãos dela em volta de seu pescoço. Foi a noite mais feliz e mais triste da vida dele. Precisava guardar na memória cada parte do corpo dela. Seus sorrisos foram o melhor presente que já recebera. O prazer no rosto da mulher que amava era a benção que precisava para se redimir de todas as falhas da vida.

Terminaram a noite dormindo abraçados. O amanhecer os recebeu nus e ainda mais apertados um no outro. Grilo Negro abriu os olhos feliz em tê-la a seu lado. Seus dedos acariciaram as bochechas até encontrarem os lábios. Ela fez uma careta leve e acordou com as cócegas na boca. Os dois riram um para o outro. Brincaram entre si com memórias da infância.

O sorriso de Akane se fechou quase ao meio dia. Ela se levantou com o rosto tomado por lágrimas.

- O que foi, minha flor?

- As manchas já apareceram. Eu passei para você.

- Não me importa. Eu vim aqui sabendo disso. A morte me aguarda.

- Nem você é tão rápido a ponto de resistir antes de chegar até seu destino, Nori. A Praga Branca mata todo ninja, nunca houve uma exceção.

- Nunca, mas dizem que o Dragão queimou a praga que tomava conta da esposa dele.

- E de que adiantou? Os kami a levaram do mesmo jeito. – Ela balançou as mãos nervosa. – O assunto não é esse. Se você vai morrer mesmo, porque não fica aqui? Eu posso mantê-lo vivo e seremos felizes juntos, ajudando as pessoas.

Sorriu pensando nos dois juntos. Talvez ela conseguisse mantê-lo vivo durante algum tempo em que conheceria a felicidade plena. Ali, ela era Akane, a mulher que curava. Nada de senhora, nada de herdeira de Uesugi. Seriam felizes... por um tempo.

- E o que eu realizaria aqui, Akane? Seria o mesmo nada que sempre fui no clã. Agora eu tenho a oportunidade de fazer a diferença que sempre quis assim como você tem feito. Eu preciso partir. Só preciso do seu dom para me manter vivo até chegar lá.

O choro dela partia o coração. Grilo quase a acompanhou. A resistência durou até o momento do beijo. O calor que passou do corpo de Akane para o seu veio repleto de amor. Suas lágrimas ganharam força rumo ao chão.

- Eu sempre vou amá-lo.
- Meu espírito vai encontrá-la.
- Se ele resistir à Praga.

Foi difícil soltá-la. Doeu mais do que qualquer ferimento de batalha. O último toque entre seus dedos nunca mais sumiria da memória dele. O chamado da Escuridão veio com murmúrios falando o quanto seria melhor ficar. O mundo lá fora não o merecia. Grilo ignorou todos. Os sussurros mudaram para envenenar o amor por Akane. Mais uma vez inútil. Ele viajou mais rápido do que as trevas gostariam. Fluiu junto das sombras.

Os dias em que estivera longe não haviam mudado tanta coisa. Encontrou os restos de um campo de batalha. Homens de Amago, Uesugi e Miyoshi se misturavam entre os mortos. Passou por eles ciente de que precisava alcançar logo o acampamento. Faminto, sedento e cansado, ele se esgueirou na escuridão direto para os depósitos de comida. Abriu as caixas e comeu o que pôde. Bebeu das reservas de água. Um soldado o viu enquanto bebia um pouco das reservas de saquê.

- O que está fazendo? Vai ser punido!

Sem paciência, arremessou uma kunai no olho do pobre vigia. Foi até ele, vestiu a roupa com as cores dos Miyoshi e foi caminhar no acampamento. Bebeu do cantil dos soldados, bebeu do mesmo saquê.

Algumas vezes, distribuiu entre eles um pouco da comida que carregara no bolsa. O último passo foi falar com os cozinheiros. Abraçou cada um deles em agradecimento ao bom trabalho.

No dia seguinte, ao fim da tarde, a Praga Branca já tomara o acampamento.

## Capítulo 63: Tigre Sensato

Okihisa alternava entre a consciência e o torpor. Tigre Sensato via o daimyo cada vez mais distante da vida. Os momentos em que estava acordado, felizmente a mente estava sã. Lamentava a morte de Yukimori a ponto de ter deixado uma lágrima rolar pela bochecha. Sempre pedia para ser levado a algum ponto em que pudesse observar no vale a posição dos exércitos. O movimento custava muito de suas forças e era visto como um absurdo pelos médicos e pelo daimyo Uesugi.

A opinião deles foi mudando aos poucos. No terceiro dia depois da traição de Miyoshi, dois dias depois do acordo ter sido firmado entre os Amago e Uesugi, houve um combate feroz entre a retaguarda e um destacamento de frente dos inimigos. Muitos soldados se perderam enquanto o restante dos homens se movimentava para fugir do avanço constante dos traidores. Okihisa estivera inconsciente durante o evento. Ao acordar, pediu para ver o local da batalha. Apontou os erros, explicou o que deveria ter sido feito.

- Muito fácil planejar o passado – falou Uesugi Hayate, dando as costas para o daimyo.

- Preciso estar acordado da próxima vez. Mas só me traga quando os homens já estiverem engajados.

Tigre Sensato percebeu o que ele queria dizer. Assim ela o fez. Era o quarto dia de retirada. Miyoshi atacara no início da manhã. Hayate defendia com seus homens quando Tigre ajudou o daimyo a se levantar para ver o que acontecia.

- Mande Shimazu Yoshihiro retirar o elmo e entrar pela esquerda, onde os arqueiros estão acumulados.

Hachiman não abençoara Okihisa com o dom da espada. O daimyo mal sabia manejar uma lâmina para cortar frutas. Quem olhara por ele durante o nascimento fora Izanagi. O sora no kami entregara toda inteligência e poder de estratégia que um nobre poderia herdar. As ordens de Okihisa salvaram Hayate de perdas terríveis durante a batalha. O senhor da guerra não agradeceu. Passou carrancudo pelo



daimyo, xingando no tempo em que Shimazu Yoshihiro parara para cumprimentar e desejar saúde.

Inari ainda não partilhara o dom da vida com Okihisa, mas o que importava era que o daimyo conseguia se manter. Nos dias seguintes, suas ordens abateram todas as tentativas de Miyoshi de desgastar aos poucos o exército. Os homens começaram a perceber quem indicava o verdadeiro modo de guerrear. Eles se sentiam protegidos sob os comandos daquele que antes chamavam de gordo idiota. Se tinham dois guerreiros quase imbatíveis do seu lado, agora havia também um legítimo comandante. Os soldados e samurai de Amago espalharam as boas palavras sobre seu senhor. Pouco tempo bastou para que o exército passasse a amar Okihisa.

- Obrigado – disse um dia Uesugi Hayate. O irmão mais velho, o daimyo, já estivera ali mais cedo para fazer o mesmo. Agora haviam parado para descansar finalmente, sem um ataque de Miyoshi desde o dia anterior.

- Ainda não acabou.

- Mas vai acabar. Você vai planejar e eu vou executar como ninguém seu plano. Yoshihiro está conosco. Ela não tem mais ninguém para ser a espada dela. Mataremos cada samurai que nos desafiar.

- Obrigado pela confiança, Hayate-sama. Agora preciso descansar. Tigre Sensato, chame um dos erito e vá ver o que está acontecendo no acampamento de Miyoshi. Muito estranho ela não ter tentado nada. A inteligência dela é suficiente para desarmar minhas estratégias.

- Mas senhor...

- Eu ficarei bem. Não entre em combate com o Dragão nunca. Só volte.

Tinha a teimosia de Amaterasu dentro dele. Decidido por um caminho, seguia até o final.

- Sim – respondeu ela, batendo no peito.

Verso Triste seguiu com ela. Preferiram não levar nenhum sukoshi.

- Você parece gostar muito do daimyo.
- E quem não gosta de seu senhor?
- Às vezes acho que quase todo ninja odeia seu senhor.
- Eu não. E odiar é irrelevante. Não importa o sentimento.

Importa seguir ordens.

- É verdade que ele acabou com a fome em Doragonhōmu?

- É verdade. Só que pra manter tudo isso, a gente precisava de parte do dinheiro que os Miyoshi tinham na mina. Teve muita festa quando Chiyo foi visitar pra propor a aliança de casamento. O mundo caiu quando ela fugiu e causou humilhação pro meu senhor.

- Seu clã não conseguiu pegá-la, não é?

- Não. Pra nossa vergonha, não. Chiyo foi mais inteligente.

- Uma pena. Mas...

- Você pergunta demais, menina!

Pararam escondidas entre as árvores. Adiante, o acampamento dos Miyoshi estava parado. Elas mal puderam acreditar quando viram homens cambaleando. Aqueles que tentavam escapar do acampamento tombavam em chuvas de flechas. Às vezes, um soldado corria desesperado e atrás aparecia um homem com uma espada coberta de sangue. Rápido, o estranho alcançava a vítima com um golpe final.

- Está ouvindo os murmúrios?

- A Escuridão está indecisa.

Um grupo de arqueiros rondava o acampamento. Nenhum deles atacou o homem que matava os soldados lá dentro. Só observavam enquanto ele executava os soldados que ainda faziam mais do que gerar. Tigre Sensato olhou em volta e, contra sua alcunha de guerra, saltou para perto do acampamento quando os arqueiros se afastaram.

- Grilo Negro – disse Verso Triste quando o viram enfiando a espada nas costas de um soldado desesperado.

O ninja estava coberto por sangue. O rosto não era mais o mesmo. Estava marcado pela tristeza e crostas alvas.

- Ele tem a Praga Branca.

- A doença acabou com o exército de Miyoshi – comentou Verso. Ela conhecia muito bem o poder da praga. A mãe contara como

um dia tentaram ajudar os territórios vitimados, mas a doença se alastrara tão violentamente entre o grupo de apoio que em menos de um dia boa parte estava morta, doente ou portadora da enfermidade.

Grilo segurou um barril de óleo e começou a espalhar sobre os corpos e tendas. Elas precisaram chamá-lo para que chegasse até a borda do acampamento.

- Não entrem aqui em hipótese alguma.

- Você trouxe a Praga Branca?

Grilo Negro consentiu. Jogou o óleo em mais alguns corpos próximos para adiantar o serviço.

- Ela infectou o Dragão? – A esperança nas palavras de Verso era risível. Tigre precisou se segurar para não mandar a menina se calar.

- Ele pode queimar a praga de qualquer corpo. Só que isso custa muito da energia dele. Nunca ia conseguir curar um exército.

- Akane está mantendo você vivo?

- Está. Preciso me despedir. Tenho que queimar o acampamento todo. Antes de os sinais começarem eu avisei Chiyo. As patrulhas dela agora estão em volta do acampamento matando quem tenta sair. Estou ajudando. Ela sabia que o que restava de suas forças ia se acabar se a praga saísse daqui. E seu ódio não é tão grande a ponto de não temer a Praga Branca. – Jogou o barril de óleo vazio no chão. – Ia esquecendo de uma coisa. Aguardem um pouco.

Ele sumiu dentro do acampamento e voltou minutos depois arrastando um corpo. Retirou a máscara para revelar para Tigre Sensato o rosto de Rato Furioso completamente tomado pelas crostas brancas.

- É ele? – perguntou o ninja do Enxame de Máscaras.

- Sim. Obrigado, Grilo Negro.

- É o destino. Ele não me reconheceu quando ofereci um cantil ontem à noite.

A Praga Branca era rápida e dolorosa para matar os ninjas. Tigre riu da desgraça do traidor. Continuou se divertindo com o olhar horrorizado de Verso Triste.

- Adeus. Diga ao meu irmão que eu confio nele.

- Nori... – Começou Verso. Parou quando a voz embargou com

o choro.

- Eu sei, Verso. Queria ter mais tempo. A despedida me mostrou que eu precisava seguir meu caminho.

- Meu nome é Shinjo.

- Seja feliz, Shinjo.

O sorriso dele era puro. O sofrimento dela era legítimo. O ninja usou uma pederneira para começar o fogo. As chamas cresceram rapidamente ao passo em que ele dava as costas e sumia no meio da fumaça.

## Capítulo 64: Escorpião Negro

Escorpião seguiu todo o caminho até o Castelo Solitário perguntando-se o motivo de o Dragão não os ter atacado diretamente. Obviamente, a Praga Branca não o atingira. Grilo Negro teria avisado se Miyoshi Chiyo estivesse morta. Grilo... Nori... Agora ele era o último da família vivo e todos de algum modo haviam perecido nessa guerra insana entre Chiyo e Okihisa. Pai, mãe e irmãos mortos. Ele conhecia muito bem a dureza do trabalho de um ninja, portanto o que lamentava no momento não eram as escolhas ou a missão. Escorpião Negro sentia uma raiva enlouquecida por não ter obtido poder suficiente para evitar a morte de nenhum deles. Nori traçou um plano perfeito que uniu ao mesmo tempo sua despedida e o segredo da vitória em um momento crítico.

A mente do irmão realmente funcionava de um jeito diferente. Queria demais que ele estivesse vivo. Agora, depois da morte, finalmente parava para reconhecer que ele seria o conselheiro perfeito enquanto Escorpião fosse o líder do Enxame de Máscara... se não morresse nessa última missão. Repreendeu-se quase instantaneamente. Pensar em derrota não ajudaria em nada. Estava ali para vencer.

Escalaram devagar os muros do castelo da Casa de Uesugi, cada um ajudando Yoshihiro como podia. Trovão perdeu a paciência rapidamente com o samurai, mas Tigre Sensato colaborou. Verso Triste e Vespa Sombria vinham abaixo deles para o caso de alguém escorregar. Felizmente, apesar de um ou outro pé colocado em falso, alcançaram o alto do muro de onde puderam ver o grande pátio do castelo.

- Precisamos descobrir onde Chiyo está. Vespa e Verso irão atrás dela. Nós vamos cuidar de Dragão.

Escorpião tentara escolher cuidadosamente o grupo que seguiria para o enfrentamento final. A princípio, imaginou que levar outros erito do Enxame de Máscaras seria o ideal, cada um selecionado de modo a ter habilidades que se complementariam. Talvez na primeira falha como líder, percebeu que a decisão afastaria os principais aliados.

Tigre Sensato foi a primeira a reclamar e Trovão gritou aos ventos que iria sozinho e mataria quem o impedisse. Acabou selecionando todos que já estavam envolvidos diretamente no conflito desde o início.

- Lembrem-se de que vocês precisam matá-la rapidamente – disse enquanto assistia Yoshihiro descer por uma corda com a ajuda de Tigre Sensato. Lamentou ao imaginar que ela era a última erito da Dança das Garras. Depois dela, era bem provável que o clã acabaria.

- Sem dúvida. A vadia vai experimentar muito aço nas entranhas – falou Vespa, já saltando para a corda.

A caminhada pelo pátio revelou o motivo de o Dragão não ter atacado. O lugar estava repleto de bicos e trapos. Vermes caminhavam na área gramada ou nos pedregulhos próximos ao portão. Eram dezenas de tengu destruídos. Os corpos de dois ou três sukoshi dos Destinos Inexoráveis estavam tombados em alguns cantos. Cada um fora colocado com as mãos no peito em posição cerimoniosa.

- Quantos tengu ele matou? – perguntou Trovão, colhendo um bico negro no chão.

- Difícil fazer a conta. É assustador – falou Verso.

- Ele estava incompleto. Agora com quase toda a força, esse não deve ser um trabalho difícil para ele. Quando se toca a Escuridão, é mais fácil sentir a presença dos tengu – explicou Escorpião, lembrando-se daqueles momentos difíceis em que os murmúrios tomaram conta da mente. O crocitar dos espíritos assassinos passou a fazer um sentido assustador.

Os sukoshi restante dos Destinos Inexoráveis apareçam desarmados no telhado do castelo enquanto o grupo ainda conversava e seguia observando os tengu mortos.

- Escorpião Negro do Enxame de Máscaras, o Dragão os espera no Jardim do Penhasco. – O grupo se olhou desconfiado. Escorpião deu de ombros e caminhou na direção dos adversários sem intenções de luta.

A escolta de ninjas os levou silenciosamente até o Jardim do Penhasco. Escorpião conhecia bem o lugar. Uesugi Daiki adorava fazer seu desjejum ali, olhando para o Ciúme de Amaterasu e agradecendo a

kami por ter lhes concedido um território aparentemente inexpugnável. Ele recebia os relatórios das missões dos ninjas no jardim, para a reprovação da esposa que gostava de considerar aquele momento sagrado para sua comunhão com Amaterasu.

A grama bem cortada envolvia conjuntos circulares de pedras. Cerejeiras e glicínias formavam uma meia lua para completar o jardim. Escorpião foi o primeiro a pisar na grama, acompanhado por Yoshihiro. Os outros sacaram as armas ao lado deles, já com os olhos preparados para os movimentos das duas pessoas que, de costas para eles, contemplavam o deserto. O sol brilhava sobre as cabeças do Dragão e de Miyoshi.

Os dois se viraram em conjunto. Ele vestia um quimono negro com detalhes vermelhos. Sem máscara, encarava o grupo os olhos flamejantes e a barba malfeita. Havia uma pena negra esquecida sobre o ombro dele. Chiyo a pegou para observar com cuidado o que restara do último tengu que o Dragão enfrentara. Seus olhos azuis combinavam com o quimono verde e de detalhes negros nas formas de serpentes e garças.

- O Dragão sugeriu que eu deixasse vocês virem direto para cá. Ele quer poupar as vidas dos que ainda me seguem.

- A gente vai matar todo mundo que ainda está do seu lado, sua vadia! Espera só sua cabeça rolar – gritou Trovão. Verso impediu o avanço impulsivo do garoto. Escorpião não lamentava ter trazido o menino. Ele precisava estar diante desses desafios. Se sobrevivesse, talvez aprendesse que a paciência estava mais ligada ao trabalho de um ninja do que aquele escândalo com que ele gostava de se intrometer.

- Cale o menino primeiro. Depois quero Yoshihiro morto. E quero o quantos antes. Não vá me falhar mais uma vez.

Os olhos dela brilharam com chamas azuis impelindo o Dragão para frente. A espada dele deslizou leve da bainha para refletir a luz do sol. Ele caminhou até subir sobre uma pedra mais alta em um dos círculos. Vislumbrou o mundo em volta com ênfase no deserto.

- Hoje acaba.

- Hoje acaba – falou Yoshihiro, adiantando-se na armadura

completa. – Chiyo, hoje você será punida por ter levado para a lama o nome da Casa de Miyoshi.

A iniciativa foi do Dragão. O voo dele passou pela cabeça de Yoshihiro e se encerrou com o pé se conectando ao queixo de Trovão. O impacto arrastou o garoto pela grama até que se chocasse dobrado contra o tronco de uma cerejeira. A espada do Dragão procurou a cabeça de Tigre Sensato, mas ela foi suficientemente veloz para que a lâmina arrancasse somente um filete de sangue. Enquanto isso, o punho livre do Dragão socava Vespa Sombria a ponto de jogar a ninja no chão. O Dragão a chutou contra Verso Triste, jogando as duas emboladas contra as pedras.

- Só nós dois – falou para Escorpião.

Suas espadas se desafiaram em encontros sucessivos. Só era possível enxergar a velocidade dos movimentos dele invocando o poder da Escuridão para melhorar os sentidos. O impressionante era o quanto o Dragão conseguia ser naturalmente rápido. Ainda não havia extraído nenhuma energia das trevas.

- Nós três – gritou Yoshihiro, colocando-se entre os dois. A espada interrompeu os golpes do Dragão até conseguir fazê-lo parar em uma disputa de força. As faces se aproximaram desafiadoras. – Você tem uma segunda chance de viver. Aproveite para não seguir o mesmo erro que eu cometi. Abandone Chiyo.

- Não depende de mim, irmão. Ela tem posse de parte importante da minha alma. Está guardado dentro dela.

- Então vou matá-la e isso estará acabado.

- Não. O desejo dela se tornou meu e só acaba se eu desencarnar.

As correntes de Escorpião saíram da terra à procura do adversário. O Dragão desengajou-se de Yoshihiro em um salto com rodopios múltiplos. Cada corrente passou raspando pelo quimono dele. A esquiva precisa o levou até Trovão. O garoto mal estava de pé e os olhos assustados o fizeram levantar a espada para o golpe do Dragão. As defesas dele foram dignas dos grandes combatentes que se reuniam no jardim, mas ainda eram pouco diante do adversário.



- Uma pena, menino. A vida não foi feliz para você.

Enterrou a espada no peito de Trovão. Chamas negras cresceram do punho da arma em um avançar furioso até penetrar no peito do garoto. Trovão gritou com as mãos segurando na lâmina. Queimaduras negras começavam a aparecer na face e nos braços. O Dragão puxou a lâmina de volta com o sangue gotejando. De costas para o mais recente cadáver, apontou para Yoshihiro. Trovão estendeu a mão em um último esforço. Foi o suficiente para tocar os dedos do Dragão. O adversário soltou um grito irado quando a energia em volta do corpo vibrou e foi jogado para trás.

O garoto escorregou pela árvore com a mão sobre o ferimento. Sorria vendo o Dragão tentando se levantar. Passou a mão pelas queimaduras do corpo gargalhando no meio da dor.

- Você vai morrer hoje, Dragão. Você acabou. Eu sinto seu coração, sua mente. Acabou.

Escorpião parou ao lado do garoto. Ele ainda ria, agora já fraco. Apertou a mão do colega e sorriu vitorioso.

- Eu confio em você.

O garoto encostou a cabeça na árvore e fechou os olhos. O rosto queimado ainda exibia o sorriso de vitória. Escorpião ficou de pé, voltando a encarar o inimigo.

- Agora é sua vez – gritou o Dragão para Shimazu, já preparado para voltar à luta.

Escorpião interrompeu o avanço dele antes que o golpe mortal alcançasse Yoshihiro. As trevas fluíram fúteis do seu corpo para encontrarem o inimigo. Os murmúrios e a espada pediam o sangue do Dragão. Ofereciam cada vez mais poder no íntimo da mente do ninja. Ele queria que as trevas fluíssem. Já cresciam a sensação de frieza que o afastava do mundo. O ódio o dizia que todos eram fracos e que a morte deles fora culpa deles próprios. Todos fracos. Ele teria o poder.

Todos... menos Nori. Grilo Negro fora esperto. Ele entendera a espada e a Escuridão no momento certo. Era preciso deixar fluir, mas não só isso. Quando Yoshihiro entrou na luta junto com Tigre Sensato, o ninja teve tempo de se concentrar na espada.

“Você terá o sangue do Dragão. É o sangue dele. E depois disso, deixo Yoshihiro usá-la para matar Miyoshi. Um samurai matando sua senhora! O Dragão e depois a morte de uma senhora”, dizia para a arma.

A tentação foi forte demais para a espada. Ela se deixou ser levada rumo ao Dragão. Encontrava a lâmina dele de igual para igual. Agora a diferença entre os ninjas era na habilidade natural e na capacidade de deixar a Escuridão fluir.

“Qual seu nome?”, perguntou.

“Luz Perdida”, ela respondeu ansiosa.

O duelo continuou. Os três não conseguiam encurralar o Dragão a despeito dos poderes. Cada vez que Escorpião chamava as correntes, o inimigo conseguia escapar com movimentos simples dos pés, chegando a ponto de agarrar uma delas em determinado momento e envolver o pescoço de Yoshihiro. Não era possível entender aquela velocidade. Ele passava diante dos olhos de Escorpião como uma sombra em que a espada nunca tocava.

O inimigo desapareceu de repente. Escorpião procurou em volta.

- Onde ele está? – perguntou Tigre com a katana na mão direta e três shuriken na esquerda.

- Ele vai atacá-las! – apontou Yoshihiro.

Verso e Vespa corriam na direção de Chiyo atirando shuriken. Todos os arremessos pararam no ar diante da mão erguida da Miyoshi. As espadas das ninjas trombaram liberando energia tão azul quanto os olhos da senhora que atacavam. Vespa saltou para trás lançando as agulhas assassinas contra a barreira. O brilho ressurgiu em pequenos pontos de choque, mas pelo menos duas atravessaram. Chiyo levou a mão ao ombro e retirou o peso da perna esquerda.

A barreira não suportou o próximo ataque de Vespa. O brilho azul irradiou-se em volta da ninja quando ela atravessou a distância que a separava de Chiyo. A espada da ninja resvalou no quimono da mulher. O segundo ataque conseguiu abrir um corte no rosto dela. Vespa assumia postura para um ataque final quando o Dragão surgiu

atrás dela deslizando a lâmina sutilmente no rim da garota. Torceu a espada e a retirou pelo lado, trazendo consigo uma pequena chuva de sangue e entranhas. Insensível à mulher que gemia no chão, tomou o rumo de Verso.

Escorpião gritou palavras que ele mesmo não reconhecia. As lágrimas inundavam os olhos ao tempo em que a Escuridão o impulsionava para interceptar o Dragão. Os dois se chocaram envoltos pelas trevas. O ninja do Enxame de Máscaras caiu de pé junto ao corpo de Vespa. Ainda gritava inconformado. O Dragão ficou perto de Verso. A garota aproveitou para cortá-lo no abdome e esquivar-se de um golpe contra a cabeça. Tigre Sensato apareceu para acudi-la. Pouco depois Yoshihiro se juntou a eles da disputa de espadas.

- Não!

Os urros de Escorpião Negro atraíram a atenção do Dragão. Quando as correntes brotaram, ele se desviou de cada uma, segurando a última até que virasse trevas de novo. Escorpião já estava em cima dele quando ainda pensava em se defender das novas investidas dos outros. Atravessou peito do Dragão e o arrastou até enfiar Luz Perdida na árvore.

- Desgraçado! A guerra pelo seu poder me tirou tudo! – Tomando consciência, ele se virou para os colegas. – Matem Chiyo.

Ao olhar de novo para o Dragão, recebeu dois socos. O ninja o segurou pela cabeça e o afastou o suficiente para tentar enfiar a própria katana no peito do adversário. Escorpião precisou soltar Luz Perdida para escapar do ataque fatal. Invocou as correntes de novo com a esperança de ao menos ganhar tempo.

- A vontade é importante para a vitória, Escorpião, mas o poder é fundamental.

O Dragão teve tempo suficiente para liberar mais uma das técnicas. Fogo, trevas e luz arderam em volta dele, tomando a forma de serpentes monstruosas. A energia voou na direção dos adversários. O primeiro atingido foi Escorpião. Mesmo o chamado das sombras não conseguiu conter a energia que o carregou pelo jardim até o jogar do penhasco. Assistiu ainda os outros terem destino parecido enquanto

tentavam se aproximar de Chiyo. Uma corrente o salvou de se despedaçar no deserto.

Viu a perna de Verso pendendo no penhasco, Yoshihiro se segurando na borda, Tigre Sensato olhava assustada na direção onde o Dragão deveria estar. O líder do Enxame de Máscaras se firmou na corrente para preparar o salto de volta para a batalha. Lembrando da morte dos parentes e de Vespa, deixou a Escuridão fluir ainda mais. Os veios de trevas cresceram na face esquerda a ponto de tomarem o olho. Sua visão captava as sombras de movendo e sorrindo com comentários perniciosos sobre a batalha.

## Capítulo 65: Shimazu Yoshihiro

Ele se segurava com dificuldade na borda do penhasco. Pretendia colocar a espada na boca para usar as duas mãos para subir, mas o cansaço o avisava para ficar mais um pouco. As trocas constantes de golpes com o Dragão exauriam o poder de seus juramentos. Olhou para Morte Precipitada na tentativa de convencer a espada a ceder mais poder. Ela se recusava. Queria a alma e os juramentos dele. Sem isso, não ajudaria a encerrar a vida de mais ninguém.

“Desgraçada! Não vou ceder aos seus pedidos inescrupulosos”, respondeu para ela. Venceria por seus méritos. Já tinha trevas demais no coração ocupando todo o espaço onde deveria estar o amor por Suzu. De olhos fechados, ele tentou se concentrar em um modo de vencer.

Alguém o segurou e o puxou de volta para o jardim. Mal pode acreditar na figura de Inferno parado diante dele. Escorpião caiu junto do grupo instantes depois. Retirou a máscara de inseto para mostrar a face esquerda coberta de veios de trevas. Um dos olhos estava completamente negro.

- Quem vai lutar? Você ou a Escuridão? – perguntou Inferno.

- Eu.

- Então estamos preparados.

- Por que demorou tanto?

- Muitos tengu para matar.

- Mas eles estavam aqui para matar o Dragão – protestou Yoshihiro.

- Disso eu não sei. Sei que nasci para matar tengu e assim o faço, não importando o objetivo deles. – Apontou uma espada para o Dragão. – Vamos matá-lo para depois eu poder me dedicar a varrer os tengu de Ōkoku.

Yoshihiro balançou a cabeça pensando na estupidez daquela frase. Que aqueles ninjas se danassem em suas obsessões. O que importava no momento era parar a maluquice de Chiyo.

O Dragão colocou a espada em riste com as duas mãos segurando o punho junto ao peito. Os pés deslizaram devagar procurando apoio mais firme na grama do jardim. Na frente dele, a espada de Escorpião Negro estava caída coberta por sangue vermelho e negro.

- Seus sonhos serão cortados um a um e banharão a terra junto com seu sangue.

Infêrno balançou a cabeça.

- Yoshihiro e Escorpião atacam primeiro. Usem tudo o que podem. Vocês duas o atacam pelos flancos logo depois.

O samurai seguiu para combate acompanhado do ninja que fora parceiro das últimas aventuras. Nunca se imaginara tão próximos desses guerreiros das sombras. Chegara a considerar Grilo Negro um amigo. Nori era uma pessoa que merecia mais crédito do que lhe fora dado. Tivera uma chance de ser mais feliz agora, depois de toda a desgraça que já sofrera na vida. Chiyo e o Dragão roubaram a oportunidade.

Yoshihiro era lento demais para o Dragão. O inimigo tinha esquivas tão perfeitas que já o colocavam em posição para atacar Escorpião. Era preciso ter uma esperança. Um dos ninjas mais poderosos do qual ouvira falar resolvera ficar do lado deles. Infêrno conhecia bem as técnicas do Dragão. Ele seria a arma final.

Os outros ninjas surgiram para a segunda sucessão de ataques. Yoshihiro e Escorpião desengajaram para assistir Vespa e Tigre invocarem seus poderes. A primeira fez os pequenos pedaços de papel se prenderem na pele do Dragão e a outra usou o ataque múltiplo. O samurai não acreditava que funcionaria. Como previsto, os papéis de Verso se queimaram em fogo negro, luz ou chamas avermelhadas. Um dos ataques de Tigre abriu um corte no queixo do Dragão, mas ela acabou afastada com uma joelhada na barriga e uma cotovelada no nariz.

O ataque de Infêrno foi interrompido pela espada do adversário. O choque entre os dois foi tão potente que gerou uma onda de energia de cores escuras e furiosas. Yoshihiro foi arrastado pelas forças

tenebrosas. Dos ninjas, somente Verso conseguiu se prender no chão. Ela tentou um bote contra as costas do Dragão, mas a energia da batalha a arremessou de volta na direção de Yoshihiro. O samurai quase não teve tempo de ficar de pé para segurá-la.

- O que fazemos? – ela perguntou.

- Assistimos e aproveitamos a oportunidade.

Tigre Sensato se juntou aos dois. Só Escorpião ficou parado do outro lado, quieto como uma coruja observando a presa. Às vezes algo parecia se mover no fundo do olho enegrecido.

- E Chiyo? – perguntou Tigre.

Ela ainda estava na beirada do penhasco. Toda energia da batalha jogada na direção dela batia contra a barreira azulada. Yoshihiro perguntava-se se ela tinha aquele poder há muito tempo ou se o despertara na presença do Dragão. O resto da alma dele ainda estava dentro dela.

A marcha do samurai na direção de sua antiga senhora não tinha nada das dúvidas com que começara naquela guerra. Ele pensava em Suzu, no veneno, na morte de Hoku Ken, na espada de Aço atravessando a mulher que esperava para amar. Imaginou que a morte dela deveria ter sido uma adaptação dos planos de Chiyo. Se ela soubesse as consequências, teria planejado outra coisa. Ela não gostaria de ver o samurai caminhando com Morte Precipitada com intenção assassina nos olhos. E não era a espada querendo o fim da vida daquela mulher. Era o coração dele, fazendo isso por si mesmo e por todos que sofreram para que ela tivesse o poder que tanto ansiava.

- Pare, Yoshihiro. Você deveria estar ao meu lado.

- Você não tem o cansaço do seu pai, nem a estupidez do seu irmão. Você era a salvação dessa família.

- Eu sou a salvação. Com o poder do Dragão, os Miyoshi serão invencíveis. Eu teria acabado com os Amago e os Uesugi. Aqui, nessa fortaleza, eu criaria uma nova casa, uma que eu governaria eternamente. Nem o shogun ou o imperador conseguiriam me depor. Eu seria uma das grandes de Ōkoku.

Atrás dele, a batalha entre Inferno e Dragão continuava liberando

energia que o empurrava levemente na direção de Chiyo.

- Você vai morrer e, talvez, nós possamos começar a consertar todo o mal que você criou.

Ele jurou zelar pelo nome dos Miyoshi. A partir dessa promessa, ele desceu a espada no rumo da barreira. A energia brilhou pela última vez com o azul puro. Chiyo tentou sacar a espada, mas o samurai já estava diante dela. Morte Precipitada sentiu a proximidade da morte da mulher. Ela pediu um pouco da raiva de Yoshihiro, o que foi negado com prazer. A vingança era só dele e de quem sofrera. Nenhuma sombra a teria por mero deleite.

A espada girou na horizontal procurando pelo pescoço da mulher. O tempo quase parou naquele instante. Os olhos de Yoshihiro viram a lâmina começar a romper os primeiros milímetros da pele de Chiyo. O Dragão surgiu quando o sangue começava a brotar. Veloz como a luz, ele segurou Morte Precipitada e golpeou na direção do samurai. Yoshihiro ainda nem tivera tempo de processar o que ocorria. O mundo parava. O ar estava estático, mas o Dragão se movia. Chiyo ainda estava estagnada com o olhar de terror e a boca aberta. Tigre e Verso pararam no ar em posição de bote para finalizar a Miyoshi.

Yoshihiro quase morreu. Dragão não o fêtiou porque Inferno chocou-se com ele na continuação do combate furioso. O mundo permanecia parado quando Inferno atravessou o ombro do oponente com a espada. Procurou o coração com a outra, mas o Dragão o segurou pelo braço. Um movimento simples fez os ossos de Inferno rasgarem a pele e eclodirem ensanguentados. Três socos os separaram em uma distância suficiente para haver espaço para a espada deslizar pelo peito de Inferno. A ferida se abriu e cauterizou com as chamas da espada. O ninja rolou pelo chão até parar imóvel no centro de um círculo de pedras.

O tempo se moveu mais uma vez. Verso tentou atacar Chiyo, mas dois shurikens do Dragão a jogaram no chão. Escorpião Negro voltou para a batalha. Seus movimentos eram quase tão precisos quanto os do inimigo. Yoshihiro olhou para ele e para Chiyo. Furioso, foi ajudar o ninja. A força dos juramentos o carregava mais uma vez. O



adversário finalmente caía na defensiva.

Yoshihiro se concentrava na luta, mas notava o sorriso de Chiyo. Ela segurava o pescoço ensanguentado e apreciava o combate com aquele ar vitorioso que o samurai vira tantas vezes em suas disputas na infância.

- Agora acaba! – gritou Yoshihiro, invocando todo o poder que restava dos juramentos. O golpe foi aparado pelo Dragão e abriu a defesa o suficiente para que Escorpião enterrasse a lâmina no coração do oponente.

O samurai sabia que não havia acabado. O Dragão era mais do que isso. Ele segurou a espada e a puxou do peito.

- Vocês dois morrem hoje – disse o Dragão, detendo outro ataque de Yoshihiro.

- Mas ela também morre – riu o samurai.

Tigre Sensato saltou na direção de Chiyo. Durante o ato, arremessou a espada contra o Dragão a ponto de fazê-lo se desviar. Garras tenebrosas romperam a barreira azulada que começava a se reformar. O embolar das mulheres foi confuso, porém teve um destino, o penhasco. Caíram juntas, rumando para o deserto em uma despedida que fez Yoshihiro se lamentar por mais uma vida perdida e sorrir por menos uma pessoa ruim no mundo.

- Ela se foi – gritou Yoshihiro para o Dragão.

Ele sorriu, agora com chamas também azuladas nos olhos.

Escorpião se deixou envolver pela Escuridão. Os veios negros ficaram proeminentes sob a pele a ponto de deixarem o corpo para experimentarem o ar da batalha. As correntes deixaram no chão muito mais velozes do que antes. Duas foram evitadas por esquivas. Outras afundaram na carne do Dragão, capturando-o durante um salto. Escorpião movimentou o corpo para trazer toda a energia que acumulara. Puxou de volta as correntes com um gesto de mãos abertas.

Yoshihiro viu o Dragão se aproximar de volta. Era a vez dele. Travou os pés no chão para aguardar o momento certo. Morte Precipitada fez uma viagem curta na perpendicular de encontro ao peito do alvo. Chegou ao destino sob a mão firme do samurai. Yoshihiro

sentiu o conflito com as energias do Dragão. A lâmina afundou no coração do alvo. Os dois se olharam. O Dragão sorriu.

- Morte é liberdade.

Yoshihiro não entendeu a expressão estranha no rosto dele. Retirou a espada do peito do adversário com um movimento brusco. O novo golpe mirou o pescoço. O giro do corpo deu força suficiente para romper toda energia que ainda defendia o corpo do oponente. A espada descobriu o sangue, os músculos e os ossos, rompendo o que encontrava, até sentir o ar de novo. A cabeça do Dragão se separou, bateu no chão e rolou com um rastro de sangue até alcançar o penhasco e descer rumo ao deserto.

Yoshihiro caiu de joelhos, sustentado pela espada. Diante dele, estava o corpo do irmão. Os únicos dois ninjas ainda de pé andaram até ele. Escorpião pousou a mão sobre o ombro do samurai.

- Acabou – disse o ninja, ofegante. O olho normal liberava lágrimas no rosto entristecido.

- Nunca mais teremos o poder dele em Ōkoku? – perguntou Verso.

- Espero que não.

Yoshihiro se levantou. Ao redor, o jardim estava destruído. Procurou pelos corpos dos companheiros caídos e se assustou ao não enxergar nenhum. Nem Vespa nem Trovão estavam onde deveriam. Inferno havia desaparecido.

- O que aconteceu com eles?

Escorpião fechou o olho bom. Verificou o ambiente em volta. A Escuridão falava com ele.

- As trevas os levaram. É só isso o que dizem. Minha espada agora reclama pela promessa que não cumpri. Precisamos descer no deserto.

O cansaço tornou a descida ainda mais difícil. Lá embaixo, viram com tristeza os corpos de Tigre e Chiyo. Escorpião retirou o cadáver da ninja de cima da Miyoshi. Respeitosamente, cruzou os braços quebrados sobre o peito. Sacou a espada e entregou a Yoshihiro.

- Por favor, corte a cabeça de sua senhora com minha espada ou

ela tentará minha alma a um ponto que não conseguirei suportar.

O samurai embainhou Morte Precipitada rindo dos protestos da lâmina. Segurou a arma ansiosa do Escorpião e deu o golpe que separou a mente ardilosa de Chiyo do corpo. Levaria a cabeça para os Uesugi, mas o restante do cadáver permaneceria no deserto, secando sob o sol ardente para lembrar que ali morrera alguém tomado pela ambição e que juramentos perniciosos não a protegeram no final.

O caminho de volta foi melancólico. Os três perderam demais na guerra. Levar a cabeça de Chiyo aliviava pouco as perdas. A sensação era de que apenas evitaria que outros sofressem tanto quanto eles. A vingança fora aplacada, mas a dor de terem se separado de tantos ainda os atormentaria.

Naquela noite, Amago Okihisa exigiu um funeral de respeito para Tigre Sensato. Ela foi cremada com a honra dos maiores samurais de Ōkoku. Yoshihiro sorriu pela primeira vez ao imaginar o orgulho da ninja diante daquilo.

- Foi um prazer – disse Yoshihiro, junto de Verso Triste.
- Realmente.
- Tem certeza de sua decisão?
- Tenho.

Ele deixou os dois no Castelo Solitário de Uesugi. O Enxame de Máscaras precisava se reformar e Verso ainda pretendia finalizar o treinamento. O samurai tinha outro destino. Recusou polidamente a oferta de Uesugi Daiki. Os homens que se sentiram tentados, ele liberou, mas um grupo fiel o seguiu para a nova missão. Yoshihiro libertaria Ōkoku do mal. Seu senhor seria o povo e que o mundo se acabasse e os kami ardessem em fúria quando ele começasse seu trabalho.

**Fim**

